

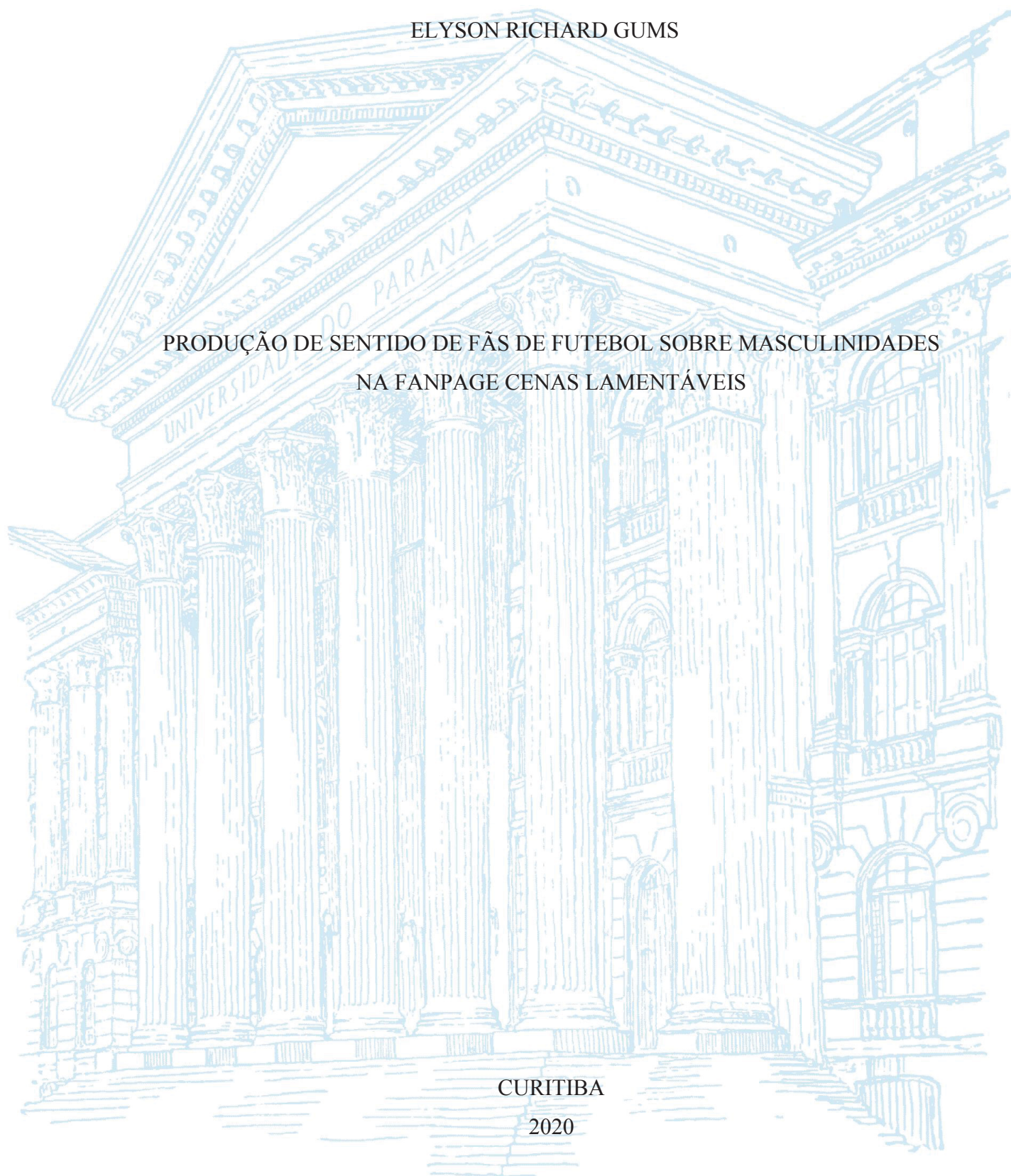
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ELYSON RICHARD GUMS

PRODUÇÃO DE SENTIDO DE FÃS DE FUTEBOL SOBRE MASCULINIDADES
NA FANPAGE CENAS LAMENTÁVEIS

CURITIBA

2020



ELYSON RICHARD GUMS

PRODUÇÃO DE SENTIDO DE FÃS DE FUTEBOL SOBRE MASCULINIDADES
NA FANPAGE CENAS LAMENTÁVEIS

Dissertação apresentada ao curso de
Pós-Graduação em Comunicação, Setor
de Artes, Comunicação e Design,
Universidade Federal do Paraná, como
requisito parcial à obtenção do título de
Mestre em Comunicação.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Hansen

CURITIBA

2020

Catálogo na publicação
Sistema de Bibliotecas UFPR
Biblioteca de Artes, Comunicação e Design/Cabral
(Elaborado por: Sheila Barreto (CRB 9-1242))

GUMS, Elyson Richard

Produção de sentido de fãs de futebol sobre masculinidades na fanpage
Cenas Lamentáveis./ Elyson Richard Gums. – Curitiba, 2020.
184 f: il. color.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Hansen.

Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal do
Paraná, Setor de Artes, Comunicação e Design, Programa de Pós-
Graduação em Comunicação, 2020.

1. Comunicação. 2. Masculinidade. 3. Futebol. 4. Análise do Discurso
I. Título.

CDD 302.2



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE ARTES COMUNICAÇÃO E DESIGN
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ PRÓ-
REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO COMUNICAÇÃO
- 40001016071P8

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em COMUNICAÇÃO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **ELYSON RICHARD GUMS**, intitulada: **PRODUÇÃO DE SENTIDO DE FÃS DE FUTEBOL SOBRE MASCULINIDADES NA FANPAGE CENAS LAMENTÁVEIS**, sob orientação do Prof. Dr. FÁBIO HANSEN, após terem inquirido o aluno e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa. A outorga do título de Mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 25 de março de 2020.

FÁBIO HANSEN
Presidente da Banca Examinadora

VALQUIRIA MICHELA JOHN
Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

ANDRÉ MENDES CAPRARO
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Dedico este trabalho a meu pai, Sr. Hilário (in memoriam), e ao meu avô, Sr. Domingos (in memoriam), meus principais exemplos de homens durante toda a vida. Tive a sorte de ter a companhia dos dois e de ter aprendido tanto com ambos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar ao meu pai, Hilário, e ao meu avô, Domingos. O primeiro partiu antes de eu terminar a faculdade; o segundo não me viu concluir o mestrado. Não importa que eles tenham acompanhado a tudo de outro lugar, mais distante. Antes de ir, me deixaram os fundamentos para que eu pudesse prosseguir. Do meu pai herdo o gosto pelo estudo (eu possivelmente jamais teria pisado em uma universidade se não fosse a insistência do velho para que eu aprendesse de tudo, desde que eu era criança). Com meu avô, aprendi a valorizar esforço e trabalho duro. Nada seria possível sem os dois.

Minha mãe, Iraci, é tão importante quanto. Mesmo com o coração apertado pela distância, ela me deu todos os subsídios necessários para que eu trilhasse o meu próprio caminho. Foi assim desde a graduação e mais ainda no mestrado. Espero que com esta etapa concluída, eu esteja mais próximo de conseguir retribuir tudo o que ela já fez por mim. Agradeço também ao Aloísio; apesar não o ver realmente como figura paterna, foi uma pessoa importante na minha história durante os últimos anos.

Tenho muitos amigos a quem eu gostaria de agradecer – e vou fazer pessoalmente para não ter riscos de passar pela situação desagradável de esquecer alguém. Por isso, agradeço a todos que passaram por mim em algum momento do caminho.

Agradeço também ao PPGCOM da UFPR pela confiança. Em especial, ao meu orientador, Prof. Fábio Hansen, que enxergou potencial em mim e colaborou de forma essencial para o meu desenvolvimento enquanto pesquisador. Agradeço também à Profa. Valquíria John e ao Prof. André por terem me ajudado a elevar o nível da dissertação. E aos colegas de turma, pela partilha desta trajetória.

Deixo também meu muito obrigado para todos os responsáveis pela Agência Escola de Comunicação Pública, por terem me proporcionado um espaço fértil para criação e desenvolvimento de ideias (e pelo apoio financeiro – sem ele eu já teria rugas e cabelos brancos).

Por último, eu agradeço a mim mesmo por ter tido a paciência e a força de vontade necessárias para concluir esta etapa sem ficar maluco, apesar de todas as vozes (principalmente a minha própria) falando que não ia dar.

RESUMO

Esta dissertação almeja compreender o sentido sobre masculinidades produzido por fãs de futebol que contestam a transformação do esporte em produto da indústria do entretenimento. Alguns grupos acreditam que esta comercialização vem acompanhada de elitização, midiaticização e militarização exageradas do jogo. Isso constitui o chamado “futebol moderno”, ao qual esses fãs se opõem. Para analisar o fenômeno, o futebol é considerado como um espaço de pedagogias de masculinidades – ou seja, a filiação a esse contexto cultural “ensina a ser homem”; e também prática que se modificou em razão de mudanças socioeconômicas ocorridas em especial a partir da década de 1980. Para observar como a masculinidade compõe a contraidentificação a esse futebol moderno, é analisada a página Cenas Lamentáveis (CL), representativa do questionamento ao modelo vigente. A pergunta de pesquisa é: como se dá a produção de sentido sobre masculinidades no ambiente futebolístico “anti-moderno” presente na *fanpage* Cenas Lamentáveis? A Análise de Discurso pecheutiana (ORLANDI, 2005) é adotada como operador teórico-metodológico por permitir compreender o sentido além do texto, e inferir sobre a historicidade do discurso sobre futebol e sobre masculinidade no contexto específico do esporte. São mobilizadas as noções teóricas de Autoria, Formação Discursiva (FD); Posição-Sujeito (PS); Interdiscurso; Resistência; Paráfrase e Polissemia. Completam o quadro teórico da dissertação o conceito de gênero, que compreende relações de poder assimétricas na sociedade, em que o masculino é hierarquicamente superior ao feminino. As masculinidades (CONNELL, 2005) são um dos modos de posicionamento nesta relação, e pode ser praticada de diferentes formas, com hierarquias próprias entre si. É apresentada também uma contextualização das transformações socioeconômicas do futebol, desde a profissionalização até a década de 2010 (SANTOS, 2017). Os resultados da pesquisa apontam para uma contraidentificação ao futebol moderno – questionam-se alguns valores, enquanto validam-se outros. Esta contraidentificação se dá por meio de uma linguagem própria de CL: há códigos linguísticos específicos da comunidade; uso do humor como forma de se posicionar contrária; e projeção de características desejáveis do futebol a atletas, como Ronaldinho Gaúcho ou Romário. “Masculinidade” é um saber determinante do que seria um “futebol de qualidade” para Cenas Lamentáveis; assim como a nostalgia em relação à década de 1990. Há produção de sentido sobre futebol “tradicional”, irreverente e legitimado pelo grupo, e o “futebol moderno”, em que jogadores são “mercenários” e as práticas “populares” são coibidas por uma lógica politicamente correta em excesso. Há cobrança para que o futebol seja mais “popular” e aceite comportamentos considerados politicamente incorretos, como a potencialidade de violência. Argumentos frequentes de movimentos sociais contrários ao futebol moderno, como aumento no preço dos ingressos, ou exagerada influência dos meios de comunicação, são incomuns nas discussões observadas na *fanpage*.

Palavras-chave: Masculinidades 1. Futebol moderno 2. Fanpages 3. Análise de Discurso 4.

ABSTRACT

This dissertation aims to comprehend the meanings about masculinities produced by fans of football who contest the transformation of the sport in a commodity of an entertainment industry. Some groups of supporters believe the commercialization cause exaggerated elitization, militarization and mediatization. This is the so called “modern football”, which fans oppose. To analyze this phenomenon, football is considered a pedagogy of masculinities – affiliation to this cultural context can “teach how to be a man”; and a practice that was modified due to socioeconomic changes that happened particularly after 1980s. To observe how masculinity is a component of the counteridentification to modern football, we analyze the *fanpage* “Cenas Lamentáveis”, representative of this questioning of the current model. The research question is: how is the meaning production about masculinities in the “anti-modern” football environment present in “Cenas Lamentáveis”? Pecheutian Discourse Analysis (ORLANDI, 2005) is adopted as theoretical-methodological frame, for allowing comprehension of meaning beyond the sentenced, and to infer about historicity of discourse about football and masculinity in the specific context of sports. The theoretical notions mobilized are: Discursive Formation; Subject-Position; Interdiscourse; Resistance; Silence; Paraphrase and Polysemy. The theoretical frame is completed with the concept of Gender, that consist on asymmetric power relations on society, in which masculine is hierarchically superior to feminine. Masculinities (CONNELL, 2005) are a way to assume positions in these relations, and can be practiced differently, which its own internal hierarchies. The socioeconomic transformations of football are also contextualized, from professionalization to 2010s (SANTOS, 2017). The research results point to a counter-identification to modern football - some values are questioned, while others are validated. This counter-identification occurs through a language of its own: there are community-specific language codes; use of humor as a way of demarking opposition; and projecting desirable characteristics of soccer to athletes, such as Ronaldinho Gaúcho or Romário. “Masculinity” is a determining guideline of what would be “quality football” for Cenas Lamentáveis; so is the nostalgia for the 1990s. There is production of meaning about “traditional” football, irreverent and legitimized by the group, and “modern football” where players are “mercenaries” and popular practices are constrained by an excessively politically correct logic. There is a demand for football to be more “popular” and to accept behaviors considered politically incorrect, such as the potential for violence. Frequent arguments from social movements contrary to modern football, such as rising ticket prices or exaggerated media influence, are unusual in the discussions on the *fanpage*.

Keywords: Masculinities 1. Modern Football 2. Fanpages 3. Discourse Analysis 4.

LISTA DE SIGLAS

AD – ANÁLISE DE DISCURSO

CL – CENAS LAMENTÁVEIS

FD – FORMAÇÃO DISCURSIVA

PS – POSIÇÃO-SUJEITO

SD – SEQUÊNCIA DISCURSIVA

SDC – SEQUÊNCIA DISCURSIVA DE COMENTÁRIO

SDP – SEQUÊNCIA DISCURSIVA DE *POST*

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - A fanpage Cenas Lamentáveis.....	25
Figura 2 - post sobre “Ronaldinho Gaúcho loucasso na cozinha”	67
Figura 3 - post sobre a comemoração do Atlético-MG	96
Figura 4 - Post sobre as brigas entre Boca Juniors e River Plate	98
Figura 5 - Post sobre a música de Wesley Safadão	145
Figura 6 - O sujeito como entremeio	165

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Construção do corpus de análise	28
Quadro 2 - Formação Discursiva Futebol Profissional	103
Quadro 3 - Modos de identificação com a FD Futebol Profissional	104

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	1
1.1 PESQUISA DA PESQUISA	8
1.2 PESQUISAS EXPLORATÓRIAS	16
2 ANÁLISE DE DISCURSO COMO OPERADOR TEÓRICO-METODOLÓGICO ...	20
2.1 A CONSTRUÇÃO DO <i>CORPUS</i>	22
2.2 GESTOS DE INTERPRETAÇÃO E POSICIONAMENTO DO PESQUISADOR	29
2.3 DISPOSITIVOS DE ANÁLISE	31
3 CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO DISCURSO DE CENAS LAMENTÁVEIS.....	34
3.1 PARTICULARIDADES NA PRODUÇÃO E CIRCULAÇÃO DE TEXTOS NA INTERNET.....	35
3.2 HUMOR E OS “DISCURSOS PROIBIDOS”	45
3.3 O FUTEBOL ENQUANTO PRODUÇÃO CULTURAL	53
3.4 FORMULAÇÕES TRADICIONAIS SOBRE “SER HOMEM”	59
4 O DISCURSO DE “CENAS LAMENTÁVEIS”	70
4.1 LINGUAGENS E PERSONAGENS EM “CENAS”	84
4.2 TOMADAS DE POSIÇÃO EM RELAÇÃO À GÊNERO E FUTEBOL	95
5 CONTEXTOS SÓCIO-HISTÓRICOS “CONTRA O FUTEBOL MODERNO”.....	116
5.1 CENAS LAMENTÁVEIS E MOVIMENTOS SOCIAIS: ENTRE SEMELHANÇAS E AFASTAMENTOS	121
5.2 RESISTÊNCIAS E CONTRAIDENTIFICAÇÕES AO FUTEBOL MODERNO	132
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	148
REFERÊNCIAS	155
APÊNDICE 1 – COMUNICAÇÃO E TRANSDISCIPLINARIDADE	162
APÊNDICE 2 – HISTÓRICO E FUNDAMENTOS DA AD.....	165
APÊNDICE 3 – CORPUS ANALISADO	172

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa almeja compreender os modos como são construídas representações de masculinidades em um contexto de contraidentificação a um futebol profissional elitizado, mercantilizado e modernizado – o chamado futebol moderno. Para tanto, serão analisados discursos de *posts* e comentários da *fanpage* *Cenas Lamentáveis* (CL), contraidentificada à modernização.

Uma premissa deste trabalho é a de que existem alguns saberes determinantes desta contraidentificação. Um deles é o das relações de gêneros, importante elemento de organização do futebol. A exemplo, o protagonismo institucional masculino, apesar de aumento na participação das mulheres na prática do esporte. Para Dunning e Maguire (1997), o esporte moderno tem atributos de uma espécie de “masculinidade perdida”. Segundo Messner (2007), tal masculinidade tem suporte em atletas (aspecto corporal) e nos espectadores-consumidores (aspecto ideológico). O esporte moderno seria então um modo de se afastar de uma suposta “feminização” da sociedade.

Logo, modelos legitimados ali são masculinidades agressivas e violentas, afastadas daquilo que pode ser considerado feminino (GRIFFIN, 2005; GROSSI, 2004). Daí a expectativa e a validação de comportamentos viris, da intensidade sexual e da hierarquia de masculinidades como parâmetro de pertencimento não apenas para os jogadores, mas também para os espectadores (BANDEIRA, 2009). Atributos femininos não se referem exclusivamente à presença das mulheres, mas também a determinados modelos de masculinidades (CONNELL, 2005).

Pesquisas empíricas sugerem que as relações de gênero estão correlatas também ao âmbito das transformações socioeconômicas no esporte – o futebol moderno. Lopes e Hollanda (2018) observam práticas de suposta resistência de alguns grupos que oprimem modelos de vivência de masculinidades; por vezes subvertendo o significado do termo “futebol moderno” neste processo (SANTOS, 2016b); ou associam essa “modernidade” a modelos de masculinidade menos legitimados entre torcedores (BANDEIRA, 2017).

Futebol moderno designa as mudanças socioeconômicas em curso no esporte à nível profissional. As transformações na prática do futebol ocorrem em ritmos diferentes em diversas partes do mundo. Neste momento interessam obviamente o contexto brasileiro, por proximidade geográfica e recorte de estudo, e o inglês, onde ocorreram eventos-chaves na modernização (SANTOS, 2017; WILLIAMS, 2006), em especial no período de 1980 a 2010.

Alguns grupos de torcedores alegam que o processo de “modernização” em curso altera de forma negativa a experiência de acompanhar futebol. Entre as reclamações, está a de que os ingressos estão mais caros; de que há disciplinamento excessivo das festas efusivas nas arquibancadas; e a visão de que o torcedor é relegado à condição de mero consumidor (LOPES, 2015). A criação da frase “contra o futebol moderno” é creditada a *ultras*¹ italianos no final da década de 1990 (NUMERATO, 2014) como expressão de descontentamento com essas e outras mudanças.

A internet foi uma das responsáveis por fazer com que as palavras de ordem se proliferassem por diversos países e se transformassem em bandeira defendida por alguns torcedores. Santos (2016b) destaca que o termo “futebol moderno” pode adquirir diferentes sentidos, sendo inclusive apropriado por grupos políticos antagônicos. No Brasil, a frase “contra o futebol moderno” se popularizou durante a realização da Copa do Mundo de 2014, quando se inaugurava um novo marco do futebol brasileiro, a criação de arenas para sediar o megaevento.

Logo, o foco desta dissertação são as relações de gênero em jogo no contexto da oposição ao futebol moderno. Ainda são escassos os trabalhos que mobilizam gênero/masculinidade a nível teórico no estudo das transformações socioeconômicas do futebol². Bandeira (2017) é exceção, ao protagonizar as relações de gênero em sua análise da construção de currículos de masculinidades em uma arena multiuso.

São também limitadas análises sobre o tema sob os vieses da comunicação e da linguagem na internet. Os objetos empíricos mais comuns são interações face-a-face e os grupos politicamente engajados com futebol. Por fim, masculinidades não são frequentes em trabalhos da área de Comunicação como um todo³. Espera-se então que o presente trabalho auxilie no preenchimento de lacunas no conhecimento teórico e empírico sobre o tema.

A justificativa social da dissertação recai sobre a necessidade de problematizar as movimentações em resposta ao chamado “futebol moderno”. A expectativa é estimular a criticidade sobre as formas de resistência e de contraidentificação e sobre a visão de senso comum do futebol como “coisa de homem”, o que implica em apenas alguns “tipos de homem”. Essa reflexão tem em vista contribuir para que o futebol seja mais inclusivo.

¹ Grupo de torcedores organizados. Similar às Torcidas Organizadas brasileiras ou às *hinchadas* latino-americanas.

² Dados sobre estudos brasileiros que contemplam interfaces entre gênero e futebol levantados em pesquisa da pesquisa produzida pelo autor (GUMS, 2018).

³ A pesquisa da pesquisa será apresentada em detalhes em subseção da introdução.

Nesta pesquisa considera-se o futebol como um espaço perpassado por saberes considerados masculinos, como a força e a virilidade; marcado por antagonismos entre “tradicional” e “moderno”, e as redes digitais como lugares com vasta produção de sentido sobre esses temas. A pergunta de pesquisa que guia a investigação sobre esse fenômeno é: como se dá a produção de sentido sobre masculinidades no ambiente futebolístico “anti-moderno” presente na *fanpage* Cenas Lamentáveis?

O **objetivo geral** da dissertação é compreender, a partir da produção de sentido, de que modo diferentes modelos de masculinidades atravessam o discurso sobre futebol nos *posts* e comentários da *fanpage*. Os **objetivos específicos** são: 1) examinar o funcionamento discursivo sobre futebol moderno e sobre o “futebol tradicional”; 2) analisar o processo de construção dos modelos de masculinidades legitimados e silenciados nos discursos; 3) identificar a tomada de posição dos sujeitos no discurso sobre masculinidades e futebol moderno.

Pretende-se investigar as relações entre gênero e a contraidentificação ao futebol moderno por meio da análise dos discursos de *posts* e comentários da *fanpage* humorística Cenas Lamentáveis⁴. A página foi selecionada por se identificar com o desejo de grupos que contestam o futebol moderno e pedem a volta de um “futebol tradicional”; por ser representativa⁵ dentro desse nicho de contraidentificação; por ter sido criada no contexto das arenas do futebol brasileiro, em 2014; e por ter desenvolvido maneiras específicas de se comunicar com os seguidores, com o uso de jargões próprios, como “confrade”, ou pelos “decretos”⁶.

Por fim, analisa-se a *fanpage* porque a preocupação deste trabalho não está relacionada a algum time específico, ou a torcedores especificamente engajados com a “causa” da contraidentificação ao futebol moderno, mas sim com a produção de sentido sobre as transformações mercadológicas em um nível mais amplo, incluindo os sujeitos sem atuação política ou organizada. Em outras palavras, interessam os torcedores “comuns”, que compõem o grupo heterogêneo de torcedores da página. Considera-se que Cenas Lamentáveis agrupa

⁴ Disponível em <https://cenaslamentaveis.com.br/sobre/>. Acesso em 25/11/2018.

⁵ Cenas Lamentáveis não é a única página humorística com essa abordagem sobre futebol. Destaca-se também *Manual do Jogador Ruim*, que tem cerca de 2 milhões de seguidores no Facebook.

⁶ São textos específicos que estimulam, em forma de sátira, uma série de comportamentos desejáveis ao fã do “futebol tradicional”, como comportamentos destrutivos e/ou contraventores, em especial consumo de álcool em excesso, brigas e atividade sexual hétero. Nos decretos, essas condutas são relacionadas a jogadores de futebol “irreverentes”, como Adriano Imperador, Aloísio Chulapa e Ronaldinho Gaúcho.

torcedores de times de todo o Brasil que têm ali um espaço para convivência, proporcionado pelas ferramentas técnicas oferecidas pela rede social em questão, o Facebook.

Pesquisas exploratórias empreendidas pelo autor e revisão bibliográfica sobre a página⁷ mostram ser possível identificar em seus *posts* representações de masculinidades e de hierarquias entre elas. Tais representações se organizam em torno de dois estilos de futebol: o futebol “bom”, “tradicional”, com comemorações efusivas e jogadores “folclóricos”; e o “futebol moderno”, “sem qualidades”, cujos defensores e agentes são antagonizados.

A Análise de Discurso de linha pecheutiana (AD daqui em diante) é adotada como operador teórico-metodológico pelas possibilidades que apresenta para a compreensão de efeitos de sentido entre os interlocutores (ORLANDI, 2005) acerca de “futebol moderno” e “futebol tradicional” e suas implicações de gênero, sobre os saberes que constituem essas noções, bem como eles constituem e posicionam o sujeito em relação aos sentidos produzidos sobre futebol e sobre masculinidades.

Por essa perspectiva, “moderno” ou “tradicional” fazem parte de um conjunto de saberes do futebol profissional, que organizam uma Formação Discursiva (FD) e diferentes tomadas de posição, interpelando os indivíduos em sujeitos a partir de sua identificação com elas, e demarcando aquilo que pode e deve ser dito em determinados contextos (ORLANDI, 2005, 2007). Portanto, ao adotar a AD, está posto não estudar simplesmente o texto em si, mas sim os sujeitos que falam, e em quais condições eles falam/podem falar.

Os textos gerados pela página em *posts* e em seus comentários são adequados para análises sobre quais sentidos circulam acerca de masculinidades no futebol “tradicional” e no futebol “moderno”. Essas materialidades são interpretadas como “rastros” deixados pelos usuários, através das quais se pode acessar os discursos destes sujeitos, em pesquisa de caráter documental (SÁ-SILVA et al, 2009).

Mobilizar a AD implica também a necessidade de uma abordagem qualitativa (BAUER et al, 2002), uma vez que sua proposta é analisar detalhadamente um *corpus* quantitativamente menor, em busca de uma “profundidade vertical” (ORLANDI, 2005). Na AD, o interesse está além daquilo que está explícito, do texto por si só. A linguagem não é entendida como um sistema fechado em si mesmo, de modo que fatores socioculturais, o “exterior da língua” (ORLANDI, 2005), são essenciais para qualquer estudo. O aporte

⁷ Foi encontrado apenas um artigo que tem a *fanpage* como objeto empírico: 7x1 foi pouco: As reverberações sobre a maior derrota da seleção brasileira em Copa do Mundo na *fanpage* Cenas Lamentáveis (BARBOZA, 2016).

teórico-metodológico adotado também dá conta de como os sentidos são construídos e de quais maneiras circulam.

Destaca-se a análise como um gesto de interpretação do autor, o que situa uma série de decisões metodológicas ao longo do trabalho. O analista interpreta – e produz discursos – sobre aquilo que está analisando (ORLANDI, 2005). Os procedimentos teórico-analíticos da AD requerem referencial teórico abrangente e consistente para minimizar os riscos de análises rasas e subjetivas. Não se espera neutralidade do pesquisador, até porque ele não está “fora” do funcionamento do discurso, apenas o compreende (e nesse momento o produz) a partir de outra posição (BENETTI, 2016).

Nesta dissertação, é impossível ignorar as experiências prévias do autor em relação aos temas estudados. Dito isso, daqui em diante a dissertação será escrita em primeira pessoa do singular, justamente como forma de enfatizar as *minhas* vivências enquanto sujeito masculino e torcedor de futebol – comentarista de internet e frequentador de arquibancada de time da Série D, um dos campeonatos mais “tradicionais” e menos “modernos” do Brasil. Esse histórico influencia em alguma medida as minhas filiações teóricas sobre gênero e sobre futebol.

Os procedimentos metodológicos se iniciam já com a definição do *corpus*, primeiro movimento de interpretação do analista (ORLANDI, 2005), pensado em razão da pergunta de pesquisa. A primeira etapa foi coletar todos os *posts* e comentários da *fanpage*, usando o Netvizz⁸. Desse montante de 3065 *posts* e 65242 comentários, foi extraído um *corpus* efetivamente analisável segundo as proposições teórico-metodológicas da AD.

Dois critérios básicos definiram os textos a serem coletados: “qual o engajamento gerado por esse texto?” e “é possível observar representações de masculinidades nesse texto?”. Foi selecionado um *post* por ano (2014-2018, totalizando cinco postagens) que atendesse a esses requisitos.

O universo total de comentários foi reduzido da casa dos milhares para cerca de 25 em cada *post* utilizando uma série de critérios de exclusão, de modo a manter apenas aqueles em que haja algum discurso representativo para responder à pergunta de pesquisa. Destes textos, foram extraídas Sequências Discursivas (SDs), fragmentos representativos do todo e selecionados arbitrariamente (BENETTI, 2016) por mim.

⁸ Aplicação do Facebook que permite a coleta de dados públicos do Facebook para fins acadêmicos. Foram geradas planilhas tabuladas com todos os *posts* e comentários da *fanpage*. Foi utilizada a versão 1.45 do app. Foram coletados todos os *posts* da página até outubro de 2018. Disponível em: https://apps.facebook.com/107036545989762/?ref=br_rs. Acesso em: 03/10/2018.

A análise se dá por gestos de interpretação sobre os textos, mobilizando dispositivos teóricos e analíticos da AD; o referencial teórico e a contextualização sobre o tema. Estas noções preservam a objetividade das análises sobre as Sequências Discursivas destacadas e sobre as condições de produção do discurso de Cenas Lamentáveis e de seus seguidores.

Os dispositivos teórico e analítico pensados para esta dissertação correspondem a processos do funcionamento discursivo desenvolvidos por autores como Pêcheux (1990), Orlandi (2005; 2007) e Indursky (2013). São eles: as Formações Discursivas (FDs), peças essenciais para o entendimento dos efeitos de sentido entre interlocutores; as respectivas posições-sujeito (PSs) existentes dentro das FDs, que são as formas como os sujeitos se identificam com a FD; o interdiscurso, pela necessidade de observar a dialogia entre os discursos para compreender o movimento dos sentidos e dos sujeitos; paráfrase e polissemia, referentes à repetição e deslocamentos de sentido no discurso; autoria, noção pela qual pode-se observar a interação entre administradores e seguidores da *fanpage*; e resistência, tensionando-se a ideia de um discurso que intente romper uma hegemonia. As noções serão detalhadas conforme mobilizadas nas análises.

Abro um parêntese para reforçar a transdisciplinaridade que perpassa todas as instâncias da dissertação, desde os entendimentos sobre Comunicação até o referencial teórico-metodológico adotado, que não se encontram estáticos em uma ou em outra área. Para dar conta do objeto de estudo aqui desenhado, foram necessárias incursões bem fundamentadas por diferentes campos do saber. O Apêndice 1 – “Comunicação, discursos e diálogos entre saberes” explica de que maneira esta noção auxiliou na construção da pesquisa.

Conceitos importantes para a pesquisa e que não se originam na Comunicação são gênero e masculinidades. Scott (2012, p. 20) entende gênero como “um elemento constitutivo das relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos”, e como “forma primeira de significar as relações de poder”. São também pertinentes abordagens sobre gênero como categoria em eterno movimento, em recusa a determinações puramente biológicas/culturais sobre as diferenças percebidas entre os sexos (CONNELL, 2009).

Tensiono com o objeto empírico da dissertação as proposições de Connell (2005), Messner (2007), entre outros autores. Nessa linha, o correto é falar em masculinidades, no plural, devido à amplitude de formas de vivenciá-las – nem todas legitimadas e sem o pressuposto de relação harmoniosa entre elas. Faz sentido pensar essa hierarquia de masculinidades no contexto cultural analisado, o futebol, sobretudo em sua especificidade anti-moderna.

Connell e Messerschmidt (2013) elencam justamente estudos sobre esporte como um dos campos que se apropriou das teorias sobre hierarquias de masculinidades. Portanto, pretendo regressar brevemente à historicidade da construção do esporte moderno como ambiente masculinizado para inferir sobre a contraidentificação ao futebol moderno.

A dissertação também contempla uma contextualização do tema com base em estudos sobre futebol, percorrendo sua formação como área de interesse científico, até as mudanças na lógica dominante do jogo e as relações de gênero envolvidas nesse esporte em particular. São expostos momentos históricos importantes para situar as transformações socioeconômicas do futebol, e a organização das críticas e dos grupos contraidentificados e/ou de resistência a essas mudanças.

O arcabouço teórico sobre as relações de gênero e futebol também dizem respeito principalmente aos torcedores brasileiros, a partir de análises do contexto latino-americano e europeu. As análises empíricas nem sempre dizem respeito a um contexto de contraidentificação com o moderno. De fato, a única aplicação empírica de conceitos de gênero e de masculinidades em um contexto de elitização do futebol foi a tese de Bandeira (2017).

Levo também em consideração também as interações sociais na internet (RECUERO, 2009). Por meio de referências a autores como Recuero (2009), Primo (2007) e Castells (2001; 2015), conceituo as especificidades da comunicação e da interação em rede, bem como elas influenciam os sentidos produzidos ali. As análises e metodologias postas em prática por esses pesquisadores são bastante diferentes do desenho desta dissertação, mas suas teorizações são relevantes para compreender as formas de se comunicar nas redes digitais como uma das condições de produção do discurso em uma *fanpage*.

A dissertação não está organizada com base em uma divisão entre capítulos teóricos, metodológicos, de contextualização histórica e de análise. Dado o movimento de “ir e vir” entre teoria e objeto empírico proporcionado pela AD, utilizo uma estrutura em que as análises se estendem por diversos capítulos, em diálogo com o quadro teórico ou com a contextualização de cada um.

Uma primeira proposta de organização de texto incluía capítulos específicos para análises relacionadas ao contexto comunicacional da internet; a um retrospecto sobre os movimentos de contestação ao futebol moderno; e enfim sobre relações de gênero e masculinidades. Durante a análise observei que masculinidade era um importante saber posto em circulação pelo discurso da página, entrelaçado também à organização de movimentos sociais no futebol, e à comunicação mediada por computador na página. Por isso, com o

perdão pela frase de efeito, fiz uma mudança aos 45 minutos do segundo tempo, para abranger de forma mais adequada as análises aqui empreendidas.

Nas subseções desta introdução, apresento conceitos iniciais que deram embasamento para a pesquisa. Descrevo os movimentos metodológicos de pesquisa da pesquisa e de pesquisas exploratórias (BONIN, 2011), momentos de observações preliminares dos fenômenos estudados e de “testes” teórico-metodológicos.

No segundo capítulo, apresento de forma breve a Análise de Discurso de linha pecheutiana e seu operador enquanto operador teórico-metodológico, e descrevo os procedimentos adotados para construção e análise do *corpus*. Este é o primeiro movimento analítico, por já envolver gestos de interpretação do analista. As análises de fato se iniciam no capítulo seguinte.

No terceiro capítulo, são apresentadas as condições de produção do discurso de Cenas Lamentáveis – isto é, o contexto sócio-histórico que pautam os dizeres produzidos por administradores e seguidores. São exploradas detalhadamente as formas como a comunicação mediada por computador, o discurso humorístico e os discursos sobre futebol e sobre gênero incidem sobre os posts e comentários publicados na página.

O quarto capítulo detalha o funcionamento do discurso de CL, apresentando as especificidades da produção de sentido da página. Elabora-se principalmente o uso do humor como forma de produção de sentido; os códigos culturais partilhados pelo grupo, e a presença de atletas profissionais como forma de validação, por assim dizer, de determinados modos de compreensão do futebol.

O quinto capítulo coloca o discurso da página em relação a outros sujeitos contrários ao futebol moderno, em especial os movimentos sociais de torcedores de futebol, a fins de perceber o que há em comum e o que há de diferente entre eles. As questões sobre gênero e masculinidades estarão diluídas nos três últimos capítulos, de modo a se apresentar um tensionamento constante entre todas as instâncias teóricas e metodológicas que compõem a dissertação. Concluem o trabalho as considerações finais, a lista das referências bibliográficas utilizadas e os apêndices.

1.1 PESQUISA DA PESQUISA

A pesquisa da pesquisa⁹ (BONIN, 2011) foi a primeira etapa no desenvolvimento da dissertação. Trata-se de um processo de mapeamento e de leitura crítica da produção científica sobre temas que investigo – a saber, *masculinidades*, *futebol*, *fanpages* e a articulação da AD com esses objetos. Nas palavras da própria autora (BONIN, 2005), pesquisa científica nunca é um processo solitário e esse movimento permite estabelecer diálogo com a bibliografia anterior sobre os temas.

Para Ferreira (2002), é uma forma de compreender de que maneiras e em quais condições determinados temas têm sido estudados. Por meio desse ‘contato inicial’ com a bibliografia sobre cada objeto, é possível ter uma percepção mais clara de quais angulações e abordagens têm sido privilegiadas e onde há lacunas nesse sentido, situando o próprio trabalho na área do conhecimento.

Um primeiro movimento nessa pesquisa da pesquisa foi mapear a produção científica já existente. Posteriormente, esses textos foram desconstruídos metodologicamente, a fim de compreender as bases de seus problemas de pesquisa, definição e observação do *corpus* e descrição/análise dos dados (BONIN, 2011). Minha pesquisa da pesquisa foi detalhada em artigo apresentado no 10º Enpecom¹⁰ (GUMS, 2018); então apresento aqui os resultados de forma resumida, com uma “atualização” no mapeamento, que inclui a desconstrução crítica de mais textos.

O principal achado foi a *não-intersecção* entre masculinidades, futebol e *fanpages*, considerada uma lacuna na produção científica da área de Comunicação. Houve textos que tratavam de no máximo dois conceitos, sem ligação entre os três. Embora não seja uma prerrogativa, considero que *fanpages*, futebol e masculinidades podem “conversar” e se complementar: futebol pode ser encarado como lugar de pedagogia de masculinidades e a rede digital como ambiente de circulação de sentidos – inclusive relacionados aos ensinamentos e aprendizados de “ser homem”.

Outro dado relevante é a baixa frequência de trabalhos sobre *masculinidades* em Comunicação. Não seria possível estabelecer um *corpus* de textos sobre masculinidades apenas nesta área do conhecimento, por isso pesquisei também outras disciplinas dentro da grande área de Ciências Humanas. Januário (2016) e Griffin (2005) explicam que as observações sobre masculinidades e sobre homens foram inseridas tardiamente nos estudos de

⁹ Estado da arte ou estado da questão também são termos para essa mesma prática. São adotadas aqui a nomenclatura e o conceito propostos por Bonin (2011).

¹⁰ Disponível em: http://www.enpecom.ufpr.br/anais/2018/anais_2018.pdf. Acesso em: 13/03/2019

gênero, o que indica que não se trata necessariamente de falta de interesse em pesquisar o assunto, mas provavelmente reflexo de um campo ainda recente e em desenvolvimento.

A respeito da articulação entre masculinidades e internet, identifiquei ainda uma brecha em estudos sobre comunidades heterossexuais ou que não se organizem por critérios de orientação sexual. As pesquisas majoritariamente dão conta de sociabilidades online de grupos ou comunidades assumidamente homossexuais.

Em síntese, na pesquisa da pesquisa foram mapeados 114 artigos, teses e dissertações – 46 sobre *masculinidades*; 49 sobre *futebol* e 19 sobre *fanpages*. Os trabalhos foram coletados a partir do Banco de Teses e Dissertações, Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, Scielo, e anais do Intercom, no período de 2010 a 2017. Depois, identifiquei a presença de análises de discurso nesse *corpus*, priorizando a AD pecheutiana. Outras vertentes frequentes foram as linhas dos estudos de Foucault; Bakhtin; Charadeau; da Análise Crítica de Discurso e da Computer Mediated Discourse Analysis. Em alguns trabalhos não foi possível identificar com facilidade a matriz teórico-metodológica adotada.

Para expandir o mapeamento anterior (GUMS, 2018), fiz uma leitura crítica mais aprofundada também de outros textos, que não necessariamente pertenciam à tríade masculinidades-futebol-*fanpages*. Ali se desvelou um “norte teórico-metodológico”, com conceitos e abordagens que adotei (e adaptei, quando necessário) na minha dissertação.

A leitura crítica de textos cujo foco de interesse do autor era apenas masculinidades, por exemplo, revelou algumas referências frequentes sobre gênero. A principal citação foi a cientista social australiana Raewyn Connell, que estuda o tema desde a década de 1970, antes de haver um campo de estudos propriamente dito sobre masculinidades dentro do escopo dos estudos de gêneros.

Para Connell (2009), gênero deve ser sempre posto em *relação*. Ou seja, ela considera masculino e feminino como partes de um mesmo mecanismo, o patriarcado, estrutura assimétrica de poder que subordina e oprime o feminino. Uma de suas principais contribuições teóricas são os conceitos de masculinidades hegemônicas e subordinadas, que fazem parte de uma teoria de hierarquias de masculinidades (CONNELL, 2005).

A partir de observações empíricas do movimento feminista e de movimentos LGBTQ+, a autora percebeu ausência de teorias que deem conta das múltiplas formas de vivenciar a masculinidade, que são legitimadas diferentemente e ocupam posições distintas dentro das relações de poder existentes entre gêneros. A autora acredita que existam masculinidades hegemônicas – modelos que mantêm a autoridade de certos grupos de homens, e oprimem

outras masculinidades e as mulheres. Não existem atributos específicos desta masculinidade, que podem variar no decorrer do tempo e do espaço.

Esta teoria começou a ser esboçada em 1985, mas se consolidou com a publicação do livro *Masculinities*, em 1995, possivelmente a referência acadêmica mais citada em estudos sobre o tema. No mesmo livro, são conceituadas também as masculinidades subordinadas (que sofrem os efeitos da dominação do masculino hegemônico); masculinidades cúmplices (que não oprimem, mas se beneficiam dos efeitos da dominação); e masculinidades marginalizadas (dinâmicas específicas de gênero existentes no interior de grupos minoritários).

Essa breve incursão pelo trabalho de Connell levou também ao livro *Out of play: critical essays on Gender and Sport* (MESSNER, 2007), em que são exploradas as relações de gênero por meio de diversas abordagens, como a própria prática esportiva, ou a midiaticização. Como sugere o nome, o livro tem caráter crítico às ideias de senso comum que conceituam o futebol como espaço essencialmente masculino.

Uma perspectiva teórica frequente na produção brasileira é o pós-estruturalismo. Referências comuns foram livros de Judith Butler e o texto “Gênero: categoria útil para análise histórica” (SCOTT, 2012), citando apenas algumas autoras dentro dessa “escola” de pensamento. Raewyn Connell critica abertamente a filiação teórica ao pós-estruturalismo, por considerar que demasiada ênfase no discursivo faz perder de vista pontos mais “práticos” da vida cotidiana. Apesar disso, reconhece a contribuição do viés pós-estruturalista de gênero e há pontos de convergência em seus marcos teóricos. Ambas rejeitam quaisquer essencialismos e tratam gêneros como processo nunca acabados, por exemplo.

Tal perspectiva aproxima ambas da AD, visto que o estudo de seu objeto, o discurso, também se dá na lógica de um processo sempre em curso, praticado por um sujeito também em construção. Orlandi (2005, p. 10-11) trata a produção de sentido como processo de movimento entre a cristalização e o deslizamento. O discurso se dá na “errância dos sujeitos, lugares provisórios de conjunção e dispersão, de unidade e de diversidade, de indistinção, de incerteza, de trajetos, de ancoragem e de vestígios”.

Ainda assim, é necessária vigilância na articulação de autores dessas duas linhas de estudos de gênero, de modo a não distorcer as falas das autoras e criar concordância onde não há. Bandeira (2017) realiza esse exercício na tese “Do Olímpico à Arena: elitização, racismo e heterossexismo no currículo de masculinidade dos torcedores de estádio”. Embora não mobilize a AD, a linguagem e o discurso também são as formas pelas quais acessa os sentidos sobre masculinidades em circulação em um estádio de futebol.

A tese de Bandeira apresenta diversas contribuições teóricas sobre futebol e sobre gênero em sua análise sobre currículos de masculinidades de torcedores do Grêmio em seu novo estádio, a Arena. Destaco o modo como, em seu trabalho a filiação ao pós-estruturalismo não significa ignorar os impactos do gênero no cotidiano dos sujeitos, e a possibilidade de aplicar a conceituação das hierarquias de masculinidades em uma pesquisa que se ocupa da linguagem. Alguns dos resultados da pesquisa de Bandeira também parecem válidos em contextos diferentes das torcidas gaúchas, sobretudo o xingamento, o politicamente correto e as manifestações “populares”¹¹ como formas de torcer.

Outra publicação com contribuições teóricas importantes para entendimentos sobre gênero e masculinidades foi o livro “Masculinidades em (re)construção: gênero, corpo e publicidade” (JANUÁRIO, 2016). Os dois primeiros capítulos foram particularmente úteis devido ao resgate das principais correntes de pensamento sobre gênero e masculinidades, publicadas em diferentes países e áreas do conhecimento, construindo uma ‘linha do tempo’ que percorre distintos períodos e abordagens acadêmicas sobre os temas.

Tratando de futebol, a segunda etapa da pesquisa da pesquisa tornou mais perceptível o interesse em aspectos midiáticos que o permeiam. Há reflexão sobre as práticas do jornalismo, da publicidade, marketing, cinema, da transmissão de eventos esportivos por televisão e rádio e do potencial transmidiático do futebol. Produtos de cada uma dessas áreas também são frequentes escolhas de objetos empíricos – casos de análises de programação televisiva, mídia impressa etc.

O enfoque na produção midiática está à par com a ênfase na carga simbólica do futebol. O mapeamento revelou unanimidade no entendimento desse esporte como manifestação central da cultura brasileira, da qual se pode extrair diferentes fenômenos passíveis de se tornarem objetos de estudo (GASTALDO, 2006).

Diversos textos referenciam o livro “O universo do futebol” (DAMATTA, 1982). Nele, o antropólogo refuta o discurso corrente na produção acadêmica de seus contemporâneos, o do “futebol como ópio do povo”. Essa visão crítica (no sentido de reclamação, e não de senso crítico) atribuía ao futebol uma dimensão “menor” na cultura brasileira e o enxergava como potencial alienador do público. Lopes (2016) menciona que esta corrente, influenciada pela Indústria Cultural, teve uma “virada” nos anos seguintes a partir do momento em que “nativos” do esporte passaram a produzir conhecimento científico.

¹¹ A palavra “popular” é utilizada por pura retórica. O sentido é de “manifestações de pouca polidez”.

O autor (LOPES, 2016) sugere que se busquem referenciais que deem conta de um equilíbrio entre “crítica x encantamento”, o que espero ter feito de forma efetiva. Nesta dissertação, isso significa ter no horizonte as pressões políticas e econômicas em jogo, mas também os aspectos plurais e de diversidade de produção simbólica e cultural inerentes ao futebol.

Esse cenário é próximo da produção científica brasileira desde os anos de 1990, conforme levantamento de Giglio e Spaggiari (2010):

Diversos temas foram pesquisados ao longo dessas duas décadas: a inserção e a participação dos negros no futebol; as relações entre futebol e identidade nacional; discussões sobre estilos e escolas de futebol, principalmente de um “jogar à brasileira”, mais conhecido como “futebol-arte”; a circulação de jogadores brasileiros no futebol internacional; a formação de jovens jogadores em escolinhas de futebol e categorias de base; etc. Dentre os principais temas, as pesquisas sobre torcidas organizadas, muito influenciadas pela proliferação de conflitos e casos de violência nos estádios no começo da década de 1990, tiveram um impacto decisivo dentro do processo de ampliação do cenário de estudos sobre esportes no Brasil (GIGLIO, SPAGGIARI, 2010, p. 296).

Dentre a variedade presente na Comunicação e nas áreas afins, me ative a quatro teses e dissertações que davam conta de um objeto mencionado por Giglio e Spaggiari, também bastante presente nas pesquisas desta década: as torcidas de futebol.

Os textos são intitulados: “Vou ficar de arquibancada para sentir mais emoção: Técnicas sônicas nas dinâmicas de produção de partidas de futebol do Clube Atlético Mineiro (MARRA, 2016); “Não é só futebol. Uma análise dos laços de afetos que envolvem os torcedores do Clube do Remo, a partir de processos socioculturais comunicativos (FREITAS, 2017); “Novas culturas torcedoras: das arenas do futebol-negócio à resistência nas arquibancadas e redes (SANTOS, 2017); “Mídia e produção simbólica: a construção do torcedor-anfitrião brasileiro no cenário da Copa do Mundo de 2014” (SILVA, 2017).

Por certo os torcedores foram parte importante de outras pesquisas, já que são um dos principais componentes de uma partida de futebol. No entanto, nestas teses e dissertações, as questões ligadas aos fãs de futebol “saltam mais aos olhos”, incluindo mesmo a observação direta das torcidas em algumas metodologias adotadas. Foi selecionada para desconstrução teórico-metodológica o trabalho de Santos (2017), por ser a única produção no âmbito da pós-graduação a lidar com a modernização do futebol.

Irlan Simões dos Santos intenta compreender novas culturas torcedoras brasileiras – literalmente novas formas de experienciar um jogo de futebol no estádio, que têm como um de seus marcos as arenas construídas para a Copa do Mundo de 2014. O autor é extremamente

crítico a esse cenário: para ele, a modernização afasta os mais pobres dos estádios e converte os torcedores em espectadores passivos.

Para compreender o fenômeno chamado por ele de “arenização” e seu impacto junto aos torcedores, a argumentação é organizada em torno de um resgate sobre a história da chegada do futebol ao Brasil; sobre as arenas e os processos de mercantilização; e sobre as formas de resistência propriamente ditas. Para tal, aciona autores de diversas áreas do conhecimento, empreendendo uma visão transdisciplinar do futebol. Depois, observou a prática dessas torcidas e algumas formas de manifestação *online*.

Ele demonstra preocupação com questões relativas a gênero, mas sem tratamento teórico do tópico. Lopes (2015), em artigo com objetivo de definir características de movimentos contrários à modernização, segue a mesma linha, também sem aprofundamentos teóricos sobre gêneros ou masculinidades. O contato por e-mail com Lopes e Santos expandiu a lista de referências sobre futebol, que passou a incluir também artigos europeus e de outros países da América Latina.

Na primeira etapa da pesquisa da pesquisa (GUMS, 2018), pontuo a ausência de diálogos significativos para esta dissertação entre os objetos “futebol e *fanpage*”. Santos (2017) tem a produção de fãs no Facebook como parte de sua análise, mas a construção do texto evidencia muito mais os aspectos relacionados às transformações socioeconômicas do futebol e não as teorias sobre redes.

Consultei a página do GT de Comunicação e Esporte do Intercom¹² para tentar solucionar a lacuna, com razoável êxito. Entre diversas referências clássicas, constavam dois livros sobre mídia e esporte, em que há passagens sobre as mídias digitais – então chamadas de “novas mídias”: *Handbook of sports and Media* (RANEY; BRIANT, 2009) e *Power Play: Sport, the Media and Popular Culture* (BOYLE; HAYNES, 2009). Os dois são organizações de textos de diversos autores, com grande variedade de assuntos relacionados à midiatização do esporte.

O primeiro livro tem capítulos sobre o ciberespaço que enfatizam a comunicação horizontal entre sujeitos. Mas de modo geral, as análises são pela ótica da produção de conteúdo profissional na rede, ou sobre o papel da internet na transmissão de eventos esportivos. A segunda publicação coloca as relações entre mídia e esporte no Reino Unido em perspectiva histórica. A internet parecia ainda distante, pouco palpável, e não uma realidade

¹² Disponível em: <http://www.portalintercom.org.br/eventos1/gps1/gp-comunicacao-e-esporte>

próxima, apesar de um capítulo sobre “esporte na era digital”. Ainda assim, questões históricas podem ser apropriadas na contextualização temática proposta na dissertação.

Realizei desconstrução teórico-metodológica de alguns textos mapeados na primeira etapa de pesquisas da pesquisa. Destaco alguns temas e conceitos pertinentes em teses e dissertações que não dão conta das outras duas instâncias – masculinidades e futebol. Temas recorrentes são a mobilização política nas redes; possíveis usos políticos das mídias digitais; e as interações com *fanpages* jornalísticas.

Outro tema frequente e que dialoga com as propostas dessa dissertação são análises de interações de fãs com produtos culturais específicos, como literatura de horror ou quadrinhos. Minha leitura é de que o futebol também é um tema com especificidades próprias, com o qual os fãs interagem por meio de códigos específicos.

Uma das seleções para desconstrução teórico-metodológica foi a dissertação “O despertar de Cthulhu na cibercultura: as ressignificações do personagem de H.P. Lovecraft realizadas por fãs no Facebook” (KURTZ, 2015). O objetivo da autora foi compreender como os fãs constroem o personagem Cthulhu e constatou que são atribuídos ao monstro personalidade e traços humanizados.

A metodologia utilizada é a pesquisa documental, abordagem também utilizada por mim, e análise de conversação em rede, que foge ao escopo da dissertação. Logo, a principal contribuição deste trabalho é seu quadro teórico. O ciberespaço é um tema transversal, bem como o conceito de fãs e sua inserção na cibercultura, adequados para tratar do engajamento em *Cenas Lamentáveis*.

O embasamento teórico de Kurtz (2015) inclui autores frequentes em pesquisas sobre redes, como Raquel Recuero, Alex Primo e Manuel Castells. Pretendo consultar os mesmos autores em busca de definições sobre sites de redes sociais. Faço a ressalva de que as metodologias empreendidas por autores como Recuero e Primo são bastante distintas de minha proposta, mas acredito que suas análises empíricas e contribuições teóricas são úteis na delimitação do contexto de produção dos discursos analisados por mim.

Considerando as potencialidades da internet para análise de discursos, é digno de nota o artigo “Uma questão de gênero: ofensas de leitores à Dilma Rousseff no Facebook da Folha” (STOCKER, DALMASO, 2016). Os autores aplicam a AD a um corpo grande de textos – no caso, cerca de 600 comentários ofensivos à ex-presidente. O procedimento adotado para lidar com esse volume de informação foi o de primeiramente mapear e classificar os principais núcleos de sentidos existentes nos comentários.

Em um segundo momento, foram extraídas Sequências Discursivas – trechos de texto significativos selecionados pelo analista (BENETTI, 2016) – relativas a cada categoria para inferências mais aprofundadas sobre preconceito de gênero existente nos comentários. Embora na dissertação tenha se optado por outro caminho, o procedimento analítico de Stocker e Dalmaso (2016) seria passível de adaptações para aplicação nesta pesquisa, principalmente por ter em perspectiva também uma representatividade quantitativa do *corpus*, por mais que não seja este o foco da AD.

O último procedimento da pesquisa da pesquisa foi procurar produção científica sobre a *fanpage* Cenas Lamentáveis, para verificar se e de que maneira ela aparecia em pesquisas científicas. O único retorno foi “7x1 foi pouco: As reverberações sobre a maior derrota da seleção brasileira em Copas do Mundo na *fanpage* Cenas Lamentáveis” (BARBOZA, 2016), apresentado ao DT Interfaces Comunicacionais, no Intercom.

O artigo aplica uma Análise de Conteúdo aos posts e comentários da página para compreender as interpretações sobre a derrota por 7 a 1 do Brasil para a Alemanha. Os resultados oferecem justificativa para análise de masculinidades na *fanpage*: os culpados pela derrota são jogadores como Neymar e Thiago Silva, não por sua capacidade técnica, e sim por suas vivências extracampo não serem compatíveis com o que é esperado de um jogador da Seleção Brasileira.

As incompatibilidades são relacionadas a performances de masculinidade dos jogadores, como as demonstrações públicas de afeto, o registro de fotos em *selfies* ou o choro. Segundo o ordenamento “tradicional” de gênero, seguido também pela página, características mais associadas à sensibilidade tipificam um homem como “fraco”. A derrota é entendida também como uma inferioridade brasileira, mais do que mérito da Seleção Alemã.

Cheguei a conclusões próximas às de Barboza (2016) em uma série de pesquisas exploratórias desenvolvidas durante o mestrado, apresentadas na próxima subseção. Posso sintetizar as descobertas na noção de que, para alguns grupos contraidentificados ao futebol moderno, gênero e masculinidade são importantes traços do futebol de qualidade.

1.2 PESQUISAS EXPLORATÓRIAS

Outro procedimento metodológico mencionado por Bonin (2011, p. 35) é a pesquisa exploratória, que “[...] implica um movimento de aproximação à concretude do objeto empírico (fenômeno concreto a ser investigado) buscando perceber seus contornos, suas especificidades, suas singularidades”. Nas pesquisas, algumas teorias foram tensionadas a

recortes do objeto de estudo da dissertação, e foram feitos “testes” metodológicos da aplicação da AD. As explorações foram feitas tendo em mente as disciplinas do mestrado em Comunicação e a submissão em eventos e periódicos da área.

A primeira delas tem como título “Engajamento de fãs de futebol com a campanha ‘Pela Volta do Futebol de verdade’ em comentários na *fanpage* da Cerveja Kaiser no Facebook”¹³. O objetivo foi compreender o que se entende sobre futebol “tradicional” e “moderno” e como essas definições se conectam com um dos vídeos publicitários da campanha publicitária da Cerveja Kaiser. O quadro teórico foi composto por breve histórico da modernização do futebol e de comunidades virtuais na internet; a metodologia adotada foi a Análise de Conteúdo.

Os resultados indicam uma predileção do público que se contrai-identifica ao futebol moderno por pautas relacionadas à nostalgia e a uma “irreverência”, mais do que a questões mais concretas como alto valor dos ingressos, ou limitação do público em função de critérios econômicos.

Diante deste resultado, foi empreendida nova incursão sobre o mesmo *corpus* empírico, utilizando referencial teórico similar, mas tendo a AD como operador teórico-metodológico, no artigo “‘Pela volta do futebol de verdade’: discursos contrários ao “futebol moderno” em comentários da *fanpage* da Cerveja Kaiser”¹⁴. Limitando o *corpus* aos comentários que tratassem especificamente de futebol, observei os graus de identificação dos comentaristas com o discurso do comercial, por meio da noção teórica de posição-sujeito. (INDURSKY, 2008).

Identifiquei três tomadas de posição dos comentaristas: o “futebol Nutella”, identificado com a modernização em curso no futebol; o “futebol raiz”, contrai-identificado ao moderno e que exige uma volta ao que era o futebol das décadas de 1990, e pouco preocupado com questões concretas; e o “futebol democrático”, de torcedores também contrai-identificados ao futebol moderno, mas descontentes com questões como as construções das arenas.

Ambos os recortes metodológicos revelaram um processo complexo de consumo das narrativas contrárias ao futebol moderno. O futebol da atualidade é criticado por ser demasiadamente influenciado pela mídia e pelo dinheiro, como disseram os comentaristas. No entanto, eles não questionam uma agência de publicidade desenvolver um anúncio sobre esse

¹³ Artigo escrito no ano de 2018, como requisito para conclusão da disciplina de Cultura digital e Sociedade Contemporânea.

¹⁴ Artigo escrito no ano de 2019, após devolutiva da disciplina de Cultura Digital e Sociedade Contemporânea. No momento da redação deste texto, o artigo está sendo avaliado para publicação em periódico da área.

tema para uma cervejaria de grande porte. Ou seja, o discurso que até então de suposta resistência passa a ser incorporado pelas próprias instituições que supostamente tem culpa pela queda de nível do futebol.

Confirmou-se, após as duas pesquisas, a efetividade do *app* Netvizz para coleta e criação de um banco de dados dos comentários, em especial devido à sua praticidade. Em ambas, foram coletados os 200 comentários com maior engajamento, de acordo com ranking do próprio Facebook.

Uma terceira pesquisa teve como tema posts da *fanpage* Cenas Lamentáveis. Em “Discursos sobre masculinidades e futebol moderno: identidade e diferença no decreto Cenas Lamentáveis”¹⁵ analiso especificamente os decretos, posts que balizam uma série de comportamentos atravessados por questões de gênero e desejáveis para os fãs de futebol. Esta foi a primeira aproximação científica com Cenas Lamentáveis, observando um recorte específico de sua comunicação com os seguidores.

Nos decretos está presente uma marcação (e hierarquização) de identidade do seguidor da *fanpage* como portador de uma “masculinidade tradicional”: heterossexual, potencialmente violento, competitivo. Simultaneamente ocorre a delimitação de uma diferença: a mulher ou o homem sensível, associados ao futebol moderno.

Nesta pesquisa, comprovo algo que já havia sido detectado nos comentários da cerveja Kaiser: a dificuldade em definir grupos críticos ao futebol moderno como resistência. Os conteúdos e os discursos em circulação nos espaços observados não parecem ser da ordem de uma minoria, subjugada em uma relação de poder – torcedores identificados com a ideia de que os mais pobres estão sendo excluídos dos espaços de prática do futebol devido à modernização. Soam mais como grupos hegemônicos que estão perdendo espaço devido a uma espécie de “discurso civilizatório” do futebol moderno.

O nome provisório de “discurso civilizatório” pode ser melhor traduzido como “politicamente correto”, expressão significativa nos dois primeiros artigos mencionados, e possível de articular com o terceiro. O politicamente correto é um suposto discurso dominante em várias esferas da sociedade, que condena comportamentos até então naturalizados nos contextos futebolísticos. Bandeira (2017) observou a existência do politicamente correto em situações parecidas, em sua investigação com torcedores do Grêmio.

¹⁵ Escrito em 2018 como requisito para conclusão da disciplina de Mídias e Representações Identitárias. No momento de redação deste texto, o artigo está sendo avaliado para publicação em periódico da área. GUMS, Elyson; HANSEN, Fábio. **Discursos sobre masculinidades e futebol moderno: identidade e diferença no "decreto Cenas Lamentáveis"**. Comunicação & Inovação, v. 21, n. 45, 2020.

Por isso, não falo de Cenas Lamentáveis como “resistência” ao futebol moderno. Enquanto conceito teórico da AD, o ato de resistir implica em produção de discursos de sob “[...] o estatuto de contra-ideologias revolucionárias” (PÊCHEUX, 1990, p. 16), por parte de grupos marginalizados em busca de legitimações. Os discursos que não se articulem a essa definição serão chamados de *contraidentificados*. Foi necessária fazer distinção entre eles pois durante a análise apresentada nos próximos capítulos, foi possível perceber o reforço a hierarquizações tradicionais (e por vezes opressivas) de gênero.

É essencial ressaltar que, apesar disso, não se faz uma distinção binária entre quem se “contraidentifica” e quem “resiste”: é possível que em um mesmo espaço existam os dois tipos de discurso. É possível que um mesmo sujeito produza ambos, dadas as contradições constituintes da produção de sentido.

Quando se diz que o discurso dos decretos de Cenas Lamentáveis é contraidentificado ao futebol moderno, por exemplo, está posto que este é o sentido mais evidente em circulação, mas não é negada a possibilidade de em outros momentos haver resistência, ou de sujeitos não estarem de acordo com o discurso contraidentificado.

Destaco, ainda, que a AD não analisa sujeitos empíricos. Ao falar da página, não me refiro diretamente a seus administradores, ou a Fulano ou Beltrano que lá comentam, mas sim a representações de sujeitos que ocupam um lugar simbólico no processo de produção discursivo. Orlandi, ao falar sobre a classificação de discursos entre lúdico, autoritário e polêmico, fez um alerta que é também válido aqui: “[...] não é um juízo e valor, é uma descrição do funcionamento discurso em relação a suas determinações histórico-sociais e ideológicas” (ORLANDI, 2005, p. 87). Ou seja, não acuso este ou aquele de ser hipócrita, ou trato como inválida a sua contestação ao futebol moderno.

Na próxima seção indico de que maneira pretendo mobilizar a AD enquanto operador teórico-metodológico para o desenvolvimento desta pesquisa.

2 ANÁLISE DE DISCURSO COMO OPERADOR TEÓRICO-METODOLÓGICO

A definição básica de discurso, objeto de estudo do qual se ocupa a AD, é a de “efeito de sentidos entre interlocutores” (ORLANDI, 2005, p. 21), e seu estudo é o da relação entre linguagem e historicidade. Trata-se, de forma resumida, do estudo da língua e de seus contextos. Portanto, o objetivo da teoria não é tentar identificar o “verdadeiro sentido” de um texto, e sim de o de “compreender e, essencialmente, explicitar a história das transformações do sentido, a fim de chegar aos mecanismos de sua produção, fundado em determinações histórico-sociais” (HANSEN, 2013, p. 44).

Isto significa ir além do texto, colocando em diálogo o que está escrito ali com o que foi dito por outros sujeitos e em outros lugares (ORLANDI, 2005), para desvendar os “mecanismos de sua produção” citados por Hansen. Segundo Benetti (2016, p. 243), “o texto é percebido como resultado de um processo”, e o questionamento que leva ao seu entendimento é: ‘como um discurso funciona?’”

Orlandi define texto como qualquer caractere que produz sentido, e a textualidade é vista como a forma pela qual o discurso é materializado e torna-se passível de ser analisado por um pesquisador. O diferencial da AD está em deslocar o texto, transformando-o em objeto discursivo, para que se torne possível “compreender como um objeto simbólico produz sentidos” (ORLANDI, 2005, p. 66), para a partir daí se pensar no funcionamento ideológico presente nestes sentidos.

Para tanto, deve-se balizar também as condições de produção de determinado discurso. O analista deve considerar a historicidade do discurso analisado por ele e as particularidades do sentido que está sendo analisado. De acordo com Benetti (2016):

[...] [O analista de discurso] precisa saber com que tipo de discurso está trabalhando, quais são os “traços objetivos característicos” dos lugares ocupados pelos sujeitos que falam neste discurso [...]. Não há como desconsiderar que se trata de um discurso com peculiaridades, produzido em certas condições, e elas devem ser teorizadas e narradas, além de incorporadas ao olhar do analista [...] (BENETTI, 2016, p. 245).

A teoria do discurso prevê em suas bases teóricas e metodológicas essas “particularidades” de cada discurso. Por isso, trabalha sempre com um recorte de determinada realidade – até porque seria impossível traçar uma trajetória completa do sentido. Além disso,

permite a mobilização de “partes” da teoria, conforme o necessário para cada pesquisa desenvolvida.

Tal teoria do discurso nasce do cruzamento de três áreas – Materialismo Histórico, Linguística e Psicanálise. Não se trata de uma mera soma dos conhecimentos e sim da mobilização de alguns conceitos originadas delas em prol da construção de um objeto de estudo próprio, o discurso. O Apêndice 2 – “Histórico e fundamentos da AD” remete às disciplinas que deram origem a noções importantes na Análise de Discurso, como sujeito e ideologia, conceituadas durante todo o processo de investigação aqui exposto.

Ao trabalhar para além da superfície linguística (ou seja, o conteúdo), a AD estabelece distinções entre texto e discurso. Como já indicado neste capítulo, pode-se dizer, em linhas gerais, que o texto é uma materialidade pela qual é possível observar os gestos de produção de sentido dos sujeitos e um material pelo qual se tem acesso aos discursos (NOBLE, 2016).

Orlandi (2005, p. 70-71) desenvolve essa diferenciação ao tomar o discurso como “uma dispersão de textos” e o texto como uma “dispersão do sujeito”. Logo, o discurso é constituído por vários textos – mesmo coisas que não são/não podem ser ditas fazem parte do processo discursivo. Discurso é entendido como prática sempre em movimento, protagonizada por sujeitos também mutáveis.

É esta relação que dá base para análises, que se organizam da seguinte maneira, segundo Orlandi (2005): a transformação de um objeto linguístico em objeto discursivo e posteriormente em objeto ideológico. Por meio dessas etapas, tem-se como produto a compreensão¹⁶ sobre os processos de produção de sentido e de constituição do sujeito. Noble (2016) sinaliza dois movimentos fundamentais para as análises: remeter o texto ao discurso; e esclarecer as relações do discurso com a ideologia.

Aqui, o objeto linguístico são os textos dos posts e dos comentários. Eles são o meu primeiro contato com os discursos de embates simbólicos envolvendo futebol tradicional e futebol moderno. O primeiro procedimento é o de investir esse material empírico com as noções teóricas da AD – ao considerar o texto em relação às suas condições de produção, ele se converte em objeto discursivo. O objeto discursivo permite a compreensão do modo de funcionamento do sentido naquele conjunto de textos.

[...] Esta etapa prepara o analista para que ele comece a vislumbrar a configuração das formações discursivas que estão dominando a prática discursiva em questão [...]

¹⁶Orlandi (2005) diferencia três níveis de interpretação: o inteligível, como sentido puro da língua; a interpretação, o texto e o seu contexto imediato; e a compreensão, o entendimento de como um objeto produz sentidos.

relacionando o que foi dito com o que não foi dito, com o que poderia ser dito etc. Estes outros dizeres aí observados dão as delimitações das formações discursivas que intervêm, fazendo as palavras significarem de maneira x ou y. (ORLANDI, 2005, p. 78).

Esse objeto discursivo é também pensado em relação às formações ideológicas presentes, observando a “exposição do sujeito à historicidade (ao equívoco, à ideologia) na sua relação com o simbólico” (ORLANDI, 2005, p. 81). Essa historicidade permite que os sentidos permaneçam como estão, ou que deslizem, provocando mudanças e rupturas, para as quais o analista deve estar atento.

Dado o interesse em superar o aspecto linguístico/de conteúdo, a AD não tem preocupações específicas com análises quantitativas. Considera-se a produção de sentido como um processo inacabado e contínuo, portanto com infinitas análises possíveis sem que jamais se possa extinguir um objeto empírico. O movimento proposto é o contrário: ao invés de buscar um grande volume de textos, o objeto de estudo é recortado, a fim de que possa se aprofundar nas questões mais relevantes para cada pesquisa (MOLETA, 2018). Decorre daí um movimento de interpretação textual.

2.1 A CONSTRUÇÃO DO *CORPUS*

Como dito anteriormente, o discurso não é fechado e deve ser trabalhado dentro de recortes específicos. Há certa subjetividade envolvida na delimitação desses recortes – no sentido de o conjunto de textos analisados não se mostrar naturalmente, e sim ser construído pelo olhar do pesquisador. Na AD, as principais guias são os referenciais teóricos e a pergunta de pesquisa.

Bauer e Aarts (2002, p. 36) entendem *corpus* como o conjunto de materiais com funções simbólicas a serem analisadas, ressaltando a natureza intencional da seleção de fontes de informação que servem de base para a pesquisa. O entendimento de Benetti (2016) é semelhante, considerando um recorte arbitrário que permita a compreensão de um objeto de estudo em sua regularidade, e não em suas exceções.

Orlandi (2005) tem a delimitação do *corpus* como ponto de partida para a passagem da superfície linguística para o objeto discursivo:

Inicia-se o trabalho de análise pela configuração do corpus, delineando-se seus limites, fazendo recortes, na medida mesma em que se vai incidindo um primeiro trabalho de análise, retomando-se conceitos e noções, pois a análise de discurso tem um procedimento que demanda um ir-e-vir constante entre teoria, consulta ao corpus e análise. Esse procedimento dá-se ao longo de todo o trabalho (ORLANDI, 2005, p. 66-67).

São escolhas intencionais e arbitrárias, mas não aleatórias. Há uma série de critérios para a construção de um *corpus* representativo e adequado para responder ao problema de pesquisa. Bauer e Aarts (2002) sugerem as recomendações feitas por Roland Barthes: 1) temática relevante com a pesquisa; 2) os materiais devem ser homogêneos; 3) eles devem estar em um mesmo contexto temporal. Benetti (2016) acrescenta ainda três perguntas que devem guiar o processo de seleção do conjunto de materiais a serem analisados:

- a) de quantas unidades eu preciso para que meus resultados tenham validade?; b) quantas unidades eu posso coletar e analisar no período de tempo de que disponho?; c) quanto tempo deve abranger minha amostra (no caso de o corte temporal ser pertinente)? (BENETTI, 2016, p. 245).

O *corpus* desta dissertação é composto por posts e comentários da *fanpage* Cenas Lamentáveis – daqui em diante também chamada *Cenas* ou CL. Extraí dali uma série de Sequências Discursiva (SDs), trechos de textos selecionados arbitrariamente por serem representativos dos objetivos da pesquisa em curso (BENETTI, 2016). É sobre essas SDs que incidem as análises mais aprofundadas. Para fins de clareza do texto, as dividi entre Sequências Discursivas de Posts (SDP) e Sequências Discursivas de Comentários (SDC).

A abordagem sobre a qual se observa esses materiais é de pesquisa documental, sendo documentos os “dados originais, a partir dos quais se tem uma relação direta com os fatos a serem analisados” (SÁ-SILVA et al, 2009, p. 6). Os autores estabelecem uma série de procedimentos analíticos que podem se articular à AD: análise do contexto do documento; da autoria; da natureza/suporte e da lógica interna do texto. A última etapa é a análise documental propriamente dita, que tem como objetivo gerar novas compreensões sobre os fenômenos.

Ressalto, porém, que para a AD os textos não são vistos como objetos “transparentes”, que o pesquisador atravessa com seu olhar. Conforme Orlandi (2005), é respeitado o funcionamento do texto enquanto objeto simbólico, pelo qual o analista enxerga o funcionamento do discurso ali materializado.

Cenas Lamentáveis foi selecionada por ser representativa de fãs de futebol identificados com o discurso de contestação ao futebol moderno, e pelo desenvolvimento de formas específicas de comunicar seus posicionamentos sobre esse esporte com os seguidores, como memes, ou palavras/expressões características da página. CL também oferece material para análise das relações de gênero envolvidas nos movimentos contraidentificados ao futebol moderno. Barboza (2016) identificou ali conteúdos exaltando violência, vida sexual ativa e

polêmicas, que podem ser relacionadas a identidade de gênero – pesquisa exploratória sobre os decretos desenvolvida por mim (ver cap. 1.2) também sugere que masculinidades fazem parte dos saberes que constituem a recusa ao futebol moderno.

Cenas Lamentáveis é uma *fanpage* criada em maio de 2014. Além do Facebook, está presente também no Twitter, Instagram, Youtube e em site próprio¹⁷. O principal conteúdo criado nesses canais envolve humor e sátira sobre temas futebolísticos. No site, são postadas também reportagens e textos opinativos sobre futebol. Os administradores de *Cenas* produzem ainda um podcast, o CLCast. Existe também uma loja online.

O tema das produções é futebol masculino, especialmente o brasileiro em nível profissional. A “várzea”, tratada com carinho por CL e seus seguidores, também é tema de alguns conteúdos, com menos frequência do que o futebol profissional. São promovidos ainda eventos presenciais, como a “Copa CL”¹⁸. O site oficial e a aba “sobre” do Facebook descrevem a posição assumida por eles:

Aqui exaltamos o futebol clássico brasileiro, os anos 90, período em que tivemos craques de personalidade forte, que não tinham medo de dar uma entrevista provocativa. Jogadores de defesa com postura séria, com a Seleção Brasileira sendo campeã mundial, sendo temida por todos, com os melhores jogadores do mundo, craques dentro e fora do campo. Somos dos estádios, dos alçapões, da festa das torcidas e do espetáculo do verdadeiro futebol. E claro, tudo isso acompanhado de muita cerveja, combustível dos craques (CENAS LAMENTÁVEIS, s/d.).

¹⁷O “sobre” da CL no site contém links para todos os seus endereços em sites de redes sociais. Além dos citados, há um aplicativo que não está mais disponível. Fonte: <https://cenaslamentaveis.com.br/sobre/>. Acesso em: 21/04/2019.

¹⁸Torneio de futebol amador. A descrição oficial é: “Futebol, cerveja liberada, roda de samba e pagode, jogos suspeitos e DESCUBRA”. Disponível em: https://www.facebook.com/pg/CenasLamentaveis/photos/?tab=album&album_id=1841306706140193. Acesso em 21/04/2019.

Figura 1 - A fanpage Cenas Lamentáveis



Reprodução da página inicial da página no Facebook, obtida por meio de captura de tela no dia 05/11/2019

Os posts e comentários no Facebook foram selecionados como *corpus* por permitirem observar a produção de sentido de diversos usuários identificados com a *fanpage* e não apenas dos administradores. Soma-se a isso a ampla utilização do Facebook por usuários brasileiros¹⁹, e este ser o principal canal de comunicação utilizado por Cenas Lamentáveis.

Existem outras páginas relacionadas a conteúdo humorístico sobre futebol, e que se identificam com a contestação ao chamado futebol moderno. *Manual do Jogador Ruim*²⁰, por exemplo, se organiza de forma parecida, com site próprio e conteúdos semelhantes, e tem mais de um milhão de curtidas. No entanto, as formas pelas quais a CL expressa seus posicionamentos interessam aos objetivos propostos nesta pesquisa.

Os *decretos* são a principal expressão desse “modo CL de ser”, se é que se pode chamar assim. São textos escritos com linguajar chulo e que validam uma série de comportamentos moralmente questionáveis e que se relacionam às concepções sobre futebol. Eles foram criados pela página e são amplamente utilizados fora dela²¹. O “boom” ocorreu em 2016, quando o jornalista Alê Oliveira reproduziu decretos no canal ESPN, alegadamente por conta da página²².

¹⁹<https://www1.folha.uol.com.br/tec/2018/07/facebook-chega-a-127-milhoes-de-usuarios-mensais-no-brasil.shtml>. Acesso em: 21/06/2019.

²⁰Disponível em: <https://www.facebook.com/manualdojogadorruim/>. Acesso em: 22/04/2019.

²¹Por exemplo: menções ao decreto foram identificadas em comentários de um comercial da Cerveja Kaiser com temas relacionados à nostalgia pelo futebol de décadas passadas.

²²Enquanto ainda trabalhava na ESPN, o jornalista passou a criar seus próprios decretos. Fonte: <https://uol.esporteetv.blogosfera.uol.com.br/2016/10/07/decreto-vira-moda-na-espn-e-ale-oliveira-brinca-tenho-de-ter-bom-senso/>. Acesso em: 17/12/2018.

Além do uso da palavra decreto e de replicações desse tipo de posts, a página tem uma série de códigos para se referir a temas de futebol, compreensíveis apenas para quem conhece algumas especificidades da contraidentificação ao futebol moderno. Não são termos criados pela página, mas fazem parte do cotidiano dos posts e comentários da CL e de outras páginas afins. Exemplos são o “descubra” (expressão do jogador Aloísio Chulapa para se referir à cerveja Skol); meretriz (mulher); confrade (seguidor da página); Lei de Gil²³ etc.

Por fim, pesa ainda a favor da opção por analisar a CL nesta dissertação, as condições de criação da página. Ela nasceu no início de 2014, às vésperas da realização da Copa do Mundo no Brasil. A ocasião é relevante para o objeto de estudo por dois motivos: em primeiro lugar, o 7 a 1 sofrido pelo Brasil diante da Alemanha em jogo de semifinal, que ocasionou uma série de debates sobre a atual forma da Seleção Brasileira de Futebol em sites de redes sociais e nas rodas de discussão presenciais²⁴. E, ainda mais importante, as mudanças estruturais nos estádios brasileiros para receber o megaevento, relacionadas à modernização do futebol.

Santos (2014) denomina esse momento de “arenização”, em referência à construção de luxuosos estádios em diversas regiões do Brasil, muito em função de se adequar às exigências da Fifa para sediar a Copa do Mundo. O autor aponta como resultados a inserção de novos atores econômicos na administração do futebol e mudanças no público frequentador dos estádios:

Agora não mais um público festivo que paga o necessário e o mais barato o possível para entrar no estádio, mas aquele capacitado a consumir os mais variados produtos oferecidos dentro das praças desportivas que vão muito além do mero jogo de futebol, como restaurantes, cinemas, espaços privilegiados de consumo e toda uma variedade de estabelecimentos comerciais. Trata-se de um novo momento que está criando, portanto, a intersecção histórica entre o processo que já estava em curso, de elitização, com o processo de arenização (SANTOS, 2014, p. 12).

Feita a seleção da página, a próxima etapa foi criar um banco de dados com os textos. Coletei todas as publicações e comentários desde a sua criação, em maio de 2014, até a data de 30/09/2018. Este recorte atende a dois objetivos: 1) abrange o pré e pós-evento de duas Copas do Mundo, principais eventos de futebol; e 2) permite adicionar “tempo” como variável para a pesquisa, visto que o período proposto contempla cinco anos de produção de sentido.

²³Em entrevista a uma rádio católica, um jornalista esportivo perguntou ao atacante Gil se, para conquistar a vitória, valia tudo. O atleta respondeu que “vale tudo, só não vale dar o cu”. O momento virou meme e a Lei de Gil passou a ser uma sátira de restrição às relações homossexuais entre homens.

²⁴O artigo de Barboza (2016) discorre sobre as interpretações deste resultado em Cenas Lamentáveis, ressaltando a importância da partida para a identificação dos torcedores com a Seleção Brasileira.

Os dados foram coletados de modo automatizado, utilizando a versão 1.6 do Netvizz, aplicação que permite a coleta de dados públicos do Facebook para fins acadêmicos (RIEDER, 2013). Seu uso é justificado pela praticidade, já que comandos simples permitem gerar tabulações completas de dados. Apesar de algumas funções restritas devido às mudanças de política de acesso aos dados do Facebook, ainda foi possível acessar informações de *fanpages* no período de criação do banco de dados.

A coleta foi realizada no dia 30/09/2018, das 18h às 00h (horário de Brasília) e compreendeu todo o conteúdo até esta data; selecionando a opção de coleta de postagens de administradores da página (os posts/comentários feitos por eles) e por *users* (as interações dos seguidores da *fanpage*). O perfil do Facebook vinculado ao Netvizz não era curtidor da página, o que pode implicar em a plataforma não ter coletado literalmente todas as postagens. De todo modo, foi extraído um montante expressivo: 3065 posts e 65242 comentários. Os *posts* e comentários foram armazenados em planilhas tabuladas no Microsoft Excel²⁵.

A partir de então, adotei critérios objetivos e subjetivos para restringir esse grande volume de texto em um *corpus* efetivamente analisável com a AD. Segui os critérios de tema, homogeneidade e temporalidade de Bauer e Aarts (2002) e as considerações de Benetti (2016) sobre o tamanho do *corpus*, para selecionar um post de cada ano para análise, no período de 2014 a 2018. Os posts atendem aos seguintes critérios: 1) contêm discursos sobre “futebol moderno”; 2) contêm discursos sobre masculinidades; 3) contêm texto em sua composição²⁶; 4) gerou amplo engajamento com os seguidores. Considero textos com maior engajamento aqueles que tiveram mais comentários, pois conforme Recuero (2014), o comentário é a ação comunicativa que requer um grau maior de interação do sujeito que se engaja com determinado conteúdo.

Para selecionar os comentários, foi necessário um caminho mais longo de pré-processamento do banco de dados gerado pelo Netvizz. Além dos critérios adotados para seleção dos posts, criei uma série de outros filtros para eliminar os comentários considerados irrelevantes – aqueles que não são significativos para responder à pergunta de pesquisa, que não têm texto, ou que são simples marcação de algum amigo para que ele também visse a postagem.

²⁵Banco de dados disponível em: https://drive.google.com/file/d/1qQRghMiZW6B_ufQGPeHgvpvfO9eU-P_F7/view?usp=sharing. Constam os dados referentes aos cinco *posts* analisados, e todos os comentários coletados destas postagens. Por questões de espaço de armazenamento, o arquivo com todos os dados coletados pelo Netvizz pode ser disponibilizado mediante contato por e-mail: elysonrgums@gmail.com

²⁶Praticamente todos os *posts* da página são compostos por texto, imagem e/ou vídeo. Análise com maior profundidade apenas o texto.

Foram excluídos os comentários: 1) de administradores da página (seu discurso já é representado pelo próprio *post*); 2) comentários que são respostas a outros (pois objetivos da dissertação não envolvem análise de conversação entre usuários); 3) comentários irrelevantes em geral (risadas, comentários sem texto, marcações de usuários, etc.); 4) comentários com menos de 10 reações - entendendo a reação (como o “curtir”) como uma forma de validação dos discursos de outros sujeitos (RECUERO, 2014), portanto, comentários com menos do que isso não são considerados relevantes para as discussões propostas pelo grupo. Esse também foi um modo mais prático de filtrar os comentários irrelevantes, que necessariamente têm poucas reações.

Cheguei a um volume de textos analisável segundo a AD. De milhares, os comentários foram reduzidos para cerca de 25 em cada *post* – comentários irrelevantes que possam ter “escapado” aos filtros de exclusão também foram deletados. O quadro abaixo (quadro 1) esquematiza o *corpus* construído por mim. Está especificado o ano; o assunto (por questões estéticas, é impossível incluir o texto original de cada postagem – a informação na íntegra está disponível no Apêndice 3 – “Corpus analisado”); a quantidade original de comentários; e o universo de posts do qual serão extraídas Sequências Discursivas.

Quadro 1 - Construção do *corpus* de análise

Data	Assunto do <i>post</i>	Qtde. total de comentários	Qtde. selecionados
Nov. 2014	Crianças comemorando vitória do Atlético-MG	630	13
Mai. 2015	Briga no futebol argentino	6133	25
Ago. 2016	Lançamento de música de Ronaldinho Gaúcho	19468	26
Dez. 2017	Romário bêbado em uma boate	20405	26
Fev. 2018	Ronaldinho Gaúcho cozinhando bêbado	18606	16
	TOTAL: 5 <i>Posts</i>	TOTAL: 65242 comentários	TOTAL: 106 comentários

Fonte: quadro elaborado pelo autor.

Foram selecionadas para análise cinco Sequências Discursivas de *Post* (SDP). Dos 106 comentários, foram extraídas 15 Sequências Discursivas (SDC). O critério final de seleção foi

o material ser representativo para a resposta da pergunta de pesquisa: “como se dá a produção de sentido sobre masculinidades no ambiente futebolístico “anti-moderno” presente na *fanpage* Cenas Lamentáveis?”. Os textos serão interpretados à luz de noções teóricas e analíticas próprias da AD.

Importante destacar que os textos que compõem o *corpus* não estão diretamente “interligados” entre si. Portanto, ao longo da dissertação, em diversos momentos, o raciocínio não seguirá total linearidade no exame das Sequências Discursivas. Elas foram numeradas de modo organizado, obedecendo uma ordem de 1 a 5 para Sequências de *Post*, e 1 a 15 para Sequências de Comentário, mas não serão apresentadas nesta mesma ordem.

Logo, em um momento, será analisada a SDC 1, na sequência poderá se tratar da SDC 3, depois a SDC 9 e assim por diante. Isto porque as SDs são nomeadas de acordo com o ano em que foram publicadas na *fanpage*, mas o texto da dissertação está estruturado de outra forma. Este parêntese é importante para solucionar possíveis estranhamentos no momento da leitura dos capítulos analíticos. Na sequência explico em mais detalhes como pretendo desenvolver as análises.

2.2 GESTOS DE INTERPRETAÇÃO E POSICIONAMENTO DO PESQUISADOR

A noção de pesquisa qualitativa adotada nesta dissertação é a de Bauer et al (2002, p. 23): “A pesquisa qualitativa evita números, lida com interpretações das realidades sociais”. A distinção estabelecida com a pesquisa quantitativa é a de que esta lida com números e modelos estatísticos. Os autores defendem a ideia de que dimensões quanti e qualitativas não são excludentes, e sim complementares. Na presente pesquisa, a relação foi estabelecida no *corpus*: a partir de um montante extenso de dados, chegou-se a um universo analisável qualitativamente, mediante procedimentos detalhados na subseção anterior.

A “interpretação”, chave para a definição de pesquisa qualitativa, também é essencial para a concepção de pesquisa em AD (ORLANDI, 2005, 2007). Ela é constituinte dos discursos e do trabalho do analista. O sujeito, ao produzir sentido, inscreve no texto gestos de interpretação. O analista também interpreta, ao inferir sobre o discurso e descrever o seu funcionamento. Ele o faz sem estar isolado do funcionamento dos sentidos. Logo, o analista também tem a ilusão de ser origem do sentido, está ele próprio assujeitado à ideologia e ao inconsciente, e assim por diante.

No entanto, o sujeito pesquisador se encontra em posição relativizada. Orlandi (2005) aloca a pesquisa em AD no entremeio da descrição e da interpretação. A mediação teórica

permite que um pesquisador se coloque em condição de analisar o processo discursivo e não produzir interpretações subjetivadas sobre os fenômenos analisados. Refiro-me aqui às noções teóricas da própria teoria do discurso, mas também dos demais referenciais que constroem o objeto de estudo de uma dada pesquisa.

Em outras palavras, não me coloco fora da ideologia ou da historicidade (BENETTI, 2016), de modo que não é possível esperar neutralidade do discurso produzido por mim nesta pesquisa. Interpretação e subjetividade – respaldadas por aportes teóricos sólidos – são partes de todas as instâncias de pesquisa, podendo-se citar a mobilização de certas bibliografias em detrimento de outras; os recortes no *corpus*; ou a adoção de determinados percursos metodológicos.

Eu sou envolvido com os temas da dissertação não apenas a partir do lugar de pesquisador, mas também dos lugares de homem, de torcedor de futebol, e de produtor e consumidor de conteúdo em redes digitais. Essas vivências estão diretamente relacionadas às angulações que deram forma ao objeto de estudo abordado aqui – os discursos sobre masculinidades presentes na *fanpage* Cenas Lamentáveis.

Convém contar uma rápida anedota para justificar as tomadas de decisão defendidas nessa pesquisa, para além das justificativas sociais e teóricas. Ela se inicia no estádio Augusto Bauer, em Brusque/SC, durante a final da Segunda Divisão do Campeonato Catarinense de 2015, disputada pelo Brusque FC e pelo Camboriú. A ‘semente’ da pesquisa nasceu nessa ocasião, embora na época eu não soubesse.

Estava no setor mandante, entre torcedores do Brusque. Como era um jogo importante, o estádio estava lotado e havia preocupação de pressionar o adversário. Toda vez que o goleiro deles batia o tiro de meta, era entoado o grito de “oooh, bicha!”, moda à época. Cantei algumas vezes, depois eu só dei risada da cena. Na volta do intervalo eu percebi que o amigo que sempre me acompanhava nos jogos do Marreco ficava em silêncio todas as vezes, então parei também.

Depois de alguns anos de silenciosa reflexão sobre a minha participação naquela final, ainda não sei o porquê de ter cantado. Nem o porquê xingo tantos árbitros, auxiliares, presidentes de federações, jogadores e torcidas adversárias. Mesmo depois de muitas leituras sobre teoria de gênero, ainda me escapou um “porra, Willian, que chute de bicha!” quando reclamei de algum jogo da Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 2018.

Enfim, depois de certo amadurecimento pessoal, passei a perceber essa violência ao outro, em especial às minorias, como uma espécie de saber institucionalizado dos estádios de futebol, e estimulada por certos atores do espetáculo. A torcida que ofende em coro, também

com frequência valoriza jogadores poucos habilidosos, mas que têm “raça” e correspondem a tipos específicos de masculinidades. Eu mesmo, quando comecei a acompanhar futebol, era fã de Materazzi e Gattuso²⁷, jogadores mais lembrados pela “raça” do que pela qualidade.

Minhas vivências como fã de futebol obviamente não acontecem só no espaço presencial do estádio, mas também na internet. Depois de certa idade, comecei a perceber comportamentos parecidos em grupos de torcedores online. Ao passo que denunciavam o capital financeiro oprimindo os mais pobres, eles pareciam salientavam que o torcedor de respeito era o “homem de verdade” – tudo nas entrelinhas e nas sutilezas.

Toda essa história, iniciada no cimento do Augusto Bauer e continuada na internet, ilustra uma série de decisões teóricas e metodológicas colocadas em prática nessa pesquisa: a criticidade aos modelos violentos e competitivos de masculinidade e à violência de gênero no futebol; e aos modos de funcionamento desse comportamento no espaço online frequentado por toda sorte de sujeitos fãs de futebol.

Essas experiências deixam de ser observações preliminares para se converterem em procedimentos teóricos e metodológicos, com necessário respaldo em bibliografia que lhes dessem sustentação. Assim, elas deixam de ser subjetividades da minha relação com o futebol e passam a fazer parte de um discurso científico produzido por mim.

São as noções teóricas que tornam possível me afastar dos achismos durante as análises, mesmo com certa “militância” pessoal em algumas causas em prol de um futebol mais plural e aberto às diferenças. Gestos de interpretação semelhantes também compõem a construção do *corpus* e dos procedimentos analíticos, o que é natural em pesquisas de AD e na área da Comunicação.

2.3 DISPOSITIVOS DE ANÁLISE

A definição do *corpus* é o ponto de partida porque envolve um gesto de interpretação do analista, na qual são tomadas decisões quanto à análise dos discursos ali presentes. Uma das principais características da AD é a sua versatilidade, visto que cada pesquisa mobiliza saberes específicos, pensados em razão do objeto e da pergunta de pesquisa (ORLANDI,

²⁷Ex-atletas da Seleção Italiana. Materazzi era zagueiro da Internazionale; e Gattuso meio-campista do rival Milan. Os dois jogadores são lembrados por um estilo “grosseiro” de jogo, que em vezes descambava para a violência. Qualidades técnicas à parte, os dois se destacavam por características como “raça”, liderança, e identificação com suas respectivas equipes.

2005, 2008; BENETTI, 2016). Ou seja, uma pesquisa em AD nunca é igual a outra, tendo em vista as particularidades de diferentes fenômenos estudados.

Orlandi (2005, p. 66-67) considera a definição do *corpus* como o início da análise, pois ao mesmo tempo em que se pensam essas definições, “se vai incidindo um primeiro trabalho de análise, retomando-se conceitos e noções, pois a análise de discurso tem um procedimento que demanda um ir-e-vir constante entre teoria, consulta ao *corpus* e análise”. São os interesses do analista que determinam quais aspectos da Teoria do Discurso serão mobilizados, sendo necessário observar o objeto empírico para definir quais são as noções teóricas mais adequadas para cumprir os objetivos de uma dada pesquisa. A linha de raciocínio de Noble (2016) é a de que a AD oferece um quadro teórico que permite o desenvolvimento de um gesto de análise particular.

Daí deriva o “ir-e-vir” a qual se refere Orlandi. A Teoria do Discurso nunca é empregada da mesma maneira nas pesquisas, como uma receita de bolo. “O arcabouço teórico [da AD] nunca é o mesmo, nunca está pronto para ser ‘utilizado’, ele é, de fato, construído juntamente com a análise, a partir das questões de interesse e das indagações do analista acerca de seu objeto” (NOBLE, 2016, p. 28).

Tal gesto de análise se torna possível pela construção de um dispositivo teórico e de um dispositivo analítico, existentes sempre em paralelo. São as ferramentas das quais dispõe o analista para compreender o funcionamento discursivo e podem ser resumidos de forma básica em: dispositivo teórico como as noções teóricas da AD; dispositivo analítico como a mobilização de determinadas noções em razão de uma pesquisa específica (ORLANDI, 2005).

A construção dos dispositivos também corresponde a um gesto de interpretação, pois “todo discurso é parte de um processo mais amplo que recortamos e a forma do recorte determina o modo da análise e o dispositivo teórico da interpretação que construímos” (ORLANDI, 2005, p. 64). Pela mesma razão o dispositivo analítico varia em forma.

O aparato teórico desta dissertação corresponde ao desenvolvimento de noções da AD por autores como Pêcheux (1990; 1975 apud ORLANDI, 2005; 1990); Orlandi (2007); Gallo (2012), entre outros. São elas: Autoria; Formação Discursiva (FD); Posição-Sujeito (PS); Interdiscurso; Paráfrase e Polissemia; Resistência. Para além de um nível teórico, estas noções são pensadas também em relação ao objeto empírico analisado, constituindo-se aí o dispositivo analítico.

Considerando novamente o movimento constante que se faz entre teoria e *corpus* na prática na AD, é mais adequado não estruturar a dissertação em momentos distintos para a

explicação das noções teóricas e a aplicação delas no objeto empírico. Por isso, haverá detalhamento sobre cada uma das delas conforme elas forem emergindo da análise, que se desenvolve nos próximos capítulos.

3 CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO DISCURSO DE CENAS LAMENTÁVEIS

Antes de iniciar as análises sobre a produção de sentido em Cenas Lamentáveis, convém inferir sobre as suas condições de produção, isto é, as circunstâncias em que o discurso da página é produzido. Elementos exteriores aos textos postados ali impactam no sentido que circula nos *posts* e comentários, e fazem parte do processo referido por Orlandi (2005) como passagem de superfície linguística para objeto ideológico, compreendendo o texto para além do que está explicitamente verbalizado nele.

Noble (2016) e Ávila (2009) consideram duas instâncias possíveis: um contexto mais imediato, empiricamente observável da produção de um discurso; e um contexto amplo, em que condições sócio-históricas e ideológicas impactam os dizeres. Estes entendimentos partem da concepção da discursividade como processo nunca fechado em si: dois textos gramaticalmente idênticos podem ter significados distintos dependendo dos lugares sociais em que são produzidos, e com base nas relações que estabelecem com discursos anteriores. Esta é parte da conceituação de Noble (2016), resgatando o pensamento de Pêcheux sobre relações de força e de sentido presentes na discursividade.

Este capítulo aponta para as circunstâncias em que é produzido o discurso de Cenas Lamentáveis, a saber: as formas de comunicação na internet; o discurso do humor; o discurso sobre futebol e o discurso sobre gênero. Estas quatro “esferas” têm relevância na produção de sentido dos administradores e dos seguidores de CL, sendo possível observar implicações imediatas (registros no próprio *corpus* de pesquisa) e de origem ideológica (ao se conferir historicidade ao sentido que ali circula).

As especificidades da Internet, e em particular do Facebook, são os primeiros tópicos destacados por serem bastante elementares da comunicação de CL – por se tratar de uma *fanpage*, é esperado que a sua comunicação seja pautada pelas formas de sociabilidade próprias das redes digitais, e mediada pelas ferramentas tecnológicas do aparato digital. Por isso que analisar o podcast, o site, ou eventos ao vivo de Cenas Lamentáveis seriam experiências bastante distintas, devido aos diferentes suportes para estas comunicações.

Durante o processo de análise (e principalmente após o exame de qualificação), o humor foi identificado como importante mecanismo pelo qual Cenas Lamentáveis produz sentido, passando a ser considerado então condição de produção do discurso de CL. A maioria dos *posts* analisados é humorístico, portanto, abriu-se espaço para tratar dos pormenores desse tipo de texto, com respaldo de autores que o estudam a partir de um viés discursivo.

Depois, talvez o mais óbvio em uma pesquisa sobre a comunicação entre torcedores, os discursos sobre futebol. Os vieses mobilizados aqui são o do futebol como destacada produção cultural brasileira, e os dizeres sobre gênero dentro deste esporte. Pode-se apenas aí perceber se alguns jargões – “futebol é a identidade Brasil” ou “futebol é coisa de macho”, ficando apenas no mais óbvio – são mobilizados pela *fanpage*, ou se há renegociação de certos saberes em seus discursos.

E, por fim, são considerados também alguns entendimentos sobre gênero e sobre masculinidades. Coloca-se em discussão o que será chamado de um discurso “tradicional” sobre estes temas, identificando temas e afirmações recorrentes, as tensionando com referencial teórico da área, para em seguida observar de que maneiras este discurso “tradicional” reverbera na produção de sentido de Cenas Lamentáveis.

Estas condições estão separadas em diferentes blocos, cada um com uma subseção correspondente, apenas para finalidade de clareza textual. Eles não devem ser entendidos como “universos isolados” entre si, pois incidem sobre as outras. É possível que as formas de apreensão textual na internet modifiquem as piadas que são ali postadas; assim como por meio do humor pode emergir um discurso inesperado sobre futebol, enfim. Pela mesma razão, quando conveniente, se fará o ir-e-vir entre os assuntos Internet, humor e futebol, tendo gênero como elemento transversal, e apresentando eventuais análises de Sequências Discursivas.

3.1 PARTICULARIDADES NA PRODUÇÃO E CIRCULAÇÃO DE TEXTOS NA INTERNET

Cenas Lamentáveis está inserida em um contexto tecnológico/comunicacional de comunicação mediada por computador, que oferece ferramentas para que seja criado um espaço para interações sobre as transformações socioeconômicas do futebol. A interação e a criação de laços com sujeitos geograficamente distantes ocorridas ali fazem parte do cotidiano da maioria das pessoas e é a lógica básica de funcionamento de plataformas como WhatsApp ou Facebook, populares entre os brasileiros. Quase duas décadas atrás, Castells (2001, p. 1) referia a internet como o “tecido de nossas vidas”²⁸, comparando-a a eletricidade da era industrial, dado seu protagonismo na organização das sociedades.

²⁸ “*The internet is the fabric of our lives*”, no original em inglês.

A internet se estrutura na forma de redes, compostas por nós e por relações entre nós – no caso das redes na internet, atores e conexões (RECUERO, 2009). Essa metáfora das redes como forma de estruturação tem origem da matemática, muito antes do surgimento dos computadores. Ela se potencializou com os avanços tecnológicos e passou a ser a forma primária de organização da sociedade devido à necessidade de flexibilização de empresas e globalização do capital; demanda de comunicação aberta entre as pessoas; e justamente pelos avanços na computação e na comunicação digital (CASTELLS, 2001).

Para melhor explicar a *fanpage* que analiso, interessam especificamente os dois últimos tópicos citados por Castells no parágrafo anterior, os avanços na computação e a comunicação digital. Eles estão relacionados a uma camada importante da “cultura da internet” traçada pelo autor, a das comunidades virtuais. Foram os primeiros usuários a se apropriarem da tecnologia para finalidades sociais, prezando pela comunicação livre e horizontal em suas interações, e pelo *networking* – a capacidade de cada sujeito encontrar um grupo adequado aos seus interesses, ou ele mesmo criar esse espaço.

Há diferentes conceitos possíveis para comunidades virtuais; e mesmo certo debate sobre o uso do termo “comunidade”, que se originou na Sociologia para dar conta de associações entre seres humanos fisicamente próximos (RECUERO, 2009). Conceituações à parte, considero válido compreender a CL como grupo cuja sociabilidade se dá pela comunicação mediada por computador, que gera relações e laços sociais entre atores e onde há conexões e interesse partilhados pelos participantes.

As relações entre atores se originam no conteúdo postado pela página – fotos, vídeos e textos que ilustram a saudade pelo “futebol clássico” e o descontentamento com as transformações pelas quais o esporte (e a sociedade como um todo) vem passando. Existem uma série de códigos culturais próprios criados no interior da *fanpage*, que mediam a forma como os sujeitos se articulam à ideia da contrariedade ao futebol moderno.

Traços da existência destes códigos podem ser observados no comentário abaixo, apresentado como Sequência Discursiva. O tema é o lançamento de uma música de Wesley Safadão em parceria com Ronaldinho Gaúcho²⁹. Foi publicado em 2016 e teve 902 reações. A canção fala sobre temas “típicos” na trajetória de Safadão, como a desilusão amorosa e a volta por cima depois de um relacionamento que deu errado. A solução para se recuperar do coração partido é o consumo de bebida alcoólica e a participação em festas – atividades pelas

²⁹Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=I6KGsgkarJs>. Até a data de acesso (01/07/2019), a música tinha mais de 150 milhões de visualizações.

quais Ronaldinho Gaúcho é conhecido³⁰. “Meus amigos, voltei” é o primeiro verso da música, em que Safadão anuncia sua volta à “gandaia”.

SDC 1 Confrades, uma música lançada em plena quinta feira por bruxodinho e safadão
?! Sinto cheiro de quebra de decreto! MEUS AMIGOS VOLTEI (902 reações; 2016)

O tema da página, o futebol tradicional, está presente pela referência ao “Bruxodinho” – o ex-meio-campista Ronaldinho Gaúcho, ex-Barcelona e Seleção Brasileira. O jogador é reverenciado pela página e por seus seguidores por ser irreverente e representar um passado de glórias da Seleção Brasileira. O tema será mais aprofundado em análises específicas sobre os elementos futebolísticos da *fanpage*, nos próximos capítulos da dissertação. Por hora, é suficiente destacar que Ronaldinho Gaúcho representa as concepções de futebol defendidas por Cena Lamentáveis.

“Confrade” e “quebra de decreto”³¹ invocam outra região de sentido: são palavras de um “dialecto” específico da página, que denotam uma sensação de pertencimento por meio do consumo de narrativas desenvolvidas no interior da rede social. Consumo é construção cultural, e necessariamente comunicacional, por ocorrer por meio da linguagem. Através dele se expressa “[...] pertencimento, exclusão, subjetivação, dentre tantos outros [sentidos] [...]” (AIRES, HOFF, 2012, p. 13).

O uso de expressões como “confrade”, “decreto”, ou qualquer outra desconhecida por *outsiders* da *fanpage* comunica a identidade de participante do grupo e de sujeito identificado com os seus saberes – consumir e produzir sentido dentro do grupo é o modo pelo qual o efeito de pertencer àquela comunidade transparece. (BACCEGA, 2012; GARCÍA-CANCLINI, 2015). Nesta produção de sentido, identidades são criadas e negociadas pela interação entre os sujeitos, participantes ativos do processo comunicacional.

Por intermédio do “conjunto de práticas socioculturais em que se realizam a apropriação e uso dos produtos” (GARCÍA-CANCLINI, 2015, p. 61), revela-se “[...] a identidade do sujeito, seu ‘lugar’ na hierarquia social, o poder de que se reveste. Como os meios de comunicação, o consumo também impregna a trama cultural” (BACCEGA, 2012, p. 260).

³⁰Exemplo de reconhecimento da vida noturna de Ronaldinho Gaúcho: <https://www.uol/esporte/especiais/os-causos-e-as-baladas-de-ronaldinho-gaucha.htm>. Acesso em: 17/06/2019.

³¹ O decreto Cenas Lamentáveis será detalhado no próximo capítulo, em que a produção discursiva da página será explorada mais à fundo.

Os produtos consumidos aqui são bens culturais e comunicacionais: como o discurso que dá origem a esse dialeto próprio, materializado nos textos dos *posts* e comentários nos quais as expressões se originam; e posteriormente a sua incorporação ao cotidiano da *fanpage*. Deste modo, o consumo é um ordenador social (GARCÍA-CANCLINI, 2015) do grupo. Tanto pelo consumo de sentido relacionado ao “futebol clássico” (o tema que articula a *fanpage*), quanto pela sensação de pertencimento a uma comunidade contrária ao futebol moderno.

O funcionamento do comentário apresenta ainda o “gesto social” que conecta diferentes atores (AMARAL, 2016, p. 173), presente, por exemplo, nas 902 reações. E ao destacar o “dialeto CL” nesse comentário em particular, se fala de relações sociais estabelecidas pelo “conteúdo e a apropriação deste [...] [e] pelo contexto, experiências partilhadas e interesses comuns”.

Amaral (2016, p. 175) considera o conteúdo como o principal “articulador” das interações estabelecidas na internet na atualidade, em um movimento de evolução natural. Para ela, “as novas aplicações e serviços centram-se não exactamente no utilizador mas antes na distribuição e agregação do conteúdo que este produz, partilha e reproduz”. Boyd e Ellison (2013) partilham da mesma visão. Segundo as autoras, em sites de redes sociais, como o Facebook, o fluxo de informações produzidas por usuários e compartilhadas entre seus pares é mais central do que as conexões particulares de cada um (a lista de amigos, por exemplo).

Tal contexto altera as próprias noções de “produtor” e de “consumidor” de conteúdos na Internet. Com a disseminação de ferramentas que permitem a produção de conteúdo por todos os atores, não existe mais a figura de um consumidor passivo, já que a atual conjuntura das redes sociais digitais permite e incentiva a interação com aquilo que é criado por outros sujeitos.

As noções de Amaral (2016) e Boyd e Ellison (2013) sobre as transformações nas práticas de consumo na internet foram essenciais para a formulação do *corpus*. Não dei tratamento analítico, teórico ou metodológico diferenciado para as postagens dos administradores da página em relação aos comentários, por entender que em essência elas são práticas semelhantes de produção de sentido. A única exceção é que os administradores congregam usuários em torno de seu conteúdo.

O termo recorrentemente utilizado por Amaral, Boyd e Ellison é “conteúdo”, mas pode-se realizar um deslocamento teórico para tratar a internet como espaço para produção de sentido por sujeitos. Tijiboy e Machado (2005, p. 2) tratam da “circulação de informação, vínculos e discursos sociais”. Bastos et al (2017) consideram as redes sociais como espaço

que possibilita produções e tomadas de posição diversas; Lage (2017) considera a internet como um lugar em que os sujeitos criam, recriam e fazem circular discursos.

Os discursos produzidos atendem às condições de produção da própria internet, e suas materialidades “são parte de uma massa quantitativa de dados [que] constitui o modo das relações entre os sujeitos” (DIAS, 2015, p. 976). Isto não implica apenas em uma mudança de “suporte”, do texto em papel para o texto digital, porque também envolve mudanças profundas nas formas de produção, acesso e leitura dos discursos, atreladas à velocidade, acesso, tempo e interatividade (BASTOS et al 2017).

Para Dias (2015), algumas das particularidades dos discursos nas redes digitais são temporalidade; instabilidade; dimensão e heterogeneidade; autoria e leitura dispersiva. Bastos et al (2017, p. 16) creem que “a mudança nas condições de produção resulta em outra produção de sentido, de significados, de relações dos sujeitos com a exterioridade”. Isto se dá devido às possibilidades de formulação dos sentidos que ocorre na Internet; o modo pelo qual os sujeitos tomam posição em relação ao conteúdo; e à comunicação horizontal na Internet.

Os autores percebem deslocamentos semelhantes ao analisar discursos sobre homofobia e direitos humanos. Cada sujeito tem a sua própria interpretação sobre as postagens da página, e pode expressar-se livremente. Assim podem emergir tópicos que não são necessariamente “protagonistas” em dado contexto. A própria Cenas Lamentáveis também faz isso, ao deslocar o olhar dos interesses corriqueiros do esporte – notícias sobre contratações, resultados de jogos etc. – para gerar engajamento com pautas “diferenciadas” e curiosas, como as de Ronaldinho Gaúcho.

Um exemplo de deslocamento proposto por um seguidor é representado na SDC 2, um comentário em um vídeo em que Ronaldinho Gaúcho aparece bêbado na cozinha da casa de algum amigo. Ele utiliza os mesmos elementos que garantem identificação ao grupo pelo consumo, em especial a identificação com o tema da *fanpage*, mas propondo um deslocamento do olhar sobre o Bruxo, ao considerar negativa a sua relação com o álcool.

SDC 2 Video do fera breaco uma vez ou outra beleza, quem não fica de porre de vez em quando ne? É engraçado, a gente ri. Mas postar sempre já fica apelativo. Pior ainda é sempre a legenda enobrecendo o fato do mestre estar bêbado. Ah, e já repararam que sempre há ‘alguém(s)’ do lado dele tirando onda com a situação? Não criem um novo Garrincha. (23 reações; 2018)

O sujeito que escreveu o comentário é fã de Ronaldinho Gaúcho (“o mestre”), entende o valor cômico do vídeo (“é engraçado, a gente ri”), mas não é favorável sobre compartilhar o discurso do gênio-boêmio (“postar sempre fica apelativo; “‘alguém(s)’ do lado tirando onda”). Aqui se expressa a polissemia existente na Internet, conforme Bastos et al (2017), ou seja, a possibilidade de haver múltiplos sentidos; de haver deslocamento e atribuição de novo significado.

O ator tem domínio sobre as ferramentas técnicas do Facebook e por isso consegue produzir textos a partir de outro olhar, invocando elementos familiares aos seguidores da página, como a frase “Não criem um novo Garrincha”, que alude a sentido que não está diretamente no texto, mas é próximo de brasileiros fãs de futebol.

Garrincha foi um dos maiores jogadores da Seleção Brasileira. O atacante de pernas tortas também fazia “magia”, como o Bruxo Ronaldinho. Conquistou diversos títulos com o Botafogo e duas Copas do Mundo com a Seleção Brasileira. Assim como o “Bruxo”, tinha os holofotes voltados para sua vida fora de campo, em um período (décadas de 1950-1980) em que a midiatização era muito mais incipiente. Alcoolatra inveterado, morreu vítima de cirrose e “esquecido” pelo grande público após seu declínio como futebolista profissional.

Há diferentes modos pelos quais a expressão dos sujeitos pode repetir um sentido ou promover deslocamento neles. Para Dias (2015), estas são condições de produção da internet, a dimensão e a heterogeneidade. Não existem limitações físicas quanto aos textos disponíveis no meio digital, de modo que há virtualmente infinitas textualidades em circulação; e eles são produzidos através dos gestos de interpretação de diversos atores que se comunicam naquele mesmo espaço, o que resulta nas possibilidades de se identificar com um discurso, ou de romper com a significação proposta por ele. Ou seja, um determinado dizer pode ser

[...] comentado, discutido, questionado, desmentido, replicado, marcando a possibilidade de outras inscrições que sejam iguais ou diferentes [...] já que as filiações ideológicas que constituem o(s) dizer(es) [...] sempre são passíveis de serem outras, visto que as relações com a memória e os sentidos também podem vir a serem outras. (BASTOS et al 2017, p. 15)

Na *fanpage* analisada, essas dinâmicas se dão dentro de um contexto de uso social da tecnologia, (CASTELLS, 2001; LAGE, 2017), resultante das “[...] dinâmicas sócio-técnicas que se desdobraram em milhões de pessoas abraçando a tecnologia e a usando para colaborar,

compartilhar informação e socializar” (BOYD, ELLISON, 2013, p. 10)³². Neste cenário, surgem os sites de rede social, ambientes específicos para a comunicação entre sujeitos.

Para Boyd e Ellison (2013), práticas que antes eram restritas a grupos com interesses específicos passaram a ser amplamente difundidas a partir dos anos 2000, como a participação em jogos e chat online. As comunidades virtuais, que existiam desde antes desse momento de “web 2.0”, também se tornaram *mainstream*.

É neste contexto que surgem os sites de redes sociais (daqui em diante SRS), não como uma “descoberta”, mas como consequência natural da apropriação social das tecnologias de internet no contexto da web 2.0 (RECUERO, 2009). Os SRS inclusive se apropriam de formas anteriores de comunicação mediada por computador, como a criação de grupos de interesse; a descrição textual; e a comunicação síncrona (em tempo real) e assíncrona (respostas não-simultâneas) (BOYD, ELLISON, 2013).

À época do estudo de Recuero, um dos principais diferenciais das SRS para as outras formas de comunicação mediada por computador era a publicização das conexões dos usuários (como a lista de amigos); a interação com as conexões (navegar pela lista de amigos de algum contato); e alterar as conexões existentes (adicionando ou excluindo algum contato da lista de amigos).

Esta também é uma das bases da primeira definição de SNS de Boyd e Ellison (2007). Naquele momento a estrutura dos sites era voltada para as conexões dos usuários. Portanto, definiram sites de redes sociais como serviços que permitem: 1) construir um perfil público ou semipúblico; 2) conectar-se com outros usuários; 3) ver e atravessar a sua lista e a de outros.

Com a “virada” na estruturação das redes sociais na Internet, obviamente os sites que dão suporte a estas redes também se adaptaram à maior centralidade da produção de sentido dos usuários, deslocando a publicização das redes sociais a um papel de certo modo secundário. Há o entendimento de aspectos mais sociais e interativos na construção de laços sociais entre sujeitos, uma vez que

[...] no meio digital, sujeitos diretamente conectados podem acessar o que é dito por outros indivíduos em outras redes, sendo capazes de comentar a informação. Ou seja, atores que não se conheciam ou que não estavam conectados entre si podem decidir conectar-se por meio da trocas na comunicação. Isso geralmente acontece quando o sujeito-usuário busca informações na interface, uma vez que os algoritmos do Facebook, por exemplo, estão programados para nos mostrar no feed de notícias

³² Tradução minha. Texto original em inglês: “[...] socio-technical dynamics that unfolded as millions of people embraced the technology and used it to collaborate, share information, and socialize”.

e nos fazer ter consciência apenas das redes com as quais temos alguma relação. LAGE, 2017, p. 39

O site de rede social (no caso, o Facebook) interfere nas redes existentes entre usuários e de quais grupos de interesse ele participa a partir da comunicação do usuário, que interage com outros conteúdos (sentidos) a partir das ferramentas disponibilizadas pela plataforma.

Os sites, inclusive, se organizam de modo a eliminar barreiras para o consumo/produção de sentido que lá circulam. A principal mudança é a comunicação e os sentidos gerados por usuários serem o “motor” da comunicação e da partilha de informações que já acontecia nas redes. A definição reformulada de Boyd e Ellison (2013) de sites de redes sociais dá conta dessa mudança no fluxo das informações na rede, agora mais centrada na produção de sentido dos atores:

Um site de rede social é uma *plataforma de comunicação em rede* nas quais os participantes 1) tem *perfis identificados unicamente* que consistem em conteúdo provido pelo usuário, conteúdo provido por outros usuários, e/ou dados a nível de sistema; 2) podem *publicamente articular conexões* que podem ser vistas e navegadas pelos outros; e 3) podem consumir, produzir ou interagir com *streams de conteúdo gerado por usuário* provido por suas conexões no site (Tradução minha. Grifos das autoras). BOYD, ELLISON, 2013, p. 8³³

Os atores são relativamente livres para criar seus perfis, interagir com os demais e produzir discursos que alimentam *feeds* de notícias, comunidades virtuais, comentários em outras publicações, enfim. Mas o fazem de acordo com o que a plataforma permite (LAGE, 2017). Eles devem se adequar às linguagens utilizadas na rede, às políticas de uso e privacidade, e às ferramentas comunicacionais disponíveis em cada site.

Um dos SRS mais populares da atualidade é o Facebook. Ele foi criado em 2004 e se expandiu e mudou de configuração diversas vezes, deixando de ser um espaço para alunos da universidade de Harvard para tornar-se um gigante midiático, dono de outras plataformas tão populares quanto, como WhatsApp e Instagram. Em 2018 alcançou a marca de 127 milhões de usuários no Brasil³⁴, o que configura o país como um dos principais mercados consumidores do mundo.

Lage (2017) estabelece uma rápida cronologia da implementação de funcionalidades do site: em 2006 pessoas de todo o mundo passaram a ter acesso; no mesmo ano foi

³³ Texto original, em inglês: “A social network site is a networked communication platform in which participants 1) have uniquely identifiable profiles that consist of user-supplied content, content provided by other users, and/or system-level data; 2) can publicly articulate connections that can be viewed and traversed by others; and 3) can consume, produce, and/or interact with streams of user-generated content provided by their connections on the site”.

³⁴Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/tec/2018/07/facebook-chega-a-127-milhoes-de-usuarios-mensais-no-brasil.shtml>. Acesso em: 21/06/2019.

implementado o *feed* de notícias – a página inicial do site, com informações personalizadas que o algoritmo do site julga relevantes para cada usuário; e em 2007 são criadas as *fanpages*, espaços dentro do site que agrupam sujeitos interessados por algum tema específico, que interagem com conteúdos postados por administradores, e com outros usuários que curtem a página.

Na visão de Recuero (2014, p. 114), estas e outras ferramentas disponibilizadas pela plataforma são apropriadas e reinventadas pelos usuários, que são motivados pelo interesse em produzir sentidos e se comunicar. O Facebook, “[...] como muitos sites de rede social, é uma ferramenta apropriada simbolicamente para construir o espaço social no cotidiano dos atores, gerando práticas que ressignificam seus usos”.

Por questões óbvias, me interessa mais detalhar o funcionamento das *fanpages*, uma das principais formas de construir comunidades virtuais no Facebook. Lage (2017) as entende como os espaços “mais públicos” do Facebook, por onde é possível captar traços do comportamento online dos sujeitos. Estas páginas produzem conteúdo (discursos), que geram engajamento dos usuários e “ensina” ao algoritmo do sistema quais são os temas pelos quais cada ator se interessa.

As “interações entre os atores sociais” que geram esse capital são mediadas pelo suporte da rede. No caso do Facebook, ocorre principalmente por meio das ações ‘compartilhar’, ‘curtir’, e ‘comentar’, cada uma correspondendo a um nível diferente de engajamento e de identificação com determinada publicação, e atendendo a funções diferentes dentro do site de rede social. (RECUERO, 2014; LAGE, 2017).

O compartilhamento é uma divulgação orgânica de conteúdo. Os sujeitos podem mostrar para as pessoas com as quais está conectada publicações que ele ache interessantes ou relevantes. Um sujeito que não curta Cenas Lamentáveis pode visualizar suas postagens mesmo que ele próprio não curta a página, por exemplo, bastando que tenha um amigo que compartilhe as postagens. Logo, o ato de compartilhar implica participação ativa no fluxo de informações na rede social (RECUERO, 2014).

Curtir é o nível mínimo de engajamento com determinada postagem, pois não requer que o usuário produza algum sentido, porque basta que ele clique no botão. É uma forma de apoiar e dar visibilidade a um sentido, logo dando-lhe apoio e visibilidade, e uma forma mais sutil de expor seus posicionamentos do que o compartilhamento. Em 2016 esta opção foi desdobrada em “reações”, que permitem expressar diferentes sentimentos, dentro da mesma lógica de funcionamento da curtida.

Os comentários são a forma mais ativa de participação do usuário nas interações sociais que ocorrem na rede social e a que requer maior grau de engajamento. A partir de um texto fonte (uma postagem de *fanpage* ou sujeito, ou outro comentário), um sujeito pode enviar textos para a plataforma. Este é o modo mais evidente de produção de sentido por parte dos sujeitos que a rede social. Os comentários podem ser curtidos (atribuindo maior representatividade a comentários que julguem mais relevantes) e respondidos, ocasionando “conversas paralelas” ao texto fonte.

Curtir, comentar e compartilhar altera as condições de acesso e de leitura aos textos. Isso é incorporado pelo próprio algoritmo do Facebook, que por padrão exibe comentários “mais relevantes” primeiro em uma publicação de qualquer *fanpage*. São os comentários com mais visualizações, reações e respostas, e aqueles postados por amigos, com objetivo de “personalizar” a informação a partir do que a máquina julga mais relevante para cada ator (LAGE, 2017). Em termos discursivos, Dias (2015) sistematiza esse processo nas condições de produção de temporalidade e de leitura dispersiva.

A temporalidade diz respeito à atualização dos arquivos pelo acesso. Ao comentar uma postagem no Facebook, ela se atualiza na linha do tempo, e contribui para que seja exibida “no topo” de comentários que geraram menos engajamento. Ocorre então um processo de “leitura dispersiva”, comum à comunicação na internet. É um ritmo próprio de leitura de texto, já que na internet não é necessário navegar por conteúdos em ordem cronológica – até porque, devido à temporalidade, essa ordem também é subjetiva e passível de alteração.

Por fim, segundo Dias (2015) e Gallo (2012), a apropriação desses modos de comunicação no Facebook é instável: pode-se retirar a curtida, alterar uma reação, ou reescrever um comentário (neste caso é possível visualizar o histórico de edições). Inclusive por isso optei por coletar todos os comentários publicados, mesmo sabendo que a maioria seria descartada por não ser relevante para responder à minha pergunta de pesquisa.

É uma solução relativa para alguns problemas: por um lado, acredito ter evitado a influência dos filtros da rede na construção do *corpus*, e por consequência nas análises. Por outro, é impossível dar conta da instabilidade do *corpus*, e medir a influência dos filtros nos sujeitos que estou analisando, já que eles próprios dependem da personalização do conteúdo para interagirem com a informação na rede.

Esse recorte de utilizar o engajamento para medir as conversas “mais relevantes do grupo” se sustenta pela relação parafrástica observada entre *posts* e comentários; e entre comentários e outros comentários. Percebo uma “cumplicidade” dos comentaristas em relação aos administradores, e aos próprios comentaristas. O que quero dizer é que há concordância

entre si – com exceções. Logo, mesmo que fossem outros textos ali, os discursos seriam os mesmos, nessa ordem de repetição.

3.2 HUMOR E OS “DISCURSOS PROIBIDOS”

O humor é uma das principais maneiras pelas quais Cenas Lamentáveis se comunica com seus seguidores. De um modo ou de outro, boa parte dos *posts* produzidos têm finalidades cômicas, seja por meio de vídeos de situações engraçadas/curiosas, seja por meio de humor mais sutil e irônico, ou mais explicitamente com piadas envolvendo futebol. O mesmo ocorre nos comentários, onde frequentemente os seguidores não levam sempre à sério as discussões propostas pelas postagens.

O tema foi estudado por diferentes áreas do conhecimento, como a Filosofia e a Psicologia. Nesta dissertação, por óbvio, interessam as entradas no humor pela teoria do discurso, com autores como Possenti (2007) ou Ávila (2009), mas também ponderações teóricas advindas de outras áreas, como da Literatura. Mediante estes diálogos, espera-se poder estudar o cômico dentro das suas especificidades e desvendar de que maneiras produz sentido na *fanpage* analisada.

Segundo Ávila (2009), considerações sobre o riso remontam à Antiguidade. Para Aristóteles, o ser humano ri do que é vergonhoso, feio ou baixo. Platão acreditava que o riso estava ligado à reprovação a um vício, enquanto retóricos latinos afirmavam que o riso é fruto de temas inconvenientes. Na Renascença, passa a ser relacionado ao sarcasmo e ao desprezo. Para humanistas, o riso está relacionado à felicidade e ao prazer, mas também ao sarcasmo e a uma mudança brusca de expectativas.

Em resumo, o riso é provocado pelos “defeitos dos outros, do ridículo, do exagero etc., que estão relacionados ao ‘conteúdo’ dos textos humorísticos”, ou pela “surpresa, novidade, desvio do esperado” (ÁVILA, 2009, p. 7-8). Este “desvio do esperado” fica bastante marcado nos casos das piadas, textos humorísticos particulares em que a ambiguidade é um dos mecanismos que “aciona” o riso. Como se verá adiante, não é exatamente o caso de Cenas Lamentáveis, onde o humor se dá de modos diferentes.

No século XX, um dos teóricos que se interessava pelo humor foi Freud, que via nos chistes, trocadilhos, humor *nonsense* etc. material para compreender o inconsciente. Uma das “modalidades” humorísticas encontradas por ele é o chiste tendencioso, que tem por finalidade expor ao ridículo aquilo que em outras circunstâncias detém algum poder (ÁVILA, 2009). Em Cenas Lamentáveis, isto ocorre pelo próprio ato de depreciar um suposto discurso

corrente na indústria do futebol (o tal do “futebol moderno”), o expondo ao ridículo, para atribuir qualidades a outro discurso (que aqui pode ser entendido como “futebol tradicional”).

Inferências desta natureza vão ao encontro do que afirma Propp (1992) sobre a comicidade e sobre o riso: o efeito cômico é criado a partir da linguagem; está vinculado ao homem, e pode ser uma forma de resistência a determinadas forças em ação na sociedade. O russo considera nestas definições tanto o cômico quanto o ridículo, e os observa a partir de exemplos da literatura e da arte. Devido a um conjunto particular de características do cômico, o autor sugere que o humor seja estudado como gênero próprio, não em contraponto ao trágico.

Nesta perspectiva, o riso pode assumir diferentes características e ser acionado por uma série de diferentes mecanismos. Exemplos são os risos de deboche, de simpatia, irônico, ocasionados por exageros, por paródias, por representações físicas ou intelectuais, enfim. Em comum, têm a própria incompletude do sujeito como fonte de riso: “[...] o próprio homem, ou coisas de sua criação que refletem algum defeito da natureza humana, cuja vida física, moral e intelectual pode tornar-se em objeto de riso” (AZEVEDO, 1996, p. 12).

As Sequências Discursivas destacadas abaixo demonstram dois tipos de risos frequentes em *Cenas Lamentáveis*: a zombaria, direcionada ao futebol moderno, e o riso simpático para com elementos do “futebol tradicional”. A SDC 3 é um comentário em uma postagem que compilava as brigas ocorridas em um jogo entre River Plate e Boca Juniors, publicada em 2015. A SDC 4 é referente ao vídeo em que Ronaldinho Gaúcho aparece “loucasso” na cozinha com um amigo. Ambas não se tratam de ridicularizações exageradas; são criadas representações humorísticas por meio da ironia. Na SDC 3, está em “quem não aguentar saia e vá tomar sopa”; e na SDC 4, em “sua (bela) face”.

SDC 3 Jogo pra homem, quem não aguentar saia e va tomar sopa ... (15 reações; 2015)

SDC 4 Num país sério, teríamos uma estátua desse homem em Brasília e a sua (bela) face estaria estampada nas notas de 100 reais... (2117 reações; 2018)

A SDC 3 aparenta ter por objetivo “atacar”, por assim dizer, determinados tipos de fãs de futebol – aqueles que não fazem parte dos saberes destacados no vídeo das brigas entre River Plate e Boca Juniors. Este sujeito é alvo da ironia do comentarista: se não aguenta se engajar com a potencialidade de violência que por vezes há no futebol, deve estar acostumado a ambientes mais “controlados”, onde pode “tomar sopa”, isto é, prefere não ter contato com situações extremas. Existe, portanto, um antagonismo em relação a este tipo de homem, para

quem a participação no futebol seria vetada. Há, nos próximos capítulos, análises mais aprofundadas sobre esta Sequência, em razão da dinâmica de gênero e de hierarquias entre masculinidades proposta por ela: quem seriam, afinal, os homens para quem o jogo é destinado?

Na SDC 4, a ironia e o riso não demarcam a diferença – como na relação “homem de verdade” x “homem que toma sopa” representada na SDC anterior –, mas sim a semelhança. A ridicularização da “feiura” de Ronaldinho Gaúcho é um elemento pelo qual o leitor é convidado a ser simpático. São feitas menções aos seus traços físicos (a *bela face*), com objetivo de enaltecer a sua não adequação a padrões do que é considerado bonito, invocando uma visão caricata, mas sem expor completamente ao ridículo. O riso invocado aqui não é de zombaria a um “outro” (como o “homem que topa sopa”), e sim de pertencimento (“apesar de feio, ele é como nós”; “teríamos uma estátua” etc).

Nos dois casos, elementos relacionados ao ser humano são o ponto de partida do humor: engajar-se ou não em atividades brutas; e características físicas do personagem. Este aspecto inerentemente humano também é destacado por Bergson (2001, p. 2-4, grifos do autor), na Filosofia. Esta é, inclusive, a primeira de suas postulações sobre o significado do riso. Na sequência, o autor afirma que há uma “*insensibilidade* que ordinariamente acompanha o riso”. No exemplar do livro que li, algum leitor anterior deixou uma pertinente nota escrita à lápis: “o riso não está nem aí pra nada”. Isto pois transforma cenas e situações que normalmente seriam dramáticas ou trágicas em cômicas. Por fim, para Bergson, “nosso riso é sempre um riso de grupo”, de modo que determinada situação cômica deve ser considerada dentro dos contextos sociais de sua criação, já que o riso não é nunca uma atividade solitária.

Estas considerações mostram-se ainda verdadeiras e podem ser observadas empiricamente no *corpus* de pesquisa, inclusive nas SDC 3 e 4, analisadas anteriormente. Já falei do aspecto inerentemente humano do humor, primeiro ponto de Bergson. Em segundo lugar, as duas Sequências mobilizam o “insensível” do riso por criarem humor a partir de tópicos considerados, no mínimo, controversos: falar que alguém é “fresco” e que por isso o futebol não é para ele, como ocorre na SDC 3, é considerado machista; assim como as normas sociais pedem para que não se caçoe da aparência física de alguém. Apesar de tudo, estes temas causam o riso em alguns grupos, e estes discursos passam a ser aceitos dentro do texto humorístico. É semelhante à explicação de Possenti (2007) sobre as piadas de loiras: são discursos grosseiros e desencorajados se ditos “normalmente”, mas que encontram respaldo dentro da técnica humorística.

O aspecto social do riso frisado por Bergson está, nas Sequências Discursivas, na possibilidade de se imaginar “grupos” atingidos por cada um dos comentários. O primeiro texto sugere a existência de distintos grupos de homens: aqueles para o qual o futebol é destinado (“nós”) e os que tomam sopa (“eles”), sendo evidente qual é valorado positivamente e qual é ridicularizado. No segundo comentário, há apenas um grupo social, aquele representado por Ronaldinho Gaúcho, e que presumivelmente faz parte da *fanpage* analisada.

Há ainda na comicidade de Cenas Lamentáveis um contexto cultural mais amplo, relacionado ao futebol, conforme observa Gastaldo (2006b). No relato de sua pesquisa em um bar de Porto Alegre, o autor conta um “causo” de um homem que ameaçou dar uma cadeirada em um rival, durante as provocações e brincadeiras corriqueiras daquele momento de socialização. Em sentido literal, é um ato de potencial agressão, mas ninguém interpretou daquele modo – “levaram na esportiva”, como se costuma dizer, apesar de um funcionário ter advertido o grupo. O ato foi considerado “inofensivo” porque estava dentro da lógica do humor e da “zoeira” com seus iguais. Neste caso específico, há também certa permissividade garantida pelo futebol, em que a ameaça à honra faz parte de uma série de desafios aos quais homens são convidados a participar.

Estes contextos importam para compreender o sentido que circula em Cenas Lamentáveis, mas também para os entendimentos do funcionamento do discurso humorístico. Possenti (2007) e Ávila (2009) destacam que o humor sempre está centrado em assuntos tensos na sociedade, sobre os quais há certa instabilidade. Entre os exemplos estão as piadas que brincam com algum preconceito (como questões de raça/gênero), ou os textos que questionam instituições ou normas sociais (a tiração de sarro com religiões, políticos, professores, entre outras figuras de autoridade). Por meio do humor pode-se veicular discursos “subterrâneos”, ou “pouco oficiais” (POSSENTI, p. 26), que dificilmente seriam ditos de outras maneiras sem ser na piada ou na “zoeira”.

Esta dissertação lida com subjetividades em diversas instâncias – boa parte do quadro teórico-metodológico adotado se baseia na interpretação de fenômenos e na contraposição de diferentes leituras, e a questão do humor não é diferente. Por isso, acho necessário destinar um espaço para demarcar qual será a angulação do meu olhar sobre o humor em Cenas Lamentáveis, com base nos autores citados nesta seção. De antemão, já posso afirmar que infelizmente o processo de análise fez muitas piadas perderem a graça, como também ocorreu a outros autores que estudam o tema.

Falando da forma mais sucinta possível, considero, assim como Possenti (2007) e Ávila (2009), a existência de uma “voz social” que fala através do humor. Esta “voz” coloca em

jogo uma série de sentidos que dificilmente seriam produzidos sem o suporte do humor (ou que pelo menos seriam ditos de formas diferentes). A mesma voz que fala através das piadas reclama do atual estado do futebol, pois sendo a modernização desse esporte um tema socialmente controverso, existe ali um solo fértil para a criação de piadas, chistes, textos irônicos, entre outras formas de comicidade. E fala, também, possivelmente silenciando outros sentidos possíveis sobre o tema.

Ávila (2009) realizou percurso semelhante ao que proponho aqui, da investigação destes discursos que se desvelam a partir dos textos humorísticos. No caso dela, foi uma análise das piadas de Joãozinho. A partir de segmentos de texto, foi possível identificar imaginários a respeito de adultos e crianças, que se transmitem juntamente às piadas; uma visão de mundo acerca de figuras de autoridade, como os professores, o uso de um personagem infantil para proferir dizeres que não condizem com o mundo adulto, dentre outros resultados. No meu caso, a comicidade da página será levada em consideração no intento de compreender de que maneiras ela se relaciona as construções ideológicas sobre gênero e sobre futebol.

Por isso, em palavras curtas, eu vou muitas vezes explicar as piadas. Isto porque ao destrinchar de que maneira a piada é contada, ou inferindo sobre possíveis efeitos de sentido ali, ficam mais marcadas as relações dialógicas entre discursos humorístico-futebolístico-sobre gênero, ou questões como a estereotipagem e autoria do discurso humorístico, temas caros à AD (POSSENTI, 2007), e também úteis para solucionar a problemática desta pesquisa.

Isto requer tratar o humor a partir de dois lugares diferentes. O primeiro é ser aquele que “não entende uma zoeira”, como provavelmente diriam os sujeitos pesquisados por Gastaldo (2006b). Em diversas ocasiões, será necessário interpretar literalmente os comentários, considerando-os como se aquilo não fosse piada, para poder destacar com maior definição quais sentidos são mobilizados e problematizá-los, caso isto seja pertinente. O segundo movimento é justamente o oposto: relativizar as eventuais problematizações, considerando aqueles textos como dentro de um funcionamento muito particular, o do humor.

Por essa razão, reforço uma observação que será feita em outros momentos deste trabalho, correndo risco de redundância: não se analisará nenhum texto com “inocência” – a AD é desde sua concepção uma abordagem crítica, e neste trabalho se assumem posicionamentos bastante explícitos em relação aos temas analisados. Mas esta pesquisa também não é condenatória. São analisados apenas comentários de Facebook, muitos destes irônicos/humorísticos, insuficientes para se fazer qualquer colocação acerca dos sujeitos que os produzem. Por isso, não haverá em nenhum desta pesquisa julgamento de valor ou

malhação de Judas, do tipo “Cenas Lamentáveis é uma página sexista”. Colocações como “determinadas piadas são machistas/homofóbicas” seriam possíveis, mas também não foi o caso, visto que há no *corpus* apenas um texto de explícito preconceito.

Para tornar toda a questão mais clara, trago mais um exemplo de análise de piada de Cenas Lamentáveis, representada pela SDC 5. Ela foi postada em um vídeo em que CL lamentava a preferência de jovens por camisas de times europeus. O vídeo da postagem trazia um grupo de crianças torcedoras do Atlético Mineiro, que seriam uma exceção a esta conduta frequente entre crianças e adolescentes. A análise se dá pelo movimento de interpretação literal do sentido do texto, como forma de identificar quais sentidos sobre masculinidades e sobre uma suposta ideologia dominante “politicamente correta” em vigor em instituições como a escola e o futebol.

SDC 5 Matheus vai participar disso na escola?!?! VAI. E VAI SER ELE QUE GRITA FILÁ DA PUTA. E se tomar advertência eu assino com orgulho. (2014; 212 reações)

A SDC 5 é um comentário do vídeo das crianças comemorando a classificação do Atlético-MG na escola. Presumivelmente o texto foi escrito pelo pai de um menino chamado Matheus, ainda um bebê, já que ele ainda começará a frequentar a escola. Nesta materialidade do discurso, o pai projeta no menino o seu dizer sobre futebol profissional, em funcionamento bastante frequente em piadas de crianças (ÁVILA, 2009; POSSENTI, 2007). Neste texto, isto se dá pelo desejo de que a criança desde cedo abdique da camisa do Chelsea ou do Manchester City para torcer por um time de futebol de “raiz”, para que possa comemorar de forma apaixonada com outros torcedores mirins.

Há o incentivo de um comportamento politicamente incorreto, detalhado pelo modo como o pai quer que o filho participe da festa: gritando “filha da puta”, como faz um menino que profere o xingamento no vídeo. O palavrão por si só já circula de modo restrito – é um xingamento, por isso, não se espera que seja dito abertamente. E menos ainda que seja uma criança falando algo do tipo. Ainda mais raro é um pai incentivando tal conduta “rebelde” de um filho pequeno – esta análise independe de as práticas paternas deste sujeito serem estas ou não (até porque a construção do *corpus* não oferece ferramentas para análises desta natureza), mas sim o sentido que circula neste texto em particular.

Xingar suscita agressividade, selvageria. Dentro do discurso de CL, contrasta com o “torcedor europeu” estereotipado: como ele é mais “civilizado”, e o seu modo de acompanhar o jogo está ligado à “frieza” e ao time como mero produto comercializado, não há a prática do

xingamento, ou de criar um caldeirão³⁵. Ele assiste ao jogo passivamente, como se numa apresentação teatral. Lembro que ao falar de “Europa”, limita-se às principais equipes – não por coincidência, as mais ricas do mundo – e aos torcedores brasileiros que acompanham os times “famosos”, e não ao futebol do continente como um todo.

Argumento que o politicamente incorreto, sob este aspecto, faz parte do próprio funcionamento do futebol, com base nas interpretações de Bandeira (2017, p. 181) sobre a prática de violência no estádio. Para o autor, ocorre certa “flexibilização” da violência porque o futebol não opera sob as mesmas lógicas da vida cotidiana. Logo, comportamentos repulsivos fora do estádio passam a ser tolerados dentro dele porque “fazem parte do jogo”. “Algumas manifestações violentas poderão ser adjetivadas de monstruosas, hediondas, terríveis. Outras poderão ser entendidas como legítimas e desejáveis, sendo naturalizadas em um determinado contexto e entendidas como não violentas”.

A questão observada segundo a AD, se resume na incompletude e na possibilidade de deslize do sentido. Não há alguém que possa cravar quais são os significados de “violência”, e quais são os significados de “parte do jogo”, e nem dizer quais práticas se associam a elas, porque nenhum sujeito é origem desses dizeres. O sentido nunca é “completo”, ele está sempre em atualização, aberto a diferentes leituras. O gesto de interpretação lançado por Cenas Lamentáveis visivelmente considera aceitável o “filho da puta” ou o “viado” (ficando só nos palavrões frequentes) no contexto do futebol; torcedores identificados com saberes relacionados a movimentos feministas ou LGBTQ+ talvez tenham proponham outro gesto de interpretação.

Na SDC 5 é acionado ainda um sentido sobre masculinidade de forma implícita e em segundo plano. O comportamento agressivo faz parte uma construção de masculinidade, inclusive no caso das crianças, em que é comum o estereótipo do “menino bagunceiro”, (ÁVILA, 2009). Este tropo é bastante comum do humor sobre personagens infantis, em contraponto à “menina estudiosa” (POSSENTI, 2007; ÁVILA, 2009), como é o caso. O filho do comentarista assume um comportamento que não se espera dele, o de “xingar”. O tom do comentário dá a entender de que ele será educado a ser agressivo quando estiver acompanhando futebol. Demonstrar a paixão por um clube brasileiro e falar ou não o “FILÁ DA PUTA” podem ser entendidos como ritos de passagem nos quais o menino deve mostrar

³⁵ Chavão futebolístico. Quando a torcida de um time faz uma festa tão grande e barulhenta, o estádio vira um “caldeirão”, dificultando o jogo dos adversários – porque afinal de contas, eles estão ali para serem cozinhados pelos donos da casa e não para serem bem recebidos pelos anfitriões. Nesse sentido, o futebol produz sentido contrário à norma social que “manda” receber bem as visitas..

seu valor para ser reconhecido como homem, e como torcedor do “futebol tradicional”, que recusa o moderno.

Por fim, a SDC revela ainda uma busca ou necessidade de legitimação. A ordem dominante na sociedade, segundo a interpretação deste (e de alguns outros) comentaristas de CL, é a do politicamente correto, que suprime atitudes como a ofensa e o enfrentamento físico, e se faz presente no futebol profissional. Cabe ao pai então o papel de garantir o comportamento viril do filho. Embora a escola tente aplicar a “ética do politicamente correto”, por meio de uma advertência, o pai se encarrega de dar legitimidade ao “FILÁ DA PUTA”, assinando tal advertência “com orgulho”.

O comentário destacado permite problematizar a ideia de que “o humor é sempre crítico”, considerada uma afirmação inverídica sobre a comicidade, na visão de Possenti (2007):

O que caracteriza o humor é muito provavelmente o fato de que ele permite dizer alguma coisa mais ou menos proibida, mas não necessariamente crítica, no sentido corrente, isto é, revolucionária, contrária aos costumes arraigados e prejudiciais. O humor pode ser extremamente reacionário, quando é uma forma de manifestação de um discurso veiculador de preconceitos, caso em que acaba sendo contrário a costumes que são, de alguma forma, bons ou, pelo menos, razoáveis, civilizados, como os tendentes ao igualitarismo, sem dúvidas melhores que os seus contrários. Como dizer que o humor é crítico, nesses casos? (POSSENTI, 2007, p. 49).

Cenas Lamentáveis apresenta diversas materialidades que permitem pensar a criticidade do humor, que existe em apenas alguns casos. Ficando apenas nas Sequências Discursivas de Comentário destacadas nesta seção (e mais adiante retomando o raciocínio quando ele se tornar novamente relevante), pode-se perceber diferentes possibilidades de interpretação. Por vezes, fica no campo do preconceito, como na frase “jogo pra homem”, exemplo mais explícito, na SDC 3; por outras, há valoração positiva do que é costumeiramente considerado “feio”, como na SDC 4.

Na sequência do raciocínio, Possenti (2007) afirma que estes tipos de valorações morais sobre o humor não devem ser uma régua para sua avaliação. Segundo o autor, esse papel social, por assim dizer, de ser ou não progressista, é secundário ao cômico. Existem boas piadas preconceituosas, piadas progressistas muito ruins, e assim por diante.

No entanto, nas análises empreendidas por mim, esta será uma categoria relevante para análise dos textos – não com objetivo de avaliar como boas ou ruins as piadas, mas considerando possibilidades de reprodução de discursos “tradicionais” sobre gênero e futebol, ou deslizamentos sobre estes sentidos. Por isso, embora as teorizações de Possenti (2007) sobre as piadas sejam úteis para sustentar minhas análises, elas serão também relativizadas, se

necessário, visto que a criticidade (ou não) do humor são importantes articuladores da problemática de pesquisa aqui apresentada.

O autor realiza, principalmente, análises linguísticas das piadas, identificando quais mecanismos de linguagem são acionados para produzir efeito de humor. Nesta dissertação, interessa menos explicar o funcionamento do humor, da ironia e da ambiguidade no funcionamento da língua; e mais perceber como os temas mobilizados pelas piadas estão inseridos em um processo contínuo de construção e transformação de sentido.

3.3 O FUTEBOL ENQUANTO PRODUÇÃO CULTURAL

Não é segredo que o futebol tenha peso maior do que simplesmente o de um jogo, ou mesmo de um produto bilionário, parte de uma indústria do entretenimento a nível global. Falar desse esporte, em especial no Brasil, é também falar de cultura brasileira e da formação de identidades locais e nacionais, das quais o futebol é uma importante expressão. DaMatta (1982) e Gastaldo (2006a) apontam o carnaval, as religiões afro-brasileiras e o futebol como principais expressões culturais que atuam na composição de uma “identidade nacional”, por sua capacidade de agregar sujeitos.

Para DaMatta (1982, p. 21), no Brasil o futebol não está em contraste com a sociedade, como se o que ocorresse dentro dos estádios existisse isolado de um contexto sociocultural maior – reside aí a sua recusa à ideia do futebol como “ópio do povo”, que estabelece dicotomia entre sociedade e esporte, hierarquizando de forma inferiorizada o jogo. De acordo com o autor, no futebol “a sociedade brasileira fala, apresenta-se, revela-se, deixando-se, portanto, descobrir”.

A “descoberta” do brasileiro acontece por meio de performance e produção de sentido dos sujeitos envolvidos no contexto do futebol, durante e além dos 90 minutos de bola rolando. Bandeira (2009; 2017) considera a existência de quatro personagens principais que produzem sentido acerca do esporte: jogadores; dirigentes; mídia especializada e torcedores, foco da investigação em curso.

Uma das principais interações do fã é, obviamente, apoiar um time. Identificar-se a um time é algo tradicional, de certo modo mesmo sagrado; um vínculo para toda a vida, não importando quais atletas joguem ali, ou quais títulos se ganhe ou se deixe de ganhar. No Brasil, a relação com a instituição é afetiva, não à toa a expressão de “time do coração” para definir o clube pelo qual se torce. Escolher um time e apoiá-lo significa vivenciar uma série de emoções: afeto, felicidade, euforia, tristeza, raiva, decepção. E, sobretudo, o efeito de

comunidade com seus semelhantes, aqueles que apoiam o mesmo time; e de antagonismo em relação aos rivais.

Nem todos que acompanham futebol são apaixonados, já que há níveis de engajamento entre os torcedores. Enquanto há aqueles capazes de tatuar uma camisa em tamanho real para exibir o amor pelo Flamengo³⁶, há também os torcedores que só vão ao estádio em grandes jogos, ou que sequer conhecem pessoalmente o estádio do próprio time. Em alguns contextos, os torcedores são diferenciados em razão da paixão: os torcedores “de verdade” são aqueles identificados com comportamentos populares e carnavalescos, entendidos como apaixonados que acompanham o time independentemente da situação; os torcedores “plásticos” são aqueles que torcem só quando o time é bem-sucedido, e se identificam com a elitização e com o “consumismo”. Esse tipo de distinção é recorrente mesmo em pesquisas científicas sobre torcidas de futebol (BANDEIRA, 2017).

Existe uma pedagogia que forma o torcedor ao longo de suas experiências acompanhado o time pelo qual é apaixonado. “As performances, os cânticos, as emoções exigidas/autorizadas” ensinam o torcedor a ser portar dentro do estádio, por exemplo (BANDEIRA, 2017, p. 92). Assistir a um jogo no bar requer outros códigos: brincar com os rivais, aceitar “ser zoado” e responder à altura são partes da sociabilidade entre homens que acompanham ao jogo (GASTALDO, 2006b).

As relações originadas pelo consumo do futebol podem ou não ser duradouras. A paixão clubista pode aproximar pessoas durante o momento da partida, e elas podem naturalmente não interagir em outras circunstâncias. Em certa medida, o ambiente em que estas relações são experienciadas interferem a comunicação entre os sujeitos. Em uma Arena, a estrutura física do local afasta os torcedores, que estão separados por cadeiras. Já em um estádio de um time da Série D, é comum torcedores sem camisa encostados uns nos outros sem que haja qualquer estranhamento.

As relações dos torcedores entre si e com os clubes são moduladas também pelas especificidades deste contexto cultural. Embora, conforme afirma DaMatta (1982), o futebol não esteja deslocado da sociedade, ele opera em uma lógica diferente, o que permite a alguns sujeitos entenderem o estádio como “autônomo em relação aos demais espaços cotidianos” (BANDEIRA, 2017, p. 30). Alguns comportamentos que talvez não sejam tão aceitos na

³⁶ Fonte: <https://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2018/05/04/torcedor-gasta-r-15-mil-e-tatua-camisa-do-flamengo-em-tamanho-real.htm>. Acesso em: 04/08/2019. Curiosamente, o torcedor em questão é natural de Joinville, em Santa Catarina, mostra da complexidade envolvida na filiação a um time de futebol.

“vida em geral”, como chamar alguém de filho da puta, fazem parte da normalidade de quem frequenta o estádio.

Os torcedores se diferenciam entre si no momento de jogo em razão dos times pelos quais torcem. A nível nacional, o envolvimento do torcedor com o futebol é direcionado para a Seleção Brasileira, que promove uma homogeneização em torno do significado de “ser brasileiro” (GASTALDO, 2006a). Em *Cenas Lamentáveis*, no entanto, a articulação com o tema se dá de forma diferente do cotidiano futebolístico: a relação dos seguidores com a página independe do time para o qual torcem, e a relação com o tema se dá pela contrariedade ao futebol moderno, assim como ocorre em outros grupos de torcedores que partilham desta mesma visão sobre a indústria do futebol (HILL et al, 2016).

Como já esperado, o futebol é tema transversal dessa dissertação. Está em toda parte e é muito difícil abordar qualquer angulação da problemática de pesquisa proposta sem passar pelos entendimentos sobre o esporte e sobre a bilionária indústria no qual está inserido. Pela mesma razão, é difícil estabelecer análises sobre ele nesta seção, porque isso provavelmente faria o texto ficar demasiado redundante, já que as ideias precisariam ser retomadas em subseções posteriores, como a que trata de ideias pré-concebidas sobre gênero, ou sobre a análise do discurso da *fanpage* propriamente dito.

Por isso, esta é a única parte do trabalho que não tem análises de Sequências Discursivas. Ao invés disso, serão exploradas em mais detalhes algumas das reclamações feitas por fãs contrários ao “futebol moderno”, e de que maneira estes dizeres se relacionam à ideia do futebol como um espaço marcado por questões de gênero. Estes recortes são necessários para contextualizar o discurso de *Cenas Lamentáveis*, que é produzido com base neste “solo”, como fala Possenti (2007) sobre as condições de produção de um discurso.

Bandeira (2017, p. 135) observa a existência de um descontentamento com uma “ética do politicamente correto” em circulação no futebol. Trata-se de contestar uma suposta moral “espalhada no circuito mais amplo da cultura ocupando certa normativa sobre o discurso público”. O politicamente correto possivelmente teria “adentrado” o espaço do futebol com mais força graças à modernização das praças esportivas, como a construção das Arenas multiuso. Certos comportamentos até então comuns, como a violência em um clássico, ou o xingamento nas arquibancadas, torna-se passível de contestação.

Em certa medida, esta ideia se relaciona à tópicos como a restrição do comportamento festivo de torcedores em estádios de futebol (LOPES, 2015). A contestação do futebol moderno envolve impactos em práticas torcedores historicamente comuns. Fazer “carnaval” na arquibancada, cantar em voz alta, assistir ao jogo em pé, usar instrumentos e fogos de

artifício para fazer barulho durante o jogo, dá espaço ao disciplinamento, a assistir aos jogos sentados, participar de forma menos efusiva do jogo, e consumir uma série de bens materiais durante a partida.

O exame das materialidades aponta a correlação entre os comportamentos “tradicionais” e o futebol de qualidade, mas sem mencionar nenhuma das empirias defendidas por grupos organizados de torcedores que contestam o futebol moderno, conforme será visto em seções seguintes da dissertação, que detalham o funcionamento do discurso de Cenas Lamentáveis. Na página, a violência se mostra como atributo para o qual se deseja maior liberdade. Importante esclarecer que ao designar “violência”, não estabeleço distinção violência simbólica ou física. Tampouco afirmo que CL defenda necessariamente brigas no futebol, mas sim comportamentos agressivos em geral, muitas vezes empregando este sentido por meio do discurso humorístico, sem estabelecimento de relações diretas com as práticas de administradores e seguidores.

Esta potencialidade de violência está relacionada a atributos masculinos. A isto, atrela-se a ideia de que o esporte é um dos principais espaços de definição da masculinidade nas sociedades ocidentais. Há o aspecto discursivo, da produção de sentido sobre masculinidade proporcionada ali, na forma de uma “pedagogia”, como diz Bandeira (2009); e do corpo como prática-reflexiva (CONNELL, 2005), devido à exibição e competição dos corpos, em que a força superior (tamanho, aptidão, trabalho de equipe) e habilidade (planejamento, prática) permitem que um lado subjuga o outro.

A relação com as masculinidades está na própria organização institucional do esporte, que funciona como prova simbólica da superioridade masculina, com base em maior aptidão física dos homens. O esporte incorpora “competição e hierarquia entre homens, exclusão ou dominação de mulheres. Essas relações sociais de gênero são ambas realizadas e simbolizadas em performances corporais” (CONNELL, 2005, p. 55). Na experiência de Bandeira (2009), esta relação não é evidente para quem frequenta os estádios de futebol, não é um problema “dado” naquele ambiente, o que o motivou a desenvolver uma metodologia de descrição e interpretação dos comportamentos de torcedores de Grêmio e Internacional.

O estádio é compreendido como um ambiente de socialização masculina, historicamente legitimado para os homens, e onde se constroem masculinidades “guerreiras” e viris; ocorre hierarquização de masculinidade em relação ao rival; e há uma série de ritos de passagem pelos quais os sujeitos são direcionados a passar para comprovar sua “macheza”, atributo necessário para pertencer àquele espaço.

Em diferentes momentos, masculinidade é solicitada na ‘cultura do futebol’ o que, de alguma forma, pode ‘incentivar’ ou constituir esse espaço como um local privilegiado de comportamentos que remetam a um tipo de masculinidade heroica que valoriza significativamente a coragem, a virilidade, o enfrentamento e outros. (BANDEIRA, 2009, p. 90)

Para Messner (2007), a entrada das mulheres neste espaço representa uma luta por igualdade, tendo no cerne a contestação a essa base ideológica da dominação masculina. Para ele, o esporte é uma arena de luta simbólica, onde a mulher é um “terreno ideológico contestado”, devido à diferentes vozes produzindo sentido sobre elas. Por um lado, as próprias mulheres se inserem neste espaço e assim desestruturam a estrutura vigente; por outro, elas são “avaliadas” seguindo os parâmetros técnicos masculinos, o que lhes coloca em posição inferior.

O autor crê que essa organização institucional do esporte foi iniciada com a lenta inserção de mulheres na vida pública no início do Século XX, quando a instituição “esporte moderno” assumiu posição defensiva como um ambiente onde não seria possível de ocorrer “feminização”. No Brasil, em 1941 um decreto-lei assinado pelo presidente Getúlio Vargas proibiu as mulheres de se engajar na prática esportiva, com base em concepções essencialistas sobre elas, que supostamente deveriam se dedicar às atividades reprodutivas e ao trabalho doméstico. “Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país” (BRASIL, 1941). A proibição durou até 1983.

Um segundo momento importante de reorganização social é o pós-guerra, quando ocorre inserção na cultura do espetáculo. Para Messner (2007), o esporte naquela época era um elo com um passado patriarcal, impulsionado pela veiculação em larga escala de imagens de corpos que representam força e coragem, contrastando com o “homem comum” do mundo modernizado – agora convertido em consumidor de bens materiais e de narrativas midiáticas, e cujo principal trabalho nos grandes centros urbanos era cada vez menos braçal. Estes dois momentos são tratados pelo autor como “crises de masculinidade”³⁷, por originarem certa reordenação da identidade masculina – sem que houvesse, para princípio de conversa, uma “identidade normativa” masculina.

³⁷ A palavra “crise” aqui tem significado de profunda mudança na organização da identidade masculina, e não de uma “decadência de ser homem”, ou algo parecido. Ou seja, homens não são “vítimas” da ocupação e espaços públicos por parte das mulheres.

Aqui, abre-se espaço para refletir se o chamado “futebol moderno” é tão excludente quanto julgam os torcedores contrários a essa lógica. Por um viés de classe, ele certamente não é democrático: os ingressos custam caro e os grandes clubes e jogadores estão deslocados da vida cotidiana, uma vez que os valores cada vez mais inflacionados do mercado internacional eleva cada vez mais o *gap* entre torcedores comuns e os jogadores que representam suas equipes do coração. Mas e quanto à gênero? Para alguns autores, a lógica atual do futebol profissional é mais inclusiva.

Santos (2017), autor extremamente contrário ao “futebol neoliberal”, reconhece que as culturas festivas eram vinculadas a uma sociabilidade masculina, já que homens jovens eram maioria nos setores mais baratos dos estádios, e de onde era difícil assistir ao jogo sem ser portador daqueles atributos de masculinidade. O autor se mostra preocupado com problemática de gênero, porém sua preocupação principal está direcionada para a questão de classe do futebol moderno.

Na década de 1990, mudanças no discurso sobre masculinidades do futebol inglês fizeram parte das mudanças estruturais iniciadas após o episódio de Hillsborough (WILLIAMS, 2006). Conforme lembra Santos (2017), apesar de o futebol do país estar tecnicamente saudável na década de 1980, havia um discurso de decadência, com o esporte sendo representado midiaticamente como ocupado por vândalos, bêbados e agressores. As representações de identidade nacional e de masculinidades na cobertura midiática da Inglaterra na Copa do Mundo de 1990

[...] desafiavam – embora com suas próprias complexidades – aspectos dessas versões de identidade nacional e de masculinidade tipicamente expressas pelos excessos dos hooligans ingleses: eram significadas, é claro, pelas lágrimas televisionadas dos jogadores ingleses após sua derrota em Turim. O tenso, novo armador da classe-operária, Paul Gascoigne, foi central aqui: aqui estava um audacioso e emocionalmente frágil *man-child*, a versão do Nordeste inglês do problemático e *tabloideano* equivalente pivô argentino, o grande mas cheio de falhas Diego Maradona. [...] WILLIAMS, 2006 p. 99³⁸

A identidade da Seleção Inglesa, e por consequência, da prática de futebol do país, desviou-se da imagem estereotipada do *hooligan* inglês, torcedor bêbado e brigão. O discurso

³⁸ Tradução minha, grifos meus para termos impossíveis de traduzir literalmente para português. Texto original em inglês: “[...] one to challenge – if not without its own complexities – aspects of those versions of national identity and masculinity typically expressed via English hooligan fan excesses: it was signified, of course, by the televised tears shed by England’s players on their defeat in Turin. The edgy, new working-class football playmaker, Paul Gascoigne, was central here: here was an audacious and emotionally fragile man-child, the English North East’s troubled and fully tabloided equivalent of the pivo Argentinian match inventor, the great but deeply flawed Diego Maradona”.

e as práticas dos novos ídolos da época também se desviavam desta masculinidade violenta: Alan Shearer era um elo com a tradicionalidade, descrito por Williams (2006) como um “típico atacante inglês”; Michael Owen era um *playboy* envolto em marketing, mas que gerava empatia com os torcedores; Wayne Rooney tinha o mesmo talento, “inocência emocional” e personalidade problemática de Gascoigne; e talvez o mais emblemático, David Beckham, era um atleta vaidoso e altamente midiático.

Houve campanhas com intenção de “trazer a família para os estádios”, de modo a afastar a ideia do imaginário altamente masculinizado do discurso sobre o esporte até a década anterior.

Essa família, nas falas dos torcedores, foi posta como oposição ao antigo frequentador, o torcedor que sem ser nomeado pode ser entendido como um homem jovem ou jovem adulto que estaria associado a uma estética vinculada ao popular, mais bem lida como uma estética com menores preocupações vinculadas a polidez. BANDEIRA, 2017, p. 309

O discurso sobre a família no estádio reverbera ainda na atualidade nas arenas brasileiras (BANDEIRA, 2017), também como contraponto a um futebol frequentado majoritariamente por sujeitos masculinos. Essa oposição aparece, nas falas dos torcedores do Grêmio entrevistados por Bandeira, pela ocupação de espaços da Arena por crianças e mulheres, algo que não se via no estádio antigo, possivelmente por lá não haver acomodações modernas e confortáveis.

3.4 FORMULAÇÕES TRADICIONAIS SOBRE “SER HOMEM”

Além de um conjunto de ideias sobre futebol, interessa também a compreensão da masculinidade e das relações de gênero, para então observar de que modo isto ocorre em *Cenas Lamentáveis*. Antes de falar sobre modelos de masculinidades e as relações entre eles, é necessário introduzir a noção teórica de relações de gênero. A discussão acadêmica e empírica sobre os atributos masculinos se dá dentro da lógica de movimentos feministas, LGBTQ+, e sempre correlacionam o masculino e o feminino, sem nunca interpretar mundos “separados” de homens e mulheres. Assim, pode-se ter em vista as relações desiguais de poder entre os gêneros, e conceber de quais maneiras as concepções de masculinidades e feminilidades compõem essas relações.

Dentre as diferentes correntes de estudos, nesta dissertação gênero é entendido como processo nunca acabado, não-binário, passível de mudanças e construído pela prática dos

sujeitos. Grossi (2004) considera que sua constituição se dá no discurso, dentro dos estudos pós-estruturalistas. É uma construção constante de cada sujeito, baseada em ideias e atos. Como explorado em diversos momentos deste trabalho, o sentido nunca é fixo e estanque, é passível de deslizamentos e interpretações. Precisamente por isto, não é possível pensar em uma única forma de ser homem ou mulher.

Nesta mesma perspectiva, gênero não é biologicamente determinado. A biologia faz parte do processo, junto com fatores sócio-culturais e das práticas individuais. Portanto, as relações entre masculino/feminino, ou entre homens/mulheres, que historicamente privilegiam o homem/masculino, são frutos de “uma normatividade ‘inventada’ por padrões forjados num sistema de dominação masculina, um processo de ‘engenharia’ social, cultural e política” (JANUÁRIO, 2016, p. 32).

Masculino/feminino e homem/mulher são apenas exemplos que denotam a posição hierárquica superior dos homens nas relações de poder, visto que neste viés, gênero dispensa as categorias fechadas e os binarismos/dicotomias. Em *Cenas Lamentáveis*, são as possibilidades mais frequentes de observar gênero. Masculino e feminino são projetos de gênero (CONNELL, 2005, p. 43-44), que organizam os discursos e prática, e que têm significado apenas na relação com o outro, “[...] como demarcação social e oposição cultural”.

Para Connell (2005; 2009), estas afirmações são verdadeiras: não há fechamento ou unidade; sua construção se dá no cotidiano e as dicotomias também inexistem. Gênero é uma forma de organização de práticas sociais, que se dá em uma “arena reprodutiva” que compreende sexo, criação e cuidado de crianças, e diferenças/similaridades sexuais – gênero é multidimensional.

Segundo a autora australiana, a prática cotidiana seria essencial para as definições e “aprendizagens” de gênero por parte dos indivíduos – a discursividade seria insuficiente para compreender o fenômeno por não poder dar conta da agência dos corpos, sendo necessário considerar também o aspecto material dos corpos em ação.

Estas práticas são, para ela, indispensáveis para compreender o fenômeno. A discursividade seria parte do processo, mas incapaz de dar conta da agência dos corpos dos indivíduos na construção e nas transformações acerca de gênero.

[...] Gênero é a estrutura de relações sociais centrada na arena reprodutiva, e o conjunto de práticas que traz as distinções reprodutivas entre corpos para processos sociais. Falando informalmente, gênero lida com a forma como a sociedade humana lida com corpos humanos e com sua continuidade, e as muitas

consequências que esse “lidar” implica em nossas vidas pessoais e destinos coletivos [...] (CONNELL, 2009, p. 11)³⁹.

A prática dos sujeitos foi importante para que o tema se tornasse objeto científico, inclusive. O movimento feminista no século XX inseriu gênero no debate acadêmico, e devido a este *background*, o foco das investigações por muito tempo foi majoritariamente o feminino. As investigações sobre homens e as masculinidades nos estudos de gênero começou a se desenvolver com mais fôlego a partir da década de 1980, tendo como principal característica a recusa às “normas” de masculinidade (JANUÁRIO, 2016).

Os homens passaram a se interessar pelo tema também devido à prática cotidiana, em especial no movimento feminista e no movimento gay, onde iniciarem-se debates sobre a posição-sujeito do homem dentro das relações de gênero, e sobre a opressão a homossexuais. Começou-se a pensar em diferentes modelos de gênero masculino. Connell (2005) lista, no histórico do conhecimento sobre masculinidades, o pensamento clínico de Freud e de Jung; uma Nova Ciência Social; e o conhecimento político, tido por ela como o mais relevante no atual momento histórico. Este conhecimento político é justamente aquele da luta por legitimidade – o movimento de liberação gay lidava cotidianamente com as vivências particulares de homens homossexuais, e foi essencial para que houvesse produção teórica acerca de homens dentro dos estudos de gênero, o que não acontecia à época.

Januário (2016) elaborou um extenso levantamento bibliográfico sobre diferentes abordagens sobre o tema, que será apresentada de forma sucinta abaixo. Antes de gênero se desenvolver como categoria teórico/analítica na academia, houve referências pontuais, como Bateson (1965 apud JANUÁRIO 2016) e Malinowski (1967 apud JANUÁRIO 2016). Em 1981, Pleck publica sobre os “papéis sociais do homem”.

A teoria dos papéis sociais de gênero é contestada por Carrigan, Connell e Lee (1985 apud JANUÁRIO 2016), que propõem um modelo de masculinidades em múltiplas relações de poder, integrando teoria de gênero à Sociologia. Dois anos depois, Connell (1987 apud JANUÁRIO 2016) começa a desenvolver as proposições de masculinidade hegemônica e de feminilidade enfatizada, que posteriormente dariam origem à sua teorização sobre hierarquias entre diferentes grupos de homens.

³⁹ Tradução minha, grifos da autora. Texto original, em inglês: “Gender is the structure of social relations that centres on the reproductive arena, and the set of practices that bring reproductive distinctions between bodies into social processes. *To put it informally, gender concerns the way human society deals with human bodies and their continuity, and the many consequences of that 'dealing' in our personal lives and our collective fate*”.

Brod (1987 apud JANUÁRIO 2016) reconhece masculinidade em relação com outras relações de poder, como etnia, classe e orientação sexual. Kaufman (1987 apud JANUÁRIO 2016) defende a ideia de que o patriarcado ao mesmo tempo em que garante privilégios ao homem, o brutaliza, por direcioná-lo à violência como forma de provar sua dominância. Kimmell (1987 apud JANUÁRIO 2016) traça um histórico da masculinidade nos Estados Unidos, a fins de repensar o termo, que deixa de ser referência normativa para se tornar problemática da construção de gênero.

Robert Bly (1990 apud JANUÁRIO 2016) publica um livro falando sobre uma “verdadeira masculinidade” que deveria ser conquistada pelos homens, na esteira de uma série de livros de “psicologia pop” que tratavam da questão da masculinidade fora dos estudos de gênero, e considerando homens vítimas de um processo de opressão (CONNELL, 2005). Bourdieu (1990 apud JANUÁRIO 2016) trata sobre a dominação masculina, posicionando o homem de forma privilegiada nas relações de poder da sociedade. Essa dominação se dá por um “poder simbólico mascarado e camuflado, existente nas relações, que se infiltra no nosso pensamento e na nossa concepção de mundo” (JANUÁRIO, 2016, p. 101).

Januário (2016) identifica ainda diversas correntes teóricas nos estudos norte-americanos. Há uma série de ideologias e de tomadas de posição em relação ao conceito: para algumas, existe um domínio natural do homem, que deve ser mantido; e a masculinidade também existe em essência, e os homens devem alcançá-la; outras correntes eram filiadas ao movimento feminista, entendiam pluralidade de masculinidades possíveis, e discutiam os privilégios masculinos. Os primeiros estudos foram publicados em países de língua inglesa, mas a partir da década de 1990, também passaram a existir em outras localidades, como Brasil, Alemanha, França, Japão e Nova Zelândia (CONNELL, 2005).

Oliveira (1998, apud JANUÁRIO 2016) classifica duas abordagens: a primeira é a vitimização – a masculinidade resulta de um conjunto de fatores sociais e psíquicos que causam dor para os homens, principais portadores da masculinidade. Existe aí uma naturalização da dominação masculina. A outra possibilidade é a criticidade, pelo reconhecimento dos privilégios masculinos e da opressão das mulheres. Os avanços feministas seriam um modo de interromper a dominação e subverter a ordem dominante.

Arilha, Ridenti e Medrado (1998, apud JANUÁRIO 2016) pontuam duas outras linhas, com maior aderência ao movimento feminista. A primeira, chamada de aliança ao feminismo, adota o conceito de gênero como base para a criação de uma teoria de masculinidade, reconhecendo a cultura e o social nesta construção. A outra é a dos estudos autônomos, em que se reconhece o contributo do feminismo, mas a discussão é centrada na política.

Nesta dissertação se recusa a ideia de uma “crise da masculinidade” que possa justificar comportamentos repressivos por parte dos homens. Essa expressão se refere a uma corrente de pensamento existente nos Estados Unidos no final do século passado, que defendia uma perda de identidade masculina em razão de decorrência de avanços de movimentos feministas (JANUÁRIO, 2016). Embora de fato estes avanços provoquem alterações nas vivências masculinas, conforme aponta Messner (2007), seria um erro considerar os homens “vítimas” neste processo. E, assim como Januário (2016), creio que esta abordagem possa sugerir a existência de algo “fixo” na masculinidade, algo que só possa ser experienciado por homens, o que também não condiz com o marco teórico adotado nesta dissertação.

Em outras palavras, considero que certos avanços em relação aos direitos das mulheres, como acesso ao mercado de trabalho e ao esporte profissional, podem ameaçar a estrutura dominante, o que resulta em transformações na vivência de certos grupos de homens, que podem desejar defender sua dominância. Logo, também recuso a ideia de que homens são “vítimas” do patriarcado, entendendo-os como privilegiados nas relações de poder, especialmente no contexto esportivo. No entanto, se leva em conta a “pressão” para se adequar à lógica dominante, e a óbvia opressão e violência que certos grupos de masculinidades sofrem.

Na formulação de sua teoria, Connell (2005) descreve quatro tentativas de contextualizar masculinidades, todas insuficientes ou já superadas. 1. Essencialista: define atributo central da masculinidade – essa essência é arbitrária, o que torna a abordagem falha. 2. Positivista: traz uma descrição padronizada de masculinidade como “é o que os homens devem ser”. Apresenta três principais problemas: também é arbitrária; categoriza indivíduos de forma simplista; e não prevê mulheres masculinizadas ou homens feminizados. 3. Normativa: reforça a ideia de “masculinidade é o que os homens deveriam ser”. No entanto, a maioria dos homens não alcança este padrão esperado, de modo que ele não pode ser normativo. 4. Semiótica: masculinidade é formada por um conjunto simbólico de diferenças entre homens e mulheres. Ela é a que melhor supera os problemas definidos anteriormente, mas ignora a corporeidade e a agência dos indivíduos.

A partir dessas definições, consideradas por ela incompletas, ela desenvolve sua própria noção, a partir da Sociologia. Masculinidade é “[...] simultaneamente um lugar nas relações de gênero, as práticas pelas quais homens e mulheres se posicionam em relação à gênero, e os

efeitos dessas práticas nas experiências corporais, pessoais e culturais” (CONNELL, 2005, p. 71)⁴⁰.

A autora considera as “experiências corporais, pessoais e culturais” como especialmente importantes para a compreensão das masculinidades. Estas experiências são frequentes pontos de partida para o desenvolvimento de suas teorias, como as diferenças salariais entre homens e mulheres, e suas possibilidades de ascensão profissional (CONNELL, 2009). Ao abordar a complexa filiação ao embelezamento físico, saber de uma feminilidade esperada, menciona uma situação vivida por ela em um ônibus: uma mulher estava vestida com roupas para prática de atividade física, e ao mesmo tempo usava maquiagem pesada no rosto, o que é contraditório de um ponto de vista prático, mas não tanto de um ponto de vista de filiação a discursos sobre gênero.

Connell (2009, p. 6) afirma então que “as pessoas constroem *a si mesmas* como masculinas ou femininas. Afirmamos um lugar na ordem de gênero – ou respondemos ao lugar que nos é dado – pelo modo como conduzimos nossa vida diariamente”⁴¹. O corpo é expressão essencial dessa construção, sendo ao mesmo tempo objetos e agente da prática social. Ou seja, as possibilidades de existência de múltiplas formas de ser homem ou mulher se dão no discurso, mas também na materialidade do corpo.

É importante então frisar uma visível limitação desta dissertação, que se ocupa apenas de uma instância discursiva da construção de gênero. Não é possível dar conta da materialidade corporal, por tratar-se de um estudo sobre produção de sentido na internet e por não haver qualquer forma de identificação dos sujeitos estudados. É impossível saber se são homens, mulheres, crianças ou adultos, variáveis que influenciam diretamente em sua posição dentro das relações de poder e de gênero. O próprio estudo do esporte apresenta comprovações empíricas de que a materialidade do corpo é relevante para vivência masculina (ZUCAL, 2005; 2007). Abrem-se então diferentes possibilidades de desdobramentos deste trabalho no futuro, para que se possa abarcar também a instância da materialidade do corpo no discurso contraidentificado ao futebol moderno.

Sendo tão destacada a elaboração e reelaboração do gênero por parte da prática social, não se pode falar da existência de uma masculinidade “verdadeira” e natural, logo, também de

⁴⁰Tradução minha. Texto original, em inglês: “[...] simultaneously a place in gender relations, the practices through which men and women engage that place in gender, and the effects of these practices in bodily experience, personality and culture”.

⁴¹Tradução minha, grifos da autora. Texto original, em inglês: “People construct themselves as masculine or feminine. We claim a place in the gender order - or respond to the place we have been given - by the way we conduct ourselves in everyday life”.

um jeito “específico” ou “correto” de ser homem ou mulher. As masculinidades variam de acordo com tempo e lugar, e em uma mesma sociedade, diversas vivências coexistem – o que não significa que todas sejam socialmente aceitas. Um mesmo indivíduo pode apresentar ainda diferentes atributos de masculinidades ao longo da vida. Por exemplo, o corpo idoso restringe determinadas práticas, suscitando uma reorganização daquela identidade masculina. Este é um dos motivos pelo qual Connell (2005) reforça análises de atividades cotidianas para compreensão das masculinidades, já que o corpo é uma importante forma de expressão deste atributo.

Mediante a discursividade e as atividades do dia-a-dia, os sujeitos podem se filiar ou se contrair ao que é considerado “normativo” para homens e mulheres. A frase “homem de verdade” é frequente para designar o posicionamento esperado dos homens dentro das relações de gênero da sociedade. Januário (2016, p. 13) descreve esta masculinidade como “frequentemente associada a características como força, virilidade, agressividade, dominação, entre outras”, que supostamente justificam condutas como “a violência doméstica, discursos homofóbicos e atitudes machistas que persistem na vida quotidiana e nas relações sociais”.

Em revisão teórica sobre masculinidades, Grossi (2004) lista uma série de atributos das “masculinidades verdadeiras”, e algumas transformações advindas das práticas cotidianas que provocam mudanças nessa identidade de “homem tradicional”, evidenciando a relação desta com a feminilidade. A honra é o primeiro deles, definida pelo homem que controla as mulheres (a parceira, a filha, enfim). A mulher, por sua vez, é responsável pela manutenção deste capital – um homem traído perde a sua honra, por exemplo.

Outro modelo de honra é o poder econômico do homem para prover a família. Neste quesito, há um questionamento sobre o binômio dominação masculina/submissão feminina, já que muitos homens falam que “não mandam em casa” – isto se dá por uma divisão entre o espaço público e o espaço privado na cultura ocidental, em que o “reino” do homem é a rua; e o da mulher é a casa.

As relações de trabalho, portanto, também são definidoras do masculino e do feminino. Historicamente, cabe aos homens a produção (trabalhar fora para sustentar a família); e às mulheres a reprodução (trabalhos domésticos e cuidado com os filhos). O desemprego tem efeito sobre a identidade masculina: segundo a autora (GROSSI, 2004), o homem pode sentir-se “feminizado” ao ter de assumir as tarefas domésticas no caso de sua parceira “trabalhar fora”, prática que se tornou recorrente com a inserção das mulheres no mercado formal.

A paternidade é uma expressão de masculinidade que sofreu diversas alterações nas sociedades ocidentais. Antes de uma série de avanços na pauta de gênero, não era socialmente

aceito um homem cuidar dos filhos de outro, ou o relacionamento com uma mãe solteira. Atualmente, modelos de família “não-tradicionais” são mais aceitos, como os casais gays ou os pais solteiros, embora ainda não sejam plenamente validados nas sociedades ocidentais (GROSSI, 2004).

Por fim, para Grossi (2004), o amor e a emoção são elementos suprimidos das masculinidades tradicionais. A sensibilidade deve ficar restrita a momentos específicos, porque nos outros o homem deve “manter o controle”. Entre estes momentos está a música, em que o homem pode falar sobre relacionamentos; e acrescento, o futebol, em que é permitida afeição entre jogadores e torcedores do mesmo time.

Com base nas SDs já analisadas, é possível perceber que estes atributos fazem parte da masculinidade representada em Cenas Lamentáveis – ou seja, lá se privilegia noção de masculinidade do senso comum, conforme descrita por Januário (2016). A honra deve ser defendida por meio da violência – que aliás é outro marcador importante de masculinidade, que ocorre tanto na violência do homem contra a mulher, mas também contra os próprios homens (CONNELL, 2005).

Abaixo, destaco algumas Sequências Discursivas que exprimem ideias “tradicionais” sobre homens. Os textos serão alvos de análises detalhadas nos próximos capítulos, mas por agora cabe pontuar como ocorre a construção de gênero em postagens da página. O sentido expresso nestes textos é, geralmente, repetido em demais comentários ou postagens.

SDC 6 O cara ricasso, que já frequentou tudo que é lugar chique na vida, vai de boas em uma casa bem simples e está 0% incomodado com isso.. Ta ai uma lição de humildade, ronaldinho é um mito (60 reações)

SDC 5 O Matheus vai participar disso na escola?!?! VAI. E VAI SER ELE QUE GRITA FILÁ DA PUTA. E se tomar advertência eu assino com orgulho. (24 reações)

SDP 1 Ronaldinho LOUCASSO na cozinha! “DÁ UMA AZEITADA NESSA PORRA AQUI” Quem não ama este rapaz tem desvio de caráter!

Figura 2 - *post* sobre “Ronaldinho Gaúcho loucasso na cozinha”



Fonte: reprodução da SDP 1 através de captura de tela realizada em 24/02/2019.

A SDC 6⁴² refere-se às relações de trabalho – em particular, ao poder aquisitivo acumulado por Ronaldinho Gaúcho em seus anos como jogador de futebol. A profissão é algo que teria o poder de manchar a honra de um homem: o dinheiro seria capaz de lhe arrancar a honra (“um mito”), o tornando um homem arrogante, distanciado de suas raízes. Não é o que ocorre, já que Ronaldinho não deixou de ser “verdadeiro”, apesar de todo o sucesso (“está 0% incomodado”).

A SDC 5, analisada na subseção sobre o humor como condição de produção do discurso de Cenas Lamentáveis, traz também produção de sentido sobre a paternidade como elemento articulador de saberes sobre masculinidades. No caso da piada proposta, é a partir da relação pai-filho que se constroem comportamentos considerados adequados para homens – o “participar disso”, da festa, do xingamento etc.

O sentido “tradicional” sobre gênero, embora muito frequente, não é o único a circular na página. A SDP 1, sobre o vídeo de Ronaldinho Gaúcho bêbado e cozinhando com os amigos, traz uma ressignificação de masculinidade, por meio da cozinha. Se propõe uma

⁴² Conforme apontado ao fim da seção 2.1, “A construção do corpus”, nem sempre as Sequências Discursivas de Comentário serão apresentadas de forma linear. Às vezes, em razão do sentido expresso no comentário, elas estarão “embaralhadas” – por isso, aqui, o número “6” vem antes do “5”.

apropriação diferenciada dos espaços considerados “masculinos” (a rua, o mercado de trabalho, o “fora de casa”), e “femininos” (a cozinha, o cuidado doméstico).

ao mesmo tempo em que esses rapazes mostram que são femininos ao fazer algo que seria de mulher, na cozinha, eles transformam este ato de cozinhar, tornando-o masculino. [...] Este é o momento de reconfiguração da masculinidade. Na cozinha, que era tradicionalmente do sexo feminino, é possível transformar um traço da feminilidade tradicional num traço neutro primeiro ou masculino (GROSSI, 2004, p. 28).

No texto, e na situação como um todo, um contexto feminino converte-se em masculino, em situação já documentada sobre o ato de cozinhar – e o mesmo poderia ser dito sobre a vaidade ou cuidado com o corpo. Do mesmo modo, os personagens do vídeo não são alvos de feminizações no texto; e sua condição de homens detentores de algum poder institucional (“Quem não ama este rapaz tem desvio de caráter”) não é questionada.

A seleção desses textos tem por objetivos apresentar diferentes possibilidades de negociação com os saberes que configuram a masculinidade em determinado contexto social. Esta é possivelmente a principal contribuição teórica de Connell (2005; 2009), que elaborou uma teoria que inclui grupos de homens oprimidos pelo patriarcado e problematiza a sua posição nesta relação de poder com outros homens⁴³.

Um exemplo particularmente significativo é a SDC 7, apresentada abaixo. É um comentário irônico sobre um vídeo que mostra uma compilação de brigas em uma partida entre River Plate e Boca Juniors. Realizando o exercício de interpretar literalmente o texto, percebe-se o apagamento da voz feminina do discurso sobre futebol; considerando o comentário em suas finalidades humorísticas, pode-se inferir que é necessário um certo “jogo de cintura” para expressar emoções no contexto do futebol.

SDC 7 Suor hétero escorrem dos meus olhos.. (2015; 25 reações)

O silenciamento mais evidente é o da palavra “choro”. Como visto, o discurso sobre a masculinidade no futebol permite o pranto apenas em ocasiões específicas, sob o risco de quem o pratica ser considerado afeminado e indigno de ocupar certos espaços. Logo, é de esperar que o sujeito CL não queira chorar: ele acredita que a masculinidade tradicional é um

⁴³ Esta concepção se inicia em: Connell, Robert W. **Gender and power: Society, the person and sexual politics**. Stanford: Stanford University Press. 1987. Foi posteriormente desenvolvida na primeira edição do livro *Masculinities*, publicada em 1995, e atualizada pela autora em Connell e Messerschmidt (2013).

importante definidor do futebol clássico, do qual é fã, modo pelo qual ele se sente parte da comunidade de torcedores tradicionais.

Então ele não pode admitir o choro de emoção ao assistir àquilo que considera um dos ápices deste tradicionalismo – o enfrentamento físico entre homens latino-americanos violentos. Isso porque choro, a depender da interpretação, representa uma falha na sua própria masculinidade, um sentimento destinado ao “universo feminino”, que não faz parte deste futebol profissional. Mesmo as palavras “lágrimas” ou “choro” são silenciadas, para evitar a conotação de um possível gesto de fraqueza. A recusa ao choro é um estereótipo culturalmente construído acerca da masculinidade viril – “homem não chora”, frase ouvida desde muito cedo pelos meninos. Neste caso, “homem CL não chora”.

Ao invés disso, é necessário reafirmar a heterossexualidade por meio da brincadeira, como característica que os integra ao grupo diante do desejo de expressar emoção – por isso a demarcação explícita, a expressão “suor hétero”, que funciona como forma de o diferenciar do “chorão”. O comentarista tensiona justamente essa característica “tradicional” (“homem não chora”) para produzir humor: ele não nega estar de fato emocionado com cenas específicas dentro de uma partida de futebol, que corriqueiramente não suscitam o choro, como a conquista de um título, ou a celebração de um gol muito importante. Logo, de forma jocosa, ele reveste o choro com outros elementos.

Feitas estas considerações sobre as condições de produção do discurso, e das breves análises se Sequências Discursivas aqui desenvolvidas, é possível enfim avançar para análises aprofundadas sobre o funcionamento do discurso de Cenas Lamentáveis. Nos próximos capítulos, serão analisados os pormenores da produção de sentido da página e sua relação com outros movimentos que contestam o futebol moderno.

4 O DISCURSO DE “CENAS LAMENTÁVEIS”

Antes de iniciar as considerações sobre o discurso de Cena Lamentáveis, cabe uma breve recapitulação das condições de produção apresentadas na seção anterior: 1) Ferramentas comunicacionais da internet definem modos específicos de produção e de leitura dos textos; 2) o humor é utilizado por Cenas Lamentáveis como forma de questionar a indústria do futebol; 3) o esporte é entendido como fonte de produção cultural, sujeito à operação de indústrias bilionárias, e espaço propício para discussão de assuntos relacionados às relações de gênero; 4) existem concepções “tradicionais” de gênero em voga em algumas esferas da sociedade, e o questionamento destas ideias por parte de acadêmicos que estudam o assunto.

A Internet, o humor e o futebol são espaços em que alguns dizeres são tolerados e/ou permitidos. Na dissertação, abordo especificamente a questão dos dizeres sobre masculinidades. Cenas Lamentáveis é propícia para investigação dessa potencialidade de sentido sobre masculinidades, por se apresentar como um “conjunto” desses espaços, sendo uma *fanpage* humorística que trata de futebol.

Mas como, exatamente, tudo isto incide no discurso produzido por Cenas Lamentáveis? Minha análise se dá em três eixos, que foram sendo desenhados conforme os dados iam sendo submetidos a leituras críticas – esse movimento, de deixar os dados “falarem” e guiarem o pesquisador, é bastante frequente na AD. Tendo por base o *corpus* da pesquisa, é proposta a seguinte elaboração sobre o discurso CL: exames sobre as questões de autoria dos textos da página; da linguagem, isto é, do conjunto de imagens e de representações que constituem os textos contrários ao futebol moderno; indagações sobre o posicionamento da página em relação a problemáticas de ordem de gênero; e comparação do discurso CL com outros discursos que contestam o futebol moderno.

Um ponto que antecipa estas abordagens surgiu, de forma imprevista, nos momentos iniciais da análise das materialidades. Durante uma primeira leitura do *corpus*, foi possível observar que postagens e comentários seguem uma mesma “linha editorial”, por assim dizer. As angulações sobre as quais os textos são produzidos são muito próximas. Falando em termos mais simples, de modo geral, todos na página concorda entre si, havendo pouquíssimas ocorrências de debates entre diferentes posicionamentos sobre um mesmo assunto.

Seguindo este fio, e tratando o fenômeno por intermédio das noções teóricas do discurso, chego aos primeiros tensionamentos estabelecidos com este aporte teórico-

metodológico, por meio da paráfrase e da polissemia, articulações centrais no funcionamento da linguagem (ORLANDI, 2005). As noções teóricas referem aos modos pelos quais os sentidos se “movimentam” e se forma o discurso. A paráfrase é a memória, a repetição, representa o retorno aos mesmos dizeres. A polissemia, por sua vez, é por onde o discurso pode se deslocar e ser outro, é o deslocamento e a ruptura na significação.

Há um constante “embate” entre paráfrase e polissemia na produção do sentido, pois “a incompletude é a condição da linguagem: nem os sujeitos nem os sentidos, logo, nem o discurso, já estão prontos e acabados. Eles estão sempre se fazendo, havendo um trabalho contínuo, um movimento constante do símbolo e da história” (ORLANDI, 2005, p. 37).

Outra noção teórica do discurso mobilizada para tratar Cenas Lamentáveis é o interdiscurso, conectada à noção de memória discursiva (ORLANDI, 2005, 2007). Elas permitem compreender a relação dos discursos com a ideologia (MOLETA, 2018), por meio do trato dos enunciados anteriores ao sujeito, mas que influenciam de algum modo no sentido que ele produz.

Para Orlandi (2005, p. 31), o interdiscurso são características da memória, quando esta é pensada em relação ao discurso. Sua definição trata daquilo “que fala antes, em outro lugar, independentemente”. Para a AD, o sujeito não é origem do próprio dizer; o sentido é produzido com base naquilo que já foi dito anteriormente. Logo, o “dizível” é sempre exterior ao sujeito, porque são formulações dispersas que constituem o discurso. Essa dispersão é colocada em conjunto pelo trabalho de dialogia entre discursos, e dá base para a existência do sentido, que sempre se relaciona com o que “está atrás”.

[...] O dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significa nas “nossas” palavras. O sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele. Por isso, é inútil, do ponto de vista discursivo, perguntar para o sujeito o que ele quis dizer quando disse “x”. (ORLANDI, 2005, p. 32)

Os sujeitos não têm consciência da totalidade desse “dizível”, do interdiscurso, e os recortes aos quais o sujeito tem acesso afetam os sentidos produzidos por ele em dada situação discursiva. A relação do sujeito com a memória se baseia nos dois esquecimentos apresentados por Pêcheux (1975 apud ORLANDI, 2005): o esquecimento da enunciação (tudo o que dizemos poderia ter sido dito de outro modo) e o esquecimento da ideologia (pela inconsciência do interdiscurso, temos a ilusão de ser a origem dos nossos dizeres).

Para que os sentidos anteriores sejam acionados e possam influenciar em nossas palavras, são esquecidos, “mas não de modo absoluto, possibilitando que o passado surja,

embora borrado, nas entrelinhas” (MOLETA, 2018, p. 90). O funcionamento é mais ou menos este: o interdiscurso é formado por falas esquecidas pelos sujeitos; o sentido das “minhas” palavras depende destes dizeres, e precisam ser esquecidos para que possam influenciar os “meus” discursos. Os pronomes possessivos estão entre aspas porque eu não sou “dono” daquilo que digo, de acordo com a AD.

O interdiscurso se materializa nas falas sobre o comportamento extracampo de Ronaldinho Gaúcho, por exemplo, assim como o jogo entre paráfrase e polissemia. Ronaldinho está presente na SDC 1, já destacada, pelo apelido “bruxodinho”⁴⁴. Embora “Bruxo” seja apelido do meio-campista por causa de sua extraordinária habilidade no manejo da bola (ele fazia “magia” com a redonda nos pés), o contexto do comentário é de uma música lançada com ele em parceria com Wesley Safadão – é acionada aí outra região de sentidos, da bebedeira e da vida noturna.

A SDP 1, apresentada abaixo, é referente a um vídeo⁴⁵ de Ronaldinho Gaúcho, representando os mesmos atributos sobre o atleta, mas de forma ainda mais marcada. O vídeo é gravado por um amigo na cozinha de casa. O meio-campista está bêbado e fala algumas frases sobre o prato que estão cozinhando – em particular, ele reclama da falta de azeite e fala algo nas linhas de “homem que não sabe cozinhar, dá chance pro vizinho”.

SDP 1 Ronaldinho LOUCASSO na cozinha! “DÁ UMA AZEITADA NESSA PORRA AQUI” Quem não ama este rapaz tem desvio de caráter! (15495 reações; 2018)

As festas de Ronaldinho Gaúcho já eram pauta antes de vídeos ou textos circularem em Cenas. Uma pesquisa simples no Google, efetuada em 20/06/2019, com os termos “Ronaldinho Gaúcho balada” mostra 160 mil resultados. O assunto foi pautado por diversos jornais, que retratam o atleta como alguém emblemático por sua habilidade dentro de campo e pela irreverência fora dele – do mesmo modo que faz a página, quando diz que é “desvio de caráter” não admirar um atleta que conquistou todos os prêmios possíveis na carreira, e ainda é divertido de acompanhar depois de aposentado.

⁴⁴ Texto da SDC: Confrades, uma música lançada em plena quinta feira por bruxodinho e safadão ?! Sinto cheiro de quebra de decreto! MEUS AMIGOS VOLTEI (902 reações; 2016). Sequência já analisada no capítulo 3.1; e retomada no capítulo 4.1. Inicia-se novamente com o número 1 por se tratar de uma Sequência Discursiva de Post, diferentemente das Sequências Discursivas de Comentário, já tratada nas subseções anteriores.

⁴⁵ Post original: <https://www.facebook.com/CenasLamentaveis/videos/2040013072936221/>. Publicação feita em 26/02/2018; acesso em 15/07/2019. Até a data de coleta, a postagem tinha cerca de 15 mil reações.

O interdiscurso está no fato de que estas narrativas, existentes desde quando Ronaldinho Gaúcho ainda atuava profissionalmente em alto nível, são uma “presença ausente” no discurso de Cenas Lamentáveis. Não existe a necessidade de a *fanpage* explicar do que se tratam os dois vídeos: assim que se vê o extracampo de Ronaldinho Gaúcho, já se espera humor, irreverência, consumo de bebida alcoólica etc. como sentidos estabelecidos sobre ele.

Outro tipo de comportamento no vídeo do “Bruxo” é a heterossexualidade, ressaltada nos comentários do vídeo do “Ronaldinho loucasso na cozinha”, por meio de uma das frases ditas por ele, representada na SDC 8⁴⁶ (houve vários textos de seguidores destacando com essa mesma frase. Também é mencionada a competitividade entre homens, e a “luta” por um objetivo final, a mulher, também componentes de composições tradicionais de masculinidades. O comentário selecionado teve 1490 reações).

SDC 8 QUEM NÃO SABE COZINHA DA CHANCE PRO VIZINHO! Provérbio pra se levar pro resto da vida. (1490 reações; 2018)

A piada foi compartilhada por diversos seguidores que se divertiram com a brincadeira de Ronaldinho. Essa celebração (nesse caso, pela recirculação do texto) não é “invenção” de Cenas Lamentáveis. O alto engajamento com o vídeo de Ronaldinho na cozinha está relacionado à validação de comportamentos tradicionalmente aceitos, especialmente para homens (GROSSI, 2005), como o manter-se “independente” e competitivo, sem dar chance para uma eventual “concorrência” na busca por parceiras. Falhar nesta “concorrência” seria uma mancha à honra e à masculinidade, de modo que é preciso aprender a cozinhar para não correr esse risco.

É através do interdiscurso que Cenas Lamentáveis usa o vídeo de Ronaldinho Gaúcho para suas finalidades humorísticas – o humor está ancorado em discursos já conhecidos e “esquecidos” pelos usuários. Ocorre aí também uma paráfrase, pois há a repetição destes sentidos, no processo que Orlandi (2005) chama de produtividade, e que solidifica os discursos. Pela repetição (paráfrase), Ronaldinho Gaúcho torna-se o “gênio-boêmio” e portador de atributos de masculinidades tradicionais.

Embora o sentido seja consolidado mediante paráfrase, é necessário uma espécie de “conhecimento prévio” sobre o tema para que seja possível achar graça do humor contido no

⁴⁶ Ressaltando novamente, as Sequências aparecem “fora de ordem” porque elas são apresentadas e analisadas no trabalho de acordo com o sentido presente no texto.

comentário. Conforme Possenti (2007), o humor é cultural; está relacionado a uma exterioridade por meio da qual se pode produzir algum significado cômico. Neste caso, elementos culturais em voga nos dois textos são a heterossexualidade, discutida enquanto aspecto importante de um longo histórico de hierarquização entre masculinidades (CONNELL, 2005; 2009); e o consumo de bebidas alcoólicas, predicados que influenciam na idolatria a Ronaldinho Gaúcho (também tratado por ídolo devido à sua habilidade).

O álcool, por exemplo, é simbólico de masculinidades tradicionais (logo, legitimadas), de acordo com Grossi (2004). Dentro das *hinchadas*, o consumo de álcool é uma das formas de ostentar a hombridade, e um rito de passagem da juventude para a vida adulta, junto com o consumo de maconha (ZUCAL, 2005). A “farra” e a bebedeira são, para Connell (2009), modos de performar a própria masculinidade, passíveis de resignificação quando o corpo perde a resiliência. O comportamento faz parte da conduta de grupos de torcedores “clássicos” (ZUCAL, 2005) e serve para diferenciar os “machos” dos “frescos”. Isto se repete em outras esferas culturais da sociedade: Grossi (2004) considera os bares, por exemplo, como espaços institucionalizados da masculinidade, onde se aprende a ser “macho” aprendendo a beber.

Diferente dos estádios argentinos pesquisados por Zucal, em Cenas Lamentáveis o consumo de álcool parece ser “desejável”, mas não obrigatório, apesar de CL considerar a cerveja o “combustível dos craques”⁴⁷. O álcool atua como símbolo da irreverência e da autenticidade. Romário não bebe⁴⁸, mas é representante da “molecagem do bem” por não ser um sujeito “fresco”. Ele é festeiro e sua “postura séria” supostamente fez com que ele fosse tetracampeão brasileiro, ganhador de diversos títulos, e acumulasse diversas anedotas que divertem os sujeitos de CL.

Saliento que o *corpus* investigado apresenta apenas um comentário que não está completamente identificado ao discurso da *fanpage*. Os seguidores, por meio dos comentários, repetem o sentido produzido pelos administradores. Exceção é a SDC 2, já abordada no capítulo anterior. O sujeito em questão se contraiidentifica ao futebol moderno, mas também questiona a irreverência e o politicamente incorreto postos em jogo pela *fanpage*, por meio do vídeo do “Ronaldinho Gaúcho loucasso na cozinha”.

⁴⁷ Fonte: <http://cenaslamentaveis.com.br/sobre/>. Acesso em: 29/07/2019.

⁴⁸ Há relatos de que o Baixinho sempre foi festeiro, mas não bebia. O próprio Romário afirma o mesmo. Fonte: <https://odia.ig.com.br/conteudo/esporte/2017-09-26/galvao-defende-romario-e-afirma-que-so-o-viu-beber-na-festa-do-tetra-em-1994.html>. Acesso em: 29/07/2019.

SDC 2 Video do fera breaco uma vez ou outra beleza, quem não fica de porre de vez em quando ne? É engraçado, a gente ri. Mas postar sempre já fica apelativo. Pior ainda é sempre a legenda enobrecendo o fato do mestre estar bêbado. Ah, e já repararam que sempre há ‘alguém(s)’ do lado dele tirando onda com a situação? Não criem um novo Garrincha. (23 reações)

De modo geral, com exceção da SDC 2, os textos de Cenas Lamentáveis são produzidos a partir de um “lugar em comum” sobre futebol, sobre humor, e sobre masculinidades. Apesar da proximidade, existem diferentes posicionamentos adotados sobre estes assuntos – afinal, se todos os textos do banco de dados falassem estritamente a mesma coisa, não haveria lógica em analisá-los. Portanto, interessa, retomar a questão da autoria nos textos coletados. Aqui, faço uma “ponte” com um tópico abordado anteriormente na dissertação, a noção teórica de autoria, presente na seção 3.1, “particularidades na produção e circulação de textos na Internet”. Vou retomar essas considerações rapidamente aqui como forma de contextualizar a autoria como um elemento significativo de produção discursiva da *fanpage* analisada.

O objeto empírico estudado oferece possibilidades para o estudo da noção de autoria logo em sua origem: primeiro, tratam-se de textos publicados na Internet, onde as possibilidades comunicacionais permitem a ampla produção e circulação textual; e em segundo lugar, há prevalência de discurso humorístico, que também lida de forma particulares com a questão dos autores dos textos.

Qualquer sujeito com acesso à internet pode publicar textos e, por exemplo, criar uma *fanpage*. Naquele espaço, ele deixa de ser um sujeito “comum” da rede social e passa a produzir sentidos a partir do lugar de administrador. Seu uso da plataforma continua o mesmo, mas dentro daquele grupo temático ele adquire novas ferramentas: pode produzir sentidos para sujeitos além de suas conexões enquanto usuário individual; excluir comentários; interagir com outras páginas; monitorar estatísticas etc.

Acerca dessa configuração, se expressa a condição de produção de autoria (DIAS, 2015), que se dá de modo particular na Internet. Diferente, por exemplo, da imprensa esportiva, na *fanpage* analisada não existe uma “institucionalidade” propriamente dita – seguidores e administradores são fãs de “futebol tradicional”. A autoria trata de um efeito de unidade e de coerência ao sentido, naturalmente equívoco e disperso (SANTOS, RAIMO, 2014).

A noção é desenvolvida na AD a partir das considerações de Michel Foucault, para quem a autoria era um princípio de organização da dispersão de sentido, e conferia unidade ao

discurso. Para o francês, nem todos os discursos têm autoria, e sua ausência é ocupada por uma função-autor. Baptista (2011) elenca algumas características dessa noção: a ideia de apropriação de um texto por parte de um autor; não é exercida universalmente sobre todos os discursos; ela não é espontânea, é resultado de atribuição de saber a um indivíduo; a existência de uma “pluralidade de eus” no autor. Para Hansen (2013), há a apropriação do texto; um “indício de prova” produzido pela função de autor; a ilusão de concretude e de unidade ao próprio autor; e uma cisão efetuada entre escritor, locutor real e locutor fictício.

Dias (2015, p. 975), ao falar especificamente da questão da autoria em discurso produzido na internet, segue a mesma lógica de Foucault: “muitas vezes nos deparamos com materiais que não têm um ‘nome de autor’ ou uma chancela institucional [...]”. Orlandi (2005), ao incorporar a noção foucaultiana para a AD, traz uma diferença fundamental: segundo ela, a autoria é pré-requisito para a textualidade, de modo que a todo discurso é atribuído um autor, independente de uma “assinatura” estar explícita ou não.

Nessa perspectiva, não se pensa em “autor” como necessariamente um indivíduo que escreve ou assina um texto, e sim na relação de um sujeito com uma Formação Discursiva⁴⁹, em que ele produz sentido se colocando como origem de um dizer (SANTOS, RAIMO, 2014). O sujeito como fonte do dizer é ilusório, uma vez que o sentido é exterior e anterior a ele (interdiscurso), o que é esquecido no momento da fala. Mediante a autoria, esta ilusão dá uma sensação de ordenamento ao discurso, pois

[...] o sujeito-autor organiza (regula) o que está na dispersão, organiza a heterogeneidade, atribuindo-lhe um efeito de homogeneidade. As diferentes vozes, vindas do interdiscurso, são organizadas no fio do discurso, criando o efeito de coerência e aparência de unidade que a dispersão toma. HANSEN, 2013, p. 149

Resulta daí um “fechamento” (GALLO, 2001 apud SANTOS, RAIMO, 2014), a sensação de que existe uma voz dominante e única. Neste processo de “apagamento” de outras vozes do discurso, em um movimento ideologicamente determinado (HANSEN, 2013). Orlandi (2007) enxerga potencialidades de produção de sentido a partir do silêncio – aquilo que não se diz, ou não se deixa dizer, também é capaz de produzir sentido.

Em *Cenas Lamentáveis*, os autores podem ser identificados a partir do lugar de “torcedores que contestam o futebol moderno”. Futebol é foco das discussões no grupo e a partir da onde surgem os laços sociais entre os indivíduos, mas para integrar esta comunidade

⁴⁹ Em resumo, as Formações Discursivas delimitam o que “pode e deve ser dito” em determinado contexto. A noção teórica é definida de forma aprofundada na subseção 4.3.

virtual, é necessário ser identificado a um “futebol clássico”, como determina a própria *fanpage*, já que é este tipo de discurso que circula, praticamente como norma.

Embora haja relativa horizontalidade na comunicação da página, existe uma distinção entre estes “torcedores-autores”: uma minoria são os administradores de CL, responsáveis por pautar a comunidade, selecionando conteúdos e produzindo textos que julguem adequados à proposta da *fanpage*; e os próprios seguidores, que produzem sentido a partir do seu engajamento com este material, de acordo com as ferramentas comunicacionais disponibilizadas pelo Facebook.

Existe ali um deslocamento daquilo que é “institucional”: por mais que haja claras distinções entre administradores e seguidores, ambos se identificam como fãs insatisfeitos com o futebol profissional da atualidade. Mesmo ali sendo todos fãs de futebol, o corpo de administradores de CL detém poder e status (LAGE, 2017), por serem eles os definidores de quais sentidos circulam, por meio das suas postagens. Embora não tenham controle sobre o que especificamente é escrito nos comentários, a definição das pautas depende dos conteúdos postados por eles.

A SDP 1, sobre o vídeo de Ronaldinho Gaúcho na cozinha, exemplifica certa “igualdade relativa”, por assim dizer, dos textos da página e dos seus seguidores, especialmente na frase “Quem não ama este rapaz tem desvio de caráter”. Essa colocação dificilmente seria feita em um noticiário, por exemplo, por conta da ética das relações entre jornalistas e atletas. O próprio fato de Ronaldinho Gaúcho estar bêbado e cozinhando com um amigo possivelmente também não seria digno de nota em publicações esportivas. Ela parece (e de fato é) um registro de adoração feito de fãs de futebol que falam para outros fãs – tanto que, como já mencionado, existe uma paráfrase de “amor à Ronaldinho Gaúcho” nos comentários.

SDP 1 Ronaldinho LOUCASSO na cozinha! “DÁ UMA AZEITADA NESSA PORRA AQUÍ” Quem não ama este rapaz tem desvio de caráter! (15495 reações)

A autoria do discurso contra o futebol moderno produzido por Cenas Lamentáveis desliza entre as mãos dos seguidores e dos administradores, em um processo contínuo e cíclico. Os administradores são os autores e se colocam como origem do sentido ao postar conteúdos sobre Ronaldinho Gaúcho, e a relacionar sua figura com o discurso sobre futebol clássico (SDP 1). Os seguidores se tornam os autores a partir do momento em que curtem, compartilham ou comentam esses *posts*, independentemente de estarem em consonância com

o que dizem os administradores (paráfrase), seja propondo algum deslocamento no discurso (polissemia).

Se ilustram aí as possibilidades de deslocamentos descritas por Gallo (2012) sobre os discursos produzidos em rede. A autoria torna estes discursos fechados, mas ao mesmo tempo provisórios, uma vez que os textos em rede desaparecem (a lógica de funcionamento do Facebook é a de mostrar o “mais recente” primeiro); podem mudar (existe a possibilidade de edição de um comentário, e também de polissemia); e é legítimo para um certo leitor (neste caso, seguidores da *fanpage* e pessoas contraidentificadas ao futebol moderno).

É possível identificar efeito de unidade (HANSEN, 2013; SANTOS E DAIMO, 2014) no discurso produzido neste site de rede social. Quando o autor é a administração da *fanpage*, a unidade se dá pela própria seleção do que é compartilhado naquele espaço. Os administradores também têm parte na responsabilidade definir quais valores do “futebol clássico” devem ser resgatados, já que a publicação na *fanpage* depende dos seus gestos de interpretação.

No *corpus* da dissertação, o efeito de unidade do discurso de Cenas Lamentáveis ocorre pelo apagamento de uma série de outras vozes possíveis: a dos sujeitos não identificados ao futebol moderno; dos sujeitos filiados às masculinidades não-hegemônicas (CONNELL, 2005); dos torcedores de baixa renda insatisfeitos com preços de ingressos; da democratização do estádio como luta por acesso à cidade (SANTOS, 2017); dos movimentos políticos engajados com resistência ao futebol moderno, entre outros.

Cabe ainda mencionar mudanças sutis no sentido destacado pelos administradores e que posteriormente são endossadas pelos seguidores, quando estes assumem a função de autores do discurso. Nas SDP 2 e 3, a ênfase dos textos estava no futebol, especificamente no comportamento dos torcedores e dos atletas. Nas SDP 1, 4 e 5, o assunto principal passa a ser a performatividade de um certo padrão de masculinidade. O futebol fica em segundo plano – a única referência ao esporte é o fato de os representantes do modelo legitimado serem ex-atletas.

SDP 2 SEMANA PASSADA SAIU UMA MATÉRIA NO YAHOO DAS CAMISAS INFANTIS MAIS VENDIDAS NO PAÍS E DENTRE AS 10 TINHA OS ~~~CITYS CHELSEAS~~~ DA VIDA. RECEBEMOS COM TRISTEZA TAL NOTÍCIA (2087 reações)

SDP 3 um compilado das tretas que rolaram no jogo River 1x0 Boca hoje (9362 reações)

SDP 4 Ronaldinho é a personificação do Decreto! (25319 reações)

SDP 5 Romário COMPLETAMENTE à vontade REINANDO na balada (23152 reações)

A repetição do padrão masculino também age como efeito de fechamento do sentido: são vetadas possibilidades de identificação com outros modelos de masculinidade nos dizeres de CL, visto que eles são silenciados no discurso. O atleta Kaká, por exemplo, não é mencionado, apesar de carreira vitoriosa e de protagonismo na Seleção Brasileira. No entanto, ele é “certinho” no extracampo – é casado, religioso e tem a vida regrada⁵⁰, o que o torna personagem não-identificado com as proposições tradicionais da *fanpage*.

De acordo com Gallo (2012, p. 62), a produção de sentido na rede social cria uma memória discursiva, da qual a “memória metálica” (ou seja, a própria estrutura do site de rede social e os vídeos que antecedem os *posts* e comentários) é dependente. Em suas palavras, “ao nos servir desses bancos de dados estamos, no mesmo gesto, os constituindo”, já que sem as informações publicadas pelos usuários, não existem possibilidades de interação entre os sujeitos, e entre o sujeito e a tecnologia.

O exemplo utilizado pela autora é o de uma busca no Google, em que os resultados têm base no sentido produzido por sujeitos na internet. Prova disso é o diferente volume de informações encontradas sobre um artista muito famoso, em comparação a outro pouco conhecido e que não use meios digitais para divulgar seu trabalho. No caso de Cenas Lamentáveis, ao assumirem autoria no discurso, são os seguidores quem retroalimentam a memória discursiva de Cenas Lamentáveis, o que dá prosseguimento ao ciclo de alternância entre esses autores, que se alimentam dos dizeres anteriores para solidificarem sua interpretação do futebol tradicional como futebol nostálgico e masculinizado.

A “hierarquia suave” entre torcedores se estabelece na *fanpage* pelo acúmulo de capital social, um conjunto de valores “constituído a partir das interações entre os atores sociais” (RECUERO, 2009, p. 45), sobre o qual membros de um grupo têm acesso. Alguns dos capitais elencados por Recuero (2009) que tornam administradores diferentes de um seguidor comum, ainda que em relativa semelhança a ele, são visibilidade, reputação, popularidade e autoridade.

⁵⁰ Uma história contada pelo atacante Alexandre Pato ilustra a diferença na personalidade dos atletas. Quando ele chegou ao Milan, em 2007, teve de “escolher” entre o grupo da “molecagem saudável” de Ronaldinho Gaúcho, ou dos “inocentes” amigos de Kaká, ambos veteranos na equipe italiana. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/esporte/pato-recorda-piada-de-ronaldo-no-milan-playboy-ou-kaka/>. Acesso em: 22/07/2019.

A visibilidade significa a quantidade de conexões de um ‘nó’ de determinada rede social. Argumento que CL é visível porque tem cerca de 600 mil seguidores que demonstram algum grau de interesse em fazer parte deste grupo temático. Tem reputação, porque a percepção construída por esses seguidores é a de que aquele é um espaço legitimado para troca de sentidos sobre “futebol clássico”. É popular, dados os milhares de comentários coletados para realização dessa pesquisa. E sobretudo tem autoridade, porque possui algum poder de influência dentro desta rede social de fãs de “futebol clássico”, apesar de depender da interpretação dos seguidores para que o discurso se perpetue.

O capital social obtido permite que CL possa pautar as discussões por meio da seleção e da circulação de certos discursos, em detrimento de outros. Esta seleção se dá por gestos de interpretação dos sujeitos que constituem seu corpo administrador. Usando os comentários, os sujeitos-seguidores podem se identificar ou não com os gestos de interpretação lançados pelos *admins*. Argumento que a produtividade desses discursos ao longo de cinco anos solidifica os sentidos por sua repetição (ORLANDI, 2005), inclusive pela validação pela audiência, tanto em textos identificados com os *posts*, quanto em reações e compartilhamentos.

Outra instância de autoria existente na página está no humor, com o qual se estabelecem diferentes relações, onde também ocorre um efeito de unidade no discurso. Repete-se em *Cenas Lamentáveis* um funcionamento basilar do cômico, segundo a AD, que remonta para a noção de memória discursiva: normalmente desconhecemos os criadores das piadas, apesar de as repetirmos. Diversos elementos do *corpus* podem demonstrar este raciocínio: as piadas com Ronaldinho Gaúcho; ou a comicidade dos momentos extracampo dos atletas. Estes dizeres circulam em CL, mas são acessados mediante a memória discursiva e interdiscurso, sem que se saiba quem é o “criador” da piada.

Este pensamento sobre a autoria do texto humorístico me recorda da série animada *Family Guy*, que assisti há alguns anos. No episódio *The Splendid Source*, o personagem Peter Griffin ouve uma piada tão maravilhosa que o faz se dedicar a uma verdadeira jornada para descobrir quem foi a primeira pessoa no mundo a contá-la. Ficções à parte, tal jornada seria infrutífera, visto o funcionamento da linguagem segundo a AD, que considera uma permanente dialogia entre os dizeres (o interdiscurso, propriamente dito). O que interessa a uma piada não é um indivíduo em particular que a conte, porque em geral não é aí que está o humor. “[...] Portanto, elas devem ser interpretadas sem a invocação de tal critério” (POSSENTI, 2007, p. 37).

Para Ávila (2009), isto tem relação com a criticidade do humor: segundo ela, é impossível designar o sentido do humor a uma única pessoa; tentar traçar o histórico da piada,

como fez Peter Griffin, já que é um “dizer social” que se dispersa por meio do texto humorístico. Ainda assim, é necessário atribuir uma autoria no ato de contar uma piada. Mesmo que provisoriamente, alguém é responsabilizado pelo texto, por mais que seja ilusória a ideia do sujeito enquanto origem do dizer. Caso contrário, corre-se o risco de o discurso ser mal interpretado, ou de não concluir seu objetivo, que é o riso.

É isto que está em jogo na afirmação de Possenti (2007, p. 46): “Se alguém disser que loiras são burras, isso não é engraçado. Mas, se alguém disser que se sabe que foi uma loira que trabalhou no computador porque a tela do monitor está cheia de marcas de Errorex, então temos uma piada”. Neste caso, o autor está lidando com um tema socialmente controverso, mas que encontra amparo em um determinado contexto de produção, o humor, meio pelo qual um discurso preconceituoso pode circular sem maiores empecilhos.

Ávila (2009, p. 41) explana a questão de autoria por meio de relativizações. Segundo a autora, o sujeito procura assumir uma “posição de poder dizer o que estaria eventualmente proibido em outra situação discursiva”. No exemplo da piada de loira, se assume tal posição por não falar, de forma literal, que “loiras são burras”. Ao contar a piada de loira, o sujeito se exime de responsabilidade pelo sentido da frase, já que este sentido se reproduz socialmente mediante o humor.

Em *Cenas Lamentáveis*, o discurso humorístico circula sem marcações muito claras. Ao comentar, não é como se o sujeito afirmasse “agora vou contar uma piada”, ou “sabe da última da loira?”, nem nenhuma marca textual que o valha. Daí decorre uma questão problemática: como saber se um determinado texto é ou não piada? A questão é bastante subjetiva. Alguém que tenha conhecimento dos códigos partilhados pelo grupo, especialmente aqueles sobre futebol, consegue perceber com mais clareza as ironias, jogos de palavras e afins que constituem o cômico em *Cenas*. Outro leitor, menos familiarizado com a gozação futebolística (GASTALDO, 2006b), ou com linguagens específicas da contestação ao futebol moderno, pode considerar os textos ofensivos.

A linha entre o “entender que é piada” ou “se ofender” com determinado texto é muito tênue. O assunto virou uma espécie de chavão – e depois chacota, como não podia ser diferente – entre humoristas⁵¹, em constantes questionamentos sobre “qual é o limite do humor?”. Em 2019, Danilo Gentili foi condenado a prisão após processo da deputada Maria do Rosário. Um resumo – bem resumido *mesmo*, já que a história toda tem diferentes nuances,

⁵¹ Exemplo de entrevista em que dois comediantes ironizam o assunto. <https://www.youtube.com/watch?v=Uavp2eGwZv4>. Acesso em: 21/11/2019.

inclusive políticos, que não vêm ao caso – é o seguinte: Maria do Rosário se sentiu ofendida com uma piada e processou Danilo. O humorista fez um ato escatológico com o papel da intimação e foi condenado a prisão⁵², ainda podendo recorrer da decisão judicial.

Há um rico material para análise de discurso em todo este debate sobre o limite do humor. A questão, me parece, gira fundamentalmente em torno dos gestos de interpretação dos diferentes sujeitos em Cena. Segundo a AD, o significado das coisas não existe “em essência”, ele é sempre fruto de um processo de significação por parte de sujeitos que interpretam os textos. Estas mesmas interpretações podem levar o texto a ser interpretado da mesma maneira, ou pode deslocá-lo para algum outro lugar. O significado de um texto nunca está no próprio texto, mas sim naqueles que o leem (ORLANDI, 2005, 2007).

Decorre daí uma mesma situação linguística – uma piada, depois um chiste com o primeiro processo – resultarem em posicionamentos tão diferentes: uma parte que se julga inocente, por ter feito apenas uma piada; e outra que deseja culpá-la, por ter se sentido pessoalmente lesada por aqueles atos. Problematizei rapidamente o caso apenas para afirmar, novamente, que meu trabalho enquanto analista será o de fornecer um gesto de interpretação sobre o humor de Cenas Lamentáveis, desconstruindo o sentido produzido ali, mas sem apontar o que seria um “comportamento correto”.

Por isso pouco me importa se a piada é boa ou ruim, ou se a técnica humorística tem qualidade e consegue gerar riso ou não. Esta não é uma problemática central à minha pesquisa, apenas uma variável derivada do *corpus*. E, sendo a questão inteira permeada por subjetividades, esta dissertação não escapa à regra, apresentando aqui reflexões com base em meu gesto de interpretação, e amparadas em referencial teórico pertinente, mas sem pretensão de ser “a única” ou “a correta” interpretação sobre as piadas.

Fechando o raciocínio, apresento duas Sequências Discursivas que explicitam a dificuldade em traçar uma divisão entre “piada” e “preconceito” em Cenas Lamentáveis, seguido da minha interpretação sobre elas.

SDC 5 Matheus vai participar disso na escola?!?! VAI. E VAI SER ELE QUE GRITA FILÁ DA PUTA. E se tomar advertência eu assino com orgulho. (2014; 212 reações)

SDC 3 Jogo pra homem, quem não aguentar saia e va tomar sopa ... (2015, 15 reações)

⁵² Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2019/04/10/interna-brasil,748784/danilo-gentili-e-condenado-a-6-meses-de-prisao-por-ofensas-a-deputada.shtml>. Acesso em: 21/11/2019.

Considero a SDC 5 uma piada; e na SDC 3, reprodução de discurso preconceituoso mais nítida do que o humor em si. No primeiro exemplo, é possível identificar uma série de características do que Possenti (2007) se refere como “humor de criança”, e um funcionamento discursivo bastante próximo daquele observado em piadas de Joãozinho por Ávila (2009). Por mais que o sujeito não diga explicitamente que está contando uma piada, características desse tipo de texto ficam subentendidas pela lógica existente na anedota que ele conta.

Já a SDC 3, a meu ver, tem uso de humor para reforçar um dizer machista sobre futebol. Interpreto a Sequência em dois momentos. O primeiro, uma afirmação de que o futebol deve ser frequentado apenas por um tipo específico de público (“jogo pra homem”). O segundo, uma ridicularização dos tipos que não fazem parte deste grupo (“quem não aguentar, saia e vá tomar sopa”). Também é humor, mas considero a existência de sutilezas que diferenciam estas duas sequências. Retomo, mais uma vez, a descrição de Possenti (2007) sobre piadas de loira: se for dito pura e simplesmente que são burras, é grosseria; se houver uma anedota em volta, o discurso circula livremente – apesar de haver margens para questionamentos morais sobre este humor.

Estas foram apenas algumas breves demonstrações que embasam as análises que seguirão. Não pretendo categorizar friamente os textos como “piada” ou “preconceito”, por isso estas palavras não devem ser consideradas como categorias dentro do trabalho de investigação. Isto seria insuficiente, uma vez que o humor pode reproduzir conteúdo preconceituoso (POSSENTI, 2007), e isto pretende-se fazer notar. E também porque, como já explanado, não há uma interpretação absoluta em relação às demais: algum sujeito pode achar a SDC 3 uma piada engraçadíssima, e me chamar de “chato” ou de “mimimizento” por achá-la machista.

Fato é que existe um complexo jogo de autoria nestes discursos, com a ausência de um sujeito que seja de fato a origem da piada e que dê início ao humor, com pouca nitidez na marcação de se estar produzindo texto humorístico como condição para que ele exista e seja compreendido como tal. Na sequência do capítulo, apresento alguns dos códigos próprios de linguagem intercambiados em Cenas Lamentáveis, incluindo a idolatria a determinados atletas e “tipos” masculinos.

4.1 LINGUAGENS E PERSONAGENS EM “CENAS”

Um dos elementos mais notáveis que garantem especificidade à *fanpage* é a linguagem utilizada – tanto pelo consumo de códigos específicos, como gírias ou jargões, como pela referência à personagens que representam os atributos considerados positivos dentro do contexto da *fanpage*.

Os textos estão escritos dentro de características próprias da comunicação na internet, como a informalidade e o desrespeito às regras gramaticais da língua portuguesa; uso de caixa-alta em palavras específicas para destacá-las/provocar humor (ex.: LOUCASSO); uso de *hashtags* e de *emojis* e risadas para acentuar alguma expressão de sentimento. Destaco ainda o uso de gírias, memes e chavões próprios do universo futebolístico e mesmo próprios da *fanpage*, como é o caso do “decreto”. São expressões e sentido estranhas para um *outsider*, mas naturais aos frequentadores e fãs de futebol em geral. Elas refletem tomadas de posição sobre o futebol moderno e reforçam a participação ativa dos seguidores no cotidiano de CL.

SDC 9 isso é libertadores, competição da raça, da pancadaria... Quer assistir futebol cheio de estrelinha, vai assistir champions league, enquanto toma seu toddynho (2015) (19 reações)

SDC 10 VOLTA MATA MATA (2014) (16 reações)

SDC 11 posso comentar com essa imagem lenta A? (2015) (112 reações)

SDC 12 esses dois honrosos confrades (2017) (10 reações)

Além das formas de comunicação específicas dos integrantes do grupo, pode-se perceber nas Sequências Discursivas destacadas a paráfrase, novamente: são formas gramaticalmente diferentes dos *posts*, mas com os mesmo significados. Os trechos destacados acima constituem frases comuns aos comentários sobre futebol na internet e nas discussões dos sujeitos aqui analisados, que acionam sentidos muito semelhantes aos *posts* de administradores que compõem o *corpus* da pesquisa.

A SDC 9 é referente a comentário do vídeo das brigas no jogo de River Plate e Boca Juniors e teve 19 reações. Denota uma separação entre o futebol “popular” e o “civilizado”, já que mesmo com a existência supostamente massiva de consumidores de times europeus, ainda há representantes da nova geração comprometidos com as raízes. Fica nítida a contraposição entre o sul-americano (Copa Libertadores, raça, pancadaria, valorada positivamente); e a Europa (Champions League, “estrelinha”, civilizada e valorada negativamente). A SDC

reforça o sentido do *post*, vinculando esses comportamentos a padrões desejados de masculinidade – “enquanto toma seu Toddynho” é indicativo da “frescura” de se acompanhar um torneio europeu, enquanto os “homens de verdade”, celebrados na *fanpage* e fãs do futebol latino-americano, bebem cerveja.

A SDC 10 é um comentário no *post* da comemoração das crianças torcedoras do Atlético-MG. Também traz o aspecto de pouca polidez do futebol, mas acionando a nostalgia como constituinte de um futebol legitimado. O futebol profissional brasileiro “popular” é o do mata-mata⁵³. O formato atual de pontos corridos seria um dos responsáveis por diminuir a emoção das partidas de futebol, talvez como subproduto da transformação do futebol em espetáculo (BANDEIRA, 2017). “Volta mata-mata” é um chavão, utilizado por torcedores contraidentificados com o futebol moderno e que sentem saudade de um modelo de competição que tenha, por exemplo, grandes finais para sagrar os campeões de cada ano.

A distinção entre o “torcer” (o “popular”; o amor e desapego aos aspectos materiais) e o “consumir” (não entendido no sentido proposto por autores como García-Canclini (2015), mas como um “consumismo sem alma”) proposta pelo discurso CL não se sustenta na prática. Pelo contrário: não há a dicotomia, e um exemplo empírico disto é a comercialização de produtos com as palavras de ordem, como “ódio ao futebol moderno” ou similares.

Uma pesquisa rápida no Google sobre “O futebol respira”, uma destas frases de efeito, leva a uma loja virtual de Cenas Lamentáveis⁵⁴. A *fanpage* comercializa ainda uma camiseta “Mata-mata sim, pontos corridos não”, “Time que não bebe, não ganha”, entre outros materiais baseados nos saberes da *fanpage* analisados até aqui. O preço médio é de 30 reais para capinhas de celular, 50 reais para camisetas, e 90 para agasalhos.

Me pergunto como ocorre a negociação simbólica com este tipo de indumentária. Por parte dos administradores, por colocarem em pauta uma suposta diferenciação entre os “reinos” do popular e do elitizado, mas ainda assim venderem produtos com valores altos para a maioria dos brasileiros. Inclusive, mesmo os mais baratos custam mais do que ingressos para as divisões inferiores brasileiras (Séries C e D), locais em que, segundo a argumentação CL, o “futebol respira”.

⁵³ O mata-mata era o modelo de competição do Campeonato Brasileiro e de competições intercontinentais como a Copa Libertadores ou a Liga dos Campeões, disputada em jogos eliminatórios de ida e volta. A partir de 2003, o Brasileirão passou a ser disputado em pontos corridos – os clubes se enfrentam duas vezes por ano e ganham pontos a cada vitória. Ao final das 38 rodadas, vence quem tem mais pontos.

⁵⁴ A loja de Cenas Lamentáveis está disponível em: <https://www.mitoucamisetas.com.br/cenaslamentaveis/>. Acesso em: 23/07/2019.

E também por parte dos seguidores: o consumo de um bem material vinculado à narrativa em prol do tradicional propõe, ao mesmo tempo, a sensação de pertencimento àquele grupo, mas a filiação a sentidos amplamente criticados, como o dinheiro, alvo de críticas por corromper a suposta “pureza” do futebol tradicional; e a transformação do futebol em mercadoria – venda massiva de material que dificilmente pode se caracterizar como “popular” no sentido de acessível a quem possui poder aquisitivo reduzido.

Evidencia-se novamente aquilo que já foi dito em outros momentos da dissertação: o discurso não é fechado; o sentido está aberto a deslizamentos e variedades de interpretações, em uma contraditória relação dos sujeitos com as lógicas de funcionamento do futebol moderno.

O efeito de que “futebol tradicional é bom” e “futebol moderno é ruim” é trabalho da ideologia dominante em *Cenas Lamentáveis*, que silencia certos dizeres, e ela própria se oculta ao mesmo tempo que impõe uma interpretação, como “efeito de um processo natural, sem sujeito, sem ideologia” (HANSEN, 2013, p. 152).

A SDC 11⁵⁵ também reforça o “popular” como atributo desejável para o futebol. O comentário postado no vídeo da música de Ronaldinho Gaúcho com Wesley Safadão faz referência a outra *fanpage*, chamada Testes de Macho⁵⁶, que classifica comportamentos entre “macheza” (letra A) à “frescura” (letra E). A grafia “lentra” é proposital, possivelmente enfatizando ainda mais o comportamento “turrão”, de alguém desleixado com as normas da língua portuguesa.

A SDC 12⁵⁷ é outra terminologia própria da *fanpage*: os sujeitos chamam uns aos outros de confrade, sugerindo relações afetivas criadas neste espaço, apesar do interesse primário ser temático. Além de criarem efeito de pertencimento, como abordado anteriormente neste capítulo, as “gírias” e suas vinculações a uma concepção de “futebol tradicional” ou contrariedade ao futebol moderno são mostras de um longo processo de apropriação da internet por sujeitos mobilizados por essa pauta. Uma das narrativas mais notáveis consumidas pelo grupo é a do “decreto”, apresentado na SDC 1:

⁵⁵ Texto da SD: “posso comentar com essa imagem lenta A?”.

⁵⁶ Mudou o nome para “testes da massa”, mas o “sobre” ainda faz menção à “macheza”. Disponível em: https://www.facebook.com/testesdasmassas/?_tn_=%2Cd%2CP-R&eid=ARBlAAz8VO8hg8QvIhTGy_vyZgbXRREKno0kFRLDJ7QUNnTFL1ZZIP3zTia7K4wZM_EWfCEw74D8fc6. Acesso em 28/06/2019.

⁵⁷ Texto da SD: “esses dois honrosos confrades”.

SDC 1 Confrades, uma música lançada em plena quinta feira por bruxodinho e safadão
?! Sinto cheiro de quebra de decreto! MEUS AMIGOS VOLTEI

O comentário sobre o lançamento de uma música de Wesley Safadão em parceria com Ronaldinho Gaúcho⁵⁸ foi publicado em 2016 e foi curtido por 902 sujeitos. A canção fala sobre temas “típicos” na trajetória de Safadão, como a desilusão amorosa e a volta por cima depois de um relacionamento que deu errado. A solução para se recuperar do coração partido é o consumo de bebida alcoólica e a participação em festas – atividades pelas quais Ronaldinho Gaúcho é conhecido⁵⁹. “Meus amigos, voltei” é o primeiro verso da música, em que Safadão anuncia sua volta à “gandaia”.

O tema da página, o futebol tradicional, está presente pela referência ao “Bruxodinho” – o ex-meio-campista Ronaldinho Gaúcho, ex-Barcelona e Seleção Brasileira. O jogador é reverenciado pela página e por seus seguidores por ser irreverente e representar um passado de glórias da Seleção Brasileira. Ronaldinho Gaúcho é uma corporeidade das concepções de futebol defendidas por Cena Lamentáveis.

Confrade é um “chavão”, o modo pelo qual os seguidores e administradores da página referem-se aos seus companheiros. O “decreto” é mais complexo, por tratar de uma forma de comunicação desenvolvida pela *fanpage* e que posteriormente se tornou conhecida também em outros espaços⁶⁰. Decretos são publicações feitas periodicamente desde 2015, de forma quase ritualística, sempre no final das tardes de sextas-feiras. O formato é sempre o mesmo: textos de pelo menos um parágrafo, com palavras grifadas em caixa alta e linguajar chulo, chancelando uma série de comportamentos autodestrutivos e condutas moralmente condenáveis e relacionadas a uma dominação masculina sobre as mulheres, mas que devem ficar restritas para os finais de semana.

Em artigo exploratório desta dissertação⁶¹, analisei o modo de funcionamento a partir do decreto de carnaval. Observei uma repetição de sentidos de comportamentos vinculados a modelos legitimados de masculinidade das sociedades ocidentais, como o consumo excessivo

⁵⁸Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=I6KGsgkarJs>. Até a data de acesso (01/07/2019), a música tinha mais de 150 milhões de visualizações.

⁵⁹Exemplo de reconhecimento da vida noturna de Ronaldinho Gaúcho: <https://www.uol/esporte/especiais/os-causos-e-as-baladas-de-ronaldinho-gaucha.htm>. Acesso em: 17/06/2019.

⁶⁰ Em 2016, o decreto teve repercussão nacional por meio do jornalista Alê Oliveira, que criou decretos próprios no programa Bate-Bola da ESPN, inspirado na Cena Lamentáveis. Disponível em: <https://uol.esportetv.blogosfera.uol.com.br/2016/10/07/decreto-vira-moda-na-espn-e-ale-oliveira-brinca-tenho-de-ter-bom-senso/>. Acesso em: 17/12/2018.

⁶¹ Apresentado na seção 1.2 desta dissertação, “pesquisas exploratórias”.

de bebida alcoólica, competitividade entre homens e heterossexualidade obrigatória. Há também fortes elementos de silenciamento de grupos não-legitimados no futebol, em especial as mulheres, vítimas de objetificação, e os homens homossexuais, completamente ausentes e silenciados do discurso.

Tais comportamentos celebrados – supostamente restritos aos finais de semana – são relacionados a jogadores de futebol capazes de representar os modelos de masculinidades esperados de um participante do futebol. Além de Ronaldinho, um exemplo possível, mas não existente no *corpus*, mas existente naquele decreto, é Adriano Imperador, que representa uma geração de “machos” e de “não-elitizados”: apesar da fama, o ex-atacante visita frequentemente a Vila Cruzeiro, favela em que foi criado, bebe cerveja, e tem a vida sexual ativa. Não é “fresco”, em outras palavras.

Destaco alguns trechos do decreto analisado⁶², que listam comportamentos esperados dos seguidores da *fanpage* que consomem o decreto e o veem como ordenador do grupo (GARCÍA-CANCLINI, 2015): “[...] pegar sem olhar a cara [...] puxar DIDICO O POVO ESTÁ CONTIGO’ nos blocos Brasilzão afora [...] se perder dos amigos às 10:47 e reaparecer às 17:23 bêbado e com outra camisa [...] ser encontrado pelos amigos deitado em posição fetal num beco escuro e falando sozinho”.

Por isso, a frase “quebrar o decreto”, da SDC 1, publicada em comentário do *post* sobre o lançamento da música de Ronaldinho Gaúcho, é representativa. Significa atribuir um nível de idolatria tão grande ao atleta, que é capaz de subverter um discurso consumido em Cenas Lamentáveis desde 2015: o decreto da sexta-feira. A figura de Ronaldinho Gaúcho é relevante nesse contexto porque se trata de um jogador conhecido pela farra⁶³; por expressões de heterossexualidade e pela irreverência⁶⁴; por ser vitorioso com a Seleção Brasileira; e por estar em atividade no período celebrado pela *fanpage*, os anos 1990-2000. Logo, é uma figura de autoridade, capaz de instituir a quebra de uma regra que é importante nas definições de membro da comunidade CL.

⁶² Disponível na íntegra em: <https://www.facebook.com/1427018470902354/posts/1858636747740522/>. Publicado em 24/02/2017. Acesso em: 09/12/2018. Embora possa se assumir um contexto “permissivo” durante o carnaval, os mesmos comportamentos deste decreto estavam presentes em outros textos lidos enquanto ocorria a construção do *corpus* do artigo.

⁶³ Exemplo de reconhecimento da vida noturna de Ronaldinho Gaúcho: <https://www.uol/esporte/especiais/os-causos-e-as-baladas-de-ronaldinho-gaúcho.htm>. Acesso em: 17/06/2019.

⁶⁴ Exemplo da “molecagem no bom sentido” de Ronaldinho Gaúcho: em entrevista na saída do campo de um jogo disputado no Dia Internacional da Mulher, fez uma brincadeira com a repórter. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nX5VEEPDrnY>. Acesso em: 13/07/2019.

Ocorre aí outra paráfrase de CL, componente da construção de um discurso sobre contestação ao futebol moderno: a idolatria a alguns atletas. Nos *posts* e em todos os comentários selecionados, ele é tratado por “mito”, um exemplo a ser seguido, alguém que traz felicidade aos seguidores. Há um único comentário, representado pela SDC 2, que não toma essa posição, sobre o “Ronaldinho loucasso na cozinha”. A SDC 13, apresentada abaixo, demonstra identificação com atleta Romário semelhantemente ao que é a norma para Ronaldinho.

SDC 13 Os filmes do Tarantino não passam de um bloco do globo rural perto dessa película. (2017; 245 reações)

A SDC 13 mostra um tipo de comportamento politicamente incorreto considerado aceitável dentro deste grupo de torcedores de futebol: a vida noturna, com ou sem consumo exagerado de álcool. O comentário foi postado em 2017, em um vídeo do mesmo ano, que mostra Romário, ex-atacante da Seleção Brasileira, dançando em uma festa. Depois, ele é acompanhado por Fábio Braz, zagueiro com passagens por Corinthians e Vasco.

De acordo com o seguidor, o vídeo de pouco mais de dois minutos é incapaz de contemplar a realidade da vida extracampo de Romário, conhecido desde os tempos de jogador como um sujeito “peculiar”, por declarações curiosas, como as histórias de Rei do Rio⁶⁵ na década de 1990. Também é notória a história de sua folga para o Carnaval, quando jogava na Europa. O treinador concordou em liberá-lo caso ele fizesse dois gols no próximo jogo. Romário fez os dois gols em vinte minutos e pediu para sair porque já estava com as passagens para o Brasil compradas⁶⁶.

Para tanto, o seguidor faz uma comparação com os filmes do Tarantino e com o Globo Rural. Ele está se referindo a filmes como Kill Bill, Cães de Aluguel, Pulp Fiction, entre outros do diretor Quentin Tarantino, conhecido pela violência gráfica das películas. O Globo Rural é o oposto: programa transmitido aos domingos pela manhã, como o nome sugere, veiculado pela Rede Globo, e que fala sobre temas relacionados à agricultura. Para que se faça um filme de Tarantino parecer tão “dócil”, é necessário algo colossalmente transgressor – este papel seria ocupado por Romário, em destaque no vídeo.

⁶⁵ Reportagem da época, produzida pela TV Globo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HNF8Vcw0iCM>. Acesso em: 27/07/2019.

⁶⁶ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/2012/04/cruyff-relembra-historias-de-quando-treinava-romario-no-barcelona.html>. Acesso em: 22/07/2019.

Mas o próprio vídeo⁶⁷ não dá indícios de tamanha transgressão. É apenas Romário dançando no meio de outras pessoas, e depois acompanhado por um colega dançando sem camisa. Me parece que, por meio do interdiscurso (ORLANDI, 2005, 2007), o sujeito da SDC aciona toda uma filiação de sentido que remonta à contravenção, atribuída à Romário. Como se, naquela mesma festa, houvesse uma série de eventos que não pudesse ser registrada pelas câmeras. Em especial, sendo praticados por uma pessoa pública – ex-jogador da Seleção Brasileira e também Senador da República.

Neste caso, a contraidentificação ao futebol moderno aparentemente se dá muito menos pelo futebol, e muito mais pela contestação do politicamente correto. No vídeo e no comentário, não há produção de sentido sobre futebol. O único *link* estabelecido com o esporte é a presença de atletas.

Desenha-se também uma regularidade entre as figuras representadas pelas Sequências Discursivas já analisadas. Vejamos: Ronaldinho Gaúcho e Romário são valorados positivamente. Eles têm em comum a tal irreverência, e têm práticas normalmente incondizentes com o estatuto de atleta profissional – frequentam festas (comparáveis à filmes de Tarantino), consomem bebida alcoólica em excesso, e assim por diante.

Outra característica comum aos ídolos é o seu período em atividade. O auge das suas carreiras aconteceu nas décadas de 1990 e 2000. Pode-se inferir a existência de um sentimento nostálgico, presente no desejo de regresso do futebol àquele destes anos, em que a Seleção Brasileira de futebol era temida pelos adversários devido a um plantel com diversos jogadores habilidosos e o acúmulo de títulos importantes, como Copas do Mundo e Copas Américas. Romário e Ronaldinho Gaúcho simbolizam características extintas, de um período em que a “ética do politicamente correto” ainda não era tão forte, oferecendo permissividade a uma série de comportamentos que podem ser lidos por certos grupos de torcedores como “irreverentes”, ou “autênticos” (BANDEIRA, 2017).

Acredito ainda que os ídolos são formas de representar tais atributos porque eles podem conferir validade. Bandeira (2017) enxerga nos estádios uma espécie de “disputa simbólica” entre o discurso politicamente incorreto, à margem, e a lógica “elitizada e civilizatória”, considerada a dominante naquele espaço. Logo, associar ídolos de passado vitorioso – os dois já foram eleitos os melhores do mundo, na década de 1990 – a esse tipo de comportamento,

⁶⁷Disponível
<https://www.facebook.com/CenasLamentaveis/videos/1998093627128166/?v=1998093627128166>.
 em: 27/07/2019.

garante certa institucionalidade ao “politicamente incorreto” dentro do grupo de torcedores do futebol antigo, tornando a controvérsia parte do saber que constitui este futebol.

Espera-se então certa ousadia dos jogadores de futebol, uma autenticidade que os transforme em personalidades midiáticas interessantes de se acompanhar. São sujeitos “rebeldes”, com pouco apreço às convenções sociais, e que são responsáveis por tornar o futebol um espaço mais divertido. São dignas de nota a figura de atletas como representação dos atributos desejados, e menções a dizeres do campo da política como forma de validar tais comportamentos perante o grupo e perante a sociedade como um todo. Este é um destacado posicionamento dentro da contestação ao futebol moderno, que será detalhada na subseção seguinte deste capítulo. A SDC 4 apresenta mostras da aceitação deste discurso sobre os jogadores irreverentes entre os seguidores da *fanpage*:

SDC 4 Num país sério, teríamos uma estátua desse homem em Brasília (2018; 2117 reações)

A SDC 4 é ilustrativa de uma paráfrase existente nas postagens dos anos de 2016, 2017 e 2018: a institucionalização da “irreverência” por meio da política. Tal sentido muito possivelmente foi acionado pela presença de Romário. O *baixinho* iniciou carreira política em 2010, como deputado federal pelo Rio de Janeiro, e em 2014 como senador pelo mesmo estado. Nas entrelinhas, transparece o nacionalismo ressaltado por Santos (2017): é desejoso que a irreverência surgida no futebol se torne parte de outros espaços culturais da sociedade, assumindo, portanto, validade em relação à “ética politicamente correta”.

O comentário não explicita o que seria um “país sério”, mas neste contexto, fica subentendido como um lugar em que a imagem de Ronaldinho Gaúcho é mais do que um ídolo com a camisa de Seleção nacional, mas sim um exemplo de conduta para os cidadãos na vida cotidiana. Subverte-se então o significado da palavra “sério”, já que se cobra justamente um comportamento mais irreverente. “Seriidade” vira uma espécie de sinônimo de “legitimidade” da “molecagem do bem”. A “estátua em Brasília” seria então consequência da institucionalidade do “modus operandi” do *Bruxo*: festas; certa ostentação da homossexualidade; comportamento pouco polido em geral; consumo de bebida alcoólica.

Apesar de membros do grupo considerarem tais condutas “à margem”, pode-se dizer que na lógica do patriarcado, a produção de sentido de e sobre Ronaldinho Gaúcho e Romário se identifica ao discurso dominante sobre “ser homem” – a irreverência conforme

representada no discurso analisado se articula à masculinidade, apesar de ter função principalmente humorística na página.

Entende-se aqui patriarcado conforme a conceituação de Connell (2005; 2009). O termo dá nome a “[...] sistemas de poder masculino e opressão feminina”, que deveriam ser combatidos por movimentos femininos autônomos (CONNELL, 2009, p. 38)⁶⁸. Trata-se do principal mecanismo institucional de dominação masculina, que é confrontado por movimentos sociais, mas ainda permanece em operação. Além das mulheres, determinadas vivências masculinas também são oprimidas. É uma institucionalização do homem como ocupante da posição superior nas relações de poder entre gêneros, e decorre de um longo processo histórico. “Patriarcado” não é também uma categoria fixa, visto que sua legitimidade é contestada, e que as bases de sua defesa possam se alterar.

O caso de Ronaldinho é particular, e suas aparições como uma espécie de arauto do que seriam considerados “bons costumes” na contestação ao futebol moderno são mais frequentes do que no caso de Romário. Existe, ainda uma curiosa ressignificação de alguns dos valores morais atribuídos a ele por seguidores, como mostra a SDC 6:

SDC 6 O cara ricasso, que já frequentou tudo que é lugar chique na vida, vai de boas em uma casa bem simples e está 0% incomodado com isso.. (2018; 60 reações)

A SDC 6⁶⁹ mostra negociações possíveis com a indústria do futebol, antagonizada pelos movimentos de contestação (LOPES, 2015; SANTOS, 2017). “O cara ricasso, que já frequentou tudo que é lugar chique na vida” é uma produção de sentido sobre o sucesso financeiro do jogador. O primeiro grande momento da carreira foi no Grêmio (time “moderadamente popular”, por ter relevância no futebol brasileiro e ser um dos maiores do Rio Grande do Sul, mas estar distante dos padrões dos grandes clubes europeus).

A partir daí, se transferiu para o Paris Saint-Germain (o clube ainda não havia sido adquirido pelos investidores do Qatar, não sendo um “time da moda”, como é acusado de ser no presente momento). Depois, teve o auge da carreira no Barcelona, um dos mais ricos do continente, onde conquistou diversos títulos importantes e o troféu de melhor jogador do mundo.

⁶⁸ Tradução minha. Texto original, em inglês: “[...] systems of male power and oppression of women”.

⁶⁹ Texto da SD: “O cara ricasso, que já frequentou tudo que é lugar chique na vida, vai de boas em uma casa bem simples e está 0% incomodado com isso..” (2018; 60 reações)

Tais feitos – e os consequentes salários elevados e lucrativos acordos comerciais, que lhe permitiram frequentar “lugares chiques” – seriam impossíveis se Ronaldinho Gaúcho estivesse jogando no Brasil. São raros os casos em que uma equipe latino-americana consegue superar um europeu em campo (o próprio *Bruxo* sofreu o revés, diante do Internacional, no Mundial de Clubes de 2006); e não há registros recentes de um jogador atuando fora da Europa sendo sagrado como melhor do mundo. Todos estes feitos, em teoria, classificariam o atleta como alguém vinculado ao discurso corrente do futebol profissional. Do luxo, da frieza, dos comportamentos elitizados, enfim.

Aliás, Ronaldinho Gaúcho foi possivelmente o responsável por fazer com que milhares de crianças brasileiras vestissem a camisa do Barcelona e acompanhassem os jogos da equipe catalã pela televisão na década passada – justamente a crítica feita aos “meu Chelseas”, em *post* dos administradores de *fanpage*. Reportagem da época⁷⁰ detalha seu papel de liderança no grupo que disputou a Copa do Mundo de 2006 e sua popularidade na época.

A partir de 2016 e 2017, quando o futebol já começava a passar por um momento de exagerada mercantilização, descrita por Santos (2017) nos termos de “futebol plástico” (sem vida; imitação do real) e arenização (construção massiva de modelos excludentes de estádios), ele continuou a advogar pela marca Barcelona ao redor do mundo⁷¹, até ter o vínculo encerrado em 2018⁷². Pode-se argumentar, então, que Ronaldinho identifica-se com o futebol profissional, por ser participante ativo do processo de midiaticização da marca Barcelona, primeiro como atleta multicampeão, e depois como figura pública e embaixador. Há aqui um ponto de análise sobre a contradição que constitui o sujeito, segundo a AD. No contexto analisado, a contradição é constituinte também do discurso de contrariedade ao futebol moderno.

O sujeito é “dividido”, formado por contradições e tensões internas; por uma incompletude que o impele a produzir sentido. Ele é duplamente assujeitado, pelo inconsciente e pela ideologia, e o resultado destas tensões internas se materializa na linguagem (ORLANDI, 2005; FERREIRA, 2005). Este sujeito tem apenas a ilusão de ser origem de si e dos seus dizeres, quando na verdade está em movimento, bem como o sentido

⁷⁰ Fonte: <https://www.folhadelondrina.com.br/esporte/ronaldinho-supera-ronaldo-em-popularidade-566694.html>. Acesso em: 30/07/2019.

⁷¹ Fonte: <https://www.gazetaesportiva.com/futebol/futebol-internacional/ronaldinho-pode-ir-a-china-em-seu-primeiro-ato-como-embaixador/>. Acesso em: 30/07/2019.

⁷² Fonte: <https://exame.abril.com.br/estilo-de-vida/barcelona-se-afasta-de-ronaldinho-gaucha-apos-apoio-a-bolsonaro/>. Acesso em: 30/07/2019.

que produz. As diferentes formas de interação com o sentido, por vezes tensas e/ou contraditórias, são resultado deste sujeito disperso concebido pela AD.

O trecho final da SDC 6 suscita outro gesto de interpretação sobre Ronaldinho Gaúcho: “vai de boas em uma casa simples e está 0% incomodado com isso”. Ou seja, Ronaldinho “não se deixou corromper” pelo dinheiro. Apesar de sua ascensão profissional e econômica, permaneceu sendo “a mesma pessoa”, sem ser completamente transformado em uma versão plastificada de si devido ao ambiente moderno e elitizado.

Exemplos de como Ronaldinho Gaúcho sempre foi um indivíduo “popular” e “cru” podem ser encontrados na sua vida extracampo – um dos motivos de sua idolatria em Cenas Lamentáveis. A vida noturna tumultuada o acompanhou mesmo durante a bem-sucedida passagem pelo Barcelona⁷³. Ele saiu da Espanha negociado com o Milan, onde as baladas também se fizeram presentes em paralelo à carreira profissional⁷⁴. Já em 2017, quando ele havia se aposentado, ficou famosa uma foto sua na piscina com cinco mulheres⁷⁵. E no início de 2018, foi publicado o vídeo ao qual esta Sequência Discursiva de Comentário se refere, em que Ronaldinho aparece na casa de um amigo “sem se importar” com o ambiente não ser chique, como eram as festas em sua época de jogador de futebol bem-sucedido.

O que interessa em todos estes casos é demonstrar que, em diferentes pontos da carreira, Ronaldinho Gaúcho nunca foi um sujeito “fresco” ou “artificial” – portanto, é irreverente e “autêntico”, que não têm as atitudes moldadas pelo que se espera de um indivíduo “politicamente correto” do futebol profissional. Em outras palavras, ele é uma exceção, o que o diferencia de atletas como Thiago Silva, que vivem o cotidiano do esporte moderno e se identificam totalmente aos saberes elitizados. Estas outras formas de interpretação sobre os saberes do futebol moderno são o tema da próxima subseção.

⁷³ Segundo o ex-companheiro Allaksandr Hleb, o consumo exagerado de álcool motivou a venda de Ronaldinho Gaúcho e Deco. <https://www.lance.com.br/futebol-internacional/hleb-revela-ronaldinho-deco-treinavam-bebados-barca-vendeu-para-nao-estragarem-messi.html>. Acesso em: 30/07/2019.

⁷⁴ Fonte: <https://esporte.ig.com.br/futebol/2010/04/21/baladas+com+gaucho+terminam+com+casamento+de+pato+9464698.html> Acesso em: 30/07/2019.

⁷⁵ Fonte: <https://vejasp.abril.com.br/blog/pop/foto-de-ronaldinho-gauchos-na-piscina-com-cinco-mulheres-faz-sucesso-e-provoca-polemica-na-web/>. Acesso em: 30/07/2019.

4.2 TOMADAS DE POSIÇÃO EM RELAÇÃO À GÊNERO E FUTEBOL

As primeiras análises sobre a contestação do futebol moderno em Cenas Lamentáveis apontam para uma autoria compartilhada entre administradores e seguidores, e para uma paráfrase sobre o significado desta contestação. O exame do *corpus* revela certos “padrões” no futebol exaltado por Cenas – os saberes que organizam o “seu” discurso sobre futebol moderno: a nostalgia; a validação de marcadores tradicionais/patriarcais de masculinidade; comportamentos “populares”; a dicotomia entre futebol europeu e latino-americano. Estes saberes são corriqueiramente atribuídos a jogadores de futebol, em especial Ronaldinho Gaúcho.

Estes saberes acionam diferentes sentidos sobre o futebol, e embora haja uma “partilha geral”, por assim dizer, são mobilizações relativamente diferentes sobre um mesmo assunto. Abaixo apresento algumas Sequências Discursivas extraídas de *posts* feitos pelos administradores. Elas representam as postagens que geraram maior engajamento (curtidas/reações e comentários) em cada ano, considerados aqueles com os quais há maior identificação por parte dos fãs.

SDP 2 SEMANA PASSADA SAIU UMA MATÉRIA NO YAHOO DAS CAMISAS INFANTIS MAIS VENDIDAS NO PAÍS E DENTRE AS 10 TINHA OS ~~~CITYS CHELSEAS~~~ DA VIDA. RECEBEMOS COM TRISTEZA TAL NOTÍCIA (2014; 2087 reações)

SDP 3 um compilado das tretas que rolaram no jogo River 1x0 Boca hoje (2015; 25319 reações)

SDP 4 Ronaldinho é a personificação do Decreto! (2016; 23152 reações)

A SDP 2 é parte de um texto que acompanha um vídeo postado em 2014, primeiro ano de existência da *fanpage*⁷⁶. No vídeo, um grupo de crianças em uma escola comemora de forma efusiva a classificação do Atlético Mineiro na Copa do Brasil. O texto apresenta um contraponto do futebol moderno: a adesão de crianças brasileiras às torcidas de times

⁷⁶ Post original: <https://www.facebook.com/CenasLamentaveis/videos/1501678030103064/>. Publicado em: 10/11/2014. Acesso em: 21/07/2019.

européus. “City e Chelseas” da vida” são dois times ingleses que se tornaram mundialmente conhecidas depois de serem compradas por magnatas⁷⁷.



Reprodução da SDP 2 a partir de captura de tela de Cenas Lamentáveis, em 25/02/2020.

No contexto dessa Sequência Discursiva, a venda de camisas oficiais desses clubes representa o declínio do futebol e a sua conversão em mercadoria, em processo encabeçado pela Europa. Se entristecer com o consumo material e simbólico de equipes europeias é, por um lado nacionalista, porque implica em descontentamento com a desvalorização do futebol brasileiro por parte da nova geração. Os atletas do Brasil, as competições nacionais e a Seleção Brasileira são temas dos quais CL é grande entusiasta (BARBOZA, 2016).

Por outro lado, se entristecer é também um movimento de contraidentificação ao futebol moderno. Torcer por times europeus é possível apenas devido a um lucrativo aparato de midiaticização do futebol, do qual a Premier League é grande beneficiária⁷⁸. A midiaticização é

⁷⁷O bilionário russo Roman Abramovich comprou o Chelsea FC em 2003; e o Manchester City foi adquirido em 2008 pelo sheik Mansour bin Zayed bin Sultan bin Zayed bin Khalifa Al Nahyan. Os dois clubes não eram protagonistas do cenário esportivo inglês antes de serem comprados pelos magnatas, que financiaram contratações milionárias ano após ano e transformaram as equipes em potências.

⁷⁸A Premier League é a principal divisão do futebol inglês, e arrecada anualmente cifras astronômicas com direitos de transmissão dos jogos na televisão. Em 2018 foram 12 bilhões destinados aos clubes. Fonte:

apontada por Lopes (2015) como uma das características da modernização do futebol, em processo iniciado nas transmissões radiofônicas, e intensificado a partir da transmissão televisiva de jogo da Copa do Mundo de 1970.

O fato é que as crianças que torcem para Manchester City ou Chelsea representam uma “plasticidade” do futebol moderno. O adjetivo “plástico” é usado por Santos (2017) para definir um momento da modernização do futebol posterior à midiatização, mas serve também para o contexto da SD. Ele faz uma analogia com flores de plástico que substituem flores de verdade, para assumir que em estágios avançados de modernização, o principal interesse da indústria não é o jogo, e sim o dinheiro envolvido com as grandes competições.

O sentido acionado por Cenas Lamentáveis, ao associar a venda de camisas de clubes estrangeiros a um vídeo de crianças comemorando uma classificação de Copa do Brasil, é a distinção entre as crianças atleticanas, que seriam de fato torcedores passionais, capazes de experienciar uma sensação de proximidade com seu clube do coração. Por outro lado, torcedores dos “Citys e Chelseas da vida” são meros consumidores, cuja maioria dificilmente poderá ver *in loco* as partidas, ou comemorar com os amigos na escola. É uma relação mais fria, como a de cliente-empresa – ou, no raciocínio da plasticidade, de alguém que torce para um time com o qual não necessariamente tenha laços próximos ou afetivos.

É uma espécie de perda de raízes, como se um indício de que as novas gerações não sentem mais o mesmo amor pela pátria, ao menos no quesito futebol, e estivessem dispostas a trocar o futebol sul-americano, “popular” e pelo qual se sente paixão, por outro mais artificial. Nesta lógica, a Europa representa o elitizado, por ser o continente onde há maior nível técnico; onde atuam os principais atletas do mundo; e onde há modernas estruturas de treino e de estádios entre os principais times.

A primazia pelo “popular” está presente também nas demais Sequências Discursivas e segue sendo atributo de um futebol legitimado dentro do grupo. Bandeira (2017, p. 183) observou uma tensão entre o comportamento popular, “mais bruto, grosseiro ou menos refinado, em uma visão bastante enviesada por uma lógica preconceituosa”, que de certo modo disputa legitimidade com comportamentos refinados, de uma suposta elite. Em CL, o “grosseiro”, valorado positivamente, é o sul-americano; a “suposta elite” deslegitimada é a Europa das ligas bilionárias

O autor (BANDEIRA, 2017, p. 42-43) destaca esse mesmo tipo de tomada de posição acerca do “popular” na produção de conhecimento científico sobre futebol, quando

pesquisadores constroem “uma representação estereotipada altamente positivada dos torcedores ‘populares’, entendendo estes como ‘verdadeiros’ ou ‘genuínos’ torcedores dos estádios”, que é excluída por “certo comportamento mais ‘civilizado’ das classes médias e altas”. Novamente, cria-se um efeito ilusório de um sentido transparente e cristalizado, apagando-se possibilidades de sujeitos “populares” tomarem posição como consumidores; ou de sujeitos “civilizados” terem relação amorosa e visceral com seu clube do coração.

A SDP 3⁷⁹, de uma postagem do ano de 2015, enfatiza a tomada de posição pró-grosseria, e solidifica os sul-americanos como portadores desse atributo. O texto e o vídeo do *post* enaltecem a “raça”, a agressividade e a violência demonstrada pelos jogadores durante uma partida entre Boca Junior e River Plate. Estes times de Buenos Aires são os principais campeões do futebol argentino e protagonizam uma das maiores rivalidades do país⁸⁰. Além da questão dos comportamentos controversos e pouco civilizados destacados pela postagem, acrescenta-se a masculinidade como adjetivo implícito no discurso de Cenas Lamentáveis sobre o futebol moderno, tendo em vista que comportamentos brutos, “raça” e violência são elementos constituintes de modelos de masculinidades tradicionais no futebol profissional (BANDEIRA, 2017; ZUCAL, 2005, 2007).

Figura 4 - *Post* sobre as brigas entre Boca Juniors e River Plate



Reprodução da SDP 3, a partir de captura de tela de Cenas Lamentáveis, em 25/02/2020.

⁷⁹ SDP 3: um compilado das tretas que rolaram no jogo River 1x0 Boca hoje (2015; 25319 reações). Post original: <https://www.facebook.com/CenasLamentaveis/videos/1585343065069893/>. Publicado em: 08/05/2015. Acesso em: 22/07/2019.

⁸⁰ Um caso recente de violência entre as duas equipes motivou a inédita mudança da final de uma Copa Libertadores da América para a Europa, no ano de 2018. Disponível em: <https://esportes.r7.com/river-plate-e-punido-pela-conmebol-por-agressoes-a-delegacao-do-boca-29112018>. Acesso em: 22/07/2019.

O popular, na análise de Bandeira (2017), representa um modelo de masculinidade legitimado pelos torcedores de estádio. Há diferentes interpretações sobre a violência nesse contexto: para alguns torcedores, ela é legítima por ocorrer apenas dentro do estádio; para outros, esse comportamento pode se “transferir” para outros espaços da vida cotidiana. De todo modo, certas posturas violentas são naturalizadas, como a agressão verbal contra minorias (os adversários e/ou grupos minoritários, como homens gays). Deste modo, os sujeitos torcedores disputam virilidade, por vezes mediante sexismo, homofobia e competitividade.

José Garriga Zucal (2007) considera a violência como um dos principais elementos das *hinchadas*, grupos organizados de torcedores do futebol argentino. Os definidores desse grupo de torcedores são a fidelidade (ato de acompanhar o time apesar das adversidades); o fervor (por serem os torcedores que cantam durante os 90 minutos de jogo) e as práticas violentas (realizadas para defender a honra dos torcedores e do próprio clube em frente às provocações dos rivais).

Outro estudo do mesmo autor (ZUCAL, 2005) evidencia a corporalidade desta violência das *hinchadas*. Algumas práticas, como consumo de álcool e de outras drogas; o corpo gordo e o enfrentamento físico com adversários em estádios são práticas que permitem identificar os “homens de verdade”, dignos de pertencer a esse grupo organizado, reforçando a violência como modo de assunção de uma identidade desejada enquanto participante do futebol.

Portanto, celebrar a violência de Boca Juniors e River Plate é uma forma de tomar posição favorável a essa ordem institucional masculina em vigência no futebol profissional (BANDEIRA, 2017). Cenas Lamentáveis destaca o engajamento tão fervoroso na rivalidade, ao ponto de o jogo tornar-se excessivamente agressivo, como fator desejável do futebol, por ser uma característica “popular”, das quais o sujeito elitizado e civilizado não seria adepto.

É importante estabelecer qual o sentido de “violência” ao qual me refiro aqui. Não pretendo afirmar que a *fanpage* seja composta por pessoas que de fato cometam atos de violência física, ou que apoiem agressões ou brigas generalizadas dentro de estádios de futebol. Quando digo que violência é um saber determinante dentro de Cenas Lamentáveis, me refiro a determinados tipos de violência que encontram livre veiculação no discurso do futebol.

Alguns exemplos possíveis seriam o antagonismo ao torcedor/equipe adversária; xingar o árbitro; tomar um jogador “caneleiro” por “raçudo”, entre outros tipos de atos que não tem como objetivo tomar outros como inimigos, ou desejar efetivamente machucá-los. Para tornar a questão um pouco mais precisa, poderia fazer uso da diferenciação entre violência física e

violência simbólica, por meio de autores como Pierre Bourdieu. No entanto, na esteira do pensamento de Bandeira (2009; 2017), não faço esta distinção.

Primeiramente porque pode haver riscos de ocorrerem certas hierarquizações entre violência, o que não parece adequado, visto que seja ela simbólica, seja física, ocasiona danos a quem sofre. Bandeira (2017) trata apenas de violência verbal e violência física praticada no contexto do futebol, o que também não é exatamente o caso de Cenas Lamentáveis, onde tudo ocorre virtualmente, isto é, sem o envolvimento de uma esfera física/material/corpórea fora da internet. Além disso, quando a violência é direcionada a algum “outro”, como na frase “jogo pra homem”, este “outro” é uma presença ausente do discurso. O comentário não é falado diretamente para um homem homossexual, por exemplo.

Por isso, nesta dissertação tomo a palavra violência como sinônimo de *potencialidade de violência dentro de contextos específicos do futebol*. Para tentar tornar tudo menos abstrato, faço uma rápida analogia com o funcionamento do humor e das piadas (BERGSON, 2001; POSSENTI, 2007; ÁVILA, 2009). O humor é uma maneira de fazer circular dizeres “ocultos” – e também de ocultar outros sentidos –, que não podem ser proferidos em outras esferas da sociedade. Por isso é que as piadas atacam os padres, os políticos, os professores, produzem preconceitos contra mulheres, negros e gays – nesta válvula de escape, estes discursos adquirem certa legitimidade e podem ser reproduzidos.

Pela mesma razão existe um abismo de diferença entre “fulano é machista” e “fulano contou uma piada machista”. A primeira frase diz respeito a ele exercer opressão dentro das relações de gênero. A segunda frase relata um discurso em que há uma anedota reforçando a opressão dentro das relações de gênero, mas é possível de ser dita por alguém que seja engajado em luta por igualdade de gênero. É o meu caso, como já relatei algumas páginas atrás: mesmo sendo favorável à equidade de gênero, por vezes comentários inapropriados escapam, principalmente ocorrendo dentro do contexto de permissividade garantida pelo futebol.

Para que esta discussão fosse desenvolvida com a qualidade devida, eu precisaria de outra dissertação, então por hora eu vou fechar o raciocínio por aqui, afirmando que não considero Cenas Lamentáveis necessariamente favorável à agressão, ou à homofobia. Mas como pontuado, este sentido fica demarcado nos *posts*, raramente de forma explícita, mas em outros momentos nas entrelinhas.

Tendo em vista essas considerações, pode-se então pensar em como são representados diferentes tipos de torcedores em Cenas Lamentáveis, e mais: qual é o futebol “desejável” por essa comunidade? De quais maneiras esse idealismo se difere dos movimentos sociais, aos

quais CL se associa parcialmente? Almejo esta compreensão por meio das noções teóricas de Formação Discursiva (FD) e Posições-Sujeito (PS). A FD dá conta da existência do sentido como resultado de posições ideológicas e nos contextos sócio-históricos em que os textos são produzidos. Os sujeitos necessariamente se identificam com Formações Discursivas, e é a partir delas que eles podem produzir sentidos (ORLANDI, 2007).

“A formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e o que deve ser dito”. (ORLANDI, 2005, p. 43) São Formações Ideológicas (FI), conjuntos de uma ou mais FD, que determinam “o que pode e deve ser dito” em determinado contexto (INDURSKY, 2013, p. 41).

Para produzir sentido, os sujeitos necessariamente se filiam a alguma FD e são nelas que os indivíduos são interpelados em sujeitos, por meio do trabalho da ideologia (NOBLE, 2016). É também em seu interior que os sujeitos se identificam com os saberes que constituem aquela FD, em detrimento de outros.

O discurso depende diretamente da FD à qual o sujeito que está falando se insere. Por isso, as mesmas palavras podem ter sentidos diferentes. “Futebol moderno”, por exemplo, para os torcedores contrários a ele, significa a destruição dos modos “adequados” de torcer. Para alguém que apoie a tal modernização, “futebol moderno” pode ser sinônimo de conforto ao assistir uma partida sentado em uma cadeira no estádio.

As FDs são, ainda, modos de estabelecer as regularidades de um discurso e permitem ao analista compreender a dispersão de um discurso em diferentes textos (BENETTI, 2016). É ela que permite, por exemplo, falar do “discurso de Cenas Lamentáveis”, mesmo este discurso estando diluído em diversos pequenos textos.

Identifiquei apenas uma FD em Cenas Lamentáveis. A chamo de “Futebol profissional”. Recebe este nome pois trata-se do saber que unifica o grupo, e com o qual todos tem algum domínio quando ingressam ali. Independentemente de suas tomadas de posição sobre futebol moderno, todos em um primeiro momento são torcedores de alguma equipe e acompanham o futebol profissional.

O tema é o assunto central dos *posts* e das discussões que ocorrem nos comentários, e é necessário que se tenha um mínimo entendimento de esporte para entender frases como “volta mata-mata” ou “futebol respira”, presentes nas discussões. Por “futebol profissional”, entendo também a lógica padrão de funcionamento do esporte: de militarização, elitização e mediatização crescentes (LOPES, 2015), que implicam na transformação de atletas em

celebridades, aumento do preço dos ingressos, disciplinamento do comportamento torcedor, entre outras ações.

Ou seja, compreendo “futebol profissional” e “futebol moderno” como sinônimos. Nesse contexto profissionalismo também se torna sinônimo de “futebol masculino”. É aos homens que corresponde a voz institucional do esporte – eles têm maiores salários, maior cobertura midiática, superior estrutura de funcionamento de equipes e de campeonatos, e lhes é “natural” jogar bola desde a infância, de certo modo até mandatório. Aliás, no ensino fundamental, lembro de ouvir o único menino da turma que preferia jogar vôlei a futebol ouvindo piadinhas constantes sobre a sua sexualidade. Acredito que seja uma situação frequente em escolas.

Este sentido solidificado, de que o futebol é um espaço predominantemente masculino, e onde a masculinidade é constantemente validada pelos sujeitos (MESSNER, 2007; BANDEIRA, 2009), faz com que, ao se falar de “futebol profissional”, já fique subentendido que se fala de futebol masculino. A diferença é marcada na prática das mulheres, chamada de “futebol feminino” – quando se fala apenas futebol, o imaginário acionado é o masculino.

No caso de CL, masculinidade, nostalgia e irreverência são fundantes da FD futebol profissional, tanto quanto a prática do jogo em si. Como já pontuado, são frequentes os textos em que é possível identificar a saudade por um futebol que supostamente já não existe mais, e a celebração do bom humor, da “molecagem” e da malemolência dos atletas. O discurso corrente é de que o futebol no passado já teve qualidade, em especial na década de 1990 e no início dos anos 2000. Tais qualidades se perderam em algum momento e devem ser resgatadas. Esse papel é sempre atribuído a atletas “machos”, que devem tomar o futebol dos “almofadinhas” que o praticam na atualidade.

Os sujeitos da *fanpage* se identificam de formas diferentes com os saberes listados acima, que constituem a FD Futebol Profissional. Isto ocorre por meio de uma noção chamada de Posição-Sujeito (PS), que se refere ao modo como sujeitos se relacionam com a Formação Discursiva à qual estão filiados.

Uma Formação Discursiva não é homogênea. Existe tensão em seu interior, pelas possibilidades naturais de ambiguidade, diferença e deslizamento de sentidos. Toda Formação Discursiva é heterogênea em relação a si mesma (ORLANDI, 2007), porque o sentido pode deslizar para diferentes regiões e inclusive migrar para o exterior (outra FD). Logo, embora haja saberes constituintes, o sujeito não necessariamente se identifica totalmente com eles.

Compreender o que é efeito de sentidos, em suma, é compreender a necessidade da ideologia na constituição dos sentidos e dos sujeitos é da relação regulada

historicamente entre as muitas formações discursivas (com seus muitos sentidos possíveis que se limitam reciprocamente) que se constituem os diferentes efeitos de sentido entre locutores. (ORLANDI, 2007, p. 21)

O quadro 2 apresenta de forma sucinta os saberes constituintes da Formação Discursiva Futebol Profissional, e os saberes contestados pelos sujeitos, que dão origem a uma contraidentificação à FD – ou seja, revelam tensão em seu interior. A análise revela também a filiação a saberes de outras regiões de sentido por parte dos sujeitos, configurando diferentes modos de identificação ao que se considera Futebol Profissional.

Quadro 2 - Formação Discursiva Futebol Profissional

Formação Discursiva (FD)	Saberes constituintes	Saberes contestados
Futebol Profissional (futebol moderno)	Modernização; militarização; mídia; elitização; business; masculinidade	Modernização; militarização; elitização

Fonte: elaborado pelo autor.

Pêcheux (1995 apud MOLETA, 2018; SANTOS NETO, 2015) sugere uma tipologia com três modos de sujeito: identificado, contraidentificado e desidentificado. Santos Neto (2015) usa a metáfora de um pêndulo para explicar o funcionamento da Posição-Sujeito: pode estar para um lado, o da identificação; e para o lado oposto, que questiona os saberes da FD, podendo mesmo deixar de se identificar com ela, em casos extremos.

Segundo Santos Neto (2015), cada tipo pode compreender uma série de PS diferentes, representadas por distintas gradações na direção da identificação plena e da desidentificação. Falar em gradações permite conceber uma infinidade de tomadas de posição distintas, marcadas dentro dos tipos de identificação postulados por Pêcheux, em um avanço na teoria do discurso.

O primeiro tipo é a identificação. Ou seja, é um sujeito que concorda com os saberes que compõem a FD e onde há um nível baixo de reversibilidade – a possibilidade de o sujeito “pender” para o lado da não-identificação (SANTOS NETO, 2015). Esse tipo não foi identificado nas materialidades selecionadas para análise: os *posts* de administradores e seguidores são geralmente contrários às lógicas de funcionamento do futebol profissional e pedem por algo diferente dela. Considerando o sentido das materialidades analisadas, pode-se supor que, caso eles existam na *fanpage*, são minoria e sua fala não é legitimada pelos demais.

Os sujeitos da *fanpage* correspondem ao segundo tipo, a contraidentificação. Ele é um sujeito distanciado da Formação Discursiva à qual pertence, e contesta os seus saberes, mas continua identificado. É o caso dos sujeitos que gostam de assistir futebol profissional, mas

não concordam com a “empresarização” do jogo e “clientelização” dos fãs (SANTOS, 2017). As posições não têm gradações tão distintas entre si, e nenhuma pende muito fortemente para a desidentificação. Em nenhuma Posição-Sujeito identificada, por exemplo, os sujeitos aparentam estarem dispostos a deixar de acompanhar o futebol profissional caso as suas expectativas de retorno ao passado não sejam atendidas, embora também não aceitem completamente a nova ordem que se impõe.

Uma primeira análise dos *posts* e comentários coletados permite dizer que a nostalgia pelo futebol do passado é saber constituinte de todas as Posições-Sujeito, na postulação de que “tradicional” e “moderno” não podem coexistir. Logo, gostar do futebol dos anos de 1990-2000 é determinante para ser integrante da comunidade virtual de Cenas Lamentáveis. Demais saberes, como noções de masculinidades, são mais marcados em algumas Posições-Sujeito do que em outras.

Contabilizo quatro PS: futebol de macho; futebol politicamente incorreto; futebol moleque; e futebol popular, todas contraidentificadas à FD futebol profissional. O processo para chegar a elas foi o seguinte: 1. Leitura inicial de todo o *corpus*; 2. Segunda leitura, esta mais crítica, de todas as Sequências Discursivas analisadas na dissertação; 3. Identificação dos argumentos que definem futebol tradicional para a *fanpage*. Terminado o processo, chegou-se a quatro tomadas de posição distintas em relação a este futebol de qualidade, e consequentemente, ao futebol moderno abominado por administradores e seguidores.

O quadro 3 esquematiza os saberes que constituem cada PS. Na coluna “saberes da FD”, são descritos os saberes dominantes sobre Futebol Profissional mais mostrados em cada PS. “Demais saberes” corresponde à contraidentificação propriamente dita; à tensão da Formação Discursiva com base em outro sentido, não necessariamente presentes no Futebol Profissional, mas passíveis de articulação. A seguir são apresentadas Sequências Discursivas que permitem compreender em detalhes cada PS.

Quadro 3 - Modos de identificação com a FD Futebol Profissional

Posições-Sujeito (PS)	Saberes da FD	Demais saberes
Macho (PS 1)	Masculinidade	Nostalgia; violência; nostalgia
Politicamente incorreto (PS 2)	Midiatização; masculinidade	Violência; irreverência; nostalgia
Moleque (PS 3)	Midiatização; masculinidade	Irreverência; Nostalgia
Popular (PS 4)	Midiatização	Popularidade; irreverência

Fonte: elaborado pelo autor.

É importante esclarecer que as Posições-Sujeito não são categorizações rígidas, como “caixinhas” nas quais se pode colocar o sentido e diferenciar a sua multiplicidade de forma exata e precisa. Sentidos sobre o “popular” dialogam com masculinidades, as masculinidades se relacionam a comportamentos politicamente incorretos, as quatro dialogam de algum modo com os saberes constituintes da FD com a qual se identificam, e assim por diante. Ao mesmo passo em que cada PS expressa saberes específicos, todas se conectam e são diferenciáveis por uma linha tênue, originada na interpretação do analista.

As PS foram identificadas e nomeadas em razão dos argumentos que sustentam a definição de futebol tradicional, modo pelo qual é possível notar diferentes tomadas de posição e compreender o desejo de volta ao passado. Elas não são nítidas. Creio que os sujeitos também não estão “fixados” a determinadas posições, já que em algumas ocasiões estão identificados com um aspecto do “futebol tradicional”, mas em outras materialidades, este mesmo sujeito potencialmente pode produzir sentido a partir de outra posição. Um caso frequente dessa “negociação” entre diferentes PS são os próprios administradores da *fanpage*, visto que as postagens acionam diferentes argumentações relacionadas às Posições-Sujeito observadas.

A PS 1 foi nomeada “futebol de macho”, em razão dos frequentes comentários de que o futebol profissional da atualidade é “afeminado”, e se encaminha para tornar tais comportamentos feminizados como a norma vigente. Considero pouco provável que sujeitos que tomam esta posição estejam dispostos a parar de acompanhar futebol profissional por esta razão, mas isto não os impede de serem categóricos na constatação de que o futebol perde qualidade por não ser mais másculo e viril.

Esta PS é a mais importante para a resolução da problemática desta dissertação, que envolve as representações de masculinidades no contexto da contraidentificação com o tradicional. Pontuo as relações básicas estabelecidas entre futebol e os “ensinamentos de ser homem”, e fazer a constatação de que a masculinidade é importante para a contestação do futebol moderno por parte de certos grupos.

Santos (2017, p. 163) identifica essa tomada de posição sobre masculinidades em movimentos de torcida europeus contra o futebol modernos vinculados ao pensamento político de extrema-direita. A filiação de torcidas de futebol a ideologias políticas é especificamente comum na Itália, em que um mesmo time pode ter *ultras* em ambos os lados do espectro. Nos grupos identificados como direita, reivindica-se “elementos antigos de masculinidade, virilidade, honra, tradição e nacionalismo” – sem assumir que violência de

gênero seja característica exclusiva do pensamento à Direita, ou mesmo que seja aspecto primordial desta filiação ideológica. Porém, segundo Santos (2017), no contexto dos movimentos sociais relacionados a futebol, é o que ocorre.

Cenas Lamentáveis não é torcida organizada e nem tem filiação política aparente; trata-se de uma página de humor que não faz menções diretas a política em nenhum momento. Ainda assim, o comportamento de parte dos sujeitos que a compõem se assemelha ao dos movimentos descritos por Santos. Observações empíricas sobre a política brasileira parecem sugerir que existem semelhanças entre sentidos existentes nos textos da página, e no discurso político conservador brasileiro. Análises desta natureza não terão tratamento minucioso, visto que a questão é apenas uma hipótese, além de ser complexa e ultrapassar o escopo deste trabalho.

A SDC destacada abaixo permite compreender quais são os tais “elementos antigos de masculinidade”:

SDC 14 Alguém manda o David Luiz pro Boca e o Thiago Silva pro River? Quem sabe assim eles acabem aprendendo alguma coisa. (2015; 49 reações)

A SDC 14 corresponde a um comentário feito no vídeo da compilação de brigas no clássico argentino disputado por Boca Juniors e River Plate – comentário e *post* foram publicados em 2015. Está repleto de significações que remontam àquilo descrito por Santos (2017) como basilares aos movimentos conservadores de Direita europeia – masculinidade, virilidade, honra, tradição e nacionalismo.

A começar por David Luiz e Thiago Silva. Os dois atletas formaram a dupla de zaga titular da Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 2014, logo, estão relacionados ao fatídico 7 a 1. O jogo foi disputado na fase semifinal, contra a Alemanha, uma das favoritas à conquista do título (e que de fato levou o caneco vencendo a Argentina), diante da torcida brasileira, que assistiu incrédula ao massacre dos europeus. É importante pontuar o choque causado pelo resultado: foi a pior derrota da história da Seleção Brasileira, o resultado mais elástico de uma Copa do Mundo, e há o forte simbolismo de ser derrotado em uma Copa do Mundo, competição da qual o Brasil é o maior vencedor da história, dentro de casa.

Barboza (2016, p. 1) chega a afirmar que após o 7 a 1, “o futebol – ou pelo menos o entendimento sobre ele – não foi mais o mesmo” por parte dos brasileiros. O autor analisou postagens de Cenas Lamentáveis, que assim como todos os entusiastas da Seleção Brasileira, reagiram com irritação ao resultado adverso. Ele descobriu que CL aponta David Luiz, Thiago

Silva, Daniel Alves, Júlio Cesar, Marcelo, Neymar e a CBF como principais responsáveis pelo desastre.

David Luiz e Thiago Silva, destacados na SDC, tem ainda outro elemento que “joga contra si” na representação feita por Cenas Lamentáveis: os dois eram, à época, a dupla de zaga do Paris Saint-Germain. O PSG é um dos “novos ricos” do futebol europeu, adquirido por um fundo de investimentos do Catar em 2011⁸¹. Desde então, o clube investiu quantias astronômicas de dinheiro com intenções de conquistar a Champions League, principal competição de clubes da Europa – a mais recente aquisição foi a aquisição Neymar, por 222 milhões de euros. Logo, no discurso CL sobre futebol profissional, os dois zagueiros representam uma espécie de “vilão” do futebol tradicional, por serem representantes de times “vazios”, que se fizeram reconhecidos exclusivamente a partir do dinheiro de seus acionistas.

Para os dois pesa ainda a vaidade, contestada por alguns grupos organizados de torcedores (SANTOS, 2017) e por Cenas Lamentáveis. Segundo Barboza (2016), o jeito “mimado” dos jogadores daquela Seleção, o excesso de *selfies* e as preocupações excessivas com aparência foram algumas responsáveis pela derrota e pelo fracasso da geração como um todo. Compara-se, então, estes atletas com as gerações passadas, com atletas dignos de vestir a Amarelinha, e que supostamente preocupam-se com o bom desempenho em campo, e não com fímulas.

Dentro dessa lógica, o corpo dos homens é uma das formas de se mostrar viril (logo, digno) de pertencer ao futebol, conforme diz Zucal (2005). Pode-se dizer que isso é o esperado especialmente dos zagueiros, visto que eles têm uma função bastante combativa dentro de jogo, de desarmar adversários por meio de cortes na bola, carrinhos, jogo de corpo, faltas e assim por diante. Thiago Silva e David Luiz não correspondem a esta expectativa de masculinidade: os dois não tem a cara de “brucutu” que possivelmente o sujeito CL espera de um defensor, tiram *selfies*, e não teriam raça, por jogar em um time de “mercenário”, como o PSG. Suas vidas extracampo também não são excêntricas – David Luiz é muito religioso, inclusive⁸².

⁸¹ Fonte: <https://exame.abril.com.br/negocios/fundo-do-catar-compra-paris-saint-germain/>. Acesso em: 25/07/2011.

⁸² Em 2015, David Luiz publicou uma foto em uma rede social digital com a legenda “Eu escolhi esperar”. Houve boatos de que ele era virgem aos 28 anos, o que posteriormente foi desmentido por ele. Ele seria, portanto, o completo oposto de Ronaldinho Gaúcho e Romário, exaltados pela *fanpage*.

Esta pressão é ainda mais intensa sobre Thiago Silva, que era o capitão durante a Copa do Mundo e foi publicamente criticado por chorar⁸³. Soares et al (2016) observaram a cobertura jornalística do caso e consideraram que o choro foi rechaçado por ser um momento de descontrole emocional (atributo relacionado ao feminino, dentro de uma interpretação binária de gênero). Não é esperado de um jogador de futebol, muito menos de alguém que exerça função de liderança (na mesma lógica, atributo masculino). Ou seja, por trás da crítica ao choro, está uma crítica ao descontrole e à falta de virilidade do zagueiro, atributos considerados essenciais para um capitão de Seleção Brasileira.

Soares et al (2016) apontam aí a adoção de determinados atributos como os desejáveis para a prática do futebol, em processo que silencia as outras vozes. Efeito similar ocorre em *Cenas Lamentáveis*, que delimita o atleta ideal como o sujeito macho, valente, violento, bruto e pouco vaidoso. Silencia-se aí então a sensibilidade, a falta de vigor, e a empatia com os rivais – no futebol, choro e afeição são válidos apenas em situações específicas, a exemplo do choro e dos abraços na comemoração de um título.

Na SDC 14, o lugar em que se “aprende a ser homem” é o futebol argentino. Por mais que os times também estejam incluídos no circuito da comercialização do esporte, e disputem campeonatos organizados dentro da lógica do espetáculo, o futebol sul-americano corresponderia a uma estrutura diferente da Europa: a intensidade dos jogos beira a violência, por vezes extrapolando essa fronteira e se tornando agressão, tornando necessário aprender a apanhar e a bater.

A violência não é festejada por si só, simplesmente, mas como uma pedagogia de masculinidade. Por meio dela – enfrentando verdadeiros inimigos do clássico Boca x River, apanhando dos adversários, e aprendendo a revidar – é que os zagueiros citados teriam a chance de aprender a se portarem como zagueiros “de verdade”. Novamente: não estou afirmando que “*Cenas Lamentáveis* apoia a violência”, mas sim que existe na *fanpage* um imaginário considera potencialidades de violência como valor desejável em situações específicas do jogo de futebol.

Para Bandeira (2009), o engajamento em comportamentos violentos ou potencialmente violentos é um modo de validar a própria masculinidade como forma de pertencimento a um grupo. Existe uma série de ritos em que demonstrações de masculinidade são requisitadas e onde a virilidade é posta à prova. É algo semelhante ao que fazem as *hinchadas*, ao se

⁸³ Matéria da ESPN repercutindo as críticas de jornais franceses sobre o caso. Houve reações semelhantes entre imprensa e torcedores brasileiros. http://www.espn.com.br/noticia/677313_midia-francesa-relembra-choro-de-thiago-silva-e-o-chama-ate-de-covarde. Acesso em: 26/07/2019.

envolverem em enfrentamento para demarcar seu espaço como apoiador fanático e defensor de sua equipe (ZUCAL, 2007), ou os sujeitos de Cenas, ao estarem autores de discursos que solicitam tais comportamentos.

De acordo com Bandeira (2009, p. 92), esta construção de masculinidade baseada na virilidade e na demonstração de força/”raça” é uma construção social, mas que depende do engajamento dos sujeitos que interagem no estádio – e, acrescento, na discussão desse esporte em redes digitais. Tal socialização masculina indica “características de virilidade, homofobia, sexismo, machismo, competitividade e outros. Essas características podem apontar para a necessidade da violência (ao menos um ‘potencial de violência para a inscrição dos sujeitos em alguns dos grupos de torcedores’).

A PS 2, de nome “futebol politicamente incorreto”, contempla textos em que a potencialidade de violência é mais explícita e desejada. Para alguns sujeitos (PS 1), a violência é um dos modos de alcançar uma “masculinidade ideal”; para outros, ela faz parte de condutas situadas em uma fronteira delicada entre o legítimo e o ilegítimo.

Bandeira (2017, p. 135) observa a “ética do politicamente correto”(daí o nome da PS, à propósito) relacionada às masculinidades legitimadas no espaço do futebol. Trata-se de contestar uma suposta moral “espalhada no circuito mais amplo da cultura ocupando certa normativa sobre o discurso público”. O politicamente correto possivelmente teria “adentrado” o espaço do futebol com mais força graças à modernização das praças esportivas, como a construção das Arenas multiuso. Certos comportamentos até então comuns, como a violência em um clássico, ou o xingamento nas arquibancadas, torna-se passível de contestação.

Em certa medida, esta posição-sujeito está relacionada à restrição do comportamento festivo de torcedores em estádios de futebol (LOPES, 2015). A contestação do futebol moderno envolve impactos em práticas torcedores historicamente comuns. Fazer “carnaval” na arquibancada, cantar em voz alta, assistir ao jogo em pé, usar instrumentos e fogos de artifício para fazer barulho durante o jogo, dá espaço ao disciplinamento, a assistir aos jogos sentados, participar de forma menos efusiva do jogo, e consumir uma série de bens materiais durante a partida.

O exame das materialidades aponta a correlação entre os comportamentos “tradicionais” e o futebol de qualidade, mas sem mencionar nenhuma das empirias defendidas por grupos organizados de torcedores que contestam o futebol moderno. Em Cenas Lamentáveis, a violência é o principal atributo para o qual se deseja maior liberdade. Tal violência não são necessariamente brigas no futebol, mas sim comportamentos agressivos em geral, muitas

vezes empregando este sentido por meio do discurso humorístico. Por isso, não gaço relações diretas com possíveis práticas corporais de administradores e seguidores.

A SDC abaixo destaca Alguns comportamentos “politicamente incorretos” que fazem parte dos saberes constituintes do futebol tradicional, de qualidade: o xingamento e o enfrentamento físico dentro de campo. A PS foi identificada principalmente nas postagens de 2014 e de 2015. Ela já foi analisada em outro momento deste trabalho, na parte sobre o humor como condição de produção do discurso da página.

Os sujeitos também parecem não estar dispostos a largar o futebol profissional por causa do “discurso civilizatório” que supostamente rege o esporte moderno, possivelmente porque comportamentos como a agressão ainda podem ser celebrados.

SDC 5 Matheus vai participar disso na escola?!?! VAI. E VAI SER ELE QUE GRITA FILÁ DA PUTA. E se tomar advertência eu assino com orgulho. (2014; 212 reações)

A SDC 5 é um comentário do vídeo das crianças comemorando a classificação do Atlético-MG na escola. Presumivelmente o texto foi escrito pelo pai de um menino chamado Matheus, ainda um bebê, já que ele ainda começará a frequentar a escola. Nesta materialidade do discurso, o pai projeta no menino o seu próprio engajamento com a FD Futebol profissional, desejando que ele desde cedo abdique da camisa do Chelsea ou do Manchester City para torcer por um time de futebol de “raiz”, para que possa comemorar de forma apaixonada com outros torcedores mirins.

O politicamente incorreto fica pelo modo como ele quer que o filho participe: gritando “filha da puta”, em alusão a um menino que profere o xingamento no vídeo. Aqui não analiso a possibilidade de as práticas paternas deste sujeito serem ou estas ou não, mas sim o sentido posto em jogo através do texto, que é claramente uma anedota apenas. Embora seja uma piada, é a reiteração de um discurso crítico ao que é considerado um excessivo “politicamente correto”.

Para a AD, palavra e ação não são exatamente a mesma coisa, mas são complementares e estão associadas – a linguagem, de certo modo, intervém no real:

Se, ao dizer, nos significamos e significamos o próprio mundo, ao mesmo tempo, a realidade e constitui nos sentidos que, enquanto sujeitos, praticamos. É considerada dessa maneira que a linguagem é uma prática; não no sentido de efetuar atos mas porque pratica sentidos, intervém no real. (ORLANDI, 2005, p. 95)

Na SDC 5 é acionado ainda um sentido sobre masculinidade de forma implícita e em segundo plano. Partindo do pressuposto levantado na apresentação da PS anterior, “futebol de macho”, o comportamento agressivo faz parte de uma construção de masculinidade viril. De acordo com o texto, o pai inscreve o filho na construção social e cultural de masculinidades. O tom da piada leva a crer o pai endossa comportamento agressivo quando estiver acompanhando futebol.

A PS 3, “futebol moleque”, contempla a produção de sentido sobre o extracampo. O nome diz respeito à ousadia que se espera dos jogadores de futebol; à autenticidade que os transforma em personagens midiáticos interessantes de se acompanhar. São sujeitos “rebeldes”, com pouco apreço às convenções sociais, e que são responsáveis por tornar o futebol um espaço mais divertido. São dignas de nota a figura de atletas como representação dos atributos desejados. Nesta PS, também não parece haver qualquer indício de possibilidade desidentificação ao futebol profissional.

A “malemolência” do discurso do futebol tradicional é o tópico que mais se distancia dos movimentos organizados de resistência ao futebol moderno. Possivelmente, existe em Cenas Lamentáveis porque a página é, antes de tudo, humorística. Logo, é esperado que o bom humor do futebol seja festejado, e que tais postagens tenham alto nível de engajamento. Ronaldinho Gaúcho bêbado fala coisas engraçadas, de modo que o conteúdo se torna viral com facilidade, ainda mais por ser um personagem conhecido e admirado pelos brasileiros. Este humor permite perceber certas produções de sentido na relação da “molecagem sadia” a outros sentidos sobre futebol clássico, como as masculinidades.

SDC 4 Num país sério, teríamos uma estátua desse homem em Brasília (2018; 2117 reações)

Neste momento, a SDC 4 é apenas uma ilustração. Durante a redação final do texto, percebeu-se que essa “molecagem do bem” é transversal a diversos tópicos tratados na dissertação, por isso seria redundante descrever a PS agora. A Sequência destacada foi analisada no início do capítulo 4, durante a explanação do “discurso Cenas Lamentáveis”.

Nota-se então a dialogia entre as Posições-Sujeito e a impossibilidade de encará-las como categorias analíticas separadas, existentes em universos distintos. O “futebol moleque” está relacionado ao comportamento de atletas como Ronaldinho Gaúcho e Romário, que por sua vez representam atributos de masculinidades tradicionais e dão chancela a um comportamento politicamente incorreto. Portanto, as três PS mostram-se conectadas no

discurso, sendo plenamente possível conceber sujeitos que se posicionem alternadamente entre elas.

Masculinidades, politicamente incorreto e irreverência, saberes da contraidentificação à FD Futebol Profissional estão associados a um modo “simples” de experienciar a vida e o futebol. Chegamos, então, à PS 4, “futebol popular”. Ela é a única na qual o pêndulo se move para a desidentificação, embora os sujeitos ainda estejam longe de se filiarem a outra FD.

Ela clama por um futebol mais “humilde”, em que o dinheiro não seja a força motriz do esporte, e seja valorada a paixão de um espetáculo popular. Ao contrário das expectativas iniciais, o “popular” aqui não diz respeito à universalidade de acesso; e sim a um jogo mais “visceral” em diversos aspectos.

As demais PS invocam o imaginário do futebol profissional dos grandes jogos – destacam-se atletas históricos; competições luxuosas; times de primeira divisão. O popular também o faz, mas abre margem para produção de sentido relacionada aos times pequenos; aos estádios em condições precárias; e mesmo futebol fora do círculo profissional.

SDC 15 APOIE O TIME LOCAL, “TIME GRANDE” É A CABEÇA DO... (2014; 15 reações)

SDC 6 O cara ricasso, que já frequentou tudo que é lugar chique na vida, vai de boas em uma casa bem simples e está 0% incomodado com isso.. (2018; 60 reações)

A SDC 15, sobre o *post* das crianças atleticanas comemorando a classificação, ilustra uma tomada de posição diferente das outras PS, mas em certa medida, identificada com os mesmos saberes. Existe algum deslocamento da noção de futebol profissional, marcado pela busca por lucro, elitização, midiaticização e militarização, mas não o suficiente para solicitar a desidentificação. Ela questiona os indivíduos que acompanham equipes geograficamente distantes – nos demais textos que compõem o *corpus*, ocorre em especial o contraste entre torcedores de times brasileiros x torcedores de times ricos europeus. Neste comentário, o “outro” não é o europeu, mas sim outro brasileiro, e a distinção é feita entre os clubes “grandes” e os clubes “locais”.

No Brasil, as equipes com maior abrangência em território nacional estão na região Sudeste do Brasil, em especial no Rio de Janeiro e em São Paulo. Os dois estados abrigam equipes de projeção nacional e internacional, tidas como protagonistas do futebol brasileiro. A título de ilustração, o último time de outra região a vencer o Brasileirão foi o Atlético Paranaense, em 2001, antes do formato dos pontos corridos. As maiores equipes (e isto é

válido para todas as regiões do Brasil) estão localizadas nas maiores cidades, em especial nas capitais.

Essas equipes angariam torcedores em todas as partes. No caso dos cariocas e paulistas em particular, há fãs espalhados por todo o Brasil – Flamengo e Corinthians são os donos das torcidas mais numerosas, e estes fãs não estão localizados apenas nos estados de Rio de Janeiro e de São Paulo, respectivamente. Os times “locais” são aqueles que não alcançam tal nível de penetração em território nacional. Sua abrangência está restrita às suas cidades de origem, por vezes no interior. Estes clubes em geral disputam divisões inferiores, que não gozam de grande cobertura midiática, onde a qualidade técnica e os recursos financeiros disponíveis são menores.

A relação entre equipes “grandes” e “locais” existe de forma tensa nas outras regiões do Brasil, que não a Sudeste, grande centro do futebol brasileiro. É comum torcedores do interior acompanharem uma equipe da capital, ou mesmo de outro estado; ou ainda torcer para dois times, por vezes deixando em segundo lugar o time da cidade em razão de um “time grande”. Este é o chamado “torcer misto”, investigado por Souza (2014) a partir do exemplo de Maceió-AL.

Embora trate-se da capital do estado, neste caso, as equipes da cidade são “locais”, visto que Alagoas não tem grande tradição futebolística a nível nacional e existe concorrência com equipes do sudeste pela fidelidade dos torcedores. Neste estudo, Souza observou disputa simbólica entre a prática de torcer, entre os torcedores “mistos” e os “não-mistos”. Ele observou que os torcedores “mistos” procuram a oportunidade de sentirem protagonistas, o que não é possível torcendo para um time alagoano; e questionamentos por parte dos “não-mistos”, que acreditam que não abraçar um time da cidade é uma desvalorização das equipes locais.

No caso do estudo sobre Alagoas, estava se falando de times de um mesmo país, mas em regiões diferentes. Em Cenas Lamentáveis, a instância é outra: o time “local” é um grande time brasileiro (Atlético-MG, um dos maiores do estado de Minas Gerais, campeão da Libertadores e onde já jogou Ronaldinho Gaúcho); e o “time grande” é uma equipe europeia (centro do futebol mundial; onde atuam os maiores craques; há equipes de projeção mundial).

Torcer para um time “local” é ir contra a lógica do dinheiro, que, argumenta CL, é uma das chagas do futebol profissional da atualidade, e é representado pelos times europeus. É quase como um ato de resistência, de valorização de um produto nacional, que é o futebol brasileiro, em um contexto em que o amor à Seleção é posto à prova (por jogadores da

atualidade que não “respeitam” a camisa, como os já citados Thiago Silva e David Luiz, culpados pelo 7 a 1).

O “local” é também espaço das manifestações mais viscerais e calorosas. Em contrapartida, o “grande” é o “outro” elitizado, o luxo e o consumismo frio, onde supostamente não se conhece o futebol “clássico”, de verdade, o tradicionalismo que tanto prega CL. Esta hierarquização e polarização entre “grande” e “local” fica explícita no restante da SDC: “TIME GRANDE É A CABEÇA DO...”. O seguidor omitiu uma ofensa, caracterizando a polarização entre tais modos de torcer.

Percebo que, baseado nessa argumentação, é possível distinguir diversos níveis de “popular” no futebol. O menor nível seriam as grandes competições europeias; como a Champions League; depois viriam os torneios disputados “times grandes” do Brasil; e então as divisões inferiores, dos “times locais”; mais “popular” ainda seria o futebol amador. E quanto mais “popular”, mais acessível, já que a tendência é que as competições inferiores tenham ingressos mais baratos.

Portanto Cenas Lamentáveis defende o “popular”, mas apenas até certo ponto: entre as postagens com mais curtidas/reações e comentários, as divisões inferiores inexistem, embora compartilhem de atributos valorados positivamente pelo grupo, como jogos em que a “raça” se sobrepõe à técnica. Creio que isto se dê em razão de gestos de interpretação dos seguidores, no momento em que eles assumem a autoria do discurso: o local (mais “popular”) tem pouca abrangência, por isso é esperado que postagens relativas a eles gerem menos engajamento do que conteúdos sobre os times grandes do Brasil, que têm torcedores espalhados por todo o país e maior cobertura midiática. É possível (até provável, eu diria), que administradores de Cenas Lamentáveis tenham feito postagens falando sobre futebol amador, ou sobre equipes menores, mas que estas não tenham gerado tanta resposta do público e por isso não tenham entrado no *corpus* da dissertação.

A SDC 6⁸⁴ também promove um deslocamento sobre o sentido de “dinheiro”, que no discurso sobre futebol tradicional de Cenas Lamentáveis é vinculado ao luxo e à elitização dos grandes times europeus. Ela é um trecho de comentário postado no vídeo de Ronaldinho Gaúcho cozinhando bêbado. A partir dela, pode-se dizer que um gesto de interpretação possível é o de que o antagonismo ao aspecto “financeiro” do futebol profissional não é absoluto; a depender de certas circunstâncias, ele é tolerável. Neste caso, o popular não é

⁸⁴ Texto da SD: “O cara ricasso, que já frequentou tudo que é lugar chique na vida, vai de boas em uma casa bem simples e está 0% incomodado com isso..” (2018; 60 reações)

apenas o comportamento bruto, pouco polido, mas pode ser também “humildade”, relativo a pouca valorização a recursos financeiros.

A SDC 6 traz o exemplo de Ronaldinho como alguém que circula entre a identificação e a contraidentificação ao futebol profissional. Discuti a materialidade na seção 4.1, sobre a produção de sentido específica sobre este atleta. Um rápido resgate da ideia: Ronaldinho Gaúcho seria supostamente identificado ao futebol moderno quando faz parte do Barcelona, adquire e usufrui de grandes quantidades de dinheiro; deixa de ser quando reafirma suas “raízes” com comportamentos que não condizem com os de um milionário. Em outras palavras, ele é uma exceção, diferenciado de atletas como Thiago Silva, que vivem o cotidiano do esporte moderno e se identificam totalmente aos saberes elitizados.

O terceiro tipo de desdobramento do sujeito é a desidentificação, não identificada no *corpus*. É o ponto máximo de contraidentificação, em que o sujeito se desfilia de uma FD e passa a produzir sentidos a partir de outra. Geralmente, o “outro” é uma Formação Discursiva já existente, mas em raros casos o sujeito inaugura uma nova FD a partir dessa falta de identificação com o já existente. Caso ela exista, é suprimida dos dizeres legitimados da *fanpage* pelos outros comentaristas, por meio das ferramentas “curtir” e “comentar”.

Nota-se, em todas as PS, a inexistência de criticidade a aspectos práticos do futebol moderno, como aumento do preço dos ingressos ou construções de arenas. Este tipo de pauta pode até existir na página, mas não se sobressai em relação ao humor sobre futebol moderno. O que fica marcado é uma dialogia entre discursos nostálgicos: desejo de voltar a algo que já não existe mais, porque o “politicamente correto” estaria coibindo o comportamento dos torcedores de futebol.

Surge daí a necessidade de relacionar o “discurso CL” a um contexto sócio-histórico mais amplo sobre movimentos de contestação ao futebol moderno. Este será o enfoque da etapa seguinte de investigação do *corpus*, que se inicia com a apresentação do histórico destes movimentos, e dos pontos em que se aproximam e se diferenciam da página analisada.

5 CONTEXTOS SÓCIO-HISTÓRICOS “CONTRA O FUTEBOL MODERNO”

A contestação ao futebol moderno não tem origem em Cenas Lamentáveis. Esta é uma afirmação com base no entendimento de dialogia entre discursos, mas principalmente diz respeito a um movimento maior de resistência por parte de torcedores insatisfeitos com a indústria do futebol. Existem grupos organizados de torcedores que se manifestam individualmente nas mídias digitais e nos estádios contra o que consideram uma exagerada mercantilização do futebol.

O desenvolvimento da indústria do entretenimento e do espetáculo da qual o futebol tornou-se parte acontece ao longo de diversas décadas, em processo que se intensifica a partir dos anos de 1970, com o início das transmissões televisivas dos jogos. Alguns autores, dos quais posso citar Santos (2017) e Castellari (2010), percorreram esta história com profundidade. Abaixo, apresento este contexto de forma resumida, abrangendo apenas o suficiente para dar conta do discurso analisado e questionar teoricamente a diferenciação entre CL e os movimentos sociais, a partir da noção de Resistência (PÊCHEUX, 1990), que compreende a produção de discursos contrahegemônicos.

Lopes e Hollanda (2018, apud SANTOS, HELAL, 2016) consideram quatro momentos essenciais para compreender o fenômeno da comercialização do futebol: 1. A inserção do futebol na lógica do espetáculo, no período pós-Guerra; 2. As tecnologias para transmissão de partidas por televisão, tornando as cotas televisivas a principal fonte de receita dos clubes; 3. A remodelação dos estádios ingleses no início da década de 1990, diminuindo a capacidade dos estádios e aumentando o preço dos ingressos; 4. A adoção do conceito de arena multiuso na década de 1990 por parte da Fifa a partir da Copa do Mundo de 1994.

Santos (2017) divide a história em seis “capítulos” cronológicos: 1. a expansão do futebol, que passa a ser praticado além da Inglaterra; 2. a popularização do futebol, que deixa de ser restrito às elites; 3. a profissionalização, quando atletas e dirigentes puderam se dedicar exclusivamente ao jogo; 4. o desenvolvimento das tecnologias para transmissão dos jogos por televisão; 5. a transformação de clubes em empresas e desenvolvimento de lógica mercadológica no trato do esporte; 6. A plastificação, definida como a exploração mercadológica exagerada e predatória.

O processo não ocorre de forma “linear”, variando de acordo com as especificidades de cada lugar, por isso não se pode demarcar datas específicas para cada etapa. A Alemanha é notadamente um país em que o processo ocorreu de forma mais lenta, com profissionalização

apenas em 1960 onde empresas ou investidores estrangeiros ainda não podem comprar livremente equipes (MERKEL, 2014). Já a cultura estadunidense favorece a relação esporte-comércio, portanto se “modernizou” antes – foi o país que inspirou a arenização do futebol, com base nas arenas multiuso que sediam jogos de baseball e basquete.

No Brasil, o futebol é praticado desde o início do Século XX, quando era primariamente forma de aprimoramento corporal, associada à modernidade e às elites internacionais. Havia competições amadoras de futebol em São Paulo, Rio de Janeiro e Bahia desde a primeira década (SANTOS, 2017). Após uma recusa inicial em dividir espaço com os mais pobres, as classes populares passaram a ser admitidas nos estádios. A partir de 1920, diversas ligas europeias se profissionalizaram e o mesmo ocorreu no Brasil durante o período de 1930 a 1950.

Àquela altura, o futebol já era considerado um “esporte das massas”, o que se solidificou com o desenvolvimento de competições internacionais como Copas do Mundo, disputadas por Seleções dos melhores jogadores de cada país, e a transmissão radiofônica de partidas. No Brasil, o rádio foi importante para difundir o futebol profissional para outras regiões do país (GASTALDO, 2011). O Estado brasileiro, a partir da década de 1930, também foi responsável por desenvolver a paixão pelo jogo – e continuaria a intervir diretamente nele durante as próximas décadas (CASTELLARI, 2010).

Marcos físicos da institucionalização do futebol como o “esporte do Brasil” naquele período foram os estádios do Pacaembu (1940) e Maracanã (1950), que viriam a figurar entre os mais importantes do país. Nos anos seguintes, mais estádios com grande capacidade de público foram construídos, como o Morumbi (início das obras em 1952) e o Mineirão (1964).

O Brasil se inseria em um contexto global que aproximava futebol e espetáculo. Isto foi possibilitado especialmente pelo desenvolvimento de tecnologia para transmissão ao vivo em televisão. Esta midiaticização, superior ao que existia até então (imprensa escrita e rádio) permitiu que houvesse uma “virada comercial” no discurso sobre o esporte, pautada em profundas mudanças nas dinâmicas e possibilidades de mercantilização (GASTALDO, 2011; CASTELLARI, 2010).

A televisão converteu-se em uma das principais formas de conexão com o jogo. Além de difundir o jogo pela cobertura midiática das competições, permitiu acesso também a questões de nacionalidade, classe, raça, gênero, entre outras variáveis do futebol como formação identitária. A mídia, nesse caso, faz parte de uma complexa rede que permite ao indivíduo se relacionar com um grupo maior de pessoas, engajadas com o tema. Outros

elementos desta rede são a política e a economia, que dão forma ao trato midiático do esporte. (BOYLE, HAYNES, 2009)

De acordo com Santos (2017, p. 50), até então o financiamento era feito principalmente por quem desejava acumular capital político por meio de esporte. No entanto, o discurso passou a favorecer a formação “de uma grande indústria, um negócio de escala internacional. Ao gosto das indústrias culturais midiaticizadas, seu pilar central seria o televisionamento e a venda de anúncios como ponta de lança”. Várias práticas até então inéditas passaram a ser adotadas, inclusive no Brasil: são instituídas federações; é organizado um campeonato nacional; empresas começam a anunciar nas camisas dos times; se tornam frequentes as vendas de atletas para o exterior (CASTELLARI, 2010).

Nesta década e nos anos de 1980, são criadas também novas funções no futebol, como os departamentos de marketing, que têm por objetivo primordial fazer com que os clubes gerem mais lucro, dentro da nova lógica mercantil que se desenha. Há um direcionamento para que os clubes migrem para funcionamento e administração empresariais.

Ocorrem articulações políticas em diversos países da Europa para que os clubes deixem de ser associações para tornarem-se de fato empresas – no Brasil, Bahia, Vitória e Vasco da Gama foram exemplos de times que não “vingaram” neste modelo importado (SANTOS, 2017). As equipes brasileiras não tinham vida financeira saudável e recorriam à venda de seus principais jogadores para o exterior como forma de tentar equilibrar as contas, e empresas viram ali a oportunidade de se inserirem na indústria (CASTELLARI, 2010).

Em território nacional, pela primeira vez o Estado deixa de ser o principal incentivador, filiando-se ao discurso neoliberal que tem seu ápice nos anos de 1990.

[...] ao aderir a uma nova ordem mundial, a que ao Estado cabe apenas o papel de regular as relações entre o mercado e a sociedade, lógica iniciada nos anos oitenta já no governo Collor de Mello, e que tem seu auge nos anos noventa no governo Fernando Henrique Cardoso, com as privatizações e as agências reguladoras, faz eco no futebol. (CASTELLARI, 2010, p. 103)

Também identificada à ordem neoliberal, é criada em 1992 a Premier League britânica, considerada um sucesso financeiro sem precedentes, “a reinvenção econômica e cultural do futebol profissional” (WILLIAMS, 2006, p. 96)⁸⁵. As mudanças foram bastante contundentes na Grã-Bretanha entre final da década de 1980 e início dos anos 2000 – os estádios lá eram representados como redutos de bêbados e vândalos. A atmosfera mudou totalmente com a

⁸⁵ Tradução minha. Texto original em inglês: “*The economic and cultural ‘reinvention’ of professional football*”.

Premier League, já que agora os clubes eram obrigados a jogar em estádios modernos, fortemente monitorados e com menos assentos disponíveis (que se tornaram também mais caros).

Aí se iniciaram embates com grupos de torcedores, que entendem as mudanças como demasiado drásticas e prejudiciais às tradições. As principais características do novo modelo são a exploração do potencial imagético da TV; adoção do estilo norte-americano de marketing esportivo; exclusão de grupos “problemáticos” e dos não-consumidores, restringindo ingressos e aumentando os preços; e abraçando uma reestruturação dos espaços físicos – os estádios.

Alguns torcedores então afirmaram que os estádios ingleses eram *muito* pacíficos, muito regimentados, e muito focados em atrair consumidores com alto poder aquisitivo. Institucionalização de “times sem conteúdo”, verbas de TV crescentes, eram acusadas de encenar espetáculos em “espaços de conquistas esportivas” cada vez mais chatos e desinteressantes. WILLIAMS, 2006, p. 98. Grifos do autor⁸⁶.

Dado o sucesso da Premier League, o modelo de gestão neoliberal é rapidamente disseminado para outros países. A exclusão dos “problemáticos e dos não-consumidores” é entendida por autores críticos como um latente sinal de que o futebol é convertido em mercadoria, privado de valores simbólicos e culturais importantes e tradicionais. Entre as queixas, a de que torcedor “popular” – pobre, festivo, carnavalesco, é excluído por não fazer parte do mundo “moderno e elitizado”; de que a relação de passionalidade do adepto ao clube se converte na relação de um consumidor com uma empresa prestadora de serviços; e de que ocorre um recorte por classe neste processo, já que quem não tem dinheiro não pode frequentar o espaço físico onde ocorre o jogo (CASTELLARI; SANTOS, 2017; LOPES, 2015 LOPES E HOLLANDA, 2018; NUMERATO, 2014; KENNEDY, KENNEDY, 2012).

Santos (2017), Lopes e Hollanda (2018) situam as arenas como símbolo-máximo e como nova etapa desta já exagerada mercantilização. Elas são baseadas nas praças esportivas norte-americanas, onde se oferece espaço para assistir a um evento esportivo, mas também serviços variados como restaurantes, lanchonetes, lojas e afins, tudo fortemente monitorado. São locais confortáveis, onde não se assiste ao jogo em pé ou sentado na arquibancada de concreto, como era tradição nos estádios “convencionais”. Há setores com preços variados e de modo geral elevados.

⁸⁶ Tradução minha, grifos do autor. Texto original, em inglês: *Some fans now claimed that English stadiums were far too peaceful, too regimented, and too much aimed at attracting high-spending consumers. Institutionally 'contentless' football clubs, increasingly ciphers for television sport,[8] were now argued to be aiming at staging dramatic spectacles in increasingly boring and bland 'achievement spaces of sport'.*

Um evento emblemático para a reestruturação dos estádios de futebol foi a tragédia de Hillsborough, na Inglaterra, em 1989. Devido à superlotação em uma partida entre Liverpool e Nottingham Forest, 96 pessoas morreram e 766 ficaram feridas. Governo e parte imprensa culpavam torcedores do Liverpool com histórico de violência. Décadas depois, foi comprovado que a atuação da polícia foi a responsável pelo desastre. O governo, à época liderado por Margaret Thatcher, ditou uma série de mudanças a serem adotadas. Em 1985, uma briga motivada por torcedores do Liverpool já havia causado a proibição de clubes ingleses de disputar competições europeias. Havia o discurso de que o futebol inglês estava “decadente”, embora resultados técnicos e número de público mostrassem o contrário (SANTOS, 2017).

No Brasil, a primeira arena foi a Arena da Baixada do Atlético Paranaense, no final da década de 1990. O clube, por meio de alguns integrantes da gestão, era assumidamente identificado ao discurso da conversão do torcedor em consumidor (CASTELLARI, 2010). No entanto, foi a Copa do Mundo de 2014 que inaugurou a “arenização” de fato, com estádios aos moldes das arenas são exigidos pela Fifa desde a Copa do Mundo de 1994, realizada nos Estados Unidos. Entre reformas e construções totalmente novas, foram inauguradas 12 arenas em solo brasileiro;

Elas foram construídas pela necessidade de o Brasil adotar o “padrão Fifa” e atender a uma série de exigências do órgão. Neste modelo, a ação se limita ao gramado, contrariando o papel anterior dos torcedores como participantes ativos do jogo, entendidos como o “12º jogador” da sua Seleção/time, como diz o chavão que denomina as arquibancadas. Em razão da própria arquitetura do novo modelo de estádio, de ingressos caros, diferenciação de setores por preço, monitoramento, enfim, a expressão corporal dos sujeitos é limitada, tornando possível descrevê-los como “espectadores” (BANDEIRA, 2017).

Este processo se relaciona a um momento mais amplo e agressivo da mercantilização, denominado por Santos (2017) de plastificação do futebol, iniciado após os anos 2000. Se até então, a indústria do futebol se movia na direção do lucro e da geração de receita, agora ela passa a ter o dinheiro como objetivo primordial. Clubes e ligas são criados com objetivo de revender atletas, angariar capital político, gerar parcerias com capital privado sem quaisquer interesses em contrapartidas sociais, vínculos com a comunidade, ou mesmo com objetivo de conquistar títulos.

Uma possível interpretação sobre a remodelação dos estádios inspirada no esporte norte-americano é a de que elas inibem culturas tradicionais de torcedores. Santos (2017, p. 89-90), sobre as transformações na Premier League, alega que “reduzir a violência” foi

pretexto para garantir “controle absoluto sobre o comportamento das torcidas [...] com a criminalização de qualquer tipo de manifestação festiva”, que substitui o torcedor tradicional, que tinha aquele lugar como casa, por uma *plateia* consumidora e “cada vez mais ‘de ocasião’”.

Este cenário dominante, que pauta a gestão de equipes e de competições profissionais em todo o globo, não é aceito pela totalidade de torcedores. Conforme a discussão que venho propondo neste trabalho, entende-se este movimento como uma contraidentificação ao discurso da modernização do futebol. Nenhum sentido é fechado, ou absoluto, o que permite aos torcedores usarem de diversos canais de comunicação para tentar desestabilizar tal discurso dominante, ou pelo menos se posicionar de modo contrário. Nas próximas seções, examino alguns desses posicionamentos, e como eles se relacionam (ou deixam de se relacionar) com a discursividade vista em *Cenas Lamentáveis*.

5.1 CENAS LAMENTÁVEIS E MOVIMENTOS SOCIAIS: ENTRE SEMELHANÇAS E AFASTAMENTOS

Repetindo a citação de Castells (2001, p. 1), “a internet é o tecido de nossas vidas”⁸⁷. Por isso é natural que torcedores contrários ao futebol-negócio utilizem as redes sociais digitais como forma de articulação e de troca de informações entre si, ao mesmo tempo em que se manifestam em espaços físicos, como os estádios. Esta subseção trata especificamente da apropriação da Internet por grupos contrários ao futebol moderno, devido à proximidade com o *corpus* de pesquisa.

A internet aqui é mais uma vez retomada, apesar de ter subseção específica (3.1, “particularidades na produção e circulação de textos na Internet”), e ser abordada no capítulo 4 (“O discurso de ‘Cenas Lamentáveis’”). Aqui, no entanto, é mobilizada com outro enfoque: o de ressaltar sua importância na disseminação de sentidos contrários ao futebol moderno, incluindo a formação de movimentos sociais de contestação.

A organização coletiva na internet é resultado das possibilidades de comunicação oferecidas por ela, que permite criação e participação de grupos com interesses específicos; as interações entre sujeitos geograficamente distantes; e a capacidade de os próprios atores das redes produzirem sentido, e produzirem gestos de interpretação sobre dizeres de outros usuários, sem a necessidade de intermediários como a imprensa tradicional.

⁸⁷ “*The internet is the fabric of our lives*”, no original em inglês.

Castells (2015) considera a Internet como um espaço de liberdade de expressão, onde a comunicação é livre e fluída, o que permite a organização de movimentos sociais, cujo objetivo é a geração de um “contrapoder”. Este contrapoder é uma subversão da norma hegemônica em determinada dimensão da sociedade. De acordo com o autor, as instituições se organizam na forma de redes que interagem entre si para exercerem poder sobre a população através da produção de sentido ou da coerção violenta. Movimentos sociais “reprogramam” o funcionamento das redes de poder, promovendo outros valores e ideias, para interromper a ordem hegemônica.

Castells (2015) pontua que esses movimentos geralmente são iniciados por um grupo pequeno de sujeitos, e cresce aos poucos. Surgem então lideranças, e a ideologia pode sofrer alterações baseada nas diferentes interpretações de demais sujeitos que passam a integrar o movimento, e mesmo dos que não a integram. A comunicação é essencial no processo e as possibilidades tecnológicas oferecidas pela internet inauguram um novo tipo de coletivos sociais, não dependente de métodos “tradicionais” de comunicação, como manifestos ou conversa face-a-face. A comunicação de massa (a “mídia”) é apontada pelo autor como um dos modos de as instituições exercerem poder, inclusive.

Esta forma particular de mobilização se articula em torno de emoções compartilhadas por alguns sujeitos, como o medo (que invoca a necessidade de mudança), e o entusiasmo (que leva à prática de resistência). O movimento toma forma, e passa a existir como tal (HILL et al, 2018) a partir do momento que estas emoções se convertem em ações práticas, e em ocupação dos espaços públicos.

Castells (2015) e Hill et al (2018) são enfáticos na necessidade de ocupar espaços físicos, fora da internet, porque eles são comumente ocupados pelo poder institucional. Ele elenca três razões pelas quais isto é importante: 1) cria comunidade e sensação de pertencimento, que permite superar o medo de retaliações; 2) os espaços tornam-se investidos de poder simbólico; 3) cria-se, por fim, um espaço público (e político) para deliberação.

Esta concepção otimista sobre a internet não é unânime, no entanto. Sampaio (2010), em pesquisa bibliográfica sobre as potencialidades da internet para a participação cidadã, aponta três linhas de raciocínio frequentes em estudos sobre o tema: a primeira é parecida com o que diz Castells (2015), sobre a internet oferecer soluções para variados déficits democráticos; a segunda vê a comunicação em redes digitais com criticidade; e a terceira é a de uma visão mais ponderada.

Conforme o levantamento de Sampaio (2010), o grupo de autores que a consideram benéfica para a democracia apontam a multiplicidade de discursos possíveis na internet, fruto

de uma comunicação universal e não-hierárquica, da qual grupos inferiores nas relações de poder podem se apropriar para produzir sentido. Surgem ainda novas formas de registrar atitudes políticas e inclinações do público; facilitar as discussões entre políticos e público geral; informar os cidadãos; e promover maior participação política de modo geral.

Autores críticos questionam os filtros existentes na rede, que impedem que a comunicação seja de fato livre. A Internet é representada como um espaço de disciplina, onde os registros de usuários são armazenados por grandes corporações e/ou governos; por um espaço de possível circulação de discurso de ódio; e como passível de criação de “bolhas ideológicas”, em que sujeitos interagem apenas com outros que têm pensamentos semelhantes, e onde os debates se tornam agressões aos “adversários”.

Uma terceira abordagem, defendida por Cardoso (2010), não concebe a internet como ferramenta possuidora em essência de soluções ou de problemas para a democracia. Ela traz benefícios ou não dependendo do uso que se faz dela. É um pensamento similar à Gallo (2012), que parte de outro quadro teórico em sua afirmação de que a internet se alimenta da produção discursiva dos sujeitos.

Os dados aos quais os atores têm acesso depende de como eles próprios disponibilizam informação na rede através de sua produção discursiva, e da apropriação das ferramentas oferecidas por ela. “Classificar a internet como neutra é ignorar os avanços democráticos que podem ser conquistados por determinadas utilizações de diferentes ferramentas digitais, usos que não seriam possíveis sem sua presença” (SAMPAIO, 2010, p. 42-43).

Nesta dissertação, levo em conta dois modos de apropriação da internet por parte dos torcedores que contestam o futebol moderno. O primeiro, é o de movimentos sociais contrários ao futebol moderno. São diversas formas de agrupamento de torcedores descontentes, que se organizam na internet e ocupam os estádios de futebol. O segundo, do qual faz parte Cenas Lamentáveis, partilha alguns saberes com estes grupos, mas não é e nem pretende ser um movimento social.

A análise do discurso de torcedores “comuns” não é frequente na literatura sobre contestação do futebol moderno, que costumeiramente se ocupa dos coletivos organizados, constatação feita também por Bandeira (2017). Portanto, esta é uma tentativa de situar Cenas Lamentáveis no contexto de contestação, a partir das semelhanças e diferenças com movimentos sociais (CASTELLS, 2015) de luta contra o futebol moderno, que apresentam variáveis níveis de sucesso na produção de um discurso contra-hegemônico.

Ao falar sobre as origens dos saberes que organizam os movimentos sociais contrários ao futebol moderno, cabe destacar que as tensões entre o futebol como bem cultural e como

mercadoria de uma indústria consumista nascem antes da internet comercial. Critchet tornou o assunto problemática de pesquisa nas décadas de 1960 e 1970, no Centro de Estudos Culturais Contemporâneos da Universidade de Birmingham, por exemplo. Exemplos de ações de torcedores são movimentos em prol de um “futebol popular” na França, e a reivindicação de propriedade por parte de clubes que estavam se transformando em empresas na Espanha, na década de 1990.

Segundo Santos (2017) as ações contrárias à mercantilização exagerada têm origem nos estádios de futebol, um dos espaços públicos que os movimentos sociais devem ocupar (CASTELLS, 2015).

Boa parte dela [manifestações contrárias] tem sido desenrolada dentro dos estádios na tentativa da manutenção dos espaços e costumes de manifestações festivas que tradicionalmente ocuparam as arquibancadas dos estádios locais. Essa outra faceta da luta torcedora tem maior destaque nos anos de 2000 e deve ser percebida como uma experiência protagonizada por setores sociais um tanto quanto distintos [...] (SANTOS, 2017, p. 161).

A comunicação mediada por computador deu outras dimensões a esses protestos dos torcedores, por permitir a interconexão entre atores fisicamente distantes. Um caso em especial é o de torcedores de diversos clubes espalhados pela Europa, quando da formulação do termo *modern football* para designar a “‘empresarização’ dos clubes e ‘clientelização’ dos torcedores” (SANTOS, 2017, p. 146).

O primeiro uso do termo foi no *Against Modern Football Manifesto*, (traduzido livremente por mim como *manifesto contra o futebol moderno*), texto publicado na internet por um torcedor da AS Roma em 1999. Ser contra o futebol moderno significa, basicamente, ser contra os “arranjos neoliberais” em voga nessa indústria, que está em processo de tornar o futebol numa *commodity*, causando impactos às formas tradicionais de torcer. O texto foi assinado por 72 grupos de torcedores de 21 países diferentes (NUMERATO, 2014).

Nos anos seguintes se desenvolveram comunidades virtuais de torcedores descontentes com o que consideram uma mercantilização exagerada do futebol. Por vezes, a frase *contra o futebol moderno* é parte explícita de sua identidade⁸⁸; em outros casos, não necessariamente, como em Cenas Lamentáveis, que se declara em defesa do futebol “clássico”, mas não usa a expressão “futebol moderno”.

Lopes e Hollanda (2018) destacam como características dessas comunidades a conversação entre sujeitos de diferentes partes do mundo, que permite organização de ações

⁸⁸ Exemplo: A página “contra o futebol moderno – Brasil”.
<https://www.facebook.com/contrafutebolmodernobrasil/>. Acesso em: 30/06/2019.

em larga escala; a troca de estilos e de símbolos (como as palavras de ordem já citadas); e traços de afetividade entre membros – a exemplo, a sensação de pertencimento em Cenas Lamentáveis.

Santos (2017) analisou o uso de sites de redes sociais, em especial o Facebook, por dois coletivos de torcedores brasileiros que têm atuação contra o futebol moderno. Segundo o autor, as redes sociais digitais são ferramenta para fundação de grupos, para sua organização interna e comunicação com demais setores da sociedade. Em entrevistas realizadas por ele, fica nítido o conhecimento dos torcedores da lógica de funcionamento do Facebook, site de rede social utilizada por ambos.

O grupo de torcedores “Resistência Azul Popular”, do Cruzeiro, enxerga o Facebook com cautela: as potencialidades da rede são reconhecidas, mas há também o temor de que com ela o grupo se torne uma “torcida de Internet”, sem mobilização prática no cotidiano do futebol. Há ainda o pensamento de que o Facebook limita o acesso aos conteúdos, que são exibidos àqueles que já torcem para o Cruzeiro e/ou tem identificação com as pautas. Logo, uma preocupação com a personalização do conteúdo e leitura dispersiva dos textos.

“O Povo do Clube”, movimento de torcedores do Internacional, se relaciona de forma mais “otimista” com o Facebook. Há mais investimento nas ações da página, que se refletem em suas curtidas⁸⁹ e a torna sua ferramenta de maior alcance. É na internet que são deliberadas as pautas a serem realizadas, que frequentemente envolvem ações “na rua” e nos estádios. Realiza postagem de informações relativas à democratização e de transparência do clube pelo qual torcem.

Além da comunicação em rede, as possibilidades de paráfrase e de polissemia (ORLANDI, 2005) também são exploradas por grupos de torcedores, no modo como a rede permite diferentes gestos de interpretação e apropriação de texto. Sob este aspecto, Kennedy (2012) trata da internet como forma de resistir à norma hegemônica por parte de torcedores do Everton (Inglaterra), quando o clube se propôs a mudar de estádio.

Castells (2015) cita produção de contrapoder a partir de movimentos de resistência a instituições autoritárias ou corruptas, como alguns governos ditatoriais. Aqui, tem-se exemplo de “reprogramação” de valores vigentes no futebol profissional. A rede, ao mesmo tempo em que fazia os discursos hegemônicos circularem, também “[...] fornece uma voz coletiva alternativa para torcedores, às quais eles podem desenvolver em um discurso anti-sistema

⁸⁹Mais de 100 mil, em comparação com cerca de cinco mil da torcida do Cruzeiro. Dados referentes a 29/06/2019, às 22h.

potencialmente rival” (KENNEDY, 2012, p. 352)⁹⁰, muito embora a maioria das informações acessadas por torcedores continue sendo mediada por grandes corporações relacionadas à indústria do futebol.

Outras torcidas de resistência que se apropriam da coexistência de diferentes discursos na internet são coletivos LGBTQ+ (LOPES, HOLLANDA, 2018). Segundo eles, a internet é um reduto “seguro” para esse tipo de pauta, enfrentada por Torcidas Organizadas em espaços “físicos” do futebol. Existe dificuldade em acessar espaços públicos, no movimento proposto por Castells (2015) para torná-los pontos de debate político, mas os autores relatam pequenos avanços, como a organização de eventos presenciais para discutir o papel das mulheres no futebol.

A dificuldade de inserção da pauta LGBT+ no espaço presencial do futebol também é percebida por Bandeira (2009; 2017). No Olímpico, antigo estádio do Grêmio, ele observou ofensas de ordem das masculinidades e de orientação sexual como formas de desqualificar os adversários, apesar de haver trocas de afetos entre os integrantes da própria torcida (BANDEIRA, 2009).

Em sua segunda análise, no novo estádio do time (a Arena), observou uma espécie de apagamento da história da Coligay, uma Torcida Organizada homossexual do clube que atuou na década de 1980. Em entrevistas com torcedores, constatou que muitos sequer sabiam que ela havia existido, e havia inconsistências sobre eles mesmo no museu oficial do clube. Apesar disso, recentemente havia sido publicado um livro contando a história dos torcedores, o que de certo modo coloca em xeque a censura dessas pautas no ambiente gremista⁹¹.

Com exceção da Coligay, Cenas Lamentáveis partilha semelhanças com os demais coletivos de torcedores: permuta de símbolos; busca por aceitação; comunicação entre atores fisicamente distantes; Facebook como forma de aumento de alcance e uso da internet de forma geral para difusão de ideias. Mas todos os grupos vão além, convertendo a “emoção” de descontentamento em ações presenciais (CASTELLS, 2015), coisa que CL não parece ter pretensão em fazer.

Para pontuar as semelhanças e diferenças da página em relação a esse tipo de mobilização torcedora, estabeleço um comparativo com um movimento social semelhante aos destacados até aqui, o *Stand Against Modern football* (StandAMF). É um coletivo de

⁹⁰ Tradução minha. Texto original em inglês: “[...] provide an alternative collective voice for supporters which they can build on and develop into a potentially rivalling anti-systemic discourse”.

⁹¹ “Ambiente gremista” porque nesse caso específico estou falando do Grêmio. O preconceito não está restrito às cores de times em particular e é prática corriqueira em diversos estádios.

torcedores inglês, definido por Hill et al (2018) como movimento social segundo a definição de Castells (2015). Apesar de diferenças elementares com CL, a comparação serve para detalhar o compartilhamento de alguns saberes e do modo de organização com os movimentos sociais de torcedores, e a recusa a outros.

Entre os pontos de convergência com Cenas Lamentáveis estão principalmente a nostalgia e a comunicação horizontal. O StandAMF se identifica com o futebol praticado no país antes da Premier League, atualmente o campeonato nacional de maior nível técnico no mundo, e também o mais rico e possivelmente o mais elitizado – todos os clubes têm grande arrecadação e os preços dos ingressos são elevados. No caso brasileiro, é óbvio o desejo de volta ao futebol dos anos de 1990, e da celebração de símbolos (como o formato de mata-mata) e dos atletas da época (Romário e Ronaldinho Gaúcho).

A comunicação horizontal diz respeito à possibilidade de os próprios atores se organizarem, sem a existência de líderes *de fato*, ou de objetivos comuns que agreguem os sujeitos. Pessoas com diferentes *backgrounds* discutem futebol na internet, identificados com a StandAMF. Pelo mesmo motivo, não existe um objetivo final bem-definido: donos de clubes, polícia e mídia são alvos de críticas, porque o objetivo é dar voz a todos os problemas existentes no futebol moderno.

O mesmo ocorre em Cenas Lamentáveis: como visto no capítulo anterior, a autoria do discurso é partilhada por administradores e seguidores. Neste processo, não transparece hierarquia, já que são torcedores se comunicando com outros torcedores, embora a captação de capital social por administradores da *fanpage* permite que eles “pautem” a discussão. Em StandAMF e em Cenas, o descontentamento como elemento de união é forte o suficiente para superar o “clubismo” e a rivalidade.

As diferenças principais estão relacionadas justamente a duas características principais dos novos tipos de movimentos sociais: a ocupação de espaços públicos e a produção de contrapoder. Hill et al (2018) entendem o StandAMF como movimento social porque ele se organiza primeiramente na internet, pela comunicação dos sujeitos, mas também se manifesta nas ruas.

Em um caso detalhado no artigo, integrantes de toda a Inglaterra fizeram um protesto contra o aumento do preço dos ingressos. Aquela pressão chegou à Federação de Clubes inglesa e a entidades institucionais que representam os interesses dos torcedores do futebol no país, resultando no congelamento do preço das entradas para os jogos naquela temporada. CL

também realiza eventos presenciais, como campeonatos de futebol⁹², então também existe fora do ambiente virtual, mas sem reivindicar de forma prática mudanças na pauta que defende.

O contrapoder gerado pelo StandAMF é a valorização da democracia no acesso ao estádio, alcançada por redução no preço de ingressos, e que passa a ser levada em conta pela instituição que gerencia o esporte. CL se distancia dos movimentos sociais em seu aspecto mais básico, a produção de narrativas e ações que contestam a hegemonia. Acredito que a *fanpage* possa se tratar de um dos espaços em que “[...] lideranças emergem, dentro ou fora do movimento, para *alimentar agendas políticas, ideológicas e pessoais* que podem ou não *se relacionar com as origens e motivações* dos participantes do movimento” (CASTELLS, 2015, p. 13, grifos meus)⁹³. Este processo é descrito como parte da transformação da emoção a nível individual em projeto ideológico/político.

No entanto, como mencionado no início do parágrafo acima, *Cenas* não é um movimento social, tampouco almeja ser. Ainda assim, a descrição de Castells parece válida como forma de tensionar agendas distintas em alguns pontos, mas semelhantes em outros, defendidas pela página e por grupos organizados em prol da democratização do futebol. Estas diferenças se desvelam em particular pelos textos analisados apresentarem poucas semelhanças com as pautas defendidas pelos movimentos sociais, em especial, o acesso ao estádio como espaço público e livre para manifestações populares.

CL, por outro lado, se preocupa com mudanças comportamentais negativas de torcedores e de atletas, que tornam o futebol profissional uma versão piorada dos anos de 1990-2000. Dentro do *corpus* da dissertação, o único ponto de convergência são as limitações impostas à cultura torcedora, que na página aparecem como o “politicamente correto” e o elitizado, que deslegitimam determinadas ações.

Talvez por se tratar de uma *fanpage* humorística seja natural que o enfoque esteja em conteúdos que possam gerar risadas e que possam ser compartilhados de forma descompromissada, mas ainda assim representam o apagamento de outras vozes significativas da contraidentificação ao futebol moderno. Argumento mesmo que esta ordenação específica do discurso, priorizando o pouco civilizado e o irreverente (por meio do discurso humorístico), seja o suficiente para caracterizar uma cisão entre *Cenas Lamentáveis* e os

⁹² Exemplo é a “Copa CL”: <https://cenaslamentaveis.com.br/o-que-foi-ii-copa-cl-edicao-bh/>. Acesso em: 08/11/2019.

⁹³ Tradução e grifos meus. Texto original, em inglês: “[...] leadership emerges, from inside or from outside the movement, to foster political, ideological and personal agendas that may or may not relate to the origins and motivations of participants in the movement”.

movimentos organizados contra o futebol moderno, apesar de as duas suposta e aparentemente “combaterem” a mesma coisa, o futebol moderno. Novamente, ressalto que este não é um demérito da *fanpage* ou dos sujeitos que fazem parte dela, apenas uma diferença que deve ser marcada para que se prossiga com o trabalho analítico desta dissertação.

Devido às possibilidades de deslizamento de sentido inerentes ao próprio funcionamento discursivo, e possíveis de serem textualizadas pelas dinâmicas de comunicação da internet, falar de “mudanças comportamentais” abre margem para machismo e homofobia – o que, por si só, já é contrário à ideia de “contrapoder”. O preconceito explicitado no discurso é da ordem da raridade no *corpus* construído e não é produzido pela *fanpage*. A SDC 3 é o único exemplo explícito.

SDC 3 Jogo pra homem, quem não aguentar saia e va tomar sopa ... (2015, 15 curtidas)

O texto é enfático na ideia de que o futebol é destinado a homens másculos e heterossexuais. O comentário foi postado em um vídeo que fala sobre uma compilação de brigas em um jogo de Boca Juniors x River Plate. A agressividade e a violência são atitudes desejadas dentro do campo de jogo, tornando aquele espaço “pra homem”, considerando a violência como um atributo das masculinidades viris, em especial entre certos grupos de torcedores de futebol (ZUCAL, 2007).

O “homem” também não é qualquer indivíduo cujo sexo biológico é masculino. É alguém que “agente” esse tipo de comportamento, subentendendo-se que certos tipos não conseguiriam lidar com o nível de brutalidade envolvido no jogo. São estes os que “tomam sopa”, ou seja, entendidos pelo sujeito como “frescos”, já que os homens de verdade, além de se engajarem na potencial violência que circunda o futebol, consomem cerveja – a bebida alcoólica é frequentemente associada aos esportes de contato (MESSNER, 2007).

E dentro desta argumentação, se o futebol não é nem para todos os tipos masculinos, muito menos será para as mulheres. Embora a masculinidade não seja exclusiva de homens (CONNELL, MESSERSCHMIDT, 2013), neste contexto parece ser o caso, já que o corpo dos homens é importante para a performance, ou potencial performance da violência solicitada pelo futebol (ZUCAL, 2005).

Percebe-se, na SDC 3, presença de uma hierarquia entre masculinidades, em que algumas são valorizadas pelo grupo, e outras recusadas. No contexto da *fanpage*, o homem violento e “macho” é validado, pois é para ele que é feito “o jogo”. O oprimido e socialmente

deslegitimado em *Cenas Lamentáveis* é quem “toma sopa”, o homem “fresco”. Para Connell (2005), hierarquização entre formas de ser homens implica sempre em opressão às mulheres e é um mecanismo de defesa do patriarcado e de opressão das mulheres, visto que os atributos desvalorizados são sempre aqueles tradicionalmente associados ao feminino (passividade, sensibilidade).

Reforço ainda, correndo o risco de ser redundante, que estas análises não dizem respeito ao sujeito empírico que escreveu o comentário. Não existe nenhuma forma de identificação do comentarista, muito menos acesso à sua produção discursiva além deste texto, e são ainda mais remotas as possibilidades de inferir sobre o seu comportamento cotidiano. Conforme dita a AD (ORLANDI, 2005), é analisada uma representação de sujeito; uma posição social ocupada por alguém. Segundo esta abordagem teórico-metodológica, o sujeito não é origem do seu dizer. Portanto, mesmo que outro sujeito empírico escrevesse o comentário, a análise prosseguiria da mesma forma.

Igualmente, seria leviano afirmar que a SDC 3 seja a de um sujeito que em sua vida prática cometa atos de preconceito, ou de violência. Quando, nas diferentes análises empreendidas nesta investigação, me refiro à violência e às hierarquizações entre vivências de masculinidade, falo de um nível de potencialidade, dentro de um gesto de interpretação possível que a materialidade textual analisada oferece. Trocando em miúdos: quando afirmo que é possível identificar violência de gênero em uma página, não estou afirmando que “*Cenas Lamentáveis* faz apologia à violência/homofobia”, mas sim que este é um deslizamento possível do sentido posto em circulação na *fanpage*.

Mesmo que contraidentifique à lógica institucional do futebol profissional, o “futebol moderno” propriamente dito, *Cenas Lamentáveis* reproduz o poder institucional das relações de gênero, priorizando um determinado modelo de masculinidade em detrimento dos demais, e do feminino como um todo. Por mais que a tomada de posição de modo marcado seja rara, considero o preconceito expresso na SDC 3 uma possibilidade de deslizamento de sentido previsível dentro de um discurso que valida durante anos certos atributos vinculados à masculinidade como preceito para futebol de qualidade.

Um possível contrapoder pretendido sobre futebol também fica em xeque, sabendo-se que existe a possibilidade de as contestações legitimadas pelo público por meio das curtidas/comentários pender para a agressividade contra as minorias, o que pouco agrega para tornar o estádio de futebol mais acessível para os torcedores “populares”, que criaram os comportamentos festivos (SANTOS, 2017) celebrados em CL. O efeito é, em partes, oposto: para alguns torcedores entrevistados por Bandeira (2017), a “família” tornou-se mais presente

no Grêmio após a construção da Arena, uma vez que a estrutura física oferece mais conforto. Tratando de gênero, o ambiente “elitizado” e supostamente excludente da arena é mais receptivo às diferenças do que o “tradicional” representado na *fanpage*, que se pretende “verdadeiro”.

A internet como meio em que se produz o discurso de contestação ao futebol moderno é simultaneamente apropriado de modos distintos pelos sujeitos, conforme aponta Cardoso (2010) sobre a sua não-neutralidade. Por um lado, permite discutir temas incomuns na cobertura esportiva institucional, como o próprio questionamento do modelo de gestão atual do futebol. No entanto permite também solicitar a exclusão de certas vozes deste espaço.

Esta participação na produção de sentido no Facebook pode ocorrer de diferentes modos. Na SDC 3, um sujeito escreveu o texto e outros apenas curtiram; nem todos os seguidores/administradores da página podem se identificar ao sentido da SD, enfim. O mesmo ocorre, possivelmente, também com os movimentos sociais de contestação ao futebol moderno. Sujeitos não necessariamente interessados em se manifestar além da internet certamente estão presentes também nas páginas dos coletivos organizados, assim como é possível que torcedores politicamente engajados interajam em Cenas Lamentáveis, embora o seu foco seja a produção de sentido por e para torcedores comuns, sem nenhum tipo de organização. Para explicar melhor, vou fazer uma analogia com os botões de curtir, comentar e compartilhar.

As três funções fazem parte da comunicação no Facebook, mas envolvem níveis diferentes de engajamento. Curtir um comentário demanda menos esforço do que compartilhar (você “mostra a sua cara” muito mais compartilhando, do que curtindo), e muito menos esforço do que comentar, porque é necessário investir tempo escrevendo um texto original. Por isso, embasado em Recuero (2014), afirmo que a curtida (agora também as reações) é a forma menos participativa de se engajar como um conteúdo: é um simples gesto de aprovação e nada mais. Pelo mesmo motivo, frequentemente as postagens têm mais curtidas do que compartilhamentos, e muito mais curtidas do que comentários.

Isso também vale para apoiar um coletivo contrário ao futebol moderno. Um grupo de sujeitos que curte a página d'O povo do Clube não necessariamente é torcedor do Internacional (este é um dos objetivos da página, aliás), ou mora em Porto Alegre. Esses sujeitos (curtida/reação) dificilmente participariam de alguma ação presencial, porque isso demanda participação ativa. Um grupo provavelmente menor de sujeitos é mais engajado, defendendo publicamente a sua posição contra o futebol-negócio (compartilhamento). Um terceiro grupo, certamente muito menor, se manifesta no estádio ou na rua, vai a eventos

presenciais organizados por outros grupos e ajuda de forma prática a organizar as pautas do coletivo (comentário).

Cenas Lamentáveis evidencia não ser um grupo organizado de torcedores, e sim uma página para fãs de futebol. E ali também ocorrem diferenças na participação de seguidores da *fanpage*, porque esse é o funcionamento padrão da rede: um grupo grande curte as publicações e talvez nem seja engajado com manifestações contra futebol moderno e apenas considere as postagens do grupo engraçadas; um grupo menor faz os *posts* circularem em outros espaços pelo compartilhamento e um terceiro produz sentidos de forma efetiva dentro da página, colaborando para as discussões anti-modernas pautadas pelos administradores.

A próxima subseção conclui a linha de interpretação traçada durante toda a dissertação: a existência de diferentes vozes que falam sobre o mesmo tema; e a existência de diferentes tomadas de posição mesmo entre grupos que, em teoria, falam a partir de um mesmo lugar, ou de lugares muito próximos. A “masculinidade” é um dos elementos que diferencia estes grupos, e organiza suas práticas de contestação.

5.2 RESISTÊNCIAS E CONTRAIDENTIFICAÇÕES AO FUTEBOL MODERNO

Como demonstrado, há diversas interpretações possíveis sobre a comercialização do futebol, e diferentes produções discursivas mesmo entre os torcedores que contestam o chamado futebol moderno. Esta pluralidade de sentido, que encontra suportes técnicos para existência na internet e nos estádios, torna difícil classificar os diferentes grupos sociais envolvidos com o fenômeno.

O termo “plateia” para designar o público na arquibancada é um dos exemplos possíveis por onde pode-se começar a tratar das diferentes vozes sobre o tema. Muitos torcedores consideram assistir a jogos em uma arena experiência semelhante a ir ao teatro ou a ópera, devido à falta de interação com o espetáculo. Eles sentem falta dos gritos e da música, comum às manifestações festivas tradicionais de torcedores (BANDEIRA, 2017).

Esta interpretação não é unitária, ou mesmo dominante entre torcedores e pesquisadores. Embora haja relatos de o pós-Premier League “romper conexões entre fãs e clubes ‘tradicionais’ e exercer “regulação pesada de práticas ‘tradicionais’ dos fãs” (HILL et al, 2018, p. 9)⁹⁴, foi percebido também incremento no público do futebol inglês e maior

⁹⁴ Traduções minhas. Trechos originais, em inglês: “[...] *disrupt connections between 'traditional' fans and clubs*”; “[...] *heavy regulation of 'traditional' fan practices*”.

sucesso dos clubes nas competições internacionais em que participam (WILLIAMS, 2006). Do mesmo modo, Bandeira (2017), durante análise empírica, notou a existência de torcedores satisfeitos com as melhorias estruturais, que possivelmente não assistiriam a um jogo nos estádios “tradicionais”, onde não teriam o conforto e os benefícios da arena.

Por conta dessa percepção, considero importante não fazer distinções binárias entre “torcedores” e “consumidores”, entre “tradicionais” e “novos” fãs de futebol. Por conseguinte, evitar a estereotipagem do “tradicional” como sempre adequado e naturalizado ao espaço do futebol; e o “arenizado” como produções essencialmente vazias de sentido ou de “alma”, se é que se pode dizer assim.

No entanto, é fato que os níveis de participação com o espetáculo do futebol são definidos pela carteira, como parte da cartilha que rege este “futebol neoliberal” – as melhorias estruturais elogiadas por certos torcedores elevam o preço dos produtos comercializados no interior do estádio, e do acesso àquele ambiente como um todo. Alguns torcedores se filiam a esse modelo, mas outros o contestam, dando origens a organizações e práticas com objetivo de resistir a essa modernização mercantilizada.

Não existe um grande grupo unificado de torcedores rebeldes. Não há um nome oficial para o fenômeno – nesta dissertação estou chamando de futebol moderno, mas diversos grupos não se identificam desta maneira. Alguns falam de “futebol-negócio”, “futebol neoliberal”, “futebol mercantilizado”, entre outros sinônimos do processo detalhado nas linhas anteriores. Grupos de diversas partes do mundo respondem a esse fenômeno à sua maneira, de formas variadas possíveis dentro do contexto cultural e futebolístico da localidade em que se encontram.

Na Alemanha os fãs de futebol têm bastante autonomia para opinar sobre as decisões mercadológicas de sua liga nacional. Historicamente, foi o país que mais tardou a se integrar ao discurso corrente do futebol enquanto componente de uma indústria de entretenimento e espetáculo. Quando discordam das decisões administrativas, eles abandonam as arquibancadas; pressionam junto aos órgãos responsáveis por preços baixos de ingressos; pela manutenção das manifestações festivas na arquibancada; e pela exigência de uma legislação que impeça que algum magnata compre um clube. Tudo isto se deve à democracia estabilizada da Alemanha, que permite que torcedores possam reivindicar a defesa de seus interesses (MERKEL, 2014).

Na Itália, país de origem do *Against Modern Football Manifesto*, que difundiu as palavras de ordem, a contestação está relacionada aos *ultras*, grupos organizados de torcedores fanáticos pelas equipes do país, que apresentam o maior nível de paixão e

engajamento com o clube do coração e com as práticas carnavalescas nos estádios. No país, muitas destas torcidas (ou mesmo os próprios clubes) seguem ideologias políticas que variam da extrema-direita à extrema-esquerda, de modo que estas pautas se tornam parte da luta contra o futebol moderno (SANTOS, 2017). Segundo Numerato (2014), as primeiras insatisfações no país surgem no período pós-guerra, com o crescente envolvimento da classe burguesa neste esporte, mas se intensificam no final dos anos de 1990.

Kennedy e Kennedy (2012) compilam alguns outros contextos vivenciados por torcedores europeus no escopo da mercantilização do futebol. Em Israel, o futebol passa por diferentes fases de mercantilização até deixar de ser um projeto comunitário para tornar-se um jogo privatizado. Na Noruega, existem fãs que torcem para times estrangeiros além das equipes locais, em um complexo jogo identitário se relaciona com o futebol-mercadoria, com a globalização e com a expansão do capitalismo.

Na Espanha, observa-se que a relação de torcedores do Valencia e do Levante com as equipes não mudou após a sua transformação em empresas – e apesar de o clube agora ter um dono, os torcedores ainda reivindicam propriedade simbólica sobre a instituição. Na Inglaterra há manifestações semelhantes, como a de torcedores do Liverpool que criaram movimentos de resistência – Share Liverpool e Spirit of Shankly – para tentar preservar valores tradicionais e, em sua visão, inegociáveis, em frente à aquisição do Liverpool FC por investidores estrangeiros.

No Brasil, Lopes e Hollanda (2018) situam as Torcidas Organizadas como protagonistas da contestação ao futebol moderno. Ao longo das últimas décadas, foram representados negativamente pela imprensa através de um discurso que associava suas práticas à violência/enfrentamento físico (SANTOS, 2017). Há também coletivos de torcedores, sem vinculação a uma equipe específica, que debatem temas políticos mais amplos e não se organizam em setores específicos do estádio, ou necessariamente usam aquele espaço para protestar.

Nos exemplos tratados, questões políticas exteriores ao esporte “se descobrem” via futebol (DAMATTA, 1982): na Alemanha, a democracia forte; na Itália, a filiação à Esquerda ou Direita; na Inglaterra, a contestação de uma “modernização” na esteira neoliberal. Convém pensar se o contexto político brasileiro influencia os textos produzidos na *fanpage*.

Creio que seja interessante observar o *corpus* para confirmar ou não a hipótese. Cenas Lamentáveis foi criada em 2014, ano em que a polarização política brasileira começou a se intensificar, na eleição de Dilma e Aécio – pouco antes, houve as Jornadas de Junho, em 2013, outro momento político importante do período. Nos anos seguintes, o discurso

conservador ascendeu, talvez tendo como momento máximo a eleição de Jair Bolsonaro à presidência, em 2018. A aversão à civilidade poderia então estar relacionada a um discurso que crê que a pauta de grupos minoritários é “vitimismo” ou excessivamente “politicamente correta”. Esta é apenas uma hipótese que não pode ser confirmada ou descartada nesta dissertação, mas deve ser abordada em pesquisas futuras.

Como brevemente apresentado, há diferentes discursos sobre a contestação ao futebol moderno, bem como variados saberes que compõem esses discursos, e práticas também diversas que permitem a expressão dos sujeitos. Mas, em linhas gerais, as pautas principais são combate à elitização, de modo a tornar o futebol mais inclusivo; e a liberação de manifestações festivas nas arquibancadas.

Estes sujeitos almejam uma volta à “tradição”. Nesse caso, o sentido não é “reacionário”, e sim “libertador”, pois seria uma prova de que o futebol é capaz de manter fundações sólidas apesar dos ares modernizantes que se impõem já há algumas décadas (LOPES, HOLLANDA, 2018).

Dentro dos estádios, os torcedores baseiam seus comportamentos em regras e convenções implícitas, informais e, às vezes, imprecisas que são aprendidas e interiorizadas ao longo de sua trajetória torcedora. Ainda que a aplicação dessas regras e convenções não seja o resultado de uma operação meramente mecânica, envolvendo certa seletividade e criatividade, ela tende a reproduzir uma forma de torcer mais participativa, que não se enquadra em um modelo “burguês” de assistência esportiva, que pressupõe o distanciamento afetivo, ou seja, o controle da manifestação pública das emoções. LOPES, HOLLANDA, 2018, p. 220

Santos (2017) considera simbólicos os setores mais baratos que existiam nos estádios antes do discurso do lucro. Não ofereciam nenhum conforto e em alguns casos era quase impossível assistir aos jogos com tranquilidade, mas eram também os locais de formação das culturas torcedoras mais festivas.

Por estarem presentes nas arquibancadas, utilizando-as como espaço festivo, boa parte das reivindicações desses torcedores se direciona ao direito de usar artefatos pirotécnicos, consumir álcool, usar bandeiras, ingressos baratos e o combate à repressão policial. Trata-se da defesa de uma “cultura torcedora” que está em constante ameaça com os novos conceitos aplicados para as praças desportivas e para o próprio público torcedor. SANTOS, 2017, p. 164

A “tradição”, a “cultura torcedora” e os “comportamentos festivos não são imaculados, obviamente. Lopes e Hollanda (2018), em sua observação de uma Torcida Organizada do estado de São Paulo, percebem que ao mesmo tempo em que se procura uma emancipação do discurso mercantilizado pelo viés de classe, reforçam as relações de poder desiguais de gênero. O mesmo ocorre em Cenas Lamentáveis, em que há constantes associações da

“tradição” a comportamentos menos polidos, mais grosseiros e legitimados; e o “moderno” é tido por “fresco”, que não deveria existir naquele ambiente.

Esta formulação remonta ao entendimento de Connell (2005) sobre a construção de gênero como processo cotidiano, e sobre a aceitação de algumas masculinidades em detrimento de outras. As fontes mais básicas foram as teorias feministas e o debate sobre o papel dos homens na transformação do patriarcado. Observou-se que alguns homens tentaram se organizar em apoio ao feminismo, o que atentou para a existência de um modelo diferente de masculinidade, diferente do papel social masculino, que não dava conta desta possibilidade de deslizamento de sentido produzida a partir de homens não-identificados com o patriarcado. A experiência de homens homossexuais também foi importante para a composição das hierarquias de masculinidades (CONNELL, MESSERSCHMIDT, 2013), pois tornou-se evidente que era impossível tratá-los teoricamente do mesmo modo que se tratavam homens que reproduziam comportamentos sexistas.

As diferentes formas de ser homem são legitimadas de formas diferentes. Existem relações conflituosas entre elas em cada sociedade e cultura, de modo que se estabelece uma dominação de um certo tipo de masculinidade em relação às demais, e também em relação ao feminino. Os núcleos do conceito são 1) a existência de múltiplas formas de masculinidade 2) elas possuem autoridade e privilégios sociais distintos. Logo, “presume a subordinação de masculinidades não hegemônicas, e esse é um processo que agora tem sido documentado em muitos contextos, em nível internacional” (CONNELL, MESSERSCHMIDT, 2013, p. 242-243). Connell (2005) estabelece quatro modelos de masculinidade: hegemônicas, subordinadas, cúmplices e marginalizadas.

A masculinidade hegemônica pode ser definida como “a resposta atual ao problema de legitimação do patriarcado, que garante (ou pensa garantir) a posição dominante dos homens e a subordinação das mulheres” (CONNELL, 2005, p. 77). É o modelo de masculinidade que mantém a autoridade de certos grupos de homens nas relações sociais.

Não existem atributos específicos desta masculinidade hegemônica – eles variam de acordo com sociedade e com período histórico, já que gênero não é um conceito fechado. O que é hegemônico hoje, pode não ser no futuro, e pode não o ser em outro contexto cultural. Pela mesma lógica, a hegemonia não é natural. Ela é refutável, seus saberes são abertos a contestação, que por sua vez pode dar origem a uma nova hegemonia.

Connell (2005; CONNELL E MESSERSCHMIDT, 2013) entende a hegemonia como um conjunto de práticas (mais do que uma série de expectativas de papel social, ou uma identidade) que possibilita a manutenção da dominação masculina. Hegemonia não é

sinônimo de força, ela significa ascendência, alcançada por alguns poucos homens, e almejada por tantos outros que buscam se adequar a esse modelo.

As práticas e a idealização de um tipo de masculinidade a ser seguido são formas de manutenção da hegemonia, já que esta masculinidade não se dá de forma autorreprodutora. É necessário o engajamento de todos os homens para que ela se mantenha, ou para que seja substituída por outra forma de hegemonia. Connell e Messerschmidt (2013) apontam a exclusão das mulheres e de grupos minoritários como partes fundantes deste processo, que podem se manifestar no silenciamento destes grupos, ou de maneiras mais contundentes como a violência física e os crimes de ódio.

A reformulação do contexto de masculinidade hegemônica aponta para uma aplicação equivocada da teoria em uma série de artigos ao longo dos últimos 20 anos (CONNELL, MESSERSCHMIDT, 2013). Não se trata necessariamente de uma masculinidade “tóxica” ou violenta; estes termos não são sinônimos. Como se trata de uma posição em constante disputa, frequentemente a violência é empregada como forma de defesa de determinadas práticas, mas esta não é a regra.

Possivelmente, as associações entre violência e masculinidades hegemônicas são corriqueiras pois a violência é um dos modos de defesa do patriarcado, prova da fragilidade da estrutura de dominação (JANUARIO, 2016). Normalmente, o patriarcado por si só já garante o seu funcionamento, mas utiliza mecanismos de afirmação quando há tendências de crise (ou seja, possibilidade de ruptura com o modelo e formação de um novo). A violência é uma das formas de defesa da hegemonia, que pode ser acompanhada de outras duas: a promoção de masculinidades exemplares e a administração de organizações.

Como mecanismo de manutenção da hegemonia, a violência não é encarada como um ato maléfico, assim como no futebol (BANDEIRA, 2009; 2017). Alguns sujeitos podem considerar a agressão a um grupo socialmente ilegítimo como o exercício de um direito, e não como violência de fato (CONNELL, 2005). A nível de “projeto político”, a violência se dá pelo militarismo – consolidação de imaginário heroico e combativo, com figuras militares fortes; ou pelas agressões e violência simbólica, a nível mais localizado.

Ao longo desta dissertação, levanto indícios que sustentam a hipótese de o discurso de Cenas Lamentáveis estar vinculado a um discurso político conservador. A exaltação de figuras militares fortes é característica de determinados grupos de sujeitos conservadores, como aqueles que exigem uma “intervenção militar”, ou lembram da ditadura brasileira com nostalgia. O próprio Presidente da República é capitão do Exército e frequentemente exalta as Forças Armadas, além de ter a “arminha com as mãos” como um de seus símbolos durante a

campanha. No caso da página, os “guerreiros” não são militares, e sim jogadores de futebol, representados como gladiadores em uma arena (e portanto, esperando deles comportamento violentos e agressivos).

A promoção de masculinidades exemplares refere-se à produção de sentido no âmbito da cultura, com objetivo de estabelecer padrões, direcionando a idealização de determinados tipos de indivíduos. A espetacularização do esporte e a transformação dos atletas em celebridades são apontadas por Connell (2005) como um dos modos pelos quais o patriarcado veicula ideais desejáveis de masculinidades. A administração das organizações patriarcais refere-se à manutenção de sujeitos masculinos em posições sociais e econômicas superiores, a cargo de manter as instituições em funcionamento.

Seguindo agora para os tipos de masculinidades não-hegemônicas: as subordinadas são aquelas que estão abaixo da hegemônica na relação de poder. O exemplo mais frequente (e de certo modo quase explicativo) desta dinâmica no Ocidente é a dominação dos homens heterossexuais – já que a heterossexualidade é “obrigatória” para que um sujeito masculino seja entendido como “homem de verdade” pelo senso comum – e a subordinação dos homens homossexuais, considerados por muito tempo como “desviantes” e ainda hoje alvos de violência e discriminação.

Connell (2005, p. 78) é enfática quanto aos efeitos violentos da dominação. A violência se manifesta muitas vezes na forma de agressões físicas, mas também em restrições a espaços; durante muitos anos pela criminalização da homossexualidade; pelas propostas de “cura gay”, enfim. “[...] Isso é mais do que uma estigmatização cultural da homossexualidade ou da identidade gay. Homens gays são subordinados a homens héteros por uma série de práticas bastante materiais”⁹⁵.

Do mesmo modo que o modelo hegemônico não é sinônimo de agressão, o modelo subordinado não é sinônimo de homossexualidade, apesar de este ser o exemplo mais emblemático, tanto na vivência dos sujeitos, quanto em sua contribuição para a formulação da teoria. Mas poderia se dizer o mesmo sobre qualquer outra orientação sexual, ou mesmo sobre homens heterossexuais excluídos desse círculo de legitimidade.

O terceiro modelo apresentado por Connell é a da masculinidade cúmplice: apesar de a maioria dos homens não atingir o padrão normativo, vários se beneficiam dos privilégios garantidos pelo patriarcado, portanto são cúmplices, aliados dos tipos hegemônicos, sem o

⁹⁵ Tradução minha. Texto original, em inglês: “*This is much more than a cultural stigmatization of homosexuality or gay identity. Gay men are subordinated to straight men by an array of quite material practices*”.

serem. Estão em posição superior na relação de poder – recebem salários potencialmente maiores e têm algumas práticas legitimadas, mas não são a “linha de frente” de defesa do patriarcado, já que esta função cabe à masculinidade hegemônica.

O último modelo é a masculinidade marginalizada, que se produz entre grupos oprimidos ou marginalizados, como minorias étnicas e raciais ou a população mais pobre, mesmo quando estes grupos apresentam características de masculinidade hegemônica. Connell (2005) cita o exemplo de atletas negros, que podem ser considerados exemplos de masculinidades hegemônicas, mas não conferem autorização social ou legitimidade para toda a comunidade negra.

Conforme destaca Januário (2016), é importante lembrar que apesar de haver nomes específicos para definir cada tipo de masculinidade, elas não representam categorias fechadas, ou são incontestáveis. Logo, a discursividade e as práticas que constituem cada uma destas categorias estão passíveis de mudança, de modo que não é possível definir “traços” que essencialmente fazem parte de cada uma delas. Este é um dos pontos da reformulação do conceito (CONNELL, MESSERSCHMIDT, 2013), pois os autores acreditam que certas pesquisas “simplificaram” o conceito, lhes atribuindo certo caráter estanque. Outro ponto é a inserção de “instâncias geográficas”: a masculinidade hegemônica pode ser percebida em nível local (construída na interação face a face); regional (no nível da cultura ou de um país); e global (arenas políticas mundiais, “grande mídia” e comércio transnacional).

E assim como as práticas dentro de cada categoria podem mudar, as próprias categorias também podem deixar de existir, ou serem analisadas a partir de outras perspectivas teóricas. Do mesmo modo, obviamente nenhum homem é obrigado a defender a ordem de gênero, assim como nenhum gay é obrigado a rejeitá-la. Tais conclusões se dão a partir de análises empíricas, que sugerem a existência de relações mais complexas entre as diferentes vivências de masculinidades possíveis.

Exemplo de reorganização reconhecida pelos autores (CONNELL, MESSERSCHMIDT, 2013) são as “masculinidades de protesto”, termo cunhado por Pyinting et al. (2003) para substituir as categorias subordinadas/marginalizadas. O termo propõe maior destaque para as possibilidades de sujeitos não-hegemônicos subverterem a ordem de gênero dominante. O termo foi criado durante análise de um padrão de masculinidade das classes trabalhadoras, que compartilham a reivindicação de poder hegemônica, mas não possuem poder econômico e institucional para sustentá-las.

Messerschmidt e Messner (2018) tratam a questão a partir da hegemonia (um grupo dominante) e da não-hegemonia (todos os demais, basicamente). Com base nesta distinção

mais simplificada do que a proposição original, eles sugerem a existência de diferentes tipos de masculinidades hegemônicas e não-hegemônicas.

As não-hegemônicas são: masculinidades dominantes, masculinidades dominadoras, e masculinidades positivas⁹⁶. Dominantes são aquelas idealizadas pela maioria dos homens; são os modelos de comportamento masculinos. Masculinidades dominantes diferem-se da relação entre hegemonia/cumplicidade proposta por Connell (2005), porque estas formas de masculinidade não têm a ver com a dominação feminina, ou com a repressão física ou simbólica a outras formas de masculinidade. As dominadoras vão na mesma linha, mas estão mais relacionadas à idealização da independência e das posições de liderança ocupadas por alguns homens. E as masculinidades positivas são grupos que buscam uma relação igualitária entre homens e mulheres. São grupos de homens que dispõem de privilégios do patriarcado, mas não buscam se impor diante de outros grupos – não são heteronormativos, não empregam violência, aceitam diversidade de corpo e de sexualidade.

Os autores pontuam também a existência de “masculinidades femininas”. Refere-se à apropriação de atributos da masculinidade hegemônica por parte de mulheres, como observado em tribos nativas norte-americanas, ou no caso de mulheres ocidentais que não se identificam com o que pode ser considerado “feminilidade”. Connell e Messerschmidt (2013) citam ainda mulheres que assumem características de masculinidade hegemônica em busca de progressão em suas carreiras.

As masculinidades globalizadas não se referem a um conjunto específico de práticas, mas sim às relações entre globalização, colonialismo e masculinidade. Messerschmidt e Messner (2018) citam o trabalho de Morell (1994; 1998; 2001 *apud* MESSERSCHMIDT, MESSNER, 2018), que identificou três tipos de masculinidades hegemônicas em uma mesma sociedade, na África do Sul: uma masculinidade branca, da classe política dominante; uma masculinidade hegemônica negra baseada nas tradições tribais; e uma masculinidade hegemônica negra que existia nas cidades menores.

As “novas” masculinidades são uma espécie de “hegemônico híbrido”, pois trata-se da apropriação de características de determinados modelos subordinados, mas não para problematizar seus próprios privilégios, mas sim para reafirmá-los. É mencionada como exemplo a indústria dos produtos de beleza: embora a vaidade seja uma característica normalmente atribuída ao feminino, também pode ser apropriada para construir um visual de

⁹⁶ Traduções minhas. No original, em inglês: “*dominant masculinities; dominating masculinities; positive masculinities*”.

“macho” para os homens, e para reafirmar a posição deste homem em relação aos mais pobres, devido ao custo dos produtos.

Na mesma linha, Grossi (2004) lembra uma pesquisa feita por Roseli Buffon, que concluiu que um tipo de “homem sensível” ressignificava práticas femininas como a cozinha. Eles faziam pratos sofisticados, o que lhes colocava “superior” às mulheres, a quem tradicionalmente era atribuída a tarefa de cozinhar comidas “simples” como parte do cuidado da casa e do preparo das refeições básicas.

Neste trabalho, estou empregando o conceito de masculinidades hegemônicas/subordinadas para falar sobre Cenas Lamentáveis, tendo em vista percepções de hierarquizações de masculinidade comuns ao espaço futebolístico, conforme apontado por autores como Bandeira (2009, 2017). No entanto, diante de tantas possibilidades diferentes de organização das relações entre as masculinidades, cabe questionar o *corpus*: qual é de fato o modelo de Cenas Lamentáveis? Está entre as quatro proposições originais de Connell, ou existem desdobramentos de sua teoria que permitem uma melhor categorização? Seria necessário cunhar um novo termo? Não há tempo hábil de responder a estes questionamentos nesta dissertação, mas espero retomá-los em trabalhos futuros.

O que permanece de toda esta contextualização teórica sobre masculinidades, independente de qual nomenclatura se use para falar dos “tipos” de homens em Cenas Lamentáveis, é a forte percepção de que os textos reforçam a ordem dominante, especialmente no que diz respeito a gênero. Isto é uma frequente atribuição ao futebol como um todo. Se por um lado o futebol requer certas pedagogias para que se possa fazer parte dele enquanto torcedor, por outro lado o próprio esporte produz sentido sobre outros aspectos culturais, destacadamente a masculinidade (GASTALDO, 2006b; BANDEIRA, 2009, 2017), não sendo então apenas um modo de o brasileiro “se descobrir”, como afirmou DaMatta (1982).

Bandeira (2017, p. 31) acredita que futebol é “um modo de se construir masculino através de suas diferentes discursividades”, dada a importância do esporte para a formação da subjetividade masculina dos brasileiros, em processo iniciado ainda na infância, com a prática nas escolas, necessidade de se filiar a alguma equipe, e possibilidade de começar a ir ao estádio. Gastaldo (2006b) afirma que futebol é um “porto seguro” da sociabilidade masculina, porque basta perguntar qual é o time de alguém para iniciar uma conversa, alimentada pelos resultados das partidas, “zoações” com rivais, notícias veiculadas na mídia, enfim.

Por esta razão, e tendo como base os comentários e *posts* com mais engajamento na *fanpage*, considero impossível classificar Cenas Lamentáveis como “resistência” ao futebol

moderno, já que não há quaisquer tentativas efetivas de romper com a lógica dominante do esporte. A base teórica para esta afirmação está em Pêcheux (1990), que postula o ato de resistir como a produção discursiva originada de um profundo deslizamento de sentido, com finalidades de subverter determinada lógica vigente.

O conceito de resistência é o do rompimento de uma determinada ideologia dominante. A partir das incompletudes e contradições dos sujeitos, dos discursos e da própria ideologia, os sujeitos podem produzir outros olhares, rompendo um discurso contínuo, e fazendo emergir um novo. Isto é resultado de longos processos históricos e sociais, que culminam em um “momento imprevisível em que uma série heterogênea de efeitos individuais entra em ressonância e produz um *acontecimento histórico*, rompendo o ciclo da repetição” (PÊCHEUX, 1990, p. 17, grifos do autor).

Neste ponto, a noção está relacionada com as Posições-Sujeito e com as Formações Discursivas, elementos da teoria do discurso já mobilizados nesta dissertação para tratar do discurso de Cenas Lamentáveis. A resistência seria resultado da completa desidentificação a uma Formação Discursiva (FD), o que, como já explanado no capítulo anterior, não ocorre em Cenas Lamentáveis. Os sujeitos provocam tensões dentro da FD Futebol Profissional, mas sem contestar com veemência os seus principais saberes. Portanto, como já destacado, é raro existir um discurso completamente desvinculado a uma ideologia anterior.

Apresentam-se, então, certas relativizações da teoria proposta por Pêcheux. Isto se faz em razão do *corpus* de pesquisa, e em acordo com o movimento frequente da AD, de propor atualizações às suas noções teóricas quando isto for pertinente às investigações sobre um fenômeno específico, deixando o “objeto falar” e suscitar transformações e progresso ao método. Aqui, foi pontuado que a tendência à desidentificação seria os sujeitos pararem de acompanhar futebol profissional. Mas, tratando a questão do futebol de formas mais específicas, através de recortes de classe ou de gênero, pode-se imaginar sujeitos que desejam continuar acompanhando o futebol profissional, desde que algumas de suas características mudem.

O pensamento de Pêcheux é bastante semelhante ao de Castells (2015) ao falar do contrapoder gerado por movimentos sociais, ou de Connell (2005) ao questionar as masculinidades hegemônicas. Os pontos de partida teóricos são distintos – entre os citados, Pêcheux é o único que fala de uma ideologia segundo Althusser, mas em comum, abordam oposições à dominação, que originam discursos contrários ao poder institucional. Nas palavras de Pêcheux (1990, p. 17)

As resistências: não entender ou entender errado; não “escutar” as ordens; não repetir as litâneas ou repeti-las de modo errôneo, falar quando se exige silêncio; falar sua língua como uma língua estrangeira que se domina mal; mudar, desviar, alterar o sentido das palavras e das frases; tomar os enunciados ao pé da letra; deslocar as regras na sintaxe e desestruturas o léxico jogando com as palavras... (PÊCHEUX, 1990, p. 17)

O resultado é um discurso contra-hegemônico (de resistência, de contrapoder, enfim) isto é, de contrariedade, mas não necessariamente de oposição binária à dominação. Quando modelos hegemônicos de masculinidade são questionados com criticidade, não há desejo de instaurar uma nova dominação, diferente da anterior. Pela mesma razão, ao discutir teorias sobre masculinidades e teorias de gênero, não existe defesa de uma “ditadura gayzista”, como diz o chavão da Direita conservadora brasileira, mas a produção de um discurso que outrora seria deslegitimado. Igualmente, quando se questiona a modernização do futebol, não há um desejo de que o esporte volte aos tempos do pré-profissionalismo, mas sim que vozes omitidas da discussão possam falar.

Este era, inclusive, um temor de Pêcheux (1990) sobre os movimentos de resistência política na França da década de 1980, período em que a noção teórica foi desenvolvida por ele. O autor questionava a emergência de porta-vozes do discurso de resistência, sujeitos que se tornariam à frente daquele discurso, e modo pelo qual a ideologia dominante poderia se apropriar do discurso contrário e enfraquecê-lo. Embora seja um cenário um tanto distinto do observado nesta dissertação, é possível estabelecer certas aproximações com esta ideia.

Cenas Lamentáveis é notadamente contrária ao discurso dominante do futebol, o discurso do futebol moderno. Apesar disto, algumas análises desenvolvidas nos capítulos anteriores e outras apresentadas nas próximas páginas, não dão indícios de haver tentativas de contestar saberes dominantes deste futebol – na questão de gêneros, a ideologia dominante não apenas é aceita, como também é reforçada.

Isto me leva a crer que Cenas Lamentáveis se preocupa muito pouco com questões práticas da elitização e que afetam a cultura torcedora, e muito mais com uma estética/discursividade tradicional que perdeu espaço em função de mudanças progressistas da sociedade, como maior aceitação a diferentes modelos de masculinidades e repreensão a agressões à grupos minoritários. Este progressismo impacta na restrição a comportamentos tradicionais, como a violência praticada (ou potencialmente praticada) dentro de campo e nas arquibancadas.

Uma breve análise das Sequências Discursivas de *Post* dá embasamento a esta afirmação. Nestes trechos de textos dos administradores da *fanpage*, se observam saberes

específicos a cada um, mas sempre vinculados a uma mesma percepção sobre futebol profissional.

SDP 1 Ronaldinho LOUCASSO na cozinha! “DÁ UMA AZEITADA NESSA PORRA AQUI” Quem não ama este rapaz [Ronaldinho Gaúcho] tem desvio de caráter! (2018)

SDP 2 SEMANA PASSADA SAIU UMA MATÉRIA NO YAHOO DAS CAMISAS INFANTIS MAIS VENDIDAS NO PAÍS E DENTRE AS 10 TINHA OS ~~~CITYS CHELSEAS~~~ DA VIDA. RECEBEMOS COM TRISTEZA TAL NOTÍCIA (2014)

SDP 3 um compilado das tretas que rolaram no jogo River 1x0 Boca hoje (2015)

SDP 4 Ronaldinho é a personificação do Decreto! (2016)

A SDP 1 é a do vídeo de Ronaldinho Gaúcho bêbado na cozinha e remete à PS 3, “futebol moleque”, já que o tema principal é a irreverência e a vida extracampo do atleta. Essa “molecagem” é adjetivo positivo do futebol (“quem não ama este rapaz”). O excesso de álcool também é destacado (“loucasso”) e ainda ocorre a tentativa de normalizar as ações do personagem, pela afirmação de que é um “desvio de caráter” não corroborar com as práticas de Ronaldinho Gaúcho.

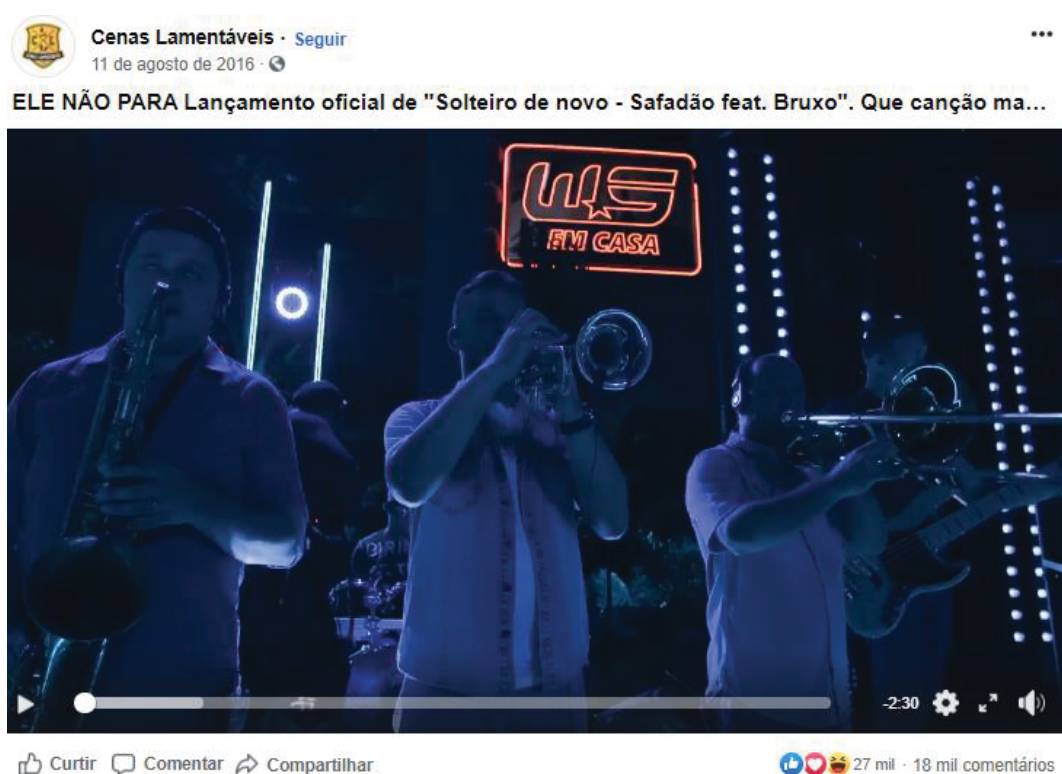
A SDP 2 é um trecho do *post* sobre a comemoração das crianças torcedoras do Atlético-MG e se relaciona com a PS do “futebol popular”. Questiona a torcida por times de fora do Brasil como uma desvalorização do futebol nacional (“recebemos com tristeza tal notícia”); e uma possível vinculação da atual geração ao comportamento demasiadamente civilizado, representado por clubes ricos europeus, e que constituem a contrariedade da falta de polidez esperada de um fã do futebol de qualidade dentro da comunidade analisada.

A SDP 3 fala das brigas no jogo de River Plate contra Boca Juniors se identifica à PS do “politicamente incorreto”, já que ostenta um comportamento considerado irregular na maioria dos contextos sociais. A violência, que existe no ambiente do futebol em um complexo jogo entre legítimo e ilegítimo, aparece como um saber cada vez menos presente no futebol profissional. É representado como inexistente entre os grandes europeus, por exemplo, o que se traduz em perda de legitimação. O sul-americano, em contrapartida, é mais visceral, logo, mais apaixonante e próximo do que é o “verdadeiro futebol”. Portanto, o “popular” é uma espécie de saber secundário presente nesta postagem.

A SDP 4 é a do vídeo da música de Ronaldinho Gaúcho e Wesley Safadão, correspondente à PS 1, “futebol de macho”. Ronaldinho Gaúcho é uma “personificação do decreto”, tipo de texto específico que ressalta comportamentos das masculinidades

hegemônicas. Ficam presentes no material audiovisual postado estas mesmas características: o consumo de bebida alcoólica; a orientação heterossexual; e a festa como uma performance de masculinidade compartilhada pelo cantor e pelo ex-atleta, que devem ser tomadas como exemplo pela comunidade Cenas Lamentáveis, e é constituinte do futebol com o qual eles se identificam.

Figura 5 - Post sobre a música de Wesley Safadão



Reprodução da SDP 4, a partir de captura de tela de Cenas Lamentáveis, em 25/02/2020.

Existe uma complexidade em relação às diferenças entre Cenas Lamentáveis e os movimentos sociais. É o caso do dinheiro: grupos organizados questionam a transformação dos clubes em empresas; o preço elevado dos ingressos, que estabelece um recorte de classe no público frequentador dos estádios; a transformação de atletas em celebridades bilionárias etc. (SANTOS, 2017; LOPES, 2015; LOPES, HOLLANDA, 2018).

Em Cenas Lamentáveis, o capital financeiro torna inviável a torcida para um time europeu, porque o dinheiro acompanha uma série de comportamentos questionáveis. Por outro lado, existem possibilidades de “negociar” a presença deste recurso no discurso CL: desde que cumpridas umas série de outros requisitos, como o atleta ter comportamento irreverente, é permitida a idolatria a jogadores ricos e que jogaram por estas mesmas equipes europeias “elitizadas”.

O mais comum, no entanto, é o silenciamento desta voz sobre o aspecto mercadológico do futebol: mesmo no futebol brasileiro ou latino-americano, hierarquizado acima do europeu dentro de Cenas, existe a presença do capital financeiro no jogo – caso de federações que organizam os jogos, patrocínios nas camisas dos clubes; ou contratações milionárias por parte das equipes. Portanto, pode-se afirmar que coletivos organizados de torcedores e Cenas Lamentáveis compartilham o “popular” como saber, mas o fazem de forma bastante distinta. Para o primeiro, é sinônimo de jogo democrático, acessível para todas as camadas da população; para o segundo, representa comportamentos “crus”, desejáveis no universo do jogo.

Outro ilustrativo é a midiaticização, alvo de reclamações por parte de certos grupos organizados de torcedores contraidentificados ao futebol moderno. A cobertura midiática do futebol ocasiona impactos negativos na prática esportiva, na visão destes sujeitos: converte o esporte em valioso produto da indústria do entretenimento; e está relacionado ao discurso econômico, devido a questões de verbas oriundas de cotas de televisão; ou da transformação de atletas em celebridades (LOPES, 2015).

Esta problemática também é ausente no *corpus* recortado para análise. Portanto, mesmo que Cenas Lamentáveis tenha interesse em discutir o assunto, este não é um aspecto relevante para sua representação de futebol desejável, já que não há grande validação (curtidas/comentários) em textos com este tema.

Ocorre, em determinados momentos, um movimento contrário, e em certo grau contraditório aos comportamentos “populares”, humildes e pouco polidos legitimados no discurso da *fanpage*. Exemplo é a ausência de *posts* e textos sobre times pequenos – menos midiaticizados, cujas competições não recebem tanta atenção do noticiário esportivo por não serem protagonistas do esporte. Outro caso é idolatria a atletas, recorrente na figura de Ronaldinho Gaúcho, justamente o oposto daquilo apontado por Lopes (2015) como característica da contraidentificação ao futebol moderno. É prática comum de CL, em que os atletas se tornam espécies de barômetros do futebol passível de legitimação dentro daquele grupo.

A militarização, presente na instalação de câmeras nos estádios, ou o policiamento ostensivo no ambiente do futebol, e frequentemente repressivo contra as Torcidas Organizadas (LOPES, 2015), é nulo do discurso CL. Deste modo, retifica-se que a única semelhança entre movimentos sociais de contestação ao futebol moderno e Cenas Lamentáveis seja o descontentamento com a limitação de comportamentos festivos dos torcedores – apesar de a *fanpage* por vezes tensionar tais comportamentos à modelos de

masculinidades. O enfoque do descontentamento com o futebol profissional é diferente, embora compartilhem-se alguns saberes comuns – em especial o desejo de um futebol “menos moderno”, com mais liberdade para os torcedores.

Influência negativa do capital financeiro, midiaticização e militarização são reflexos de um futebol fortemente envolvido ao espetáculo, convertido em produto midiático lucrativo, no qual grandes corporações como redes de televisão e grandes fundos de investimento têm interesse em se envolver. Dentro desta indústria, os clubes são “mais do que depositários de paixões, para além, e muito mais do que isso, serem marcas” (CASTELLARI, 2010, p. 24).

Castellari (2010, p. 28) acredita que o torcedor tradicional, ainda não acostumado a esse discurso dominante do *business* (saber dominante na FD futebol profissional) é privado de alguns elementos de um período em que a mercantilização não era tão evidente. “[...] [O torcedor] não identifica mais a figura do ídolo, aquele que nos velhos tempos nasce, cresce e se cria identificado com uma única torcida. Há uma desconfiança desse torcedor frente a jogadores, técnicos e mesmo frente aos dirigentes de clubes”.

Como parte deste mercado globalizado, uma das funções do futebol brasileiro é a de formar atletas que são rapidamente negociados com equipes europeias. Esses jogadores não criam laços tão duradouros com seus clubes formadores com tanta facilidade quanto alguns nomes de décadas passadas – Zico, fortemente identificado ao Flamengo; Marcos, ao Palmeiras; Rogério Ceni, ao São Paulo, enfim.

Tem-se, então, um contexto em que sujeitos questionam alguns saberes dominantes no futebol – notadamente, uma “perda de valores” associada ao processo de modernização, mas em contrapartida, reforçam algumas situações postas em jogo por este mesmo “moderno” criticado por eles – como as relações desiguais de gênero. Poderia se dizer que na resistência ocorreria a inclusão do outro, algo que não se configura no discurso de Cenas Lamentáveis. Pelo contrário, inclusive.

Como evidenciado ao longo da dissertação, o fenômeno da contestação ao futebol moderno é complexo, com diferentes possibilidades de deslizamentos de sentido, apenas algumas das quais foram abordadas neste trabalho.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enfim, chegamos às considerações finais! Aproveito para pedir licença para um rápido desabafo: eu pensei que não ia terminar as análises nunca. Comecei a pesquisa querendo escrever uma dissertação curta e rápida, mas tive essas intenções destruídas pelo meu objeto no meio do caminho. Durante as investigações, o discurso contrário ao futebol moderno em *Cenas Lamentáveis* se mostrou muito mais complexo do que eu originalmente antecipava.

Não só isso, conforme os estudos iam avançando, mais elementos analisáveis apareciam, o que forçou uma série de tomadas de decisão para delimitar até onde ir, e de que maneiras abordar estes assuntos. Na prática obviamente o processo não foi tão linear. Esta dissertação foi construída entre diversas idas e vindas, observações do fenômeno a partir de diferentes angulações, e profundas alterações estruturais e de conteúdo desde o projeto original, motivados pelos desafios em investir o objeto empírico das teorias apropriadas.

Por estes motivos os capítulos se estenderam bastante, então vou tentar ser o mais enxuto possível nestas considerações, pontuando apenas as análises realizadas e os principais resultados obtidos; quais foram as limitações encontradas; e quais são possíveis encaminhamentos futuros ou desdobramentos da pesquisa.

A pergunta de pesquisa que guiou toda a investigação foi: “como se dá a produção de sentido sobre masculinidades no ambiente futebolístico ‘anti-moderno’ presente na *fanpage* *Cenas Lamentáveis*?”. A partir daí, foi traçado como objetivo geral compreender, a partir da produção de sentido, de que modo diferentes modelos de masculinidades atravessam o discurso sobre futebol nos *posts* e comentários da *fanpage*.

Os **objetivos específicos** foram 1) examinar o funcionamento discursivo sobre futebol moderno e sobre o “futebol clássico”; 2) analisar o processo de construção dos modelos de masculinidades legitimados e silenciados nos discursos; 3) identificar a tomada de posição dos sujeitos no discurso sobre masculinidades e futebol moderno.

Dentro desta linha de trabalho, um dos achados mais significativos é a existência de discrepâncias entre diferentes narrativas de contestação ao futebol moderno, sobre as quais a literatura disponível ainda é bastante incipiente. A bibliografia sobre os movimentos de contestação ao futebol moderno frequentemente lidam com indivíduos que questionam impedimentos de ordem mais prática aos espaços do futebol – o preço dos ingressos é uma das principais reivindicações. Estes torcedores são partes de grupos ao menos parcialmente organizados, como coletivos ou torcidas organizadas.

A investigação sobre grupos *não* organizados, e que se comunicam fora de estádios de futebol, dá uma nova luz ao fenômeno. Existem algumas semelhanças aos movimentos sociais de luta por um futebol democrático, mas ocorrem deslizamentos de sentido referentes às pautas defendidas pelos grupos: em Cenas Lamentáveis, importam questões de uma moral tradicional, e de nostalgia, principalmente em relação à década de 1990.

Isto fica bastante explicitado nos próprios textos dos comentários e das postagens realizadas pela *fanpage*, que acionam um imaginário relacionado àquela década, valorando-a positivamente, ao mesmo tempo em que diminui os êxitos do futebol disputado a partir de 2010. No entanto, por meio da AD, pôde-se ter acesso a partes do contexto histórico daqueles dizeres, apagado dos comentários por efeitos de ilusão de unidade do discurso, mas ainda presentes nas argumentações dos comentaristas a favor de um “futebol do passado”.

Por meio da passagem do objeto empírico de uma superfície linguística, para um objeto discursivo e com funcionamento ideológico, foi possível identificar “gênero” como um saber determinante do discurso da página. Questões sobre masculinidades organizam os posicionamentos dos torcedores em relação ao futebol e compõem o que pode ser considerado um “futebol tradicional” e um “futebol moderno”. O tradicional é detentor de masculinidades fortes e viris; o moderno é reduto de sujeitos cujas expressões de gênero se dão de outras maneiras. Passo então a considerar essencial tratar teoricamente sobre gênero ao falar da contestação do futebol moderno, mesmo que em superfície, os assuntos pareçam bastante distintos, e creio que esta seja a principal contribuição desta pesquisa.

Para chegar a estes entendimentos, foi necessário circundar o objeto empírico a partir de diferentes lugares teóricos. Em primeiro lugar, o que vem “antes” do discurso, e determina as circunstâncias em que Cenas Lamentáveis enuncia. Foram consideradas as possibilidades de circulação de discursos socialmente controversos por meio do humor; e a existência de discursos “tradicionais” sobre futebol e sobre gênero, passíveis de replicação/ressignificação na *fanpage*; além da Internet como responsável por oferecer ferramentas técnicas que permitam a contestação ao futebol moderno.

A partir destas considerações, foi possível perceber uma autoria compartilhada no discurso de Cenas Lamentáveis – administradores alimentam a discussão, mas são pautados pelas interpretações dos seguidores, que passam então a serem autores do discurso, em um processo contínuo. Nesta produção de textualidade, tem-se a repetição de sentidos que cristalizam uma ideia sobre “futebol tradicional” como aquele praticado na década de 1990, por jogadores que seriam donos de uma “autenticidade” que já não existe mais.

Este comportamento autêntico é atribuído a jogadores que são notórios pela vida extracampo tumultuada. O principal exemplo no *corpus* de análise é Ronaldinho Gaúcho, detentor de tudo o que se espera do futebol. Ele é contraidentificado ao discurso do futebol moderno, por mais que tenha estado associado ao Barcelona por muitos anos, um dos clubes mais ricos e midiáticos do planeta. É também um sujeito “autêntico”: suas vivências enquanto milionário não alteraram sua essência, e ele continua sendo uma pessoa humilde, divertida e festiva. Ele também se articula com o discurso tradicional sobre gênero: apresenta marcas de virilidade e de comportamento sexual legitimados dentro do grupo de torcedores de Cenas Lamentáveis.

Estes dizeres são produzidos a partir de códigos de linguagem próprios compartilhados pelos integrantes da *fanpage*, como o uso de gírias e expressões que são plenamente entendidas apenas por sujeitos que consomem a narrativa da *fanpage*, ou leem os textos dentro de um conceito mais amplo de produção. O humor constitui uma maneira de se expressar bastante característica do grupo, presente em textos de seguidores e de administradores. Este humor se relaciona à irreverência e a uma “molecagem do bem”, componente essencial do futebol de qualidade para a comunidade virtual de Cenas Lamentáveis.

A comicidade foi, por algum tempo, um grande elefante branco nesta dissertação. Ela sempre esteve lá, mas dar-lhe a profundidade teórica necessária não foi tarefa das mais simples. Isto porque adicionou-se uma nova “camada de complexidade”, se é que se pode falar assim, a um fenômeno que por si só já é bastante tortuoso.

Gênero é tratado nas postagens humorísticas a partir de um olhar socialmente controverso, sendo praticamente certas as reclamações sobre machismo/homofobia, caso os discursos fossem proferidos sem comédia, ou fora de um contexto de futebol, em que existe uma certa normalidade acerca desses comportamentos. Justamente aí está a complexidade: como julgar onde termina a piada e onde começa o preconceito? Não creio que seja possível responder esta pergunta dentro de um discurso científico, mas ela é importante para problematizar a contestação ao futebol moderno.

Especialmente porque a discussão sobre o “limite do humor” (se é que há algum limite), invoca dizeres sobre um “politicamente correto”. As análises sugerem que, em certas instâncias, sujeitos da página consideram-se “perseguidos” por uma lógica exageradamente civilizatória, que busca neutralizar as práticas sociais do “fã tradicional” de futebol. Este tópico marca uma das tomadas de posição dos sujeitos em relação ao discurso do futebol

moderno, e a liberdade para se comportar de formas “politicamente incorretas” mostram-se bastante significativas dentro de Cenas Lamentáveis.

Tem-se, aí, a principal cisão em relação a movimentos sociais de contestação ao futebol moderno. Embora haja um mesmo sentido compartilhado por ambos – o futebol moderno é, resumidamente, agressivo às tradições populares –, a produção discursiva que desafia essa lógica é bastante diversa. A literatura sobre movimentos organizados dá conta de reclamações sobre preços de ingressos, ou de arenas pouco inclusivas aos mais pobres. A observação empírica de Cenas Lamentáveis mostra preocupações mais abstratas, como a falta de autenticidade e a presença do tal discurso politicamente correto. Apesar disso, o *corpus* observado não apresenta discussões sobre o assunto.

As análises apontam para intersecção de um discurso tradicional sobre gênero relacionado a essa predileção pelo politicamente incorreto. Sob esta égide, de que “o mundo hoje em dia é muito chato”, se reproduzem comportamentos machistas e homofóbicos. Raras vezes este preconceito é explícito, no entanto, como nas frases “futebol é jogo pra homem”, frequentes no *corpus*. Em outros momentos, a retificação dos papéis tradicionais atribuídos ao homens e às mulheres está nas entrelinhas, como na instituição de sujeitos específicos que deem estes significados a diferentes espaços sociais.

Por fim, destaco ainda a prevalência da “masculinidade” como um saber determinante para os conceitos do grupo de “futebol moderno” e “futebol tradicional”. Embora não seja tratada de forma específica em estudos sobre movimentos organizados dentro do futebol, no grupo estudado é possível perceber que os modos de ser homem são importantes para definir quem faz parte dos “modernos”, e é valorado negativamente, e quem é “tradicional”, dotado de qualidades positivas.

Existe, nas materialidades observadas, certo binarismo nesse sentido, formulado a partir de gênero e de outros referenciais que compõem a discursividade do grupo. De um lado está o “tradicional”, grosseiro e ideologicamente validado pelo grupo; e do outro o “moderno”, “chato” e não-autêntico. Estas diferenciações pouco agregam para a transformação do futebol em espaço de maior diversidade. Em primeiro lugar, porque não se sustentam na prática, conforme literatura explorada e análises empíricas mobilizadas nesta dissertação; e em segundo lugar, porque não há nelas críticas contundentes a elementos que afastam os torcedores “populares” do futebol.

Uma das principais contribuições desta dissertação é a ideia de que gênero é um elemento organizador de algumas formas de contestação ao futebol moderno. Não é objetivo aqui questionar se uma é melhor do que outra, mas creio ser necessário delimitar quais

elementos da indústria futebolística são postos em xeque pelos grupos, de modo a evitar o pensamento de que todos os grupos de contestação são necessariamente progressistas. Este estudo não permite chegar à conclusões nesse sentido, mas creio que a recíproca seja verdadeira, e do mesmo modo, possivelmente quem apoia o futebol moderno não é necessariamente reacionário.

O desvelamento deste modo de produção de sentido é delineado nesta dissertação, mas tratá-lo em profundidade está além do escopo do trabalho e das ferramentas teóricas e metodológicas aqui empregadas. Tendo passado por todo o processo de pesquisa, constato que saí com mais dúvidas do que entrei. E fico satisfeito em saber que, muito mais do que simplesmente responder perguntas que delimitam problemática e objetivos da pesquisa, tenham surgido tantos novos questionamentos sobre o objeto, o que reforça a necessidade de pesquisadores debruçarem-se sobre ele sob novas abordagens e angulações.

A interpretação do discurso politicamente incorreto por parte dos sujeitos é uma das possibilidades de desdobramento desta dissertação. Seja para entender porque o futebol não deveria ser “politicamente correto”, e quais implicações ideológicas estão imbricadas nestas concepções; seja para observar os deslizos (ou não) deste discurso para o preconceito. Uma diferente alternativa de chegar a estes temas seria ir diretamente aos sujeitos de pesquisa, algo não realizado neste trabalho.

Acredito que o acesso a textos publicados em sites de rede social seja suficiente para a análise empreendida, mas reconheço que uma série de sentidos são impossíveis por este meio – tom de voz, condições de produção particulares dos sujeitos que produzem os textos; acesso a seu comportamento em estádios de futebol e em outros espaços discursivos, enfim, há toda uma sorte de elementos analisáveis diferentes que podem ser acessados.

Um percurso metodológico na direção de aproximar-se de sujeitos empíricos permite também tratar dos textos além das condições de produção de internet. E, principalmente, estabelecer relações entre textualidade e vivência dos sujeitos. Como pontuado, gênero é construído por sujeitos em suas relações sociais cotidianamente e seus corpos são importantes vetores das ações responsáveis pela existência de distintas formas de experienciar o masculino e o feminino.

Esta é uma das prerrogativas de Connell (2005), não completamente realizada neste trabalho, visto que há acesso a, no máximo, produção de discursos sobre outros corpos, mas sem ter em consideração o corpo físico de cada comentarista. Talvez sujeitos cujos textos invocam a ordem tradicional de gênero, recusem esta lógica em outras instâncias de suas

vidas; talvez os corpos reforcem a filiação a papéis tradicionais de gênero. Esta é apenas uma das formas de ir além das limitações desta dissertação, mas certamente há tantas outras.

Outra aresta a ser ainda aparada é a relação entre gênero, contestação ao futebol moderno, e política. Ela foi identificada no *corpus* por meio de determinada semelhança entre os textos de Cenas Lamentáveis e algumas situações da política partidária brasileira recente. O tema é caro aos estudos de gênero, visto que o viés defendido por Connell (2005) é necessariamente político; e importa também ao futebol, cujos tensionamentos políticos são foco de estudos já há bastante tempo. Devido a questões de tempo e de recorte de pesquisa, o máximo que se pode fazer no momento é elaborar a hipótese de que estes temas estão entrelaçados e influenciam a produção de sentido sobre a indústria do futebol no Brasil.

Há ainda limitações que dizem respeito à mobilização da AD para lidar com bancos de dados extensos. Durante o processo de construção da pesquisa não foi possível encontrar grande volume de literatura que mostrasse qual foi o percurso desse referencial teórico-metodológico para adequar-se a novos objetos dentro da área da Comunicação, como é o caso das redes digitais, inexistentes quando da origem da AD na França, e em parte de sua trajetória também no Brasil.

A delimitação do *corpus* envolveu uma espécie de “nó tático” realizado com base em procedimentos da AD. Foi necessário estabelecer uma série de critérios relativamente subjetivos para tornar o montante de comentários da *fanpage* analisável. Embora isto tenha se provado suficiente para os objetivos propostos nesta dissertação, e para a AD, é o esperado, de tratar dados qualitativamente (ORLANDI, 2005), mas creio que há descobertas a serem feitas nos comentários “descartados” neste primeiro momento. E, especialmente, acredito que estas dialogias possíveis entre instância quanti e qualitativas de pesquisas em AD devem passar por softwares de pesquisas qualitativas disponíveis no mercado, que podem dar novas luzes ao fenômeno analisado.

Creio também que seja propício continuar abordando a produção discursiva contrária ao futebol moderno pelas lentes da AD, a fins de compreender outras minúcias do sentido produzido por estes grupos. Particularmente, duas noções teóricas despertam a minha curiosidade: o silêncio, conforme proposto por Orlandi (2007), e a resistência (PÊCHEUX, 1990).

O silêncio, porque há diferentes vozes ocultadas do discurso de contestação, em especial aquelas vinculadas ao futebol moderno, mas, como se viu no *corpus* desta dissertação, também a voz feminina e diferentes tipos de masculinidades são ocultados do discurso, produzindo sentido nele a partir da sua ausência da textualidade. A resistência interessa por

uma questão bastante complexa que se coloca no objeto: os sujeitos consideram resistir a um discurso dominante, mas o fazem sem subverter totalmente a lógica deste discurso, e reproduzindo certas estruturas institucionais de poder, como aquelas relativas a gênero.

Este intrincado jogo de interpretação, e os deslizos de sentido que procuram romper a ideologia, ou reforçá-las sem perder esta “máscara” de resistência constituem rico objeto de análise, e estão presentes na contestação ao futebol moderno. Não seria possível tratar de todos os desdobramentos possíveis nesta dissertação – para a AD, um objeto empírico jamais será totalmente esgotado, mas espera ter-se conseguido pelo menos dar o “pontapé inicial”, como diz o jargão do futebol, para compreender práticas de contraidentificação e de resistência a partir de um viés de inclusão de diferentes tipos de público – além dos pobres, os gays, as mulheres, entre tantos outros grupos minoritários silenciados ou censurados deste espaço.

REFERÊNCIAS

AIRES, Aliana Barbosa; HOFF, Tânia. Inter-relações entre os estudos de comunicação/consumo e da análise de discurso francesa: uma perspectiva para investigar publicidade. Anais do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2016. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-2296-1.pdf>>. Acesso em: 10/02/2019.

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado**. 3.ed. Editorial Presença/Martins Fontes: Lisboa, 1980.

AMARAL, Inês. **Redes sociais na internet: sociabilidades emergentes**. Covilhã: Editora LabCom.IFP, p. 301, 2016.

ANGERMULLER, Johannes; MAINGUENEAU, Dominique; WODAK, Ruth (Ed.). *The discourse studies reader: Main currents in theory and analysis*. Amsterdã: John Benjamins Publishing Company, 2014.

ÁVILA, Fernanda Góes de Oliveira. **Análise do discurso humorístico: as condições de produção das piadas de Joãozinho**. – Monografia, – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2009.

BACCEGA, Maria Aparecida. **O consumo no campo comunicação/educação: importância para a cidadania**. In: Estéticas midiáticas e narrativas do consumo. Rose de Melo Rocha e Vander Casaqui (org.). Porto Alegre: Sulina, 2012.

BANDEIRA, Gustavo Andrada. **Eu canto, bebo e brigo... alegria do meu coração”: currículo de masculinidades nos estádios de futebol**. 2009. 128 p. Dissertação (Mestrado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

_____. **Do Olímpico à Arena: elitização, racismo e heterossexismo no currículo de masculinidade dos torcedores de estádio**. 2017. 342 p. Tese (Doutorado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

BAPTISTA, Livia Márcia Tiba Rádis. Autoria, discurso e sujeito: uma questão de singularidade ou originalidade?. **Revista Interfaces**, v. 2, n. 2, p. 22-30, 2011.

BARBOZA, Filipe. **7x1 foi pouco: As reverberações sobre a maior derrota da seleção brasileira em Copa do Mundo na fanpage Cenas Lamentáveis**. Anais do XXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, 2016. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2016/resumos/R53-0500-1.pdf>>. Acesso em: 31/03/2019.

BASTOS, Gustavo Grandini; GARCIA, Dantielli Assumpção; SOUSA, Lucília Maria Abrahão.

A homofobia em discurso: direitos humanos em circulação. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 17 n.1, p. 11-24. 2017

BAUER, Martin; GASKELL, George; ALLUM, Nicholas. **Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento – evitando confusões**. In: BAUER, Martin; GASKELL, George. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BAUER, Martin; AARTS, Ba. **A construção do corpus: um princípio para a coleta de dados qualitativos**. In: BAUER, Martin; GASKELL, George. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BENETTI, Marcia. **Análise de Discurso como Método de Pesquisa em Comunicação**. In: MOURA, Cláudia Peixoto de; LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (orgs.). Pesquisa em comunicação: metodologias e práticas acadêmicas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016. p.235-256.

BERGSON, Henri. **O riso: ensaio sobre a significação da comicidade**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. Martins Fontes: São Paulo. 2001.

BOYD, Danah M.; ELLISON, Nicole B. Social network sites: Definition, history, and scholarship. **Journal of computer-mediated Communication**, v. 13, n. 1, p. 210-230, 2007.

BOYLE, Raymond. HAYNES, Richard. **Power play: Sport, the media and popular culture: Sport, the media and popular culture**. Edinburgh University Press, 2009.

BONIN, Jiani Adriana. **Revisitando os bastidores da pesquisa: práticas metodológicas na construção de um projeto de investigação**. In: Maldonado, E. et. al. Metodologias de pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos, p. 19-42, 2011.

BRAGA, José Luiz. A prática da pesquisa em comunicação: abordagem metodológica como tomada de decisões. **E-Compós** (Brasília), v. 14, p. 1-33, 2011.

BRASIL. Decreto – Lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941. Rio de Janeiro, 1941. Disponível em: <<https://legis.senado.leg.br/norma/528286>>. Acesso em: 27/08/2019.

CASTELLARI, Ademir Ângelo. **O tradicional e o moderno no futebol brasileiro: do moderno e de elite a uma moderna elitização**. 2010. 126 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo).

CASTELLS, Manuel. **The Internet Galaxy: reflections on the Internet, Business, and Society**. Oxford: Oxford University Press. 2001.

_____. **Networks of outrage and hope: social movements in the internet age**. Cambridge: Polity Press. 2015. 2ª ed.

CENAS LAMENTÁVEIS. **Descubra**. s/d. Disponível em: <<http://cenaslamentaveis.com.br/sobre/>>. Acesso em: 25/11/2018.

CONNELL, Raewyn. **Gender in world perspective**. Cambridge: Polity Press. 2009. 2ª ed.

CONNELL, Robert William. **Masculinities**. Cambridge: Polity Press, 2005.

CONNELL, Raewyn.; MESSERSCHMIDT, James W.; (trad. FERNANDES, Felipe Bruno Martins). Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos feministas**, p. 241-282, 2013.

DAMATTA, Roberto. **Esporte na Sociedade: Um Ensaio sobre o Futebol brasileiro**. In: DAMATTA, Roberto, et al. Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Edições Pinakothke, 1982.

DANTAS, Silvia Góis. **Os estudos de linguagem, a Análise do Discurso francesa e sua presença na teoria e pesquisa das relações comunicação-consumo** (p. 19-28). In: Estudos de Comunicação e Análise do Discurso. Maria Aparecida Baccega (org.). São Paulo: Intermeios; Fapesp; ESPM, 2015.

DE AZEVEDO, Mail Marques. Aspectos da comicidade em a vida e as opiniões do cavaleiro Tristram Shandy e Memórias Póstumas de Brás Cubas. **Revista Letras**. v. 45, 1996, p. 11-20.

DIAS, Cristiane. Análise do Discurso Digital: sobre o arquivo e a constituição do corpus. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 44, n.3, p. 972-980, set./dez. 2015.

ELLISON, Nicole B.; BOYD, Danah M. **Sociality through social network sites**. In: The Oxford handbook of internet studies. Oxford: Oxford University Press. 2013.

FRANÇA, Vera Veiga. **O objeto da comunicação/ A comunicação como objeto**. In: HOHFELDT, Antônio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga (orgs.). Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências. 10.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. p.39-60.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Educação & Sociedade**, São Paulo, ano 23, n. 79, p.257-272, ago. 2002.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. Linguagem, ideologia e psicanálise. **Estudos da Língua (gem)**. Vitória da Conquista: Ed. Uesb, p. 69-75, 2005.

_____. O quadro atual da Análise de Discurso no Brasil. **Letras**. Santa Maria. N. 27, p. 39-46, 2003.

_____. Linguagem, ideologia e psicanálise. **Estudos da Língua(gem)**. Vitória da Conquista, n. 1, p. 69-75, jun. 2005.

_____. Análise do discurso e suas interfaces: o lugar do sujeito na trama do discurso. **Organon**, Porto Alegre, v. 24, n. 48, 2010. Disponível em:<<http://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/28636/17316>>. Acesso em: 10/04/2019.

_____. Maria Cristina Leandro. Análise de Discurso e Psicanálise: Uma estranha Intimidade. **Caderno da APPOA**, n.131, p.37-52, dez/2004.

FRANCKLIN, Eugene Oliveira. **“ACEITAÇÃO AFRO”: as mídias sociais digitais na revalorização e afirmação da identidade negra**. 2017, 145 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Juiz de Fora.

GALLO, Solange Leda. Novas fronteiras para a autoria. **Organon**, v. 27, n. 53, 2012.

GARCÍA-CANCLINI, Néstor. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

GRIFFIN, Karen. A inserção dos homens nos estudos de gênero: contribuições de um sujeito histórico. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 10, p. 47-57, 2005.

GIGLIO, Sérgio Settoni; SPAGGIARI, Enrico. A produção das ciências humanas sobre futebol no Brasil: um panorama (1990-2009). **Revista de História**, n. 163, p. 293-350, 2010.

GASTALDO, Édison. Comunicação e esporte: explorando encruzilhadas, saltando cercas. **Comunicação Mídia e Consumo**, v. 8, n. 21, p. 39-51, 2011.

_____. **A pátria na “imprensa de chuteiras”: futebol, mídia e identidades brasileiras**. In: SOARES, Antonio Jorge Gonçalves; GASTALDO, Édison. **Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional**. Niterói: Intertexto, p. 87-102, 2006.

_____. Futebol e sociabilidade: apontamentos sobre as relações jocosas futebolísticas. **Esporte e Sociedade**, v. 3, 2006b.

GROSSI, Miriam Pillar. Masculinidades: uma revisão teórica. **Antropologia em primeira mão**, v. 75, n. 1, p. 5-37, 2004.

GUMS, Elyson. **Intersecções entre masculinidade, futebol e fanpages**. Anais do X Encontro de Pesquisadores em Comunicação, 2018. Disponível em: http://www.enpecom.ufpr.br/anais/2018/anais_2018.pdf. Acesso em: 31/03/2019.

HANSEN, Fabio. **(In)verdades sobre os profissionais de criação: poder, desejo, imaginação e autoria**. Porto Alegre: Entremeios, 2013.

HILL, Tim; CANNIFORD, Robin; MILLWARD, Peter; Against modern football: Mobilising protest movements in social media. **Sociology**, v. 52, n. 4, p. 688-708, 2018.

INDURSKY, Freda. **A fala dos quartéis e as outras falas**. 2, Ed. Campinas: Editora Unicamp, 2013.

_____. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso. In: MITTMANN, Solange; GRIGOLETTO, Evandra; CAZARIN, Ercília (Orgs.). **Práticas Discursivas e identitárias; Sujeito & Língua**. Porto Alegre: Nova Prova, PPG-Letras/UFRGS, 2008.

JANUÁRIO, Soraya Barreto. **Masculinidades em (re) construção: Gênero, Corpo e Publicidade**. Covilhã: LabCom. IFP, 2016.

KENNEDY, David. Football stadium relocation and the commodification of football: the case of Everton supporters and their adoption of the language of commerce. **Soccer & Society**, vol. 13, n. 3, p.341-358, 2012.

KENNEDY, Peter; KENNEDY, David. Football supporters and the commercialisation of football: Comparative responses across Europe. **Soccer & Society**, v. 13, n. 3, p. 327-340, 2012.

KIMMEL, Michael; ARONSON, Amy. *Men and masculinities: a social cultural and historical encyclopedia*. Santa Barbara: ABC-Clio. 2003.

KLUTZ, Gabriela. **O despertar de Cthulhu na cibercultura: as ressignificações do personagem de H.P. Lovecraft realizadas por fãs no Facebook**. 2015. 199 p. Dissertação (mestrado em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

LAGE, Nara Bretas. **O Facebook como espaço discursivo: interação e estratégias discursivas na Fanpage Quadrinhos Ácidos**. 2017. 209 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Temporalidades, Universidade Federal de Ouro Preto.

LOPES, Felipe Tavares Paes. **Reflexões Preliminares Sobre o “Futebol Moderno”: Dominação e Resistência**. Anais do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2015. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-0711-1.pdf>. Acesso em: 17/07/2018.

_____. Futebol, ideologia e cultura de massa: repensando a perspectiva crítica. **Triade: comunicação, cultura e mídia**. Sorocaba, SP, v. 4, n. 7, p. 89-108, jun. 2016.

LOPES, Felipe Tavares Paes; HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. “Ódio eterno ao futebol moderno”: poder, dominação e resistência nas arquibancadas dos estádios da cidade de São Paulo. **Tempo**, v. 24, n. 2, p. 206-232, 2018.

MACHADO, Joicemengue Ribeiro; TIJIBOY, Ana Vilma. Redes Sociais Virtuais: um espaço para efetivação da aprendizagem cooperativa. **RENOTE**, v. 3, n. 1, 2005.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Uma aventura epistemológica. Entrevista à Maria Immacolata Vassallo de Lopes. **Revista Matrizes**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 143-162, 2009.

MELO, Iran Ferreira de. Análise do discurso e análise crítica do discurso – desdobramentos e intersecções. **Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura**, ano 05, n. 11, 2009.

MERKEL, Udo. Football fans and clubs in Germany: Conflicts, crises and compromises. **Soccer & Society**, 13, 2012, p. 359-376.

MESSNER, Michael. **Out of Play: Critical Essays on Gender and Sport**. Albany: State University of New York Press, 2007.

MESSERSCHMIDT, James; MESSNER, Michael. Hegemonic, **Non Hegemonic**, and **"New" Masculinities**. In: MESSERSCHMIDT, James W., et al. *Gender Reckonings: New Social Theory and Research*. 2018. New York: New York University Press.

MOLETA, Cintia. **Quando Dogville mostra os dentes: o efeito-leitor e as desordens morais no discurso fílmico de Lars Von Trier**. 2018. 206 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal do Paraná.

NOBLE, Debbie Mello. “**Quem mexeu no meu texto?**”: **Língua, poder e autoria nos dizeres sobre o revisor de textos da publicidade**. 2016. 123 p. Dissertação (Mestrado em Letras), Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

NUMERATO, Dino. Who Says “No to Modern Football?” Italian Supporters, Reflexivity, and NeoLiberalism. **Journal of Sport and Social Issues**, vol. 39, n. 2, p.120–138, 2015.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2005. 5ª ed.

_____. A análise de discurso e seus entremeios: Notas a sua história no Brasil. **Cadernos de estudos linguísticos**, n. 42, p. 21-40, 2002.

_____. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007. 6ª ed.

_____. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez, 2008. 8ª ed.

_____. Discurso, imaginário social e conhecimento. **Em aberto**, v. 14, n. 61, 2008.

PÊCHEUX, Michel. Delimitações, inversões, deslocamentos. **Cadernos de Estudos linguísticos**, v. 19, p. 7-24, 1990.

POSSENTI, Sírio. **Os humores da língua: análises linguísticas de piadas**. Mercado de Letras: Campinas. 2007.

PROPP, Wladimir. **Comichidade e riso**. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Ática. 1992.

RANEY, Arthur; BRYANT, Jennings. **Handbook of sports and media**. Abingdon-on Thames: Routledge, 2009.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina. 2009.

RECUERO, Raquel. Curtir, Comentar, Compartilhar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook. **Verso e Reverso**, v. 28, n. 68, p. 114-124, maio/ago. 2014.

RIEDER, Bernhard. Studying Facebook via data extraction: the Netvizz application. In: Proceedings of the 5th annual ACM web science conference. **ACM**, 2013. p. 346-355. Disponível em: <<http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.678.6806&rep=rep1&type=pdf>>. Acesso em: 07/08/2018.

SAMPAIO, R. C. Participação política e os potenciais democráticos da internet. **Debates**, v.4, n.1, p. 29-53, jan.-jun. 2010.

SANTOS, Bruna Peres dos; RAIMO, Luciana C. F. Dias. Autoria e fórmulas fixas em produções textuais em uma 5ª série: um olhar discursivo. Anais da XXI Semana de pedagogia e IX encontro de Pesquisa em Educação da UEM; 20-23 mai. 2014.

SANTOS, Irlan Simões. Mercantilização do futebol e movimentos de resistência dos torcedores: histórico, abordagens e experiências brasileiras. **Esporte e Sociedade [on-line]**, v.

27, n. 11, p. 1-18, 2016^a. Disponível em: <http://www.uff.br/esportesociedade/pdf/es2704.pdf>>. Acesso em: 14/06/2018.

_____. 2016b. “**Ódio eterno ao futebol moderno**”? Disponível em: <https://outraspalavras.net/sem-categoria/odio-eterno-ao-futebol-moderno/>. Acesso em: 25/02/2019.

_____. **Novas culturas torcedoras: das arenas do futebol-negócio à resistência nas arquibancadas e redes**. 2017. 245 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

_____. **O público dos estádios: marcos históricos da atual elitização e arenização do futebol brasileiro**. In: XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste. João Pessoa, 2014. Disponível em: <http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2014/resumos/R42-0817-1.pdf>>. Acesso em: 08/06/2018.

SANTOS NETO, Helena Iracy Cerquiz. **Análise do discurso radiofônico: o acontecimento apagão em Florianópolis**. 291 p. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça, 2015.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie, et al. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. *Revista brasileira de história & ciências sociais*, v. 1, n. 1, 2009.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. 2012.

SOUZA, Adriano Lopes de. **Duas paixões: o torcer misto em Maceió**. 2014. 52 p. Monografia (Graduação em Educação Física). Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Universidade Federal de Minas Gerais.

STOCKER, Pâmela Caroline; DALMASO, Silvana Copetti. Uma questão de gênero: ofensas de leitores à Dilma Rousseff no Facebook da Folha. *Revista estudos feministas*, v. 24, n. 3, p. 679-690, 2016.

WILLIAMS, John. ‘Protect me from what I want’: Football fandom, celebrity cultures and ‘new’ football in England. *Soccer & Society*, v. 7, n. 1, p. 96-114, 2006.

ZUCAL, José Antonio Garriga. Lomo de macho. Cuerpo, masculinidad y violencia de un grupo de simpatizantes del fútbol. *Cuadernos de antropología social*, n. 22, p. 201-216, 2005.

_____. Entre “machos” y “putos”: estilos masculinos y prácticas violentas de una hinchada de fútbol. *Esporte e Sociedade*, v. 2, n. 4, p. 1-28, 2007.

APÊNDICE 1 – COMUNICAÇÃO E TRANSDISCIPLINARIDADE

Definir Comunicação enquanto área do conhecimento é tarefa complexa, já que o termo é abrangente e ela está em toda parte – veículos de comunicação como rádios e TVs; práticas como o jornalismo e a publicidade; os sites de redes sociais, as interações entre sujeitos face a face ou mediadas por computador... Todos esses objetos comunicam, e podem ser observados por diversas angulações diferentes, tornando difícil definir o que é um “olhar da Comunicação” sobre eles, quais são as “metodologias próprias” para investigá-los, ou mesmo pensar em “qual é o objeto” da Comunicação propriamente dita.

Esses questionamentos são algumas das dificuldades enfrentadas por teóricos para pensar um campo que permite tantos olhares e contextualizações (FRANÇA, 2010) e que frequentemente mobiliza noções de outras disciplinas em suas pesquisas. Eu, por exemplo, não poderia pesquisar relações de gênero e futebol sem as contribuições das Ciências Sociais, da História, da Antropologia e de outras disciplinas, para contextualizar gênero e futebol.

Para Martin-Barbero (2009), o diálogo com outros campos do saber é essencial devido à própria natureza dos fenômenos comunicacionais, que deixam de se concentrar nos meios para “transbordar” no social e no cultural da vida cotidiana. Tendo isso em mente, considera-se a transdisciplinaridade como fundamental ao pesquisador em Comunicação, para que ele possa cercar seus objetos de estudo com as teorias mais adequadas para compreendê-los.

De modo algum adotar essa visão transdisciplinar representa crer em uma “perda da identidade” da Comunicação (RÜDIGER, 2014). Neste processo de articulação, a Comunicação *se apropria* de conhecimentos sem ser eclipsado por eles, para que eles auxiliem construção de seus próprios objetos (MALDONADO, 2003). É um jogo em favor da movimentação de operadores teóricos-metodológicos que permitam a apreensão e o recorte de objetos naturalmente complexos e multifacetados.

Ou seja, atestar o diálogo com outras disciplinas não é negá-las e nem ser “antidisciplina” (MARTIN-BARBERO, 2009). Também não é tarefa simples ou da ordem da “comodidade” para o pesquisador, uma vez que essa articulação não é “um rápido passeio pelo campo alheio: é preciso tempo, leitura, trabalho duro e interlocução qualificada” (GASTALDO, 2011, p. 49).

Braga (2011, p. 3) alerta para os vícios da “improvisação, redução de rigor e senso comum simplificador” na abordagem metodológica, posto que a Comunicação pode abarcar uma grande variedade de teorias e métodos. Essa observação tem significado particular às

áreas das Ciências Humanas e das Ciências Sociais, uma vez que não existem metodologias aplicáveis a qualquer objeto, o que requer um desenho metodológico particular para cada pesquisa.

Os objetos de estudo têm particularidades, e uma série de reflexões devem ser adaptadas em cada pesquisa. A metodologia é entendida como a ponderação e a tomada de decisão que perpassam todas as etapas da produção de uma pesquisa científica, presente em diversas instâncias e níveis (BRAGA, 2011). Questões de adaptação de desenhos metodológicos para finalidades específicas e intersecção entre diferentes áreas do conhecimento são componentes importantes também do referencial teórico-metodológico adotado nesta pesquisa, a Análise de Discurso.

Creio que a concepção de Martin-Barbero (2009), que entende a comunicação como processo que se dá na vida cotidiana e pela prática dos sujeitos, é condizente com estudos em Comunicação por uma ordem discursiva. Benetti (2016) pondera a comunicação do cotidiano como a circulação de diversos discursos que podem ser recortados em objetos empíricos relevantes para o campo. Ela aponta a Análise de Discurso como uma das formas pelas quais é possível compreender seus significados.

Angermuller et al (2014) contam a história dos estudos de discurso⁹⁷ com base nas contribuições de diversas disciplinas das Ciências Humanas e Sociais, como Linguística, História, Filosofia etc. Em seu entendimento, é mais do que transdisciplinaridade – trata-se de aversão à divisão do conhecimento em disciplinas isoladas.

Ferreira (2003, p. 41) também não se refere à AD por trans ou interdisciplinaridade, uma vez que essa terminologia pode subentender “uso instrumental” e omitir sua natureza crítica e abordagem específica da linguagem⁹⁸. Ao invés disso, recorre à Orlandi (FERREIRA, 2003 *apud* ORLANDI, 1996) para referir-se a ela como *disciplina de entremeio* e usa a terminologia de *objeto-fronteira* para conceituar discurso.

Portanto, mesmo que não sejam *próprios* da Comunicação, os entendimentos sobre discursos podem dialogar com seus objetos empíricos e oferecer subsídios para compreensão sobre os processos de produção e circulação de sentidos (ANGERMULLER et al, 2014). Os autores indicam a comunicação como um dos espaços em que é possível contextualizar e

⁹⁷ Os autores usam a terminologia *estudos de discurso* como forma de abranger pesquisas que dão conta de aspectos teóricos, que situam o discurso como intermediário ao poder, ao conhecimento e à subjetividade; e pesquisas sobre aspectos práticos, que situam a discursividade entre a prática, o contexto e a linguagem.

⁹⁸ Destaco que Ferreira trata aqui da abordagem pecheutiana, que não investiga a linguagem como sistema fechado e nem a vê como instrumento para explicar textos, e que trata a língua em paralelo à ideologia.

interpretar as práticas discursivas de uma sociedade, presente em TVs, rádios, comunicação mediada por computador, entre outros objetos possíveis da Comunicação.

Por fim, é necessário que estudiosos dos discursos produzam interface com diversas disciplinas das Ciências Humanas e Sociais para operacionalizar suas pesquisas. A linha pecheutiana está entre a Linguística, a Psicanálise e o Materialismo Histórico (FERREIRA, 2003), basilares para sua formação enquanto operador teórico-metodológico e institucionalização enquanto disciplina.

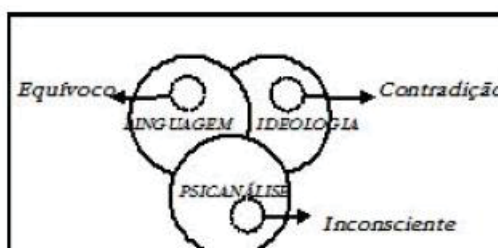
APÊNDICE 2 – HISTÓRICO E FUNDAMENTOS DA AD

Capitaneada por Michel Pêcheux, a AD traz aspectos de ruptura em seu cerne desde seu surgimento na França em fins da década de 1960 (AIRES, HOFF, 2016). As primeiras publicações são escritas na conjuntura de Maio de 68, conturbado momento político em que as ruas foram tomadas por movimentos acadêmicos e proletários. No período, há também um forte movimento de ruptura teórico no país, por meio da contestação do paradigma estruturalista, o que por consequência incide em uma virada nos estudos linguísticos.

Ferreira (2003, p. 40) ressalta a AD como forma de intervenção às abordagens sobre a linguagem na época. Havia um apagamento do sujeito, que poderia deturpar a ordem objetiva e “fechada” da linguagem. Nas palavras da autora, a AD propôs uma “corrosão” a essa norma, provocando “um sensível deslocamento de terreno na área, sobretudo nos conceitos de língua, historicidade e sujeito, deixados à margem pelas correntes em voga na época”.

O sujeito do discurso postulado por Pêcheux se encontra entre o sujeito da psicanálise (marcado pela noção de inconsciência) e entre o sujeito da ideologia (pela noção de assujeitamento), e afetado pela linguagem. No entanto, não é nem um, nem outro, e nem a soma entre os dois (FERREIRA, 2003). Em um artigo posterior (*idem*, 2005), a autora faz uso da figura do nó borromeano (fig. 1), uma estrutura com três polos: a linguagem, a ideologia e a psicanálise. O sujeito está no centro, interligando as três. Ele simultaneamente é estruturado e provoca efeitos de fissura em cada polo.

Figura 6 - O sujeito como entremeio



Representação do “nó borromeano” da AD. Reprodução de FERREIRA, 2005, p. 71.

Ferreira aponta como momentos-chave para formulação da disciplina a publicação de “Análise Automática do Discurso”, por Pêcheux, em 1969; e a publicação da revista *Langages*, organizada por Jean Dubois no mesmo ano. Angermuller et al (2014) consideram

também essencial para os estudos de discurso a publicação de “Arqueologia de Saber”, por Michael Foucault, em 1972.

Aqui é importante pontuar: falar de discurso sob o viés de Pêcheux não é o mesmo que falar de discurso sob o viés de Foucault, assim como seria impossível colocar em diálogo a linha de Pêcheux e a de pesquisadores da Análise Crítica de Discurso (MELO, 2009). Estes exemplos são apenas pequenas ilustrações de como as concepções de discurso se desenvolveram por caminhos diferentes⁹⁹ ao longo da história, para reforçar minha adoção do modelo pecheutiano, de um sujeito duplamente assujeitado.

Fato é que, ao falar de uma *Escola Francesa de Análise de Discurso* ou de *Análise de Discurso de linha francesa*¹⁰⁰ – AD, como venho abreviando –, o filósofo Michel Pêcheux é considerado o pai. E, nas palavras de Ferreira (2003, p. 40), “a morte do pai foi consumada”. Diz a autora, e é acompanhada por Orlandi (2002), que seus escritos não são mais tão relevantes para analista de discursos na França, devido à desmobilização de seu grupo de pesquisa após seu falecimento, na década de 1980.

Ambas apontam que seria possível falar em uma *Escola Brasileira de Análise de Discurso*, dado o nível de reflexão e reelaboração de conceitos pecheutianos por parte de pesquisadores brasileiros. Isso reflete a flexibilidade da AD, que como sugere todo o seu contexto de criação, está sempre em movimento, aberta às reelaborações e refinamentos e afastada de dogmas ou de conceitos estanques.

Bases utilizadas por Pêcheux e sobre as quais residem os aperfeiçoamentos de outros pesquisadores estão em diferentes campos do conhecimento. Hansen (2013) elabora a AD como fronteira entre a linguística, o materialismo histórico, a psicanálise e a semântica discursiva. Aires e Hoff (2016) e Dantas (2015) destacam quatro autores e propostas que estão nos horizontes da formação da AD: o dialogismo de Bakhtin; a releitura marxista de Althusser; a interpretação pecheutiana das Formações Discursivas de Foucault; e o conceito de inconsciente segundo Lacan.

Hansen (2013, p. 37) fundamenta a AD como embasada pela “teoria das formações sociais e suas transformações, tendo por base as ideias de Althusser”; pela teoria dos

⁹⁹ Para Angermuller et al (2014), a variedade de linhas e abordagens teóricas-metodológicas é característica central e atesta a versatilidade em se trabalhar com discursos. Resumindo brevemente, eles estruturam a história do campo em um debate teórico entre estruturalismo e pragmatismo; na virada do estruturalismo para o pós-estruturalismo; na pragmática enunciativa; no interacionismo; em abordagens sócio pragmáticas; em um momento voltado ao conhecimento histórico; e em abordagens críticas.

¹⁰⁰ Os termos são usados por pura retórica, uma vez que temos consciência de que seria incorreto agrupar os pesquisadores franceses sob estas alcunhas, ou tomá-las como literais.

mecanismos sintáticos e processos de enunciação; e pela “determinação histórica dos processos semânticos”. Todas essas instâncias são perpassadas ainda por uma “teoria da subjetividade de natureza psicanalítica”.

A interlocução da AD com outras áreas de saber se apropria de saberes para as especificidades da ordem discursiva (FERREIRA, 2010). Tais saberes estão sempre em uma complexa relação que permite constituir o discurso como objeto científico. Dito de outro modo, não existe uma disciplina que seja “prevalente” na AD, tampouco a análise de discurso é mera “colcha de retalhos” entre elas. Nas próximas subseções, apresento sucintamente cada uma das disciplinas que colaborou na formação da Teoria do Discurso.

O materialismo histórico

É o materialismo histórico que comporta a interface entre linguagem e ideologia, e que dá algumas bases para a concepção de sujeito da AD como sujeito descentrado e não totalmente livre. O conceito de ideologia adotado é aquele postulado por Althusser, em sua leitura marxista.

A teoria das ideologias é calcada na definição de formações social, que “resulta de um modo de produção dominante e, para existir, deve ao mesmo tempo em que produz, reproduz as relações de produção existentes (HANSEN, 2013, p. 39 apud ALTHUSSER, 1985, p. 54). Althusser entende que a ideologia comporta, além das formações imaginárias, também as formações sociais e a historicidade.

Ideologia, para Althusser (1980), refere-se à um mecanismo de intermédio entre relações imaginárias e relações reais dos sujeitos. Orlandi (2008, p. 56), já sobre a mobilização conceitual na AD, afirma que “a ideologia é vista como o imaginário que medeia a relação do sujeito com suas condições de existência”, sendo ela “constitutiva da relação do mundo com a linguagem, ou melhor, condição para essa relação”.

A ideologia não é representação de mundo ou ocultação da realidade, mas sim significante:

Enquanto prática significativa, a ideologia aparece como efeito da relação necessária do sujeito com a língua e com a história para que haja sentido. E como não há uma relação termo-a-termo entre linguagem/mundo/pensamento essa relação torna-se possível porque a ideologia intervém com seu modo de funcionamento imaginário. [...] (ORLANDI, 2005, p. 48).

A tese de Althusser é de que o sujeito é elemento central para a ideologia, ao mesmo tempo em que ela é fundamental para a existência dos sujeitos. Sobre isso, o autor (1980, p.

91-92) lança duas afirmações: “1 – Só existe prática através e sob uma ideologia; 2 – Só existe ideologia através do sujeito e para o sujeito”. Adiante, inicia a descrição de como “a ideologia interpela os indivíduos como sujeitos”.

Incide então uma ilusão de liberdade do sujeito, que acredita ser livre para tomar posições, – ou em AD, produzir sentidos – de forma independente, mas sendo determinado pelo inconsciente e pela “ideologia existindo num aparelho ideológico material” (ALTHUSSER, 1980, p. 90).

Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE) foi a nomenclatura dada pelo autor uma série de instituições que apresentam realidades aos sujeitos, cujo funcionamento se dá, principalmente, pela disseminação de ideologias das classes dominantes. Althusser (1980) estabelece uma distinção entre Aparelhos do Estado que exercem primariamente a ideologia – a escola, a família, a religião – daqueles que têm como foco primário a repressão – caso das prisões.

A repressão e a violência não estão excluídas dos AIE, assim como a ideologia não é ausente aos aparelhos repressivos. Entretanto, funcionam de forma relativamente diferente em seu objetivo de reproduzir as relações sociais. Os Aparelhos Ideológicos são “múltiplos, distintos, ‘relativamente autônomos’ e susceptíveis de oferecer um campo objetivo a contradições que exprimem” sobre as lutas de classes, e sua unidade é assegurada “na maioria das vezes em formas contraditórias, pela ideologia dominante, a da classe dominante” (ALTHUSSER, 1980, P. 54-55).

Lopes (2016) relata o entendimento do futebol como AIE por parte de alguns pesquisadores brasileiros no século passado. Os anos de ditadura militar no Brasil foram especificamente emblemáticos do uso político do esporte para abafar tensões internas e promover ideologia nacionalista. Ainda assim, ele critica o uso da ideologia althusseriana – e de abordagens próximas à Escola de Frankfurt – como viés para estudo de futebol. Ele não enxerga os aparelhos de ideologia como meros reprodutores de um *status quo*.

[A partir destes referenciais] Como podemos explicar, por exemplo, as manifestações de grupos e associações de torcedores contra a repressão policial, a elitização e a pasteurização crescente do referido espetáculo, se o futebol possui um papel tão integrador e ajustador à ordem social vigente? (LOPES, 2016, p. 97)

Hansen (2013, p. 40 apud PÊCHEUX, 1997) aponta que Pechêux também não considerava os AIE como sendo uma espécie de “propriedade” das classes dominantes, e sim “caracterizados por trazerem à pauta práticas vinculadas à luta de classes [...] como arena (campo de discussão, lugar de combate) para a luta de classes”. Orlandi (2008) aponta a

apropriação da ideologia por Pêcheux como forma de relação do mundo material com a linguagem, em deslocamento importante para constituição da Análise de Discurso.

A linguística

Pêcheux buscou referencial na Linguística para sua concepção de discurso, mas em deslocamento dos estudos linguísticos da época. A AD não considera apenas ordens próprias da linguagem enquanto sistema fechado, como semântica ou concordância verbal, e sim as práticas de uso da língua em relação a história.

Noble (2016, p. 19) sintetiza a abordagem da AD como incidindo sobre “os funcionamentos das questões linguísticas na ordem da língua afetada pela história”. Nas palavras de Orlandi (2008, p. 53), “sem história não há sentido”. É na linguagem que ocorre a realização do cruzamento entre a linguagem e o histórico, que torna possível observar os sentidos das palavras.

A AD, enquanto entremeio entre a Linguística e as Ciências Sociais, trata a língua também entre as especificidades de cada uma dessas áreas (ORLANDI, 2008). Pêcheux ao contrário dos estudos linguísticos realizados na França à época, atribuiu ao sujeito papel de centralidade enquanto elaborava sua teoria do discurso.

Segundo Pêcheux, a linguagem é também um eixo constituinte do sujeito, por ser ali que se materializam os discursos, isto é, os efeitos de sentido produzidos por sujeitos (MOLETA, 2018). E, do mesmo modo que ocorre com a ideologia, o sujeito não tem consciência das determinações que sofre – e aí entra a subjetividade oriunda da psicanálise, completando o “nó” (ver fig. 1, p. 36).

Ao contrário das Ciências Sociais, considera a língua dentro de sua ordem própria, sem tomá-la simplesmente por instrumentos pelos quais é possível acessar as informações de um texto. A língua trabalhada pela AD não é “transparente”, como um vidro pelo qual o pesquisador observa em busca de enxergar o que está do outro lado. O que interessa, na AD, mais do que um *produto*, são os *processos* que levaram até ele (HANSEN, 2013).

Por fim, a AD considera a linguagem como incompleta, passível de falhas. Não apenas isso, mas enxerga essas falhas como essenciais para que possa haver sentido. Orlandi (2005) explica que o sentido não é fixo, imutável, como se em uma relação concreta entre as palavras e aquilo que elas representam. É esta falha que dá dinamismo ao sentido, permitindo que ele se desloque. A autora distingue dois modos pelos quais torna-se possível observar o movimento dos sentidos: a paráfrase, quando ocorre a repetição, ou a polissemia, quando existe algum deslize.

Um exemplo desenvolvido por Orlandi (2005) é o de cartazes contendo as palavras “vote sem medo/vote com coragem” em fundos de diferentes cores: semanticamente, as duas frases dizem a mesma coisa, mas os sentidos podem “vazar” para diferentes lados do espectro político, em uma relação que se torna observável apenas ao analisar a língua em relação à sua exterioridade, e considerando suas falhas.

Noble (2016) tipifica as questões de incompletude da língua: ela é formada por falta, porque não se pode dizer tudo; por equívoco, porque o sentido pode ser outro; e ao ambíguo, pela possibilidade de sempre haver um outro sentido. Estas incompletudes são decorrentes dos sujeitos.

A linguagem, por fim, não é controlada por nenhum sujeito; o que acontece é o processo inverso. Ferreira (2005) considera esta proposta teórica revolucionária:

Dessa forma, *sujeito, linguagem e discurso* poderiam ser concebidos como *estruturas* às quais se têm acesso pelas *falhas*. Esse deslocamento teórico da noção de estrutura inscreve-se como um novo paradigma no seio das ciências da linguagem, constituindo-se numa das grandes e revolucionárias contribuições de Pêcheux para os estudos da área (FERREIRA, 2005, p. 74).

A “revolucionária contribuição” de Pêcheux está intimamente relacionada ao deslocamento do sujeito como elemento central para o estudo do discurso. Para Ferreira (2005), a inserção da psicanálise no quadro da AD foi essencial para a formulação do discurso enquanto objeto. A psicanálise também se ocupa do “equívoco”, do “ausente”, e dá sustentação à noção de sujeito postulada por Pêcheux.

A psicanálise

Concepções de falha e de incompletude como constituintes do sentido e dos sujeitos devem-se, parcialmente, à apropriação da Psicanálise, partindo da releitura de Lacan da obra de Freud. O principal diálogo se estabelece com a noção de inconsciente, que na AD, passa a ser determinante para formular o sujeito.

O sujeito como ser-em-falta (FERREIRA, 2010) produz rupturas em cada um dos polos que o constitui. É a partir desse lugar fronteiro entre as três instâncias que os sentidos são produzidos:

[...] Daí decorre o fato de a incompletude ser tão marcante para todo o quadro teórico do discurso e contaminar, de certa forma, os principais conceitos que o compõem. É precisamente essa falta que vai acabar tornando-se o lugar do possível para o sujeito desejante e para o sujeito interpelado ideologicamente da análise do discurso. (FERREIRA, 2010, p. 5)

A percepção sobre sujeito se transforma a partir da entrada do inconsciente no quadro epistemológico da AD, pois se dá na Psicanálise o questionamento sobre a natureza centrada do sujeito, e a impossibilidade de vislumbrá-lo com um “todo”, algo absoluto e sem contradições internas, como era comum nas Ciências Humanas à época.

A AD considera o sujeito “submetido tanto ao seu próprio inconsciente, quanto às circunstâncias histórico-sociais que o moldam” (FERREIRA, 2005, p. 71) Apesar de não ser livre, o sujeito tem a ilusão de ser – daí um dos esquecimentos postulados por Pêcheux (ORLANDI, 2005), o de que o sujeito tem a ilusão de ser a origem do sentido.

A ilusão se sustenta devido à noção psicanalítica de um sujeito desejanter – marcado por um “Outro” existente no inconsciente. O Outro é a “presença ausente”, acessível pela linguagem, que torna o sentido possível. Ferreira (2004) considera a Análise de Discurso e a Psicanálise como “vizinhos”, por ser através da linguagem que se acessa o inconsciente e o discurso – ressaltando as mobilizações diferentes em cada campo, e a não-sobreposição entre eles.

Ferreira (2004) detalha assim o processo de funcionamento da ilusão de ser origem do sentido:

Na análise do discurso, o discurso é visto como atravessado pelo discurso do Outro e por outros discursos, sendo a alteridade entendida como condição constitutiva. O sujeito desse discurso, mesmo não sendo a fonte de seu dizer, tem a necessidade da ilusão de sê-lo. (FERREIRA, 2004, p. 50)

O inconsciente é sistematizado por Lacan a partir da tríade real, imaginário e simbólico, pelas quais o sujeito se constitui. O real é uma falha originária do sujeito, em torno da qual o inconsciente se organiza. Foi definida por Lacan como “o impossível de ser simbolizado” e “o que retorna sempre ao mesmo lugar” (FERREIRA, 2004, p. 47-48). O simbólico tem lugar a partir do real; é onde o sujeito do inconsciente (o Outro) se estrutura como linguagem. O imaginário é aquilo que falta ao sujeito, mas pode-se constituir pela inserção no simbólico (MOLETA, 2018).

Linguagem, ideologia e inconsciente são os aspectos que formam o sujeito e definem suas possibilidades de produção de sentido, delimitado pela fragmentação do inconsciente, e pelo assujeitamento ideológico. O sujeito da AD é essencial para que haver discursos, objeto principal da Análise de Discurso, como o nome da disciplina sugere.

APÊNDICE 3 – CORPUS ANALISADO

O corpus da pesquisa foi composto por 20 Sequências Discursivas – isto é, fragmentos de texto selecionados pelo autor por serem significativos para resolução da pergunta de pesquisa. Eles foram divididos entre Sequências Discursivas de *Posts* (SDP), para textos publicados pelos administradores de *Cenas Lamentáveis*; e Sequências Discursivas de Comentários (SDC), para comentários escritos por seguidores da página. Abaixo, a lista completa das SD analisadas:

SDP 1 Ronaldinho LOUCASSO na cozinha! “DÁ UMA AZEITADA NESSA PORRA AQUI” Quem não ama este rapaz tem desvio de caráter! (15495 reações; 2018)

SDP 2 SEMANA PASSADA SAIU UMA MATÉRIA NO YAHOO DAS CAMISAS INFANTIS MAIS VENDIDAS NO PAÍS E DENTRE AS 10 TINHA OS ~~~CITYS CHELSEAS~~~ DA VIDA. RECEBEMOS COM TRISTEZA TAL NOTÍCIA (2087 reações; 2014)

SDP 3 um compilado das tretas que rolaram no jogo River 1x0 Boca hoje (9362 reações; 2015)

SDP 4 Ronaldinho é a personificação do Decreto! (25319 reações; 2016)

SDP 5 Romário COMPLETAMENTE à vontade REINANDO na balada (23152 reações; 2017)

SDC 1 Confrades, uma música lançada em plena quinta feira por bruxodinho e safadão ?! Sinto cheiro de quebra de decreto! MEUS AMIGOS VOLTEI (902 reações; 2016)

SDC 2 Video do fera breaco uma vez ou outra beleza, quem não fica de porre de vez em quando ne? É engraçado, a gente ri. Mas postar sempre já fica apelativo. Pior ainda é sempre a legenda enobrecendo o fato do mestre estar bêbado. Ah, e já repararam que sempre há 'alguém(s)' do lado dele tirando onda com a situação? Não criem um novo Garrincha. (23 reações; 2018)

SDC 3 Jogo pra homem , quem não aguentar saia e va tomar sopa ... (15 reações; 2015)

SDC 4 Num país sério, teríamos uma estátua desse homem em Brasília e a sua (bela) face estaria estampada nas notas de 100 reais... (2117 reações; 2018)

SDC 5 Matheus vai participar disso na escola?!?! VAI. E VAI SER ELE QUE GRITA FILÁ DA PUTA. E se tomar advertência eu assino com orgulho. (2014; 212 reações)

SDC 6 O cara ricasso, que já frequentou tudo que é lugar chique na vida, vai de boas em uma casa bem simples e está 0% incomodado com isso.. Ta ai uma lição de humildade, ronaldinho è um mito (60 reações; 2018)

SDC 7 Suor hétero escorrem dos meus olhos..que coisa linda que foi esse clássico! Espere na La Bombonera... (25 reações; 2015)

SDC 8 QUEM NÃO SABE COZINHA DA CHANCE PRO VIZINHO! Provérbio pra se levar pro resto da vida (1490 reações; 2018)

SDC 9 isso é libertadores, competição da raça, da pancadaria... Quer assistir futebol cheio de estrelinha, vai assistir champions league, enquanto toma seu toddynho (19 reações; 2015)

SDC 10 VOLTA MATA MATA (16 reações; 2014)

SDC 11 posso comentar com essa imagem lenta A? (112 reações; 2015)

SDC 12 esses dois honrosos confrades (10 reações; 2017)

SDC 13 Os filmes do Tarantino não passam de um bloco do globo rural perto dessa película. VIDA LONGA AO BAIXOLA HAHAAHHAHHAHHAHHAH (245 reações; 2017)

SDC 14 Alguém manda o David Luiz pro Boca e o Thiago Silva pro River? Quem sabe assim eles acabem aprendendo alguma coisa. (2015; 49 reações)

SDC 15 APOIE O TIME LOCAL, "TIME GRANDE" É A CABEÇA DO... (2014; 15 curtidas)SDC 12 caralho vai tomar no cuu!!! Os filmes do Tarantino não passam de um bloco do globo rural perto dessa película. VIDA LONGA AO BAIXOLA HAHAAHHAHHAHHAHHAH (245 reações; 2017)

SDC 13 Num país sério, teríamos uma estátua desse homem em Brasília e a sua (bela) face estaria estampada nas notas de 100 reais... (2117 reações; 2018)

SDC 14 O cara ricasso, que já frequentou tudo que é lugar chique na vida, vai de boas em uma casa bem simples e está 0% incomodado com isso.. Ta ai uma lição de humildade, ronaldinho è um mito (60 reações; 2018)

SDC 15 Jogo pra homem , quem não aguentar saia e va tomar sopa ... (15 reações; 2015)